CATECISMO

DE

PERSEVERANÇA.

III.

CATECISMO

DE

PERSEVERANÇA.

OU

EXPOSIÇÃO HISTORICA, DOGMATICA, MORAL, LITURGICA, APOLOGETICA, PHILOSOPHICA E SOCIAL.

DA RELIGIÃO,

Desde a origem do mundo até nossos dias

Pelo Padre J. Gaume,

VIGARIO GERAL DA DIOCESE DE NEVERS, CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. SILVESTRE, MEMBRO DA ACADEMIA DA RELIGIÃO CATHOLICA DE ROMA, ETC.

TRADUZIDO DA 6.ª EDIÇÃO DE PARIZ

PELO

P.e H. S. Barbosa.

Jesus Christus heri hodiè, ipse et in sæcula. Hebr. XIII, 8.
Jesus Christo era hontem, e é hoje: o mesmo tambem será por todos os seculos.
Deus charitas est. 1. Joan. IV. 8.
Deus è a caridade.

TOMO III.

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO
Rua das Hortas n.º 95.

1853.

CATECISMO

DE

PERSEVERANÇA.

PRIMEIRA PARTE.

XLV.ª LIÇÃO

O MESSIAS PREPARADO.

O que se deve entender por preparação do Messias. — Todos os successos anteriores á vinda do Messias concorrem para o estabelecimento do seu reino. — As quatro grandes monarchias preditas por Daniel. — Missão dos Assyrios. — Historia de Holophernes.

Vimos nas lições precedentes que tudo o que Deus queria revelar aos homens ácerca do nascimento, acções e caracteres do Messias, foi promettido, figurado e predito, com a maior minuciosidade por espaço de muitos seculos. Os livros de Moisés e dos Prophetas, que continham estas preciosas revelações, guardavam-se religiosamente no templo de Jerusalem; delles havia copias que andavam entre as familias, e todos os Israelitas os liam assiduamente, já em particular, já na synagoga, no dia de Sabbado, já emfim em Jerusalem, aonde se reunia a nação inteira, tres vezes por anno, nas grandes festas da Paschoa, Pentecostes e Tabernaculos. D'est'ar-

te era impossivel que se perdessem ou alterassem os livros. O retrato do Messias, bem como o tempo e lugar do seu nascimento estavam pois revelados, e publicados por todo o povo. Que restava ainda que a Providencia fizesse? E' o que vamos ver.

Quando um grande rei, ternamente amado de seu povo, impacientemente esperado, tem de fazer sua entrada em a capital do seu reino, todos se afadigam em lhe aplanar os caminhos, abrir todas as portas, preparar emfim todos os espiritos para o receber. Da mesma sorte, o Verbo eterno, o Rei immortal dos Seculos, o Desejado das Nações, estando prestes a fazer sua entrada no mundo, seu Eterno Pai aplana-lhe todos os caminhos, abre-lhe todas as portas, prepara-lhe os animos para o receber, e faz convergir todos os successos ao estabelecimento do seu reino eterno. Admiravel preparação que passaremos agora a desenvolver.

Primeiramente, que é a preparação do Messias? — E' a direcção e concurso de todos os successos para a gloria do Messias. D'estes, uns teem por fim conservar no mundo a verdadeira Religião, isto é, a Religião do Messias; outros, fazer que elle nasça em Bethlem; outros, emfim, facilitar a rapida propagação do Evangelho, ou do reino do Messias em toda a terra. De sorte que todos os successos que se realizam entre os Judeos ou entre as nações infieis antes de Jesu-Christo, todo o governo do mundo, emfim, resume-se em tres palavras: Tudo para o Messias, o Messias para o homem, o homem para Deus. D'est'arte a Religião é o centro a que tudo tende, e por ella a creação toda se refere a Deus.

Ora estava decretado de toda a eternidade, 1.° que o povo Judaico veria sahir o Messias da sua progenie; que elle seria o depositario d'esta grande promessa, por consequencia, o guarda fiel da verdadeira Religião; 2.° que o Messias nasceria deste povo, na Judea, da familia de David; 3.° que o reino do Messias, ou o Evangelho, se propagaria com rapidez d'uma extremidade do mundo a outra; 4.° que o Messias ajuntaria sob o mesmo sceptro todos os povos do Oriente e Occidente, unidos pela communidade de crença e amor em um povo d'irmãos; 5.°, emfim, que nasceria em Bethlem, quando o poder soberano houvesse sahido da tribu de Juda.

A prova d'estas verdades, deparamol-a a cada pagina dos Prophetas, cujos oraculos deixamos registrados. Resta-nos pois mostrar como todos os successos do mundo anteriores ao Messias concorreram para o cumprimento destes decretos eternos da Providencia.

Estabelece o primeiro ao povo Judaico como depositario da grande promessa do Messias, e guarda, por consequencia, da verdadeira Religião. Cumpria pois que o Povo Judaico conhecesse e conservasse esta promessa sagrada, com muita mais fidelidade que os outros povos. D'aqui vem o ser ella tantas vezes repetida aos patriarchas; d'aqui, a infinita variedade de figuras, que tambem a seu modo a repetem por quatro mil annos; d'aqui, em fim, todos estes Prophetas que, por mais de dez seculos, não cessaram de a recordar, desenhando com a maior fidelidade as feições e caracteres do Messias.

Cumpria sobre tudo que o povo Judaico estivesse rodeado de mil barreiras, que obstassem a que não cahisse na idolatria. D'aqui as leis, disposições, e innumeraveis praticas, estabelecidas por Moisés seu legislador; d'aqui, as terriveis ameaças, promessas magnificas, e todas as apparatosas ceremonias que, separando este povo das demais nações, como que levantavam em redor delle uma espessa muralha, inaccessivel e impenetravel ao erro; d'aqui tambem a arca da alliança, tremendo monumento da presença continua e sensivel de Deus, no meio d'Israel. (1)

Cumpria alem disso que, se o povo Judaico, não obstante tudo isto, chegasse a cahir na idolatria, não perseverasse n'ella, mas fosse restituido por força ao culto do verdadeiro Deus, por humilhações, castigos e calamidades publicas. D'aqui vem a longa serie de sanguinolentas derrotas, e vergonhosas servidões, que são a trama geral da sua historia, renovada tantas vezes, quantas a prevaricação; e prolongada tanto tempo, quanto o necessario para que chegasse o arrependimento, e se convertessem ao verdadeiro Deus. E' este particularmente o designio da providencia na elevação do imperio dos Assyrios ou de Babylonia. Este imperio é o primeiro dos

(1) Isaias, VII e IX.

quatro, que Daniel predisse haveria antes da vinda do Messias, e cujo fim providencial era preparar o seu reino eterno. Ora, esta formidavel monarchia estabeleceu-a Deus expressamente para castigar o povo Judaico, logo que cahisse na idolatria; e convertel-o, por este salutar castigo, á Religião verdadeira. Tal era a missão deste imperio. Isaias nol-o diz expressamente: « O Senhor chama-« rá com um assobio, um enxame d'Assyrios.... porque Assur é « a vara e o bastão do meu furor; eu fiz da sua casa o instrumen-« to da minha colera.... Mas, accrescenta o Propheta, logo que o « Senhor tiver purificado Jerusalem, visitará o orgulho insolente do « rei d'Assyria, e a soberba de seus altaneiros olhos; porque, não « sendo mais que um instrumento na minha mão, gloriou-se do seu « bom successo, e ultrapassou minhas ordens; eu lhe tinha manda-« do corrigir o meu povo, e elle quiz destruil-o. » (1) O' meu Deus! quanto sois grande, e com quanta razão vos chamaes o Rei dos reis, e Senhor dos senhores! O soberbo Nabuchodonosor, rei d'Assyria, terror do Oriente, não era senão um ministro subalterno, um servo, mandado por seu amo, uma vara e um bastão na mão do Omnipotente!

Obstar a que o povo Judaico se não esqueça da grande promessa do Libertador, entregando-se ao culto dos idolos; castigal-o severamente toda a vez que trahir este nobre dever; tal era, como vimos, a missão da grande monarchia dos Assyrios: a sua mesma historia o prova; por quanto, logo que os Judeos prevaricavam, Assur, sempre vigilante, sempre com as armas na mão, transpõe as fronteiras da Judea, e fórça os culpados a quebrar os idolos, e recorrer ao Deus de seus pais.

Mas Assur quer tambem transpor as ordens do amo que o manda: não contente com punir o povo Judaico, cuida em o exterminar. Ainda mais, em lugar de o conservar fiel ao verdadeiro Deus, e á sua grande promessa, quer um dia tornal-o prevaricador, e a-

(1) Conservar a divina promessa do Messias, é a grande idea que explica e justifica a legislação de Moisés, e dá uma importancia infinita a certas observancias, que parecem minuciosas a espiritos superficiaes.

pagar de sua memoria a lembrança desta promessa, unica esperança do genero humano, abolindo a Religião verdadeira. Não sabes tu, Assur, que não ha poder nem sabedoria contra o Senhor! Ora espera, que elle te vai já ensinar a humilhares teu orgulho, servindo-se para isso do instrumento mais fraco.

A séde do imperio da Assyria, que depois se fixou em Babylonia, era ainda em Ninive. Nabuchodonosor 1.°, successor do Rei que fez penitencia á voz de Jonas, ensoberbecido com suas victorias e conquistas, resolveu sujeitar todo o Oriente ao seu imperio. Até lhe pareceu que era pouco ter subditos, se lhe faltavam adoradores. Com este designio sacrilego, envia embaixadores a todos os povos visinhos, e ainda ás nações que ficavam alem do Jordão até Jerusalem. Levavam ordem para exigir inteira submissão aos mandados do rei da Assyria. Os povos, indignados, receberam os embaixadores com o desprezo que mereciam; e, em lugar das submissões que esperavam, reenviaram-nos para Ninive carregados d'opprobrios. Abrazava-se Nabuchodonosor em colera; rompeu em terriveis ameaças contra todos os povos onde seus embaixadores não receberam homenagens. Jurou por seu throno e imperio que tiraria delles vingança digna da sua magestade ultrajada.

Para este fim convocou um grande conselho no seu palacio de Ninive, onde declarou publicamente a resolução que tinha de vingar-se. Compunha-se o conselho de todos os velhos senhores da sua corte, de todos os generaes e officiaes dos seus exercitos. Eu quero, lhes disse abertamente, submetter toda a terra ao meu imperio. Todos universalmente applaudiram, e o seu projecto, elogiado por tantos aduladores, ficou tido immediatamente como resolução tomada.

Chamou pois Holophernes, general em Chefe dos seus exercitos, e lhe disse: Vai, Holophernes, submetter-me todos os reinos do Occidente; pune sobre tudo aquelles que desprezaram minhas ordens. E mandou-lhe tambem que exterminasse todos os deuses das nações, e abolisse toda a especie de culto e religião, a fim de que não adorassem outro Deus senão a elle em toda a extensão das suas conquistas.

Holophernes julgou um dever seu cumprir a commissão que seu

amo acabava de lhe confiar. Em breve reunio um exercito de cento e vinte mil homens de pé e doze mil archeiros a cavallo. Mandou adiante as bagagens, que por toda a parte incutiam terror. Eram uma tremenda multidão de camellos, carregados com todas as provisões necessarias não só para as precisões, como até para as delicias d'um exercito. Seguiam-se innumeraveis rebanhos de bois e carneiros, e grande quantidade de carros, que levavam immensas sommas d'ouro e prata, que o tirara á vontade dos cofres de seu amo. Quanto á provisão de trigo, tinha dado ordem que o compassem na Assyria, donde o tomaria em sua passagem.

Holophernes seguia de perto as bagagens. Vinha á frente de suas tropas com seus carros, cavallaria e archeiros. A face da terra inundava-se de soldados, que pareciam uma daquellas nuvens de gafanhotos, que obscurecem o sol. Tudo o que ousava resistir era aniquilado; as cidades fortificadas eram tomadas d'assalto, e seus habitantes passados ao fio da espada. Em breve assomou o terrivel conquistador ás ferteis campinas de Damasco. Era o tempo da ceifa. Holophernes poz fogo ás searas; e mandou cortar as arvores e as vinhas de que aquelle povo tirava a sua subsistencia. Depois de ter feito correr rios de lagrimas e de sangue, e enchido todos os paizes visinhos de terror, acampou alli por alguns dias, para colher em socego os fructos de tantas victorias.

Não tardaram em apresentar-lh'os. A consternação era tam geral, que os principes e soberanos d'aquellas provincias mandaram seus embaixadores, que vieram pedir sua graça, offerecendo-lhe seus serviços e as coroas de seus amos. Holophernes escolheu entre todos estes povos os mancebos capazes de pegar em armas, e os constrangeu a acompanhal-o durante o resto da sua expedição. D'est'arte, á proporção que avançava, engrossava seu exercito como a torrente, que rompendo os diques leva ao longe a desolação e o estrago.

O terror do nome d'Holophernes era já tam grande em todos os habitantes d'aquellas terras que apenas o vencedor se aproximava a uma cidade, sahiam-lhe ao encontro os principes, os magistrados e a população inteira. Faziam-lhe entradas magnificas, recebiam-no ao som dos tambores e das flautas; preparavam-lhe illu-

minações; coroavam-se de flores e levavam fachos acesos. Ao ver este alvoroço, julgar-se-hia que festejavam o melhor dos principes; mas apenas entrava Holophernes, conhecia-se, pelos mais odiosos actos, que tinham recebido um tyranno. Não havia maneira de domar a sua ferocidade. As cidades eram destruidas, e sobretudo derribados os altares; porque o impio não se esquecia que aos deuses, ainda mais que aos homens, trazia ordem de declarar a guerra.

Exercendo taes crueldades, tyrannisando a consciencia dos povos, chegou emfim á terra de Gabaa, occupada pelos Idomeos, e a conquistou, como as mais, tomando d'assalto todas as praças fortes. Alli mandou Holophernes reunir todas as suas tropas, e passou trinta dias acampado a refrescar o seu exercito, ameaçando d'aquella inexpugnavel posição os reinos de Samaria e da Judea.

A esta noticia ficaram os Judeos tranzidos de medo e de terror. Temiam que Jerusalem tivesse a sorte das outras capitaes, e maiormente que o templo soffresse uma segunda profanação: todo o povo dava gritos e vozes para o Ceo. Homens e mulheres, humilhavam-se pelos mais rigorosos jejuns; os sacerdotes vestiam-se de sacco; todos, até os mesmos meninos, objecto digno por sua innocencia da maior compaixão de Deus, se prosternavam diante do templo do Senhor. Cobrio-se de cilicio o altar do Deus vivo; não se ouviam por toda a parte senão estas palavras, sahidas de corações contrictos e humilhados: Senhor! não nos entregueis nas mãos de nossos inimigos. O summo sacerdote Eliachim, animado pelas santas disposições que excitara em Jerusalem, percorria as outras cidades, para nellas inspirar igual fervor. Por toda a parte as suas exhortações tinham effeito: não cessavam d'orar.

A tanto fervor ajuntou o Summo Pontifice os seus cuidados: despedio ordens para toda a parte, a fim que sem demora se apoderassem de todas as eminencias, e se preparassem para uma vigorosa resistencia. Os filhos d'Israel obedeceram com docilidade ás ordens de Eliachim; e, cheios de confiança no Senhor, pozeram-se por toda a parte em bom estado de defeza.

Holophernes, sabendo destes preparativos, enfureceu-se em extremo; e mandou chamar os principes de Moab, e os chefes dos Ammonitas, que trouxera comsigo para a guerra. Quem é pois,

lhes pergunta elle, este povo que occupa as montanhas? Que cidades são estas? Quaes as suas forças? Quem é seu chefe? Porque motivo, de todos os povos do Oriente, é este o unico que ousa resistir-me? Achior, chefe dos Ammonitas, respondeu-lhe: Senhor, vou dizer-vos a verdade; o povo que se prepara para vos resistir, adora o Deus unico, que é o Deus do Ceo. Este Deus protege os Judeos toda a vez que elles lhe são fieis. Antes de os atacar, informai-vos cuidadosamente se commetteram algum crime contra elle; de sorte que lhes tenha attrahido a sua colera. Se assim for, ide, o Senhor vol-os entregará nas mãos. Mas, se estam innocentes, se não offenderam ao seu Deus, não tentemos provar forças contra elles, não lhes resistiremos. O discurso d'Achior era prudente, mas não lisongeiro. Apenas acabou pois de fallar, levantou-se na tenda de Holophernes um geral murmurio dos generaes e commandantes que alli estavam. O mesmo Holophernes rompeu em ameaças contra Achior, e em blasphemeas contra o Deus dos Judeos. Ainda fez mais, mandou a Achior que se reunisse aos Israelitas, a fim de ser decepado com elles, quando os Assyrios os passassem á espada. Os guardas d'Holophernes agarraram pois no general Ammonita, e o conduziram a Bethulia. Era a cidade que primeiro devia ser tomada.

Não foi tam facil aproximarem-se desta cidade como imaginara o general Assyrio. Tinha ido a sua gente com o prisioneiro ao longo da planicie; mas quando chegaram á montanha, sahio-lhes um troço de bésteiros, que os fizeram mudar de plano. Tornaram por outro caminho, e rodeando a montanha, ataram Achior de mãos e pés a uma arvore, e, deixando-o naquelle estado, fugiram precipitadamente. Os Israelitas, testemunhas deste espectaculo, desceram da cidade, e foram buscar o prisioneiro. Havendo-o desatado, conduziram-no para dentro da praça, e o povo todo apinhava-se em redor delle, para lhe ouvir contar a sua aventura.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças pelo sem numero de milagres com que vosso poder e sabedoria infinita tem feito concorrer todos os successos do mundo para a gloria do Messias, vosso Filho e meu Redemptor; como o tinham predito os vossos Prophetas, e vós o havieis determinado desde toda a eternidade.

Eu protesto amar à Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *sujeitar-me-hei sem murmuração aos decretos da Providencia.*

XLVI.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Missão dos Assyrios. — Historia de Judith. — Sua relação com a preparação do Messias. — Holophernes põe cerco a Bethulia. — Judith, sua vida, suas orações. — Chega ao campo d'Holophernes. — Morte deste general.

Ao romper do dia, depois da partida d'Achior, ordenou Holophernes ao seu exercito que levantasse campo e marchasse contra Bethulia, investindo-a por todos os lados. Estava elle á frente de cento e vinte mil homens de pé, e vinte e dous mil cavalleiros de tropas regulares, não contando o immenso numero d'estrangeiros que tinha

recrutado entre as nações vencidas, e constrangido a seguir suas armas.

Bethulia era uma pequena praça, cuja força consistia na montanha onde estava collocada, mas por esta mesma razão era mui facil reduzil-a á fome, logo que houvesse gente bastante para lhe fechar o cerco. Ao romper do dia avistou-se da cidade o grande exercito d'Assyria, que descia como em torrentes do alto das montanhas; e vinha fazendo um circulo immenso em torno de Bethulia. A esta vista redobraram as orações e os votos; todo o povo com a face em terra, conjurava o Deus d'Israel a que lhes mostrasse um rasgo da sua misericordia.

Era sem duvida no auxilio do Ceo que fundavam unicamente suas esperanças em tam grande disparidade de forças; mas cumpria esperal-o sem tentar o Senhor, e pôr ao menos da sua parte alguns esforços, até que chegasse o momento marcado para supprir a sua fraqueza. Armaram-se pois na sua presença, foram assenhorear-se de todos os desfiladeiros, e revesando-se uns aos outros, faziam noute e dia sentinella n'aquelles pontos.

Antes de tentar o ataque, Holophernes rodeou a montanha vizinha de Bethulia; e percebendo que as aguas d'um manancial, que brotava desta montanha, eram levadas á cidade por um aqueducto, mandou-as immediatamente cortar, esperando que em poucos dias a sede constrangeria os habitantes a entregar-se á discrição. Eram bem fundadas estas conjecturas; e em pouco tempo estava a cidade reduzida ao ultimo extremo. Reuniram-se os Israelitas para deliberar, e assentaram entregar-se cinco dias depois, se o Senhor não manifestasse a sua misericordia: entre tanto resolveram passar em penitencia estes cinco dias.

Deus, que tinha levado a sua provação á ultima extremidade, fez então brilhar um raio d'esperança. Preparava elle um milagre, mas, segundo o seu costume, queria operal-o por mão fraca, que referisse a gloria do successo á omnipotencia do seu braço. Assim pois, como se tratava de humilhar o mais orgulhoso dos homens, escolheu uma mulher, para instrumento de sua obra.

Chama-se esta heroina Judith, da tribu de Simeão. Tinha ella esposado, aos vinte annos, um Israelita da tribu de Zabulon,

chamado Manassés, estabelecido com ella em Bethulia. Passados tres annos morreu seu marido, e Judith renunciou para sempre a alliança dos homens. Era joven, rica, sem filhos, e dotada de todas aquellas qualidades de corpo e espirito que podem tornar uma senhora completa. Resolvida a fazer publica profissão do retiro e modestia conveniente ao estado de viuva, em que fizera voto de permanecer, habitava um quarto retirado no alto de sua casa, onde estava fechada com as criadas que a serviam. Apezar da innocencia regularidade de toda a sua vida, condemnou-se aos rigores da penitencia. Vestia um aspero cilicio, e jejuava todos os dias, excepto nas festas, que solemnisava com santos regozijos. A reputação de sua virtude e santidade era tam universalmente conhecida, que não houve jamais quem dissesse mal della. Tal era a libertadora que o Senhor destinava ao seu povo.

Ouvira dizer Judith que se tinha tomado a resolução de entregar Bethulia em cinco dias, se antes deste tempo não fosse soccorrida por algum rasgo extraordinario da Omnipotencia divina. Mandou pois chamar dous anciãos do povo. Será certo o que ouvi dizer? pergunta ella, que resolvestes entregar a cidade aos Assyrios, dentro de cinco dias, se o soccorro que se espera do Ceo não apparecer antes deste tempo?! Quem sois vós pois, para tentar assim o Senhor? Metteis-vos a dar-lhe leis, e prescrever-lhe a vosso capricho o tempo das suas misericordias! Não é assim que se merece a sua protecção, mas antes a sua colera. Todavia, pois que elle tem uma paciencia infinita, humilhemo-nos diante delle; façamos nova penitencia, e esperemos com confiança a consolação que nos enviará.

Os anciãos e os sacerdotes que tinham accorrido a ouvir a virtuosa viuva, movidos de seus discursos, disseram-lhe: As vossas palavras são verdadeiras. Orai por nós, porque sois uma santa mulher. Já que reconheceis o espirito de Deus em minhas palavras, tornou Judith, ide prostrar-vos em sua presença, para saber se é elle que me inspira as intenções que tenho, e obter-me o valor para as executar. Estareis esta noute á porta da cidade, por onde eu sahirei com uma de] minhas servas. Depois pedireis ao Senhor que, no espaço de cinco dias, se digne ter compaixão do seu povo. Não

me perguntei mais; porque a ninguem confiarei o meu segredo. Ide em paz, lhe respondeu Ozias, governador da cidade, nós esperámos que nos haveis de livrar.

A grande preparação de Judith era a oração e a penitencia. Entra em seu oratorio, torna a vestir o cilicio, cobre a cabeça de cinza, prosterna-se aos pés do Senhor, e derrama sua alma diante delle. Depois de fervorosa oração, levanta-se, chama por uma das suas servas, e desce com ella á camara onde outr'ora se alojava. Depõe alli o cilicio, despe os lugubres vestidos, perfuma-se d'exquisitos aromas. Penteam-lhe o cabello em tranças; ajustam-lhe um magnifico aderece; vestem-lhe seus mais ricos trajes; calçam-lhe brilhantes sandalias; põe ella seus braceletes, collares, brincos, e anneis: não quer que falte nada ao seu toucado.

Ainda mais; como a vontade de Deus, e a mais pura virtude, eram os motivos destes curiosos cuidados. que a vaidade d'agradar commummente suggere ás pessoas do seu sexo, não se contentou o Senhor com conservar na sua serva as bellezas naturaes, mas deu-lhe novos attractivos, que a fizeram brilhar aos olhos de todos com incomparavel formusura. Tudo estava prompto; Judith partio, dizendo para sua serva: Toma um vaso cheio de vinho, outro d'azeite, alguns figos, pão e queijo, e acompanha-me.

Chegaram onde Ozias a esperava e mais os anciãos, como tinham ajustado. Sem ousar fazer-lhe nenhuma pergunta, contentaram-se com dizer-lhe: O Deus de nossos pais vos acompanhe, e auxilie, com o poder do seu braço, a generosidade de vossos projectos; o vosso nome, illustre pelo livramento de vosso povo, seja inscripto para sempre no livro dos justos e dos santos.

Continuou Judith seu caminho acompanhada de sua serva; e, sempre unida ao Senhor com fervorosa oração, desce a alpestre montanha. Ao romper do dia, encontra-se com as avançadas dos Assyrios, que a descobrem e prendem. Quem sois vós, lhe dizem, e aonde ides? Sou, respondeu ella sem perturbar-se, uma filha dos Hebreos. Fugi de sua cidade, porque prevejo que vos não resistirão muito tempo; e disse comigo: irei ter com o grande Holophernes, e lhe ensinarei o segredo d'acabar em pouco tempo a

sua conquista, sem que isso lhe custe a vida d'um só homem. (1) Andastes com prudencia, lhe responderam elles, em olhar por vossa conservação, e apresentar-vos ao nosso general, pois de certo achareis graça diante delle. Acompanhai-nos com confiança; nós vamos participar-lhe o que se passa. Em breve Judith foi introduzida na tenda de Holophernes, que ficou deslumbrado pela sua belleza; ella, volvendo para o altivo general um olhar respectuoso, prosternou-se, e ficou diante delle em profundo abatimento. Holophernes, mandando aos seus que a levantassem: Nada temas, lhe disse, explica-nos somente porque motivo sahiste de Bethulia, e o que te move a lançares-te em minhas mãos. Judith respondeu a tudo com presença d'espirito. Estava Holophernes encantado de todas as palavras que sahiam da boca de Judith, que eram para elle e seus officiaes outros tantos oraculos, cuja sabedoria admiravam. Encaminhavam-se as cousas o melhor possivel, para o bom exito do projecto de Judith. Ordenou Holophernes que lhe preparassem uma camara, no gabinete de seus thesouros, onde estivesse em liberdade, e lhe levassem todos os dias de comer das iguarias da sua mesa. Tudo aceitou Judith, menos o alimento que lhe destinavam. Não posso, disse ella, comer das viandas de vossa mesa; é uma cousa que a minha lei me prohibe; tive cuidado de trazer as minhas provisões, e já tenho tudo o que me é necessario.

[1] Sabemos da Escriptura que Judith era mulher de grande virtude, e que antes d'executar seu perigoso designio tinha consultado o Senhor com fervorosas orações. Vemos que a sua acção é louvada pelo Espirito Santo, que se estabeleceu entre os Judeos uma festa solemne para lhe perpetuar a memoria, e dar gloria a Deus; que todos os Padres da Igreja exaltaram á porfia sua coragem e austera virtude. Nós apenas conhecemos imperfeitamente o antigo direito das gentes, o que nos faz parecer estranhas as astucias e artificios que podiam passar por meios recebidos; em fim não possuimos a substancia do facto; se as minuciosidades nos fossem referidas, talvez justificassem sem outra prova, e a nossos proprios olhos, o que nos parece difficil d'explicar. Estas observações bastam para tornar superior a toda a critica rasoavel o procedimento e extratagemas da Santa viuva de Bethulia.

Antes d'entrar na tenda, que lhe tinham preparada, pedio Judith que, durante a noute e antes d'aurora, lhe permittissem sahir, para fazer ao Senhor a sua costumada oração. Esta liberdade era essencial ao seu projecto, e facilmente a obteve. Holophernes mandou aos officiaes de sua camara que em nada a constrangessem, e a deixassem entrar e sahir durante tres dias, para adorar seu Deus, a qualquer hora que fosse.

A santa viuva tirou bom partido desta permissão. Cada noute descia ao valle de Bethulia, onde se lavava em uma fonte, para se purificar do commercio com os infieis. Logo entrava em sua tenda, onde, assim purificada, passava o dia em oração e jejum até á tarde; tomando então algum alimento mui frugal. Na tarde do quarto dia, mandou Holophernes preparar um grande banquete para todos os seus officiaes; e convidou tambem Judith para assistir a elle. Confiada na protecção de Deus, aceitou sem hesitar; e adornada de seus enfeites, appresentou-se diante d'Holophernes, o qual lhe disse: Come e bebe, porqne achaste graça perante mim. Assim o farei, respondeu Judith; mas bem sabeis, Senhor, que nem todas as viandas me são permittidas: eu mandei trazer o que me convem. E ella comeu e bebeu em sua presença do que sua serva lhe tinha preparado.

Holophernes, que tocava quasi o termo da sua vida, entregou-se como costumam fazer os peccadores, a uma alegria insensata e brutal. Bebeu tam desregradamente, e levou tam longe a intemperança que foi preciso que o tirassem da mesa ebrio, e sem accordo, e o pozessem na cama, onde cahio logo no mais profundo somno. D'ahi a um instante, retiraram-se seus officiaes, cada um para sua tenda, pouco mais ou menos no mesmo estado que seu general. Judith ficou só na barraca d'Holophernes; tendo cuidado de recommendar á sua serva que se não retirasse para longe, e expreitasse o que se passava fóra.

Era chegado o momento decisivo; ou perecer, ou acabar com o inimigo. Judith, em pé diante do leito d'Holophernes, dirige-se ao Senhor, e diz-lhe com ternura e chorando: Senhor Deus d'Israel, valei-me neste momento. Dito isto, chega-se á columna que se erguia da cabeceira do leito, toma a espada do general que

d'ali pendia, e agarrando em Holophernes pelos cabellos, e dizendo: Senhor meu Deus, auxiliai-me, descarrega-lhe com toda a força dous grandes golpes, com que lhe decepou a cabeça; depois, desatando das columnas o sobreceo do leito, nelle envolveu o corpo mutilado.

Immediatamente sahe, e entrega á sua serva a cabeça d'Holophernes, dizendo-lhe: Mette-a no sacco que trouxeste; e logo se retiraram sem dar signal algum de perturbação. Os guardas as deixam passar, imaginando que iam orar como costumavam. Assim atravessaram todo o campo; e, rodeando o valle, chegaram tranquillamente á porta de Bethulia.

Era tempo que chegassem; pois ia amanhecer o dia destinado para entregar a praça, e a paciencia dos habitantes começava a esgotar-se. Apenas Judith chegou a distancia que a ouvissem, chamou os guardas que vigiavam nos muros, dizendo: Abri as portas; o Senhor é comnosco; elle acaba d'estender sobre Israel o poder de seu braço. Os guardas, conhecendo a sua voz, apressaram-se a abrir, e em breve espaço estava reunido todo o povo. Então Judith, subindo-se a uma pequena imminencia, disse-lhes: Louvai ao Senhor Nosso Deus, que não abandonou aquelles que pozeram nelle a sua confiança: e logo, abrindo o sacco: eis-aqui, diz ella, a cabeça d'Holophernes! Todo o povo, em um transporte d'alegria, ajuntou a sua voz á de Judith para bemdizer ao Senhor.

Em qnanto isto se passava em Bethulia, o campo dos Assyrios dormia a somno solto; Judith mandou que o atacassem desde o romper da aurora, e pozessem a cabeça d'Holophernes no mais alto dos muros. Os Assyrios, vendo os Israelitas avançar em ordem de batalha, correram á tenda de seu general; mas não ousavam entrar; porque era prohibido perturbar-lhe o somno; por fim, aventurou-se um criado a entrar; e como não ouvisse nenhum ruido, levantou a cortina, e vio um tronco sem cabeça. A isto, dando um grande grito, tornou para os officiaes e lhes disse: Ide ver, ide ver!

Um panico se apodera dos chefes, e em breve de todo o exercito. Ninguem cuida senão em fugir. Os Israelitas chegam, e expulsam os inimigos sem desembainhar a espada; a victoria foi com-

pleta. Para recolher os despojos gastaram-se trinta dias. Judith, proclamada libertadora de seu povo, figura viva da Virgem Maria, entrou logo na sua obscuridade, e continuou até á morte a sua vida d'oração e penitencia.

Aprenderam os Assyrios, por este golpe, a respeitar o povo de Deus, a quem tinham missão de corrigir, não de destruir. Assim, pois, a historia de Judith, tam bella de si mesma, torna-se grandiosa, quando entra como uma parte essencial no plano geral da Providencia, para a conservação da grande promessa do Libertador, confiada á guarda do povo Judaico. De mais, vinculando-se estreitamente á preparação do Messias, é uma brilhante prova desta verdade fundamental, que todos os factos anteriores ao nascimento de Jesu-Christo explicam-se em tres palavras: tudo para o Christo, o Christo para o homem, o homem para Deus.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes conservado a lembrança do Redemptor com tanta sollicitude: fazei Senhor, que nos aproveitemos de seus meritos.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *recorrerei a Deus em todos os meus perigos.*

XLVII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Historia de Tobias. — Fim Providencial na dispersão das dez tribus, e sua longa estada entre as nações infieis. — Nascimento de Tobias. — E' levado em captiveiro. — Seu procedimento em Ninive. — Perde a vista. — Vê-se na hora da morte. — Conselho que dá a seu filho. — Viagem do joven Tobias. — Seu casamento com Sara. — Torna para seu pai. — Morte de Tobias, o pai. — Abençoa Deus a sua familia.

Assur, diz o Senhor, é a vara da minha colera. Com effeito, temos visto que a grande monarchia dos Assyrios foi o instrumento de que o Senhor se servio para castigar o reino de Juda, toda a vez que este quiz esquecer a grande promessa do Redemptor e entregar-se ao culto dos idolos. Para punir o reino d'Israel, empregou Deus o mesmo imperio. Salmanazar levou em captiveiro as dez tribus culpadas d'idolatria; mas o Senhor, que sabe tirar o bem do mal, fazia servir o castigo d'elles ao cumprimento do seu grande designio.

E' verdade que não era ás dez tribus separadas, que Deus tinha confiado o deposito das suas promessas; comtudo deviam concorrer para preparar o reino do Messias; e os Assyrios, sem o saberem, os ajudaram a cumprir esta missão providencial. Cuidavam elles não levar a Ninive mais que um povo de captivos, e levaram um povo de missionarios; porque era para divulgar pelas nações do Oriente, e despertar n'ellas a lembrança e conhecimento do Libertador futuro, que Deus permittiu a dispersão e longa estada das dez tribus entre os Assyrios.

O fim da Providencia é expressamente consignado nos livros santos. Um dos captivos de Ninive, inspirado de Deus, dizia a seus irmãos: « Filhos d'Israel! louvai e dai gloria ao Senhor, em « presença das nações; elle vos dispersou entre os infieis, que o « não conheciam, a fim que narrasseis suas maravilhas, e lhe « fizesseis saber que não ha outro Deus senão elle. » (1)

O Propheta que nos revela tam claramente o designio do Senhor é o Santo Tobias, que foi um dos mais zelosos prégadores da gloria de Deus entre os Assyrios. Prégador Evangelico, contribuio elle, mais pela belleza de suas virtudes que ainda de seus discursos, para lhes dar a conhecer a verdadeira Religião, cujo primeiro artigo era a espectativa do Messias. Escutemos, com grande desejo de nos aproveitarmos d'ella, a sua interessante historia.

Era Tobias da tribu de Nephtali, oriundo da cidade do mesmo nome, situada na parte superior da alta Galilea. Perdeu ainda menino seus piedosos pais; mas com quanto fosse o mais joven chefe de familia de toda a sua tribu, foi o unico que se não infectou da corrupção geral. Em tanto que seus compatriotas iam em chusma adorar os bezerros d'ouro, que Jeroboam mandara levantar em Dan e Bethel, foi elle para Jerusalem adorar o Deus de seus pais. Passou a infancia e a mocidade no constante exercicio de todas as virtudes. Chegado a idade mais madura, esposou uma joven da sua tribu, chamada Anna; e della teve um filho, a quem poz seu nome, e que, tornando-se objecto de sua ternura, ainda o foi mais de seus cuidados e vigilancia. Ensinou-lhe desde a infancia a temer a Deus, e fugir a toda a especie de peccado.

Em breve deu sobre Israel o exercito de Salmanazar, rei d'Assyria, e assolou o reino de Samaria. Envolvido o santo homem na desgraça geral da sua nação, foi captivo para Ninive, com sua esposa e filho. Alli continuou Tobias a ser o que tinha sido em Israel; os exemplos de seus irmãos não o tinham seduzido, os dos estranhos não poderam mais para o corromper. Os outros Israelitas, ha muito acostumados a violar a lei de Deus, comiam com indiffe-

(1) Tob. XIII.

rença de todas as viandas de que faziam uso os gentios; mas o fiel Tobias jámais se quiz çujar com similhante crime. Tam caridoso com seus irmãos como zeloso observador de sua Religião, distribuia por seus desventurados compatriotas os escassos bens que podera trazer comsigo.

Em recompensa de sua fidelidade, fez o Senhor que elle cahisse na graça de Salmanazar. Compadecendo-se de seu captivo, deulhe este principe dez talentos de prata, e, o que Tobias muito mais estimou, a permissão d'andar por onde quizesse, e fazer o que bem lhe parecesse. Aproveitou-se Tobias desta liberdade, para visitar seus irmãos, e levar-lhes soccorros e consolações.

Tendo ido a Ragés, cidade dos Medos, para onde mandaram uma parte dos captivos, praticou um heroismo de generosidade, que foi para elle, senão a principal causa, ao menos a occasião das maravilhas com que o Senhor se dispunha a recompensar sua virtude. Achou Tobias nesta cidade grande numero de Israelitas da sua tribu, entre os quaes estava um de seus parentes, chamado Gabelo, homem virtuoso e pobre, que n'aquella hora carecia de prompto soccorro, e não tinha quem lhe valesse. Tobias emprestou-lhe os dez talentos que lhe dera o rei, recebendo de Gabelo uma obrigação, em que promettia pagar-lh'os.

Entretanto morreu Salmanazar; Senacherib, seu filho e herdeiro da coroa, não herdou de seu pai a affabilidade para os Hebreos, antes os aborrecia. Esta disposição do novo rei fez que Tobias redobrasse seus cuidados. Todos os dias visitava seus parentes, que se definhavam em Ninive; consolava-os, partia com elles os poucos bens que lhe restavam, e enterrava os que falleciam, ou eram mortos pelos Assyrios; porque Senacherib, vencido n'uma sanguinolenta batalha, virou o seu furor contra os Israelitas, dos quaes mandou matar um grande numero, com ordem de os deixar sem sepultura.

Tobias soube desta prohibição, e conhecia o perigo que corria; más nada descoroçoou seu piedoso coração, e continuou a enterrar os corpos dos que matavam. Constando isto a Senacherib, deu-lhe sentença de morte, e confiscação de todos os seus bens. O santo homem vio-se forçado a fugir, e esconder-se com sua mulher e fi-

lho. Entretanto, sendo assassinado o perseguidor, tornou Tobias para Ninive, e recebeu do novo rei os seus bens confiscados, e a sua antiga liberdade. Para logo tornaram a começar as suas liberalidades.

Parece que cincoenta annos d'uma vida passada em boas obras e virtudes, demandavam recompensas; mas os caminhos do Senhor, para com seus santos, são bem alheios aos juizos dos homens. Depois de mil provas, generosamente supportadas, em lugar dos favores que esperariamos ver, destina-lhe Deus novos combates, para enriquecer sua coroa com mais fino ouro de virtudes. Tinha sido ferido o santo Tobias em seus bens e liberdade, não o tinha sido porem em sua pessoa; faltava-lhe esta ultima similhança com os antigos heroes que imitava.

Continuava o santo homem, segundo o espirito da lei, a dar em sua casa honestas ceas nas grandes solemnidades, nas quaes os convidados, com religioso jubilo, testemunhavam seu reconhecimento ao Senhor, e os pobres levavam sempre a melhor parte. Foi n'uma destas festas que Tobias, tendo preparado o seu usual banquete, mandou chamar seu filho, e disse-lhe: Vai, meu filho, convida mais alguns de nossos irmãos tementes a Deus, que venham comer comnosco. Executou o joven Tobias as ordens de seu pai, e quando voltou, annunciou-lhe que um filho d'Israel acabava de ser morto.

Tobias, ouvindo isto, levanta-se da mesa, corre ao lugar aonde estava o corpo, toma-o sobre os hombros, e leva-o occultamente para sua casa, a fim de o enterrar depois do sol posto. Tornando para seus amigos, come alguns bocados molhados em lagrimas. Representaram-lhe os perigos que elle corria, mas o caridoso Tobias, temendo a Deus mais que ao rei, não desistia da sua obra de misericordia. Um dia, extremamente fatigado d'enterrar os corpos dos Israelitas, voltou para casa o venerando velho tam exhausto de forças, que se encostou a uma parede e alli ficou adormecido. Aqui o esperava a divina Providencia. Cahiram d'um ninho d'andorinhas excrementos recentes destes passaros, cujo calor e acrimonia o cegaram no mesmo instante. Modelo de temor de Deus desde a infancia, agora o foi de paciencia na adversidade.

Os parentes de Tobias, similhantes aos reis amigos de Job, que

insultavam no infortunio o illustre attribulado, levaram a crueldade a ponto de zombar da regularidade de sua vida, e da vaidade de suas esperanças. Tobias porem, a exemplo de Job, buscava consolação nos grandes pensamentos da sua fé; e contentava-se com responder: Não falleis dessa maneira; nós somos os filhos dos Santos, e esperamos a bemaventurança que o Senhor prometteu aos que perseveram fieis.

Pobre, abandonado, cego, já não vivia senão do que Anna, sua esposa, podia grangear pelo trabalho de suas mãos. Um dia deram-lhe em salario um cabritinho, que levou para casa. Tobias, ouvindo balar este animal, que elle sabia não lhe pertencer, disse para sua mulher: Olha lá, não entrasse este cabritinho para nossa casa, restitue-o a seu dono. Não se pôde ter a esposa de Tobias, com a escrupulosa delicadeza de seu marido; assomou-se contra elle, e até contra a Providencia. Tobias, qual outro Job, submettido á mesma prova, enderessou-se chorando ao Deus de toda a consolação, e contentou-se com dizer: Justo sois, Senhor, e vossos juizos são cheios d'equidade.

Julgando-se d'ora'vante inutil para seus irmãos, orou Tobias ao Senhor, pedindo-lhe que o chamasse para si, e teve a consolação de ser ouvido. Com esta esperança, mandou chamar seu filho, e fallou-lhe como deveriam fallar n'aquella hora todos os pais christãos. Escuta, meu filho, lhe disse, as derradeiras palavras de teu pai; sejam ellas a regra das tuas acções. Quando Deus tiver recebido a minha alma, enterra o meu corpo. Honra tua mãi todos os dias da tua vida; não esqueças quantos perigos e dores lhe tens custado. Quando tiver acabado os seus dias na terra, tu a inhumarás junto de mim.

Traze Deus presente ao teu espirito todos os dias da tua vida; acautela-te de consentir no peccado; dá esmola do que tiveres; não tires os olhos do pobre, para que os olhos do Senhor se não desviem de ti. Se muito tiveres, muito darás; se pouco, desse pouco dá o que puderes. Quem assim obra, enferrolha um thesouro para o tempo da necessidade, porque a esmola expia o peccado, e livra da morte. Está vigilante comtigo mesmo; teme desde o principio a inclinação criminosa, que se desperta no coração. Não con-

sintas que jámais a soberba te domine, porque a soberba é o principio de toda a perdição; não faças a outrem o que não quererias que te fizessem; toma sempre conselho com homem prudente. Bemdize ao Senhor toda a tua vida, e pede-lhe que dirija elle todos os teus caminhos.

D'est'arte, o santo velho põe em parallelo e no primeiro lugar todos os grandes deveres como todos os grandes interesses de seu filho; só por fim lhe diz n'outro sentido: Quando ainda estavas no berço, emprestei a Gabelo dez talentos de prata. Elle mora em Ragés, cidade dos Medos, e eu possuo a obrigação de divida. Vê como farás esta jornada, para receberes os dez talentos, e restituir-lhe a sua caução. Nada temas, meu filho; somos pobres, mas assas teremos se temermos a Deus, evitarmos o peccado, e praticarmos boas obras.

Farei, meu pai, respondeu o joven Tobias, tudo o que me tendes mandado; mas não sei como poderei receber esse dinheiro. Gabelo não me conhece, nem eu a elle, nem ainda sei o caminho de Ragés. Meu filho, eu tenho a sua caução; mostra-lh'a, que estou certo te dará os dez talentos; procura entre nossos irmãos um guia fiel, que te acompanhe, e pagar-lhe-hemos seu trabalho.

Sahio logo o filho de Tobias, e vio vir para elle um moço bem parecido, de presença nobre, affavel, modesto, vestido em trajes de jornada, e prompto para se pôr a caminho. Não sabendo que era um Anjo do Senhor, Tobias o saudou, e lhe disse: Quem sois, excellente mancebo? — Sou um dos filhos d'Israel. — Conheceis o caminho de Ragés, cidade dos Medos? — Conheço perfeitamente, já tenho estado em casa de Gabelo, nosso irmão, que mora em Ragés. — Esperai por mim um instante, vou dar parte a meu pai. Tobias, ouvindo o que se passava, disse a seu filho, que mandasse entrar aquelle mancebo. Justaram com elle d'acompanhar o joven Tobias, e que na volta lhe dariam sua recompensa. O venerando Patriarcha deu sua benção aos dous viajantes; e seu filho, tendo-se despedido de seu pai e mãi, partio com o seu guia.

Até ao momento da separação, a constancia da mãi fôra assas firme; mas logo depois, vencida do amor materno, começou a chorar e a dizer a seu marido: Ahi fostes affastar de nós o unico bor-

dão da nossa velhice; prouvera a Deus que não possuisses aquelle dinheiro que mandaste buscar! Durante este tempo, o joven Tobias, conduzido pelo Anjo, cada vez se alongava mais. Seu cão o tinha seguido. No primeiro dia, chegaram ás margens do Tigre, no qual Tobias quiz lavar os pés; mas de repente um monstruoso peixe investe com elle para o devorar. O joven viajante grita espavorido: Senhor, eil-o que me engole. O Anjo o animou, e lhe disse que aferrasse o peixe pelas barbatanas e o arrastasse para a praia.

Assim o fez, trouxe o peixe para terra, que ficou latejando a seus pés. O Anjo disse-lhe: Abre-o, tira-lhe o coração, o fel e o figado, que te servirão um dia para operar uma cura. Depois, assando nas brazas uma parte do peixe, levaram-no comsigo e salgaram o resto, que bastou para seu alimento até ao termo da jornada.

Depois de ter andado muito, avistaram uma cidade da Medea. Onde queres que vamos ficar? perguntou Tobias. — O Anjo respondeu: Aqui ha um teu proximo parente, chamado Raguel; tem uma filha unica, chamada Sara, que o Senhor te destina com toda a sua fortuna. Pede-a a seu pai, que t'a não recusará. Tobias disse-lhe: Eu sei que ella tem casado sete vezes, e todos os seus maridos teem sido mortos pelo demonio; receio me não succeda o mesmo; e meus pais, de quem sou o unico amparo, não morram de pezar. Nada receies, lhe disse o Anjo, esses maridos foram mortos pelo demonio, porque as suas intenções não eram santas; tu porem não tenhas medo; vive em innocencia e oração, que nenhum imperio terá o demonio sobre ti.

Apenas o Anjo acabou de fallar, entraram em casa de Raguel. Era um Israelita muito honrado, sincero e religioso, amigo e proximo parente do velho Tobias, a quem na sua mocidade conhecera muito bem. Recebeu com alvoroço os hospedes, sem comtudo os conhecer mais que por viajantes da sua nação; mas, tendo reparado em Tobias, disse em segredo para sua mulher: Como este mancebo se parece com meu primo Tobias! Depois, voltando-se para os viajantes, accrescentou: D'onde sois, meus irmãos? — Da tribu de Nephtali, do numero dos captivos. — Conheceis Tobias meu primo? — Conhecemos. — Raguel começou a fazer-lhe um elogio.

*

Eis aqui seu filho unico, lhe disse o Anjo. Raguel se lhe lança ao collo, rega-o de lagrimas, e abraçado estreitamente com elle: Meu filho, lhe diz, o Senhor te abençoe, que és filho d'um grande homem de bem. Anna e Sara, que eram testemunhas deste espectaculo, estavam tambem enternecidas e debulhavam-se em lagrimas. Depois destes primeiros transportes, nascidos d'uma amizade terna e reciproca, ordena Raguel que preparem o banquete. Estando tudo prompto, convida-os para a mesa. Nada aceitarei, lhe disse o joven Tobias, em quanto me não concederdes por esposa a vossa filha Sara.

Um casamento destinado do Ceo, e tratado por um Anjo, breve se conclue na terra. Raguel comtudo, como aterrado, hesitava. O Anjo o animou, e então deu seu consentimento. Assentaram-se depois os convidados a uma mesa frugal e innocente; onde não cessaram de bemdizer a misericordia do Senhor, de quem recebiam tam sensiveis provas.

Ao outro dia assignou Raguel uma escriptura authentica, pela qual dava ao joven Tobias a metade de todos os seus bens; estipulando, alem disso, que por sua morte e de sua mulher, a outra metade devolveria toda para elle como seu unico herdeiro. Tanta amizade, tam generosas doações parece que lançariam Tobias na impossibilidade de resistir ás instancias de seu sogro, que o conjurava a demorar-se em sua casa mais duas semanas. Mas por outra parte, se muito devia a Raguel, mais ainda a seu pai e a sua mãi; a quem a menor tardança causaria mortaes inquietações. Para obedecer a suas ordens, cumpria proseguir sua jornada até Ragés da Medea a fim de cobrar os dez talentos emprestados a Gabelo.

Nesta incerteza, conjurou o seu guia a que fosse elle mesmo a Ragés, apresentar a Gabelo sua obrigação de divida, e lhe rogasse para vir tomar parte nas festas de suas nupcias. Foi o Anjo, recebeu o dinheiro, e trouxe comsigo a Gabelo. Ao ver o filho de seu bemfeitor, enternecido Gabelo, exclamou com as lagrimas nos olhos: O Deus d'Israel encha de suas bençãos o filho d'um grande homem de bem. Oxalá chegues a ver teus filhos, e os filhos de teus filhos, até á terceira geração. Abençoada seja a tua posteridade, e favorecida do Deus d'Israel, que reina pelos seculos dos

seculos! Todos os assistentes responderam: Assim seja. Obsequiaram Gabelo, renovaram toda a alegria das bodas, alegria sempre contida no temor de Deus, de quem todos os convidados eram adoradores ficis.

Chegado emfim o momento da partida, quizeram reter o joven Tobias; elle porem respondeu: Sei que meu pai e minha mãi estam a contar os dias e as horas com grande inquietação. Então Raguel lhe entregou sua filha, e com ella a metade de tudo o que possuia em servos e servas, rebanhos, vacas, camellos, e grande somma de dinheiro. O pai e a mãi de Sara abraçaram-na ternamente, dizendo-lhe: Honra a teu padrasto e madrasta, ama teu esposo, educa tua familia, governa tua casa, sê irreprehensivel.

Foi longa a jornada; conduziam rebanhos numerosos, que não podiam ir senão lentamente. Então disse o Anjo a Tobias: Bem sabes em que estado ficaram teu pai e mãi; se queres, tomemos a dianteira; tua esposa, e domesticos, os rebanhos e cargas, irão depois; e nós annunciaremos a sua chegada. Traze o que te resta do fel do peixe, porque te ha de ser preciso. Tobias aceitou sem hesitar o parecer de seu guia, e partiram adiante.

Sua diligencia comtudo não obstou a que o velho Tobias e sua mulher não soffressem grandes inquietações. Pelas suas contas já seu filho devia ter chegado, e ninguem lhes dava noticias d'elle. Sempre submisso ás disposições da Providencia, contentava-se Tobias com dizer de quando em quando a Anna sua esposa: Porque te parece que meu filho tarda tanto? E os dous velhos entravam a chorar. Mas nada socegava a mãi de Tobias: Ai de mim! dizia ella, debulhada em lagrimas; meu charo filho! porque te enviamos nós tam longe? Tu que eras a luz de nossos olhos, o amparo da nossa velhice, a unica consolação da nossa vida! Inconsolavel, sahia de casa todos os dias; olhava para todos os lados; ia á entrada de todos os caminhos, a ver se o avistava.

Entretanto aproximava-se Tobias com o seu guia, que lhe ensinou como havia de fazer para curar seu pai. Estava Anna como costumava á beira do caminho, em lugar alto, d'onde avistava ao longe. Os olhos d'uma mãi conhecem um filho a grande distancia: assim Anna o vio, e correu a casa dizer a seu marido: Ahi vem

teu filho. Então o cão, que os acompanhara, chegou todo esbaforido; e, como se trouxesse a noticia da chegada, testemunhava sua alegria pelo festejar da cauda e o alvoroço de suas caricias. O pai de Tobias, cego como estava, levantou-se, e começou a correr tropeçando a cada passo; e dando a mão a um criado, foi ao encontro de seu filho; e, recebendo-o em seu peito, o abraçou, e sua mãi o abraçou tambem, e ambos entraram a chorar d'alegria.

Depois de terem adorado e louvado a Deus, assentaram-se, e o joven Tobias, tomando o fel do peixe, esfregou os olhos de seu pai. No cabo de meia hora cahio-lhe dos olhos uma pellicula branca, e Tobias recuperou a vista. Então deu ao Senhor as mais vivas acçoens de graças, e seu filho lhe contou, bem como a sua mãi, tudo que na jornada o Senhor fizera em seu favor.

Passados sete dias, chegou Sara com perfeita saude, assim como tudo o que a acompanhava. Não era para temer que tam virtuosa familia faltasse ao sagrado dever da gratidão. Depois dos santos regosijos, com que celebraram tam prosperos successos, chamou Tobias a seu filho e disse-lhe: Que havemos de offerecer a este santo homem, que te servio de guia? Tudo o que podessemos dar-lhe, tornou o filho, é nada em comparação dos serviços que me fez; mas eu vos supplico, meu pai, perguntai-lhe se levaria a bem aceitar a metade de tudo que eu trouxe.

Chamaram o Anjo á parte, e muito de vontade lhe fizeram este offerecimento. Foi então que o Anjo se deu a conhecer ao velho Tobias: Quando tu oravas com lagrimas, e enterravas os mortos, e para isso te levantavas da mesa, e escondias os corpos de dia para os sepultares á noute, eu offerecia a tua oração ao Senhor; porque eu sou Raphael, um dos sete Anjos que estam sempre de pé diante do Senhor. A estas palavras, o pai e o filho se prosternaram com a face em terra: A paz seja comvosco, lhe disse o Anjo; não temais nada, é tempo que eu volte para aquelle que me enviou; quanto a vós, bemdizei ao Senhor, e publicai todas as suas maravilhas. No mesmo instante desappareceu.

Tobias viveu ainda largos annos, e viu seu filho e seus netos caminhar na vereda da justiça. Depois da morte de seu pai, tornou o joven Tobias com sua esposa para casa de Raguel, e foi sua

consolação nos dias da sua velhice: elle mesmo, na idade de noventa annos, foi juntar-se com seu pai, deixando após de si uma numerosa posteridade, tam agradavel a Deus como aos homens, pelas virtudes de que davam constantemente bellissimos exemplos.

A historia de Tobias, como a de Judith, tomada separadamente, é sem contradicção um dos mais bellos episodios dos livros santos. Mas se a encararmos em suas relações com a preparação do Messias, avulta de repente, comprehende-se melhor, admira-se mais; porque se vê como ella occupa uma parte essencial no plano geral da Providencia. Tal é o ponto de vista por que a consideramos, assim como a de Judith. O mesmo será com a de Esther, que passamos a referir

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes tirado o bem do mal, fazendo que o castigo dos Israelitas e a sua dispersão entre os Gentios servisse a preparar o reino do Messias.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *tratarei com summo respeito a meu pai e mãi.*

XLVIII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Missão dos Persas — Historia de Esther. — Sua exaltação. — Conspiração descoberta por Mardocheo. — Aman, valido d'Assuero, quer que se lhe deem honras divinas. — Mardocheo recusa fazel-o. — Aman protesta perdel-o e a todos os Judeos com elle. — Mardocheo dá parte disto a Ester. — Vai ella ter com o rei. — Triumpho de Mardocheo, — Humilhação d'Aman. — Sua morte. — Salvação dos Judeos.

Já' indicamos quatro grandes disposições da Providencia, relativas a preparação do Messias. Deus determinou que o povo Judaico, de quem nasceria o Redemptor do mundo, fosse o insobornavel depositario desta grande promessa; e por consequencia, o guarda fiel da verdadeira Religião. A lição precedente mostrou claramente a execução deste primeiro decreto.

O segundo estabelece que o Messias nasceria do povo Judaico, na Judea, e da familia de David. Mostremos ainda como a Providencia faz concorrer para o cumprimento deste novo decreto todos os factos assim da historia judaica como das demais nações. Foi para este fim que Deus chamou Abraham do fundo da Mezopotamia, dous mil annos antes da vinda do Messias; e lhe mandou que se estabelecesse na Judea, chamada então terra de Chanaan. E' para este fim que se obriga por juramento a dar-lhe aquelle paiz a elle

e á sua posteridade. E' para este fim que revolve o Ceo e a terra, quatrocentos annos depois, para tirar do Egypto os descendentes do Santo Patriarcha, e conduzil-os á Terra promettida. E' para este fim que extermina as sete poderosas nações, que a occupavam; e sustenta seu povo na posse della quinhentos annos, apezar dos esforços reiterados das nações visinhas, desejosas sempre de a reconquistar. E' para este fim que determina, quando os Israelitas são levados em captiveiro, que fiquem alguns para guardar a terra sagrada, sem permittir que outro povo tome posse della. E' para este fim que entre tantas cidades incendiadas e destruidas em continuas guerras, a pequena cidade de Bethlem subsista incolume. E' para este fim, em summa, que esta cidade cahio em partilha á tribu de Juda, e se tornou depois a herança da familia de David, de quem o Messias devia nascer. Isto é pelo que toca particularmente ao povo judaico; porque nos demais ve-se o mesmo designio, e o mesmo concurso de successos. E' para a execução deste decreto que a poderosa monarchia dos Persas, a segunda dos quatro grandes imperios preditos por Daniel, foi tirada do nada, e triumphou e absorveu o imperio de Babylonia.

De facto, segundo os Prophetas, o Messias havia de nascer na Judea, da posteridade d'Abraham, e da tribu de Juda. Era pois necessario conservar o povo judaico na Judea; ou restituil-o a este paiz, se delle houvesse sahido. De mais, o Messias devia nascer da tribu de Juda na cidade de Bethlem, d'uma Virgem da familia de David. Era esta sua origem um dos signaes por onde deveriam reconhecel-o. Cumpria pois manter entre os Judeos a distincção das tribus e familias.

Ora, como temos notado, os Assyrios nutriam outras intenções; pretendiam nada menos que exterminar este povo, que lhes era odioso. Sessenta e dous annos havia, que o tinham captivo em Babylonia. Um captiveiro mais demorado, se o não fizesse perecer, tel-o-hia exposto a confundir-se com aquelles com quem vivia. Para o conservar pois, e impedir que se não confundisse com uma nação estranha, suscitou-lhe Deus um Libertador, que o conduzio á Judea. Assim como se servio dos principes Assyrios para a execução das suas vinganças, servio-se dos reis da Persia como ministros de sua

bondade para com a nação santa. Cyro, fundador deste segundo imperio, foi pois o destinado para libertar os filhos d'Israel.

Quem nos instrue deste fim providencial da segunda monarchia é o mesmo Isaias. Admiravel cousa! O propheta nomea Cyro por seu nome, duzentos annos antes do nascimento deste principe; representa o Todo Poderoso tomando-o pela mão, caminhando adiante delle, conduzindo-o de provincia em provincia, derribando em sua passagem os muros das cidades, dando-lhe todos os seus thesouros e riquezas, e tudo isto para punir Babylonia e libertar Juda.

Prestemos attenção a este magnifico vaticinio: « Eis o que eu, « que sou o Senhor, digo a Cyro, meu Christo, a quem escolhi « para executar o meu designio; eu te levarei pela mão para te su- « jeitar as nações, desarmar os reis teus inimigos, abrir á tua « chegada as portas das cidades, sem que nenhuma se feche diante « de ti. Eu aplanarei os teus caminhos, quebrarei as portas de « bronze, e os ferrolhos de ferro; dar-te-hei os thesouros escondi- « dos, afim que saibas que eu sou o Senhor, o Deus d'Israel, que « desde já te chama por teu nome; eu o faço por amor de Jacob, « que é meu servo, e de Israel, que é meu eleito; afim que des- « de o Oriente ao Occidente, saibam todas as nações um dia que « não ha outro Deus senão eu. Sim, eu é que suscitarei a Cyro, « para fazer justiça; eu é que aplanarei todos os caminhos diante « delle. Elle reedificará a cidade que me é consagrada, e inviará « livres os meus captivos, sem receber por elles resgates ou pre- « sentes, diz o Senhor, Deus dos exercitos. » (1).

E' pois evidente que a missão dos Persas é toda de protecção e benevolencia para com os Judeos. Cumpriram-na elles fielmente, devemos dizel-o em seu elogio. Louvores sejam aos chefes desta nova monarchia; pois que por seu auxilio é que se reedificou a cidade e o templo de Jerusalem; debaixo da sua protecção é que os Judeos voltaram para a Judea, e alli se conservaram com sua distincção de tribus e familias, até á chegada do Messias. E' verdade que alguns ministros teve a corte da Persia, ambiciosos e cegos, como

(1) Isaias. XLV.

teem todas as cortes; destes que não deixam pedra por mover, para metter seus amos em caminhos errados, e accelerar assim a queda de seu imperio, lançando-os em opposição com os designios do Altissimo. Destes teve pois a corte da Persia, que se esforçaram muitas vezes por converter estes poderosos monarchas, de protectores que eram, em tirannos, e ainda exterminadores dos Judeos. Aman, valido d'Assuero, foi o primeiro destes perversos e criminosos ministros.

Mas a Providencia, de cuja mão pendem as redeas dos imperios, que encaminha aos seus fins as vontades e paixões dos homens, converteu as intrigas do orgulhoso ministro, em mais prompto meio de realizar seus designios. Tinha Deus empregado o debil braço d'uma mulher, para supplantar o soberbo Holophernes; pelo mesmo modo vai elle agora destruir os projectos d'Aman. A historia d'Esther vincula-se pois, como a de Judith, ao plano geral da Redempção do mundo. Estas duas heroinas, figuras d'aquella que ha-de esmagar a cabeça da serpente, salvaram igualmente o povo Judaico, depositario da grande promessa do Libertador.

Entre os Judeos captivos em Babylonia, havia um chamado Mardocheo, da tribu de Bemjamin. Tinha elle uma sobrinha, chamada Esther, orphã de pai e mãi desde a mais tenra infancia. Adoptada por seu tio, vivia na innocencia e pratica fiel da lei do Senhor. Assuero, que reinava então em Babylonia, depois de ganhar grandes victorias, quiz dar, na sua volta á capital, festas dignas do mais poderoso monarcha do Oriente. Convidou todos os officiaes do seu exercito, e todos os satrapas ou governadores das cento e vinte e sete provincias, de que se compunha o seu dilatado imperio.

No septimo dia das festas, deu-lhe na vontade mostrar a toda a corte a rainha Vasthi, sua esposa, para que todos prestassem homenagem peregrina á sua belleza. Vasthi recusou mostrar-se. Assuero despeitado e maivecido, repudeou-a; e ordenou logo que lhe trouxessem as mais bellas virgens dos Judeos, que se encontrassem no seu reino, para escolher uma esposa: Esther foi uma das escolhidas. A humilde filha de Juda nada pedio para seu enfeite; contentou-se com o que lhe quizeram dar; appareceu com a modestia e

*

simplicidade que lhe era natural; o rei a preferio a todas, cingio-lhe o diadema, e a fez sentar no throno de Vasthi.

Vendo-se rainha, e cheia de poder, nem por isso perdeu Esther a antiga simplicidade e innocencia de seus costumes. No meio d'uma corte soberba e ambiciosa, nestes sumptuosos palacios, tal era Esther, qual o tinha sido na casa humilde de seu tio, entre as mais Israelitas da sua idade, não se occupando senão da oração e meditação da lei do Senhor. Observava ella, com submissão e docilidade, os conselhos que lhe dava Mardocheo, a quem sempre honrou como seu pai, nas differentes conjuncturas em que se achou. O principal cuidado deste virtuoso homem era recordar á joven rainha, que não para ella, mas para seu povo, a exaltara Deus ao throno da Persia.

Tudo o que se passava na corte entrava nos designios da Providencia, e a mesma assiduidade, com que Mardocheo frequentava o paço, se bem não tinha outro motivo, que a ternura com que amava Esther, era comtudo um meio necessario para a salvação da nação santa, e por consequencia para a conservação da grande promessa do Libertador. Eis o facto immenso, em que o mesmo Assuero, o poderoso Persa, não era mais que um actor subalterno.

Um dia, que Mardocheo estava só, como costumava, ouvio os dous officiaes da porta do palacio, que fallavam em segredo para assassinar o rei. Applicando mais o ouvido pôde descobrir todo o fio da conspiração. Logo que se convenceu da verdade do facto, buscou meios d'avisar Esther, e a rainha, sem perder tempo, informou o rei seu esposo do perigo que o ameaçava, accrescentando que fôra Mardocheo quem a informou de tudo. Prezos os officiaes, confessaram o crime e foram condemnados á morte.

Segundo o costume de seus predecessores, mandou Assuero escrever o facto nos archivos do reino; mas quiz Deus que lhe esquecesse nomear seu libertador. Mardocheo apenas recebeo alguns pequenos presentes, pedindo-se-lhe comtudo que estivesse sempre no interior do palacio.

Em quanto Assuero tratava com tanta indifferença este fiel servidor, que lhe salvara a vida, o mesmo principe, por outra permissão da Providencia, entregava seu imperio nas mãos de

um homem, que depois conheceu ser o mais perigoso de seus inimigos.

Era este aquelle Aman, de que acima fallamos, cortezão astucioso e perfido, que a pouco e pouco se tornou o valido do rei e senhor do reino. Mandou-lhe Assuero levantar um throno, pouco inferior ao seu; e por sua ordem, quando assomava á porta do palacio, todos deviam curvar-se diante delle, pôr o joelho em terra, e prosternar-se até o chão. Era o idolo do rei, todos deviam adoral-o.

De facto, Aman pretendia que estas honras lhe fossem dadas como a um deus. Os outros cortezãos e o povo estiveram por tudo o que elle quiz; mas esta prevaricação não era para Mardocheo. Podia Aman passar quantas vezes quizesse por diante deste adorador do verdadeiro Deus; não era elle que lhe dava mostras de respeito, depois que as exigio taes como os Judeos não dão senão a Deus. Os officiaes e guardas do palacio, pasmados da ousadia de Mardocheo, muitas vezes lhe perguntavam, se não temia cahir na indignação de Aman. Respondia que era Judeo e que a sua Religião lhe prohibia dar a um homem as honras da divindade.

Avisaram o orgulhoso ministro, que breve reconheceu, por experiencia propria, a verdade do que lhe diziam. Por varias vezes reparou que o tal Judeo ficava de pé, e não dobrava o joelho quando elle passava. Deu-lhe isto no vivo d'alma e resolveu vingar-se. Era Mardocheo culpado aos olhos do traidor, não só por lhe recuzar as honras divinas, mas tambem por ter descoberto a ultima conspiração contra a vida d'Assuero. Para expiar estes dous crimes, tinha que era pouco a morte d'um só homem; e que toda a nação Judaica os devia lavar com seu sangue.

Apresentou-se pois diante do rei, e começou a persuadir-lhe que os Judeos, dispersos em seu reino, eram uma raça de turbulentos rebeldes ás ordens do soberano, inimigos dos deuses, e dos costumes nacionaes. Que o socego publico exigia se acabasse quanto antes com aquelle povo indocil e odioso; e que se o rei consultava os seus interesses, lhe commettesse o negocio, que elle os exterminaria em um só dia. Assuero, zeloso da sua auctoridade, e persuadido por Aman, annue sem demora, assigna-se o decreto de morte, pro-

mulga-se na capital, e expedem-se correios, para o publicar em todas as provincias.

Pode julgar-se qual foi a consternação dos Judeos. Os pobres captivos derramavam torrentes de lagrimas e davam lamentosos gritos. Felizmente não pararam aqui; recorreram todos á oração, ao jejum, á mais sincera penitencia.

O mesmo Mardocheo, vendo o decreto, rasgou seus vestidos, vestio-se de sacco e cobrio a cabeça de cinza. Neste traje correu ás portas do palacio, onde foi forçoso parar; porque era crime entrar vestido de lucto em casa do principe. O seu fim era dar a saber a Esther, por estas demonstrações, alguma cousa do que se passava. Não permittio Deus que o fizesse em vão. As damas da rainha, que sabiam que ella se interessava por Mardocheo, mas não suspeitavam que ella era Judia, e sobrinha d'aquelle estrangeiro, foram dizer-lhe o estado em que elle estava.

Immediatamente chamou Esther um dos seus officiaes, e por elle mandou perguntar a Mardocheo: qual era o motivo da sua tristeza? Respondeu dando ao official um exemplar do decreto, pedindo-lhe que o entregasse á rainha, e lhe supplicasse da sua parte que fosse ter com o rei e impetrasse a sua revogação. Entrega o official o decreto a Esther, e refere-lhe fielmente o que Mardocheo lhe encarregara de dizer. Pois não sabe elle, exclama Esther, que ninguem, sob pena de morte, pode entrar na camara do rei, sem ahi ser expressamente chamado? Vai, disse ella ao official, pergunta a Mardocheo se elle não conhece esta lei? Vai tu antes, respondeu Mardocheo ao official, e dize assim á rainha da minha parte: Apresenta-te diante do rei; quem sabe se não foi para ser um instrumento de sua misericordia que o Senhor te coroou? Esther, recebendo esta resposta, mandou de novo dizer a Mardocheo estas palavras: Faze reunir todos os Judeos que ha na capital, e orai por mim. Poz-se ella tambem em oração, jejuou tres dias, e tendo-se recommendado a Deus com lagrimas, votou-se á salvação do seu povo.

Tres dias depois, tomou Esther os seus vestidos reaes, e foi apresentar-se ao rei. Acompanhavam-na duas de suas damas; uma levava sua longa cauda, outra lhe dava o braço em que se reclinava. Chegando defronte da sala do rei, parou; e quando se abrio a

porta, Assuero appareceu em seu throno, revestido dos mantos reaes, e todo rutillante d'ouro e pedrarias. Ao ver alli Esther sem sua ordem, encheu-se de indignação, e seus olhos fuzilaram de colera. Esther, espavorida, perde os sentidos nos braços de sua dama. Seu bello rosto, desfallecido e immovel, revestio-se da pallidez da morte. Assim o permittio Deus para mudar o coração d'Assuero. Enternecido, perturbado, desce do seu throno arrebatadamente, corre a Esther, toma-a nos braços, e nada poupa para a fazer tornar a si. Que tens, Esther? lhe diz elle, eu sou teu irmão, não receies nada. Não, não morrerás, a lei que condemna a todos os demais não se entende comtigo. Aproxima-te e põe a mão em meu sceptro. Esther não tornara a si; o rei lhe põe o sceptro d'ouro no collo e lhe diz: falla-me. A estas palavras, a rainha recupera um pouco os sentidos, aproxima-se e beija a extremidade do sceptro; depois, levantando os olhos para Assuero, diz-lhe balbuciente: Senhor, afigurou-se-me que ereis o Anjo de Deus, não pude supportar a vossa vista; e dito isto, tornou a desmaiar nos braços de suas damas.

O rei via-se em extrema perturbação, nada poupava para soccorrer sua esposa, que por fim recuperou perfeitamente os sentidos. Assuero, apenas a vio restabelecida, disse-lhe: Esther, que desejas? que queres de mim? Ainda quando peças a metade do meu reino, se te dará. Contentou-se ella com responder: Se apraz ao rei, eu lhe peço que venha hoje com Aman tomar parte n'um banquete que tenho disposto. Foi logo acceite o convite, e o rei se apresentou com seu ministro no banquete da rainha. No meio da mesa, que foi magnifica, perguntou outra vez Assuero a Esther se ella tinha alguma cousa a pedir-lhe. Esther respondeu: Eu supplico ao rei que venha ainda amanhã com Aman tomar parte no meu banquete, e eu farei então a minha petição.

Desvanecido com a honra que acabava de receber, voltou Aman para sua casa, e ao passar pela porta do palacio, alli vio ainda Mardocheo, que ficou sentado quando elle passava, sem fazer o menor movimento. Foi pois contar a sua mulher e a seus amigos o que acabava de lhe acontecer. A rainha, disse elle, convidou-me para o seu banquete, a mim só e ao rei; e amanhã hei de comer ainda com elles; mas tudo isto é nada em quanto eu vir aquelle Judeo,

que se não digna levantar-se, quando eu passo. Sua mulher e seus amigos responderam-lhe: Manda fazer uma forca, d'altura de cincoenta covados, e manda-o levantar nella. Agradou o conselho a Aman, ergueu-se a forca, e logo no outro dia havia de ser Mardocheo pendurado nella.

Entretanto Assuero, não podendo pregar olho em toda a noute, começou a ler os annaes dos ultimos annos do seu reinado. Chegou ao logar aonde Mardocheo tinha descoberto a conspiração intentada contra a vida do rei, e perguntou que recompensa recebera aquelle estrangeiro por tam valioso serviço?

Senhor, responderam seus officiaes, o rei lhe mandou dar alguns presentes no momento da inquietação publica, mas foi tam pouca cousa que julgaram não a dever escrever.

Mal tinham acabado de dizer isto, quando o rei, ouvindo passos, perguntou: Quem entrou na antecamara? Com effeito entrava o seu valido Aman, que vinha pedir permissão de mandar enforcar a Mardocheo. Os officiaes o annunciaram, e o rei o mandou entrar. Chegando á presença d'Assuero, este lhe disse: Que se deve fazer a um homem, a quem o rei quer honrar d'um modo especial? Aman, não duvidando que o rei o queria honrar a elle, respondeu: Senhor, o homem que o rei quer honrar desse modo, deve tomar os vossos mantos reaes, montar o mesmo cavallo, em que o rei sahe nas solemnidades, pôr a coroa na cabeça, e o primeiro dos principes da vossa corte, tirando o cavallo á redea, conduzirá o vosso valido pelo meio da cidade, clamando em alta voz: Assim será honrado aquelle, a quem o rei quizer honrar. Pois bem! responde Assuero, apressa-te; toma os meus habitos reaes, e o meu cavallo mimoso, e faze toda essa honra a Mardocheo, a esse Judeo que está á porta do palacio. Não omittas cousa nenhuma do que me aconselhaste.

E' facil crer que a morte custaria menos a Aman do que esta ordem. Mas era preciso approvar a deliberação, recalcar no coração o despeito, obedecer sem replica. Tomou o valido o manto real, vestio a Mardocheo no meio da praça publica, montou-o no cavallo do rei, cingio-lhe o diadema, e tirando o cavallo á redea, clamava em alta voz pelas ruas: Assim será honrado aquelle a quem o

rei quizer honrar. Quando Mardocheo tornou para a porta do palacio, Aman tratou d'ir para sua casa com a cabeça coberta, e chorando de raiva. Referio a sua mulher e amigos todo o succedido, e ainda bem não tinha acabado quando os officiaes do rei lhe vieram pedir que comparecesse sem demora no banquete da rainha. Entrou á presença do rei, e com elle foi para o aposento da rainha.

Era a festa magnifica, como a antecedente; e no fim da mesa, Assuero, endereçando-se a Esther, disse-lhe: Que desejas pois de mim? Quando fosse a metade do meu reino, obtel-a-hias. Esther respondeu: Se achei graça perante vós, ó rei, não vos peço mais que a propria vida e a do meu povo. Porque nós estamos, eu e meu povo, votados á morte, já condemnados e proscriptos. Prouvera a Deus que se contentassem com nos vender, homens e mulheres, como escravos! Poder-se-hia supportar o mal; e eu me contentaria com o chorar em segredo; mas tanta crueldade, da parte de nosso inimigo, recahe sobre o rei. Quem é esse inimigo? perguntou Assuero espantado, e qual é seu poder, para que ouse fazer taes cousas? Esther respondeu: Este tam barbaro inimigo é Aman! A estas palavras, ficou Aman estupefacto. Assuero, não podendo conter-se, sahiu d'alli por um instante. Aman entretanto cahe aos pés da rainha, supplicando-lhe que lhe obtivesse a vida. O rei entra, e seus officiaes cobrem com um veo o rosto d'Aman, para tirar este odioso objecto da vista de seu amo. Um d'entre elles disse em alta voz: Ha em casa d'Aman uma forca, d'altura de cincoenta covados, que elle tinha mandado preparar para Mardocheo, que salvou a vida do rei. Ide, enforcai-o nella, disse Assuero. A ordem executou-se, e o rei satisfez sua colera. Tal foi a sorte d'Aman; sorte digna d'um impio, que levou a sua vaidade a ponto de se julgar uma divindade! A morte d'Aman é tambem um exemplo terrivel da justiça de Deus, contra os perseguidores da innocencia; e um illustre monumento da sua bondade para com seus adoradores, quando, no meio dos perigos, se lembram que elle é seu Pai, e confiam em sua protecção.

Todavia era isto apenas o proemio de seus favores. A' gratidão de seu povo, que cantava publicamente os seus louvores, no meio d'uma cidade idolatra, e sobretudo a virtude d'Esther, que,

sem reservar nada para si, referia ao Senhor a gloria de tantas maravilhas, moveu-o a pôr o remate á sua bondade, pelos mais assignalados beneficios. Assuero deu á rainha todos os bens d'Aman, e nomeou a Mardocheo seu primeiro ministro. Esther, da sua parte, confiou a seu tio a superintendencia de sua casa; depois, lançando-se aos pés do rei, supplicou-lhe com lagrimas a revogação do decreto contra os Judeos, o que no mesmo instante lhe foi concedido. Por um segundo decreto, publicado em todas as provincias, não só se pozeram os Judeos a coberto de todo o insulto, mas até os temiam e respeitavam em todo o imperio, por causa d'Esther e de Mardocheo.

Eis como a Providencia curava de seu povo, e conduzia a monarchia da Persia ao desempenho da sua missão. Tudo isto se fazia em attenção ao Messias, que devia nascer do povo d'Israel. Eis como todos os successos, ainda os que parecem menos importantes, se tornam magnificos em suas relações com o plano geral do Altissimo, na reparação do genero humano!

Penetrados de gratidão por tantos beneficios, consagraram os Judeos, por uma festa perpetua, a memoria de seu livramento. A vigilia deste dia era de jejum geral, em lembrança da morte com que foram ameaçados. O dia da festa passava-se em cantar os Psalmos, e em fazer seus honestos banquetes, d'onde mandavam uns aos outros os mimos que tinham preparados. Havia sobretudo grande cuidado em dar aos pobres da nação pequenos presentes, para que podessem ter parte na festa. Terno exemplo de charidade, que observavam litteralmente os Christãos dos primeiros seculos, mas que nem sempre seus filhos imitam!

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes conservado milagrosamente o vosso povo, e preparado desta sorte o reino do Messias; fazei pois que tenhamos em vós, como Es-

ther e Mardocheo, inteira confiança nos perigos, e profunda gratidão nos beneficios.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *repetirei muitas vezes esta oração*: *O' vós que sois manso e humilde de coração, meu doce Jesus, tende piedade de mim.*

XLIX.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Terceira monarchia predita por Daniel. — A monarchia dos gregos. — Sua missão. — Propagação da lingua grega por todo o mundo. — Passagem d'Alexandre ao Oriente. — Jura exterminar os judeus. — Deus lhe muda o coração. — A monarchia grega attrahe os judeus a todas as partes do mundo. — Dá a conhecer os livros santos. — Assegura sua authenticidade. — Missão dos Romanos.

As lições precedentes nos fizeram vêr como se cumpriram as duas primeiras intenções da Providencia, relativas á preparação do Messias; isto é, que o povo Judaico seria o depositario privilegiado da grande promessa do Libertador e da Religião Santa; que o Messias nasceria deste povo na Judea e na familia de David.

Tambem estava determinado nos conselhos do Altissimo que o reino do Messias, isto é, o Evangelho, se propagaria rapidamente d'uma a outra extremidade do mundo. Mostraremos agora de que maneira os successos particulares do povo judaico, bem como o terceiro imperio predito por Daniel, concorreram para a execução deste terceiro decreto do Todo Poderoso.

Tinha Deus suscitado o imperio da Persia para livrar seu povo do captiveiro de Babylonia, e restabelecel-o na posse da Judea. Os reis Persas, quiçá sem o saberem, tinham fielmente cumprido a commissão do Soberano Senhor de todas as cousas. Estava a Judea de novo povoada por seus antigos habitantes, reedificada Jerusalem e o templo. A' sombra da monarchia persica, multiplicaram-se os Judeos, consolidaram-se e fizeram-se uma nação forte, rica, e florescente. Tendo assim cumprido a sua missão, entregou Deus o imperio da Persia nas mãos dos Gregos. Esta nova revolução tinha ainda por fim a futura obra do Messias, preparando de longe o caminho ao Evangelho.

Temos a prova assim na profecia de Daniel como na historia de Alexandre e seus successores. O que distingue, na vista do Propheta, a terceira monarchia, é a rapidez com que se estabelece e dilata. *Depois disto*, diz elle, *como eu olhasse, vi outro animal similhante a um leopardo, que tinha acima de si quatro azas como as de um passaro: tinha este animal quatro cabeças, e o poder lhe foi dado.* (1) Mais adiante continua Daniel a descrever Alexandre, e exprime-se deste modo: *Estava eu attento ao que via, quando veio do Occidente um bode sobre a face de toda a terra, e não a tocava com os pés. Tornou-se este bode extremamente grande, e, havendo crescido, quebrou-se seu grande corno, e formaram-se por baixo delle quatro cornos, voltados para os quatro ventos do ceo.* (2)

Nestes dous caracteres de rapidez e extensão está designada a naturesa e missão providencial do imperio dos Gregos. A historia nos vai explicar isto claramente, e confirmar com os factos a predição do Propheta.

1.° A monarchia dos Gregos aplanou o caminho ao Evangelho, vulgarisando no Oriente a lingua grega, isto é, a lingua em que o Evangelho havia de ser annunciado. Por este meio preparava Deus

(1) Dan. VII, 6.

(2) Id. VIII, 5, 8. — Cumpre vêr nos Padres e interpretes com que admiravel exactidão todas estas feições conveem a Alexandre e ao imperio dos Gregos, de que é o fundador. Corn. a Lapid. *in Dan.*

á prégação dos Apostolos um campo mais livre, e á doutrina do Messias, uma propagação mais rapida.

Vede como se manifesta claramente a acção da Providencia! Pelos humanos calculos, a passagem d'Alexandre ao Oriente deveria transtornar os designios de Deus. Mas aquelle que faz os reis, que levanta e derriba os imperios, soube converter o poder deste feroz conquistador em serviço e gloria do grande Libertador, e mais prompto estabelecimento do seu reino eterno. Alexandre que, no decurso de suas victorias, parecia não tocar a terra, tam grande era a rapidez de suas conquistas, tinha vindo pôr cerco a Tyro. Alli o deteve sete mezes esta poderosa cidade. Desde o fundo de suas muralhas enviou o terrivel conquistador seus emissarios, para intimar os Judeos a submetter-se ao seu dominio, e enviar-lhe soccorros. Os Judeos se escusaram dizendo, que tinham prestado juramento de fidelidade a Dario, rei da Persia. Irritado com esta resposta, Alexandre, mal que reduziu Tyro, marchou contra Jerusalem, resoluto a dar alli um segundo exemplo da sua severidade.

Quando avançava para exterminar a nação santa, o Summo Pontifice Jadus recorreu ao soccorro de Deus; ordenou orações publicas, e offereceu sacrificios, para implorar seu auxilio. Deus velava na conservação do seu povo, e no cumprimento da promessa do Messias, que delle havia de nascer. Appareceu em sonho ao Summo Pontifice, ordenando-lhe que mandasse juncar a cidade de flores, abrir todas as portas, e sahisse elle mesmo, revestido de suas vestes pontificaes, ao encontro d'Alexandre, sem nada temer deste principe; porque elle o protegia. Jadus, cheio d'alegria, participou ao povo a visão que tinha tido. Preparou-se tudo como fôra prescripto na revelação. O Summo Pontifice, acompanhado dos sacrificadores e mais ministros, vestidos de linho, sahiu fóra da cidade até um logar elevado, donde se descobria a cidade e o templo de Jerusalem, e d'alli esperaram a chegada de Alexandre.

Quando souberam que se aproximava, todo o povo lhe foi ao encontro, com a pompa e magnificencia que dissemos. Impressionou-se Alexandre com a vista do Summo Pontifice, cingido do seu éphod, com sua theara na cabeça, e no peito a lamina d'ouro, onde estava escripto o nome de Deus. Cheio de respeito, inclinou-se o conquista-

dor diante do Pontifice e saudou-o com religiosa veneração. Não se póde dizer qual foi o pasmo de todos os circumstantes; não podiam crêr o que viam, nem achavam rasão de tão inesperada mudança. Parmenio, um dos confidentes do principe, perguntou-lhe, como adorava o Summo Pontifice, elle que era adorado de todo o mundo! Não é o Summo Pontifice que eu adoro, respondeu Alexandre, mas o Deus de quem é ministro. Quando eu estava na Macedonia, meditando na conquista da Persia, este mesmo homem, com estes mesmos habitos, me appareceu em sonho, e me assegurou que o seu Deus iria comigo, e me faria victorioso dos Persas. Desde que avistei este sacerdote, reconheci-o pelas suas vestes, e feições de seu rosto. Não posso pois duvidar que esta guerra não tenha sido emprehendida pelas ordens e sob a direcção do Deus, que elle adora. E' por isso que lhe rendo homenagem na pessoa de seu Pontifice.

Depois d'isto abraçou Alexandre Jadus, e entrou em Jerusalem, e no templo, onde offereceu sacrificios a Deus, do modo que o Summo Pontifice lhe indicou. Mostraram-lhe as prophecias de Daniel, que annunciavam que o imperio dos Persas seria destruido por um rei da Grecia. Alexandre, transportado d'alegria e admiração, concedeu aos Judeos tudo que lhe pediram.

O imperio d'Alexandre, cujo fim era facilitar a prégação do Evangelho, divulgando e dilatando o conhecimento da lingua Grega, estendeu-se por consequencia muito mais que o dos Persas. Além d'uma grande parte da Africa, comprehendia elle tudo o que fica entre o Ganges e o Mar Adriatico. A Providencia, que tinha escolhido Alexandre para instrumento de seus designios, acabada que foi sua missão, tirou-o do mundo. Estava predito que se dividiria o seu imperio; e de seus restos se formariam quatro imperios novos: tudo isto se cumpriu sem discrepancia alguma.

2.° A monarchia dos Gregos aplanou o caminho ao Evangelho attrahindo os Judeos a todas as partes do mundo. Já porque muitos se alistaram no exercito d'Alexandre, e o seguiriam em suas conquistas; já porque no reinado de seus successores, isto é, por espaço de quasi duzentos annos, os Judeos se disseminaram por todo o Oriente, levados das promessas, favores, e vantajosos empregos, que por toda a parte lhes faziam os principes Gregos; por causa

de sua inviolavel fidelidade a seus soberanos. Dest'arte se estabeleceram em toda a extensão do grande imperio; e é claro que não foi sem designio notorio da Providencia, que os Judeos, tam aferrados antes á sua patria, se dispersaram assim por quasi todas as provincias do Oriente. Novos missionarios, prégavam elles o verdadeiro Deus a estes differentes povos, e assim os preparavam de longe para receber um dia a luz do Evangelho. O que ainda admira mais é, que o commercio das nações, que outr'ora lhes era tam perigoso, agora os tornava tanto mais zelosos pelo verdadeiro culto, e mais aferrados á sua lei. Por este modo dispunha a Providencia todas as cousas para facilitar a execução da grande obra da Redempção do mundo.

3.° A monarchia dos Gregos aplanou o caminho ao Evangelho, tornando celebres e conhecidos das nações os livros dos Judeos, isto é, Moisés e os Prophetas. Eis aqui de que modo se realisou este facto da primeira importancia. Ptolomeu Philadelpho, rei d'um dos quatro reinos formados dos restos do imperio de Alexandre, acabava de subir ao throno. Pertenciam á sua corôa, entre outras provincias, o Egypto, de que Alexandria era a capital. Este principe, amador das sciencias e litteratura, estabeleceu n'aquella cidade uma rica bibliotheca, aonde depositou, trazidos de todas as partes do mundo, os mais raros e curiosos livros que então existiam; e logo se tornou esta bibliotheca o ponto de reunião dos sabios do Oriente e do Occidente. Constando pois a Ptolomeo que os Judeos tinham livros, que continham as leis de Moisés, e a historia d'aquelle povo, concebeu o designio de os mandar traduzir do hebraico em grego, para enriquecer a sua bibliotheca. Endereçou-se ao Summo Pontifice Eleazar, que tinha succedido a Jadus. Partiram os embaixadores para a Judea, portadores d'uma obsequiosa carta e magnificos presentes. Foram recebidos com as maiores honras, e obtiveram sem difficuldade o que o rei pedia.

Entregou-lhes Eleazar uma copia exacta da lei de Moisés, escripta em letras d'ouro, e a fez acompanhar de seis anciãos de cada tribu, para a traduzir em grego. Ptolomeo encheu estes setenta e dous interpretes d'obsequiosos signaes d'amizade; mandou-lhes preparar uma casa, e provel-os de tudo o que precisassem. Metteram

elles mãos á obra, e em pouco tempo a concluiram: esta é a chamada *Versão dos Setenta*. Foi lida e approvada em presença do rei, que admirou sobre tudo a profunda sabedoria das Leis de Moisés, e despedio os interpretes com ricos presentes, para elles e para o templo de Jerusalem.

4.° A monarchia dos Gregos aplanou o caminho ao Evangelho, tornando incontestavel a antiguidade, e authenticidade das prophecias e mais livros sagrados.

Deduz-se esta proposição da traducção dos livros que acabamos de referir. E' certo que, no reinado de Ptolomeo, muito antes do nascimento de Jesu-Christo, fez-se no Egypto uma versão grega dos Livros Santos: esta versão ainda a possuimos. Todas as prophecias que nella se contem, e que acima citamos, a respeito do Messias, são por tanto incontestavelmente anteriores ao Evangelho. Não só a sua existencia, como tambem a sua publicidade, precederam muitos seculos os successos de que são objecto. Demais, andando nas mãos das nações pagãs a traducção dos livros santos, era impossivel aos Judeos alterar o Antigo Testamento, ou apagar delle o que respeitava ao Messias.

D'est'arte o resultado da Versão dos Setenta foi tornar inconcussas a authenticidade e publicidade do livro divino, do qual cada pagina annuncia o Messias; e este é um dos mais preciosos beneficios da terceira monarchia predita por Daniel. Quem não vê claramente que era este o principal designio de Deus, entregando aos Gregos todo o Oriente, e conservando-os em sua posse não obstante suas dissidencias? Comprehende-se logo sem custo, qual foi o motivo por que o imperio dos Persas cedeu ao dos Gregos, cuja lingua se vulgarizou entre aquelles povos subjugados; este motivo é evidentemente a preparação para a prégação do Evangelho, que se tornava facil por este lado; e estreitar, por esta communidade de lingua, a união de tantos povos em a mesma sociedade, a mesma doutrina e o mesmo culto. (1)

(1) S. João Chrysostomo, Homil. IV, in Genes., considera como um dos maiores milagres da Providencia, que um rei barbaro, estranho á verdadeira Religião, inimigo da verdade e do povo de Deus, mandas-

Quando a monarchia Grega acabou a sua missão, Deus a submergio no occeano immenso do imperio Romano.

Eis o ultimo e mais terrivel dos quatro imperios entrevistos por Daniel desde o fundo dos seculos. Qual será a sua missão? Estava predito que o reino do Messias se estabeleceria rapidamente por toda a terra, e que o mesmo Messias nasceria em Bethlem, quando o poder soberano sahisse definitivamente da tribu de Juda. O imperio Romano é o encarregado de cumprir este decreto nas suas duas partes.

Quanto á primeira, não bastava que os Judeos, preparadores evangelicos, depois da passagem d'Alexandre, se espalhassem pelo Oriente e Occidente; que a Europa, Africa, e Asia, entendendo a lingua grega, podessem ser instruidas sem difficuldade por estes mesmos homens; importava ainda facilitar aos Apostolos da Boa Nova uma livre circulação d'uma a outra extremidade do mundo; relevava por ultimo que o genero humano formasse um só corpo, para que fosse promptamente animado d'um só e mesmo espirito.

Ora, abrir por toda a parte espaçosas estradas, apagar todas as nacionalidades, derribar todos os muros de separação que dividiam os differentes povos, nivelar o solo, formar de todas as nações uma

se traduzir a Escriptura em Grego, e assim divulgasse o conhecimento da verdade por todas as nações do mundo. S Agostinho diz o mesmo. De Doctr. christ. lib. II, c. 15, e Serm. XLVIII in Joan. " Os Judeos, diz elle, por inveja ou escrupulo, não queriam communicar aos estrangeiros as Escripturas Santas; servio-se Deus d'um rei idolatra, para grangear esta vantagem aos povos gentios. „ *Libri quos gens judæa cæteris populis vel religione, vel invidia, prodere nolebant credituris per Dominum gentibus, ministra regis Ptolemoei potestate tanto ante prodili sunt.* " Que faltará á auctoridade desta Versão, dis S. Hilario, Hilar. in Psalm. II; vide et Euseb. Præpart. lib. XIII, c. 1. — que foi feita antes da vinda de Jesu-Christo, em tempo que os traductores são insuspeitos de ter querido lisongear aquelle, que nestes livros é annunciado; nem podem accusar-se d'ignorancia, sendo como eram principes e doutores da Synagoga, instruidos na mais profunda doutrina do Messias, e revestidos de toda a auctoridade que convem aos doutores d'Israel? „

unidade material, reunindo-as sob um sceptro unico, estabelecer em fim uma paz universal, que permittisse percorrer sem obstaculo a terra e os mares, o Oriente e o Occidente: taes eram, mesmo aos olhos da rasão, os mais seguros meios de realisar este gigantesco designio. Tal é egualmente o caracter distinctivo do imperio Romano e o primeiro objecto da sua missão.

Com grande energia o predisse Daniel, estando Roma ainda no berço. *O quarto imperio*, diz o Propheta, *similhante ao ferro que quebra e doma todos os metaes, assim domará e derribará todos os outros imperios.* (1) E em outra parte o representa elle qual uma tremenda fera, que tinha não sei que de maravilhoso e medonho. *Estava armada de dentes de ferro, de horrivel grandeza; devorava tudo, tudo fazia em pedaços; o que não despedaçava, pizava-o aos pés.* (2) O mesmo Propheta, que vira no futuro o formidavel poder do imperio Romano, assim nol-o mostra como o preparador do reino immortal de Nosso Senhor Jesu-Christo. *Será substituido por outro imperio que, formado sem humanos auxilios, se estenderá por todos os reinos, e este novo imperio será eterno.* (3)

Estas poucas palavras do Propheta resumem toda a philosophia da historia Romana, assim como os oraculos precedentes nos explicam o segredo do nascimento, engrandecimento e quéda das outras monarchias. Agora conhecemos porque motivo os Romanos, por excepção dos outros povos d'antiguidade, fizeram consistir uma parte da sua gloria em cobrir a terra d'uma immensa rede de soberbas estradas, cuja solidez ainda causa pasmo á sciencia moderna. Agora sabemos porque foram elles sempre victoriosos de seus inimigos; e seu imperio, dilatando-se todos os dias, por espaço de oito seculos, acabou por absorver todas as nações em seu vasto recinto, sem reconhecer outros limites que os do mundo; porque motivo, após das mais prolongadas e sanguinolentas guerras, que se referem na historia, suas triumphantes legiões subitamente suspendem seus passos em todos os pontos do globo, enrolam seus victoriosos estandar-

(1) Dan. II, 40.
(2) Dan. VII, 7.
(3) Dan. XI, 41.

tes, e deixam repousar tranquillamente suas armas; porque rasão em fim, pelo anno quatro mil do mundo, o universo inteiro goza da paz mais universal que até alli se vira, quando o Messias, o Principe da paz, fazia sua entrada no mundo pela pequena cidade de Bethlem.

Faltava cumprir a segunda parte do decreto divino, em virtude do qual devia o Messias nascer em Bethlem, e ser authenticamente reconhecido por filho de David. Tocava ainda ao imperio Romano procurar o cumprimento desta segunda parte do decreto. Não nos teremos esquecido que Jacob, na hora da morte, annunciou que, *o Messias viria, quando um rei estrangeiro estivesse sentado no throno de Juda.* Ora, depois da derrota de Pompeo, Antonio, consul romano, passou á Asia, e confirmou Herodes, oriundo da Idumea, no governo da Galilea. Eis o primeiro acto que desapossa publicamente a casa de Juda do seu poder soberano; mas não parou aqui Antonio, senão que, voltando a Roma, consiliou a Herodes no favor d'Augusto, que cedo depois se fez imperador. O novo senhor do mundo convenceu sem custo o Senado Romano a dar a Herodes, por um decreto solemne, o titulo de *Rei dos Judeos.* Nesta qualidade subio Herodes ao Capitolio, e foi coroado com as costumadas ceremonias. Ora, esta epocha precisa, em que o antigo sceptro de David e de Juda passava a mãos estranhas, fôra fixada por Jacob, desoito seculos antes, como a epocha da vinda do Messias. Então de facto se preencheram os tempos designados pelo Propheta, e Nosso Senhor Jesu-Christo entrou no mundo, na quéda do reino de Juda, sob a quarta monarchia, no fim da septuagesima semana marcada por Daniel, antes da ruina do segundo templo, que o Messias devia glorificar pela sua presença, no momento em que por todo o mundo se aguardava a sua proxima vinda, com uma espectação geral.

Se Jacob annuncia que o Desejado das Nações virá, quando o sceptro sahir de Juda, o Propheta Micheas accrescenta que é na cidade de Bethlem que elle ha de nascer. O imperio Romano será ainda encarregado de verificar esta ultima circumstancia. Joseph e Maria, habitam em Nazareth. Sua pobreza, o rigor da estação, a gravidez da augusta Virgem, tudo se oppõe a uma jornada. Todavia o Messias ha de nascer em Bethlem. Deus, que se serve das

*

paixões dos homens para cumprir seus designios, aproveita-se d'um capricho ou fumo de vaidade e cobiça d'Augusto, para dar a ultima demão ao cumprimento das prophecias. Apparece o famoso decreto, que obriga todos os chefes de familia, em toda a extensão do seu imperio, a apresentar-se no lugar originario de sua casa, para ahi se fazerem inscrever nos registros publicos. Joseph e Maria partem para Bethlem, os oraculos cumprem-se, e Augusto, sem o saber, foi, como Nabuchodonosor, Cyro e Alexandre, o ministro subalterno, o humilde servo do Todo Poderoso. Eis como Deus faz concorrer os successos e os imperios para a gloria do Messias e estabelecimento do seu reino eterno.

Terminemos a historia desta preparação evangelica tam cheia de grandeza e magestade, por uma reflexão propria a nos elevar o espirito e encher-nos o coração de devoção e piedade. Os authores prophanos teem attribuido o nascimento e queda das monarchias, as mais poderosas que se conheceram no mundo, á habilidade, coragem, ou defeitos pessoaes de seus imperadores. Nisto não fazem mais que perceber a causa apparente; mas os Prophetas levaram mais longe as suas vistas: viram o grande Deus que reina no mais alto dos Ceos, sustentando na mão as redeas de todos os imperios, e servindo-se das paixões, virtudes e vicios dos reis e dos povos, para effectuar o seu grande designio, a salvação do genero humano, *pelo estabelecimento* do reino de Jesu-Christo. Ora, Deus ainda não abdicou; é elle ainda que dirige todos os successos, todas as revoluções que felicitam ou subvertem o mundo, exaltam ou derribam os conquistadores, para o seu grande designio, a salvação do genero humano, *pela conservação e propagação* do reino do seu Christo.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por tudo o que tendes feito para minha salvação. E' pois verdade, ó

meu Deus, que desde o principio do mundo, tudo se faz por amor de Jesu-Christo, meu Salvador; mas este mesmo Salvador é para mim, e eu para vós.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *adorarei em todos os successos a vossa divina Providencia.*

L.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Provações destinadas a purificar os Judeos e a lhes fazer desejar e reconhecer o Messias. — Heleodoro açoutado de varas. — Annuncia elle o poder do verdadeiro Deus. — O santo velho Eleazar; seu martyrio. — Historia dos Machabeos, seu martyrio.

Estava feita no Oriente a preparação evangelica, pelas differentes dispersões dos Judeos em Ninive e Babilonia; depois no mundo todo, pelas conquistas d'Alexandre. Por todos estes successos tornara-se geral o conhecimento do Messias. Ora, para que se não enfraquecesse entre as nações, mas antes se fizesse mais lucido e universal, permittio a Providencia que, durante os tres seculos que precederam a vinda do grande Libertador, estivessem os Gentios por toda a parte em contacto com os Judeos da Palestina. Daqui vem as guerras continuas, intentadas contra este povo, já pelos successores d'Alexandre, já pelo imperio Romano.

Nos designios de Deus, ainda tinham estas guerras outro fim. Dispunham ellas os Judeos para a proxima vinda do Messias; eram provas duras e arduas, destinadas a purificar cada vez mais o povo Judaico, dando-lhes a santidade conveniente á digna recepção do

Messias, e as necessarias luzes para reconhecerem este Desejado das Nações. E' certo que os corações puros veem mais claramente a verdade, que aquelles aonde se condensam as trevas do vicio; e é isto para os homens virtuosos um glorioso privilegio, que faz desde esta vida uma parte da sua recompensa.

Demais, estas guerras injustas e continuas, estas não interrompidas vexações, tendiam maravilhosamente a excitar nos animos o ancioso e vivo desejo do Libertador. Trazendo á terra a verdade e a justiça, devia o verdadeiro Salomão banir com o tempo a tirannia e a injustiça, e fazer de todos os homens um só povo d'irmãos. A desgraça foi que os Phariseos, cegos pelo orgulho, falsearam as Prophecias, e entenderam a gloria, poder, e triumphos do Christo em um sentido carnal e grosseiro. A Providencia nada tinha esquecido para prevenir este funesto erro, nem foram victimas delle os Judeos humildes e doceis. Dando ás prophecias sua verdadeira significação, reconheceram pelo Messias, promettido ao genero humano, o humilde menino de Bethlem.

Como nos não é possivel referir toda a historia destes ultimos seculos do mundo antigo, limitar-nos-hemos a alguns factos que nos mostram claramente a continuação da actividade divina, assim nos Judeos como nos Gentios, para os dispor ao proximo advento do Redemptor do mundo.

O primeiro destes factos é o de Heleodoro. Que cousa mais apta que a notoria punição deste profanador e seu testemunho pessoal, para recordar ás nações a existencia do Deus d'Israel, e a verdade da sua Religião, cujo artigo fundamental era a espectação do Messias?

Seleuco, rei da Syria, resolvera empolgar os thesouros do templo de Jerusalem. Para levar a cabo esta sacrilega empreza, elegeu Heliodoro, intendente de suas finanças. Partio elle, na execução das ordens de seu amo, apparentando não ter outro designio que o de visitar o governo da Judea. Chegando a Jerusalem, o summo Sacerdote Onias, tam respectuoso com o seu rei como fiel ao seu Deus, fez que o recebessem com toda a sorte d'honras e obsequios. O ministro porem não tardou a se explicar ácerca da commissão que tra-

zia; e declarou que vinha da parte do rei exigir a entrega dos thesouros do templo.

Onias representou-lhe que o dinheiro que se guardava na casa do Senhor eram depositos consagrados á subsistencia de orphãos e viuvas. Commoveram pouco a Heleodoro estas observações do Pontifice, e dando á vontade do rei o lugar da rasão e da justiça, assignou-lhe dia para se apresentar no templo. Espalhando-se por Jerusalem a nova desta sacrilega tentativa, não se ouvia por toda a parte senão gritos e pavorosos alaridos. Os sacerdotes, revestidos das vestes sacerdotaes, prosternam-se ao pé do altar, e nesta humilde posição, dão vozes ao Senhor que se digne soccorrer o seu templo. Os cidadãos igualmente afflictos, e unidos no ardor dos mesmos votos, vão em multidões conjurar o Senhor, que livre sua santa morada de sacrilegos desacatos. As mulheres, vestindo asperos cilicios, andam em turbas pelas ruas; as mesmas virgens, reclusas no recinto do templo, creem ter obrigação de sahir; umas dirigem-se ao summo Pontifice, outras correm ás muralhas; as mais timidas contentam-se com olhar, desde o seu retiro, qual será o exito deste successo? Todos em fim, com as mãos erguidas para o Ceo, dirigem ao Senhor seus gemidos e orações. No meio da geral confusão, o Summo Pontifice mostra um rosto tam consternado que se não pode ver sem profunda magoa.

Entretanto, apertava Heleodoro com a sua exigencia. Já estava á porta do thesouro, cercado d'uma multidão de satelites, que se dispunham para o arrombar. Quando porem tudo parecia sem remedio, ostentou o Senhor os recursos da sua omnipotencia. Os indignos escravos que se prestaram a coadjuvar o impio designio de seu chefe, feridos repentinamente da mão de Deus, cahem sem accordo uns por cima dos outros, ou dão em fugir espavoridos. Viram apparecer-lhes um fero cavallo, magnificamente adereçado, em que montava um cavalleiro de temeroso aspecto, e cujas armas, tam deslumbrantes eram que pareciam d'ouro refulgente. O cavallo, arfando impetuosamente contra Heleodoro, fere-o com as patas e o derriba em terra. Então dous mancebos, de magestosa presença, resplandecendo de gloria e ricamente vestidos, chegam-se ao profanador, armados d'açoutes, e sem piedade o azorragam. Heleodoro, coberto

de feridas, e envolvido em espessas trevas, é estendido sobre uma mesa e levado para fora do sagrado recinto, onde muito tempo esteve como morto, sem dar accordo nem signal de vida. Admiravel juizo de Deus, que ordena que o temerario, que entrou sua morada santa com apparato de triumpho, della saia cheio de confusão, sem que ninguem o livre dos golpes do Omnipotente, sacrilegamente insultado; lição tambem importante aos profanadores e validos dos reis, que a uns ensina que respeito devem ás cousas santas; a outros, que obrigação teem de resistir com respeito, mas invencivel liberdade, a decretos sacrilegos, e impios mandatos.

Em quanto Heleodoro desfallecia no misero estado a que o reduzira sua impiedade, passaram os Judeos de repente da mais profunda dor ao cumulo da maior alegria: retumbava o templo com hymnos e canticos em acção de graças. Davam-se porem os amigos de Heleodoro a outros cuidados; por quanto, não achando remedio algum a um mal que viera do Ceo, supplicaram a Onias, que intercedesse com o Senhor, para que se dignasse conservar a vida áquelle que estava proximo a exhalar o ultimo suspiro.

Onias considerando, que se Heleodoro morresse, não deixaria o rei de suspeitar malicia da parte dos Judeos, e imputar-lhes a morte de seu enviado, offereceu ao Senhor, pela saude do moribundo, uma hostia de propiciação. Importava tambem, nos designios da Providencia, que os Gentios conhecessem cada vez mais o Deus d'Israel, experimentando o valor de suas ameaças e de suas promessas, das quaes o Libertador do mundo era a primeira e a mais essencial. Que cousa mais conforme a este divino plano, do que o dar testemunho o mesmo Heleodoro, de todas estas cousas, e da omnipotencia do Deus d'Israel, depois de a ter provado por dous milagres incontestaveis, taes como os do seu castigo e da sua cura?

Accedeu pois o Senhor ás supplicas do Pontifice; mas não quiz que o culpado ignorasse a quem devia sua salvação. Agradece a Onias, disseram os mesmos Anjos a Heleodoro; por causa delle é que o Senhor te concede a vida. Pela tua parte, castigado por ordem do verdadeiro Deus, não te esqueças d'annunciar, mesmo no meio das nações idolatras, qual é o seu poder, a sua verdade, e todos os seus prodigios. — Luminosas palavras, que nos mostram

como o successo de Heliodoro está vinculado ao plano geral da preparação evangelica !

Havendo assim fallado, desappareceram os Anjos ; e Heliodoro, aproveitando-se de tam seria lição , offereceu um sacrificio em acção de graças , acompanhado de grandes votos e promessas , áquelle Deus soberano, de quem acabava d'experimentar a justiça e a misericordia. Depois d'agradecer ao Soberano Pontifice , tornou com sua comitiva para o rei seu amo ; e sem se envergonhar d'apparecer feito Apostolo da verdadeira Religião , aonde quer que chegava , publicava aquellas maravilhas , que tinha presenciado com seus olhos e experimentado em sua mesma pessoa. Um dia , entre outros , perguntou-lhe o rei : Quem te parece idoneo para se encarregar d'uma nova tentativa sobre Jerusalem? Respondeu-lhe : Se Vossa Magestade tem algum inimigo, algum conspirador , de quem precise desfazer-se , encarregue-lhe essa missão ; asseguro-lhe que o hade pagar com o corpo, se não for com a vida. E' uma grande verdade que o templo dos Judeos está cheio da magestade divina. Aquelle que habita no Ceo alli reside , e se declara seu guarda e protector ; e quem entrar nelle com animo de o profanar, conte com os açoutes ou com a morte.

Se Deus cuidava tanto em preparar os Gentios, para o reino do Messias, valendo-se de todas as occasiões de lhes dar a conhecer a Religião verdadeira , não andava menos sollicito, no que tocava aos Judeos. Nada poupou para os purificar e desapegar das cousas terrenas. Jamais se viram entre elles tantos e tam bellos rasgos de uma virtude, que já poderamos dizer christã. Parece que o sol da justiça, proximo a despontar no mundo , fazia sentir mais vivamente sua divina influencia. Não só a Judea não adorou mais idolos , mas tambem teve seus martyres de todas as idades e condições.

Antiocho Epiphanio , rei da Syria , foi o instrumento de que o Senhor se servio para acrisolar seu povo. Este principe, impio e cruel, emprehendeu abolir na Judea o culto do verdadeiro Deus. Em breve correu o sangue dos fieis por toda a extensão da Palestina. No maior calor da perseguição vivia em Jerusalem um santo homem , chamado Eleazar, que era uma das primeiras dignidades entre os doutores da lei. Era um venerando velho, cuja presença af-

favel e magestosa inspirava confiança, e impunha respeito. A raiva contumaz dos perseguidores fitou nelle os olhos; e lançando-lhe as mãos, á viva força aquelles malvados lhe abriram a boca, e queriam forçal-o a comer viandas prohibidas. Sua generosa resistencia mereceu-lhe agloria do martyrio. Preferindo uma gloriosa morte a uma vida deshonrada pelo crime, lançou-se Eleazar adiante dos algozes, e caminhou para o supplicio.

Quando ia alegremente para o cadafalso, um de seus amigos, aproximando-se a elle, com criminosa compaixão, disse-lhe ao ouvido: Consente que mandemos vir viandas, de que é permittido comer, finge que as provas, para que se cuide que obedeces. E' este um meio seguro, e ao mesmo tempo innocente, de te subtrahires ao supplicio. Em quanto Eleazar ouvia estas sollicitações perfidas, mil pensamentos nobres e generosos lhe rolavam no espirito: representava-se-lhe a nobreza de sua velhice, a sua encanecida fronte; a vida sabia e virtuosa que vivia desde a infancia; a justiça e magestade das santas leis do Altissimo; e cheio destes nobres pensamentos: Conduzam-me ao supplicio, exclama elle, não é proprio da minha idade usar dissimulações; seria atraiçoar os mancebos, a quem pareceria que Eleazar, velho de noventa annos, passara da Religião de seus pais ás superstições d'estranhos; e se deixariam seduzir, a meu exemplo, por amor de dous fugazes dias. Assim attrahiria eu sobre mim uma eterna ignominia, e votaria a minha velhice á execração de todos os seculos. Demais, quando me fôra facil escapar aos supplicios dos homens, poderia eu subtrahir-me na vida e na morte ao braço irado do Todo Poderoso? Pelo contrario, desprezando nobremente a vida, mostrar-me-hei digno da minha idade, e deixarei um exemplo aos mancebos que me contemplam.

Estas poucas palavras, pronunciadas com dignidade, foram tomadas por arrogancia, e espertaram a furiosa crueldade dos algozes. Chegam emfim ao lugar da execução; despem o velho, estiram-no, ligam-no, ferem sem piedade nem descanço. No meio de tantas dores, o martyr exclama gemendo: Bem sabeis, ó Senhor, que podendo eu evitar esta morte cruel, preferi os tormentos que supporto; sabeis que voluntariamente os soffro, pelo temor de

vos ser odioso. Taes foram as ultimas palavras do martyr. Depois do que, deixando em sua morte um raro exemplo de valor e fidelidade, não só á mocidade Judaica, como á nação inteira, foi repousar no seio d'Abraham, esperando a recompensa da sua fé.

O exemplo de sua morte, longe d'esfriar o zelo dos verdadeiros Israelitas, servio a acendel-o cada vez mais: o sangue d'Eleazar foi um fermento de martyres. Após os combates do magnanimo ancião, viram-se entrar na liça, d'um lado, uma terna mãi com sete filhos, todos na flor da idade; do outro, o mesmo Antiocho com o sequito dos perseguidores da fé: digno emprego d'um grande principe, provar a crueldade de seu peito contra uma mulher e sete crianças!

Manda elle que lh'os apresentem, e ordena-lhes que comam no mesmo instante, e sem retorquir, das viandas prohibidas pela Lei. Como recusassem, ordena que os dispam diante delle, e lhes rasguem as carnes com azorragues e nervos de boi. O mais velho dos sete irmãos, sem se espantar deste tratamento, levanta a voz e diz ao tiranno: Que pretendes de nós, que resposta esperas? Queremos antes morrer do que violar as leis que Deus outorgou a nossos pais.

Ao ver esta intrepidez, acende-se Antiocho em nova raiva; manda pôr em braza frigideiras e caldeiras de bronze: obedeceram logo. Entretanto, retalham a lingua ao joven martyr, arrancam-lhe a pelle da cabeça, cortam-lhe os dedos dos pés e das mãos, tudo isto em presença de sua mãi e irmãos. Assim mutilado, manda-lhe applicar o fogo ás feridas; e depois deste cruel tormento, lança-o vivo n'uma frigideira candente, onde o vê queimar sem piedade. A mãi e os irmãos do heroe, em lugar de lastimar sua sorte, não pensam senão em ter animo. O Senhor, diziam lá comsigo, attenderá á justiça da causa que defendemos; elle nos consolará segundo as suas promessas.

Em quanto se fortificavam por este modo, expirou o mais velho, sem que sua morte abrandasse a crueldade do tiranno. Accommette o segundo, e o faz aproximar-se para o insultar com sarcasmos. Os algozes arrancam-lhe da cabeça a pelle com os cabellos, e perguntam-lhe se elle quer obedecer, antes que lhe despedacem a golpes

todos os membros. Não quero, respondeu o joven martyr. Condemnão-no ao mesmo supplicio de seu irmão. Quando já não tinha mais que um sôpro de vida, diz ao rei, com uma força que só Deus podia dar-lhe: Malvado principe, tu nos atormentas agora; mas o rei do mundo nos restituirá á vida com uma gloria eterna.

Morto aquelle, passaram ao terceiro. Os algozes lhe pediram a lingua, estendeu-a; as mãos, apresentou-as. Do Ceo recebi estes membros, disse elle com segurança, entrego-os de bom grado; porque Deus saberá restituir-m'os. O tiranno e os algozes não sabiam de si, vendo nesta idade tanto desprezo aos mais horriveis tormentos. Comtudo, mais irritado que pasmado, continua Antiocho sua barbara execução. Expiram com a mesma coragem e nos mesmos tormentos o quarto, o quinto e sexto daquelles generosos meninos.

A mãi, durante seu martyrio, infinitamente superior a todos os elogios, digna da eterna memoria de todos os bons, via, sem commover-se, passar seus sete filhos um após outro, pelos mais horrendos supplicios. Em vez de lhes offerecer perigosas lagrimas, animava-os e fortalecia-os com palavras capazes de lhes assegurar a victoria. Todavia, não tinham acabado ainda as suas inquietações.

Restava o mais novo, e mais menino. Tenta o tiranno seduzil-o, promettendo-lhe até com juramento de o fazer rico e feliz, tomando-o por seu amigo. Estas vis lisonjas bem mal cabiam na boca do barbaro, para com um menino, que acabava de ver, por sua ordem, queimar a seus seis irmãos. O joven martyr pagou-lh'as com justo desprezo, pois nem se dignou responder-lhe. Vendo que eram inuteis suas promessas, Antiocho manda aproximar sua mãi, e lhe pede que salve a seu filho da morte. Promette-lhe ella que exhortará seu filho. Com effeito, começa a exhortar, com todas as suas forças, este precioso resto do seu sangue; mas d'um modo bem differente d'aquelle que o tiranno cuidava. Zombando do despota, e inclinando-se para seu filho, disse-lhe em sua lingua, para que Antiocho a não entendesse: Meu filho, tem piedade de mim, que nove mezes te trouxe em meu ventre. Olha, eu te conjuro, olha ao Ceo e á terra; são obras do Deus que adoras; a todas tirou do nada, assim como aos homens. Anime-te a sua vista, e ensine-te a não

temer este cruel algoz. Digno de teus irmãos, recebe a morte com valor, a fim que eu te ache com elles no repouso eterno.

Apenas tinha a mãi acabado, o corajoso menino exclama, voltando-se para Antiocho: Que queres tu? Eu não obedeço ás ordens do rei, mas á lei que Deus nos deu por Moisés. A estas palavras, o tiranno não foi mais senhor de si. Vergonhoso de se ver vencido por um menino, descarrega na innocente victima todo o impeto da sua raiva. O joven martyr esgota, ainda mais que seus irmãos, a exquisita crueldade dos algozes; e conserva até o fim, tam fiel como elles, a pureza de sua fé, e a confiança nas promessas do Altissimo.

A mãi só, victoriosa, no meio dos cadaveres dilacerados de seus filhos, aguardava agora o martyrio; anhelava a mesma gloria, para ir unir-se a elles. Antiocho, sempre o mesmo, vergonhoso de ceder, incapaz de perdoar, ordenou, com effeito, que juntassem a mãi aos filhos. Depois disto retirou-se desesperado e coberto de confusão.

Assim foi extincta, e cortada pela raiz, uma illustre familia, destinada a reconciliar o Senhor com o seu povo, e preparar os Gentios para o proximo advento do Messias, dando-lhes a conhecer a verdade e o poder do Deus d'Abraham; familia que, votando-se á morte, mais honrosamente se conservou na memoria dos homens, que se todos os que a compunham houvessem empunhado sceptros, ou cingido coroas.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes preparado o mundo para o advento do Messias por tam admiraveis meios; dai-nos o valor para soffrer tudo, antes do que perder-vos.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *terei o maior respeito ás cousas santas.*

LI.ª LIÇÃO.

UNIDADE DA RELIGIÃO E DA IGREJA.

A Religião é uma em seu author, em seu dogma, em sua moral, em seu culto e objecto. — A Igreja é uma em sua fundação, em seu destino, em sua constituição, em suas provações e victorias.

Proximos a deixar o mundo antigo, paremos um instante, para fazer um ligeiro esboço da historia da Religião antes de Jesu-Christo, e da sociedade que della é depositaria: na fronte immortal d'uma e d'outra vereis scintillar, como dous preciosos rubins, a unidade e a perpetuidade; caracteres estes que distinguem a Religião e a Igreja de Deus das religiões profanas, e das mil seitas que as paixões criam e os seculos extinguem. A Religião é qual um magnifico painel, começado por Deus desde a origem do mundo, debuxado por instrumento dos Prophetas, aperfeiçoado por Moisés, e acabado por Jesu-Christo. D'est'arte, supposto não tivesse sempre a mesma lucidez e desenvolvimento, nem por isso a Religião deixa de ser uma sempre e sempre a mesma. (1)

I. *Uma e a mesma em seu author.* Revelada por Deus no primeiro dia do mundo; fundada nas relações necessarias e immudaveis que existem entre Deus Creador, pai, fim ultimo do homem, e o homem creatura, filho de Deus, gratuitamente destinado para o

(1) *Vejam-se* os textos citados na Introducção e nas lições XIX, XX desta primeira parte.

ver face a face no Ceo, a Religião, no Antigo Testamento, referia-se toda a Jesu-Christo venturo, vinculo misterioso e necessario da alliança entre Deus e o homem; assim como em o Novo Testamento, ella se refere toda a Jesu-Christo vindo. A fé em Jesu-Christo tem sido em todos os seculos o fundamento da Religião. O Judeo, para ser justificado, devia crer em Jesu-Christo promettido, assim como o Christão, em Jesu-Christo vindo. (1) Toda a differença consiste em que o Judeo, na ordem da Religião, era, para assim dizer, um menino, que apenas lhe sabia os rudimentos, e a quem ensinavam só os primeiros principios, á conta da fraqueza de sua idade; em quanto que o Christão é um homem feito, que lhe entende a substancia, e tem o conhecimento claro do que os Judeos criam sem comprehender; como os santos que veem no Ceo o que cremos na terra. (2)

II. *Uma e a mesma no dogma.* Desde a origem dos tempos creo a Religião o que hoje crê e ensina, o que ha de crer e ensinar até á consummação dos seculos. No tempo dos Patriarchas e de Moisés, creo:

A respeito de Deus. 1.° Na existencia d'um Deus unico, eterno, omnipotente; que creou o mundo por sua vontade, e o governa por sua sabedoria. Creo confusamente no que hoje sabe d'um modo mais claro, que ha em Deus tres pessoas egualmente adoraveis. Este profundo misterio da Trindade tinha começado a declarar-se por esta palavra de Deus: *Façamos o homem*; na qual Deus falla a si mesmo, a alguem que obra como elle, que é outro elle. A Trindade se tinha mostrado a Abraham, na figura de tres Anjos; a quem a Escriptura dá o grande nome de Deus; e a quem este Patriarcha, supposto visse tres, falla como a um só, e adora como a um só. (3)

(1) Nec inter Judæos et Christianos, ullum aliud esse certamen nisi hoc: ut cum illi nosque credamus Christum Dei Filium repromissum, et ea quæ sunt futura sub Christo, a nobis *expleta*, ab illis *explenda* dicantur. *Hier. Præfat. in lib. VI Jerem.*

(2) Status novæ legis medius est inter statum veteris legis..... et inter statum gloriæ. Lex vetus est via ad legem novam, sicut lex nova ad cœlestem Ecclesiam, seu ad cœlestem hierarchiam. D. Th. *passim.*

(3) A doutrina da Trindade era já uma crença na antiga synagoga,

2.° Creo no misterio da Incarnação, significado aos Patriarchas nas differentes apparições de Deus em forma humana; e pelas quaes o Filho de Deus preludiava, se nos permittem a expressão, a sua Incarnação futura. Este mesmo misterio foi annunciado depois mais claramente pelos Prophetas, que nos dizem expressamente, que o Messias se chamara Emmanuel, isto é, Deus comnosco, Deus-Homem; que será simultaneamente filho de Deus e filho de David.

3.° Creo no misterio da Redempção. Abraham o significou no sacrificio d'Isaac, tocante figura do Filho de Deus, entregue por seu Pai, e immolado por nós sobre uma montanha. Este misterio sacramentava-se em todos os sacrificios da Lei antiga, que não eram mais que representações do sacrificio unico da Lei da graça. Depois o proclamaram altamente os Prophetas, dizendo que o Messias apagaria por sua morte os peccados do mundo.

4.° Creo no Espirito do Senhor, Espirito Omnipotente, prescrutador dos segredos do coração e do porvir; Espirito de luz, de charidade, de verdade e de vida. As provas desta crença estam escriptas em cada pagina dos nossos Livros Santos. Devemos porem lembrar-nos que estes misterios não nos foram revelados com inteira evidencia, senão por Jesu-Christo, a quem unicamente estava reservado levantar o veo que os occultava antes da sua vinda. Foi elle que, instituindo o baptismo, nos ensinou claramente, que o verdadeiro Deus, um e indivisivel em sua essencia, é comtudo Pai, Filho, e Espirito Santo. Assim que, o Pai, o Filho e o Espirito Santo, um só Deus em tres pessoas, mais obscuramente indicado aos Patriarchas e discipulos de Moisés, é claramente revelado no Evangelho. A differença, pois, sobre este ponto, entre o Antigo e o Novo Testamento é que um mostra á luz do dia o que o outro occultava em sombras.

5.° *A respeito do homem.* Creo que é feito á imagem e similhança de Deus; composto de corpo e alma; que a alma é espiritual, e como um assopro da boca de Deus; que é livre, capaz de fazer a seu arbitrio o bem ou o mal. As ameaças e promessas, os castigos e recompensas, de que fallam constantemente os livros santos, são outras tantas provas da liberdade da alma. Creo que a alma é immortal. Os antigos Patriarchas chamavam á morte um

somno: (1) ora, o somno não é uma aniquilação; o dormir suppõe o despertar. *Enterrai-me,* disse Jacob, *no tumulo d'Abraham e Isaac*; depois endereçando-se a Deus, accrescenta: *Esperarei, Senhor, o Messias que haveis d'enviar.* (2) Assim o dogma da immortalidade está gravado no tumulo dos Patriarchas. Deparamol-o escripto em cada pagina dos livros dos Prophetas: *Lembrai-vos do vosso Creador, nos dias de vossa mocidade*, dizia Salomão, *antes que chegue o momento em que o pó volverá á terra d'onde sahio, e o espirito tornará para Deus que nol-o deu.* (3) Elias, querendo resuscitar um menino, disse a Deus: *Senhor, fazei que a alma deste menino torne para seu corpo.* A Escriptura accrescenta, que a alma do menino tornou para seu corpo, e que elle resuscitou. (4)

6.° Ensinava que o homem, creado em innocencia e felicidade, se perdera por desobedecer a Deus; que desta desobediencia vieram todos os males que affligem a humanidade; porque o primeiro homem transmittio o peccado a seus descendentes, e por isso nascemos todos culpados. *Quem é puro diante de vós, Senhor?* Pergunta o santo Job, e logo responde: *ninguem, nem o menino d'um dia.* (5) A Religião ensinava tambem que Deus não tinha abandonado o homem, mas que lhe promettera um Redemptor. Esta promessa e espectação d'um Salvador enchia todo o mundo antigo, e era a ba-

que chamava a Deus a *Unidade misteriosa.* Alguns Rabinos exprimem-se, a respeito desta grande verdade da Religião, d'um modo tam orthodoxo, que o theologo catholico, o mais escrupuloso nos termos, nada achará nelles que censurar. Outros fallam menos clara e exactamente; mas egualmente o exprimem por meio d'uma linguagem embaraçada e cabalistica. *Do divorcio em a Synag.* por M. Drach, p. 12. Os Padres da Igreja fallam no mesmo sentido. Eis entr'outros o que diz S. Epiphanio: " Una Trinitas semper nuntiata, creditaque ab illis est qui cæteris antecelluerunt, cujusmodi Prophetæ atque eximia sanctitate prædíti homines fuere. „ Adv. Hæres. lib. 1, hæres. 5.

(1) Gen. XLII, 30.
(2) Id. XLII, 30.
(3) Eccle. XII.
(4) III Reg. XVII.
(5) Job. XIV, 4.

se da antiga alliança. Accrescentava ainda, que o homem carecia da graça para operar a sua salvação; que a graça se obtem pela oração, o sacrificio e as boas obras; que a graça não destruia o livre arbitrio, mas que o aperfeiçoava. Não ha livro no Antigo Testamento que não dê testemunho destas verdades.

7.° Ensinava que o homem resuscitaria: *Sim, eu o sei,* diz o Patriarcha das dores: *o meu Redemptor vive; e no ultimo dia surgirei da terra; e tornarei a vestir a minha carne, e assim verei ao meu Deus. Esta esperança repousa em meu peito, e as cordas do meu esquife a descerão comigo ao tumulo.* (1)

8.° Ensinava que no fim dos tempos viria Deus julgar todos os homens, e daria recompensas eternas aos bons, e supplicios eternos aos máos. *Ajuntarei todos os povos no Valle de Josaphat*, diz o Senhor pela boca do Propheta Joel, *e alli me assentarei em meu throno, para julgar todas as nações que lá se reunirão de toda a parte.* (2) Falla dos signaes precursores do dia ultimo nos mesmos termos que Nosso Senhor. Que será dos máos depois deste Juizo? Ouçamos: *Eu acendi*, diz o Senhor a Moisés, *um fogo na minha ira; elle arderá até ao fundo do inferno.* (3) *Ver-se-hão os peccadores que se revoltaram contra mim; o seu verme não morrerá, o seu fogo não se extinguirá.* (4) O Salvador, fallando dos reprobos, applica-lhes estas mesmas palavras. Quanto aos justos, que se nos diz delles? *Viverão eternamente; sua recompensa será junto a Deus.* (5) *Beberão d'uma torrente de delicias, e a mesma luz de Deus*

(1) Job, XIII, 15. A antiga Synagoga, assim como a moderna, fazia o que faz a Igreja; não só orava pelos mortos, mas tambem recorria á intercessão d'aquelles que eram tidos por Santos; e tambem pedia esta graça aos Anjos bons. *Dissert. ácerca da invocação dos Santos na Synag.* por M. Drach. *Annaes de Philosoph. Christ.* t. XIV p. 422.

(2) Joel, II, III, 1 e seg.

(3) Deut. XXXVIII, 22.

(4) Isai. LXVI, 26.

(5) Sap. V, 16.

os esclarecerá. (1) Eis aqui a respeito do homem o que a Religião nos ensinava antes de Jesu-Christo.

9.° *A respeito do mundo.* Dizia, que foi tirado do nada pela omnipotencia de Deus, que é governado pela sua sabedoria, dado ao homem para gozar delle, e aprender nas creaturas e nas maravilhas qné o rodeiam, a conhecer o seu Deus; que este mundo passará pelo fogo, e que *então haverá novos Ceos e nova terra.* (2) Taes eram os dogmas da Religião antes de Jesu-Christo: taes são ainda os dogmas da Religião depois de Jesu-Christo. Logo a Religião sempre foi uma e a mesma em seu symbolo, ou em seu dogma.

III. *Uma e a mesma em sua moral.* A Religião mandou sempre as mesmas virtudes: para com Deus a fé, a esperança, a charidade, a adoração; para com o proximo, a justiça, a charidade, a verdade; para com nós mesmos, a humildade, a castidade, o desapêgo do mundo. O Antigo Testamento está cheio de passagens aonde estas virtudes se prescrevem; mas para mostrar que a Religião, antes de Jesu-Christo teve a mesma moral que tem depois, basta dizer que o Decalogo dado a Moisés é o mesmo que a Religião nos impõe hoje, e este Decalogo não é mais que o desenvolvimento da Lei dada ao Pai do genero humano. (3)

IV. *Uma e a mesma em seu culto.* Os actos de fé, esperança, charidade e adoração; a oração, as ceremonias, ritos, sacrificios e solemnidades, taes eram os actos fundamentaes do culto interno, externo e publico da Religião antes de Jesu-Christo. Todos os Patriarchas adoraram, creram, esperaram, amaram, oraram, e offereceram sacrificios; desde Moisés até Jesu-Christo, as orações e sa-

(1) Psal. XXXV, 9.

(2) Isai. LXV, 17.

(3) D'aqui vem estas palavras de Tertulliano: " In hac lege Adæ data, omnia præcepta condita recognoscimus, quæ postea pullulaverunt data per Moysen. Primordialis lex est enim data Adæ et Evæ in Paradiso, quasi matrix omnium præceptorum Dei. „ Adv. Judæos, c. II. *Veja-se* tambem Do *divorcio na Synag.* p. 11.

crificios, as festas, ritos e ceremonias santas, não se interromperam um só instante. Ora, todas estas cousas, e sobre tudo uma oração e um sacrificio infinitamente mais perfeitos, são ainda hoje os actos fundamentaes do culto interno, externo e publico da Religião. Aos figurativos e impotentes ritos da lei antiga, substituio Nosso Senhor os Sacramentos, signaes augustos, cheios d'efficacia; e é isto que faz que o culto da Igreja catholica leve ainda immensa vantagem ao da Igreja Judaica.

Esta superioridade da Igreja Catholica manifesta-se em tudo, assim no dogma, como na moral e no culto. Por isso, quando dizemos que a Religião sempre foi a mesma, não queremos dizer que tenha sido sempre tam perfeita na Lei como no Evangelho; mas que nunca ensinou *uma cousa* na Lei antiga, e *outra* na Lei *Nova*. Fez-nos, sim, conhecer verdades que os antigos ignoraram; mas o que nunca nos disse, o que nunca nos ensinou, foram dogmas contraditorios.

V. *Uma e a mesma em seu objecto.* Qual era o objecto da Religião antes de Jesu-Christo? Tornar a unir o homem a Deus no tempo, a fim de o unir a Deus ainda mais estreitamente na eternidade; restabelecer a ordem primeira, subvertida pelo peccado original; libertar a humanidade das consequencias do peccado: e tudo isto por meio do Redemptor, Medeador misterioso, que deveria estar por um lado em contacto com Deus; por outro, com o homem; de sorte que Deus e o homem se reunissem em sua pessoa, para formar uma alliança nova, indissoluvel, e eterna. Ora, não é este ainda o objecto da Religião depois de Jesu-Christo? Não é para este fim unico, que nos unimos ao nosso Redemptor, por tal arte que não sejamos mais que uma extensão delle mesmo? Não diz a Religião continuamente a todas as gerações: *Meus filhinhos, por vós soffro eu continuamente as dores do parto, até que Jesu-Christo se forme em vós.* (1)

Assim que, para resumir tudo que temos dito, a Religião depois da quéda do homem, tem sempre sido uma e a mesma em seu author, medeador, dogma, moral, culto e objecto: logo não tem havido mais que uma só Religião; logo a Religião christã remonta-

(1) Galat. IV. 19.

se ao primeiro dia do mundo, assim como desce ao fim dos seculos. Qual uma arvore magestosa, plantada na origem dos tempos pela mão do mesmo Deus, a pouco e pouco foi engrossando seu tronco robusto, e desenvolvendo seus frondosos ramos; nutrindo com seus fructos salutiferos, e abrigando com sua folhagem immortal todas as gerações que passaram, que passam, e hão de passar pela face da terra.

Pois que a Religião tem sempre sido uma e a mesma desde a origem do mundo, segue-se que a sociedade ou a Igreja, que é a sua personificação, a sua depositaria e interprete, tem sempre sido uma e a mesma, de sorte que não tem havido nunca nem haverá jamais senão uma só Igreja verdadeira; assim como não houve nem haverá jamais senão uma so Religião verdadeira. A Igreja é Catholica, como a Religião mesma; um dos signaes da sua divindade é o abraçar ella todos os tempos e lugares. Assim a Religião e a Igreja são duas irmãs gemeas, que juntas se desenvolvem e vivem, com a mesma alternativa, as mesmas vicissitudes. Desenhemos um breve quadro das admiraveis relações que ha entre a Igreja antes de Jesu-Christo e a Igreja depois de Jesu-Christo.

Perpetuada antes do Diluvio na posteridade de Seth, representada depois do Diluvio pelas familias patriarchaes d'Abraham, Isaac e Jacob, a Religião era uma peregrina no mundo; esperava a terra da promissão, onde estabeleceria um reino duravel! Mãi terna e esclarecida, não offerecia a seus filhos outro alimento senão o leite, preparando-os para receber mais tarde o alimento solido. Seu ensino occultava-se em symbolos e imagens, linguagem que as mãis costumam fallar aos filhos. Cruelmente perseguida no Egypto, sahe por fim triumphante desta longa provação; e, conduzida por Moisés, caminha em meio de prodigios, destruindo em sua passagem as nações pagãs, com seus templos e idolos, até repousar na terra conquistada, onde desenvolve sua constituição magnifica.

Tem ella seus livros, aonde se registram as suas leis, descidas do Ceo, e escriptas pela mão do mesmo Deus; tem um Soberano Pontifice, com seus anciãos ou Synagoga, encarregados de os explicar. Todos os seus filhos são obrigados a sujeitar-se á decisão deste augusto tribunal. Tem sua jerarchia sacerdotal; um Summo

Sacerdote, revestido do poder soberano, com seus Padres, levitas, e ministros inferiores; os quaes, espalhados por todas as tribus, são como o sal, destinado a perservar da corrupção a todo o corpo; e como luzeiros, collocados de distancia em distancia, para dissipar as trevas da ignorancia e do erro.

No meio della está o seu Deus, representado pela Arca da alliança. Tem seus sacrificios, que offerece exclusivamente ao Senhor, para adorar, louvar, expiar e deprecar. Tem cada semana seu dia santo, e suas grandes solemnidades, a Paschoa, o Pentecostes e os Tabernaculos, nas quaes todos seus filhos vem alegres a Jerusalem, para orar e dar graças.

Ainda que senhora da Terra promettida, depois da ruina das nações idolatras, não goza comtudo senão curtos intervallos de paz e tranquillidade. Ora são os estrangeiros, que a atacam; ora seus proprios filhos, que a fazem chorar amargamente com seus escandalos, ou lhe despedaçam as entranhas com suas divisões. Um grande scisma a cobre de lucto. Dez tribus a abandonam, e recusam reconhecer sua auctoridade. Afflige-a o Senhor, porem não a desampara: guerreada sempre, jamais será destruida. Envia-lhe grandes Prophetas para a consolar, e conservar a verdade em seu gremio. Todos os successos que passam por ella, e em torno della, os grandes imperios, que ora se levantam, ora baqueam, tudo contribue para seu bem, para sua gloria, e para o cumprimento do grande designio com que Deus a tinha formado, o estabelecimento do reino do Christo, que ha de reparar as consequencias do peccado, reconciliar o homem com Deus, e restabelecer a ordem primitiva em toda a sua perfeição.

Taes são os traços salientes no quadro historico da Igreja, ou sociedade depositaria da verdadeira Religião, antes de Jesu-Christo. Ora, todos estes traços, sobresahem com novo brilho na Igreja ou sociedade depositaria da verdadeira Religião, depois de Jesu-Christo.

Representada ao sahir do Cenaculo pelos Apostolos e um pequeno numero de fieis, a Igreja de Jesu-Christo anda a principio como peregrina e vagabunda na terra. Supposto lhe esteja promettida a posse do mundo, para crear nelle um estabelecimento immortal,

esse mundo se torna para ella um outro Egypto, aonde por muitos seculos está exposta á mais cruel perseguição. Sahe por fim triumphante das Catacumbas, e, conduzida por seu divino chefe, sobe, em meio de combates e milagres, ao throno dos Cesares.

Victoriosa então do mundo idolatra, repousa em paz na terra conquistada, e desenvolve sua constituição magnifica á face do universo inteiro. Aos livros antigos, escriptos no cimo do Sinai pela mão do mesmo Deus, acrescenta outro mais perfeito, escripto com o sangue do Messias, no cimo do Calvario. Seus Pontifices e Concilios são os encarregados d'explicar o sagrado codigo; e seus filhos são obrigados a submetter-se ás decisões deste tribunal augusto. Tem sua jerarchia sacerdotal, um Summo Pontifice, revestido do poder soberano, depois os Bispos, Padres e ministros inferiores; os quaes, espalhados pelo meio dos seus filhos, são o *sal da terra*, destinado a perservar da corrupção a todo o corpo; e os luzeiros, collocados de distancia em distancia, para dissipar as trevas do erro; ou já tambem são vigilantes pastores, que devem apascentar as ovelhas e expulsar os lobos do aprisco.

No meio della está o seu Deus, realmente presente no Tabernaculo. Tem seu sacrificio, que incessantemente offerece do Oriente ao Occidente, para adorar, louvar, expiar, e deprecar. Cada semana tem seu dia santo; e suas grandes solemnidades do Natal, Paschoa, Pentecostes e muitas outras, em que todos os seus filhos, accorrem alegres ao templo, para orar e dar graças.

Supposto seja senhora do mundo, desde a ruina da idolatria, comtudo não goza de paz e tranquillidade senão a curtos intervallos. Ora são os estrangeiros que a atacam; ora seus proprios filhos, que a fazem chorar amargamente com seus escandalos, ou lhe despedaçam as entranhas com suas divisões. Um grande scisma a cubrio tambem de lucto; separa-se della o Oriente, recusa reconhecer sua auctoridade; e os orgulhosos Gregos cahem, como as dez tribus scismaticas, debaixo d'um jugo de ferro. Se o Senhor afflige a Igreja, comtudo não a desampara: guerreada sempre, jamais será destruida. Grandes santos, illustres doutores lhe são enviados, para a consolar, e conservar a verdade em seu gremio. Todos os successos que passam por ella, e em redor della, os grandes imperios, que

ora se levantam, ora se extinguem, tudo contribue para o seu bem, para a sua gloria, e para o cumprimento do grande designio com que Deus a formou, a conservação e propagação do reino do Christo, que ha de reparar as consequencias do peccado, reconsiliar o homem com Deus, e restabelecer um dia a ordem primitiva em toda a sua perfeição.

Taes são os traços salientes no quadro historico da Igreja, ou sociedade depositaria da verdadeira Religião, depois de Jesu-Christo; taes as maravilhosas conformidades, que nol-a dão a conhecer, a travez dos seculos, como a guarda immortal e sempre a mesma da Religião, desde a origem do mundo.

Assim a Igreja, a Filha do Ceo, Esposa bem amada do Christo, unindo ao pudor incorruptivel de virgem a corajosa ternura de mãi, veio assentar-se, desde o principio dos seculos, á sombra antiga e protectora da Religião. Guarda fiel, offerece com uma das mãos o fructo da vida ás gerações que descem para a tumulo; com a outra, empunhado o tremendo gladio, fere os temerarios, que ouzam atacar seu tronco robusto, ou cortar algum de seus viçosos ramos. Guarda insubornavel, tem visto immovel passar a seus pés a torrente dos seculos; e quando a ultima hora do mundo houver soado; quando for arrebatada ao Ceo a salutifera arvore; a candida Virgem, a casta Esposa do Christo, transpondo os umbraes eternos, acompanhada de todas as gerações vivificadas em seu seio, ira assentar-se para sempre, excelsa e immortal, no throno de seu celeste Esposo.

Que admiraveis caracteres d'unidade, perpetuidade, e divindade refulgem por toda a parte na Igreja e na Religião Christã! Que todo grandioso nesta Religião santa, de quem temos a felicidade de ser filhos! Tam antiga como o mundo, tudo o que precedeo, acompanha e segue a seu divino author, concorre a demonstrar sua certeza e excellencia. Jesu-Christo, promettido desde os primeiros dias da creação, foi esperado anciosamente; mostrado de longe aos seculos; annunciado em quatro mil annos, por uma longa serie de Prophetas. Expiraram os Patriarchas, anhelando ver o seu dia; com este anhelo viveram e morreram os justos. Os personagens da historia santa foram o esboço deste Salvador divino. Sua historia foi

d'antemão escripta, e offerecida a todos. E esse livro sagrado é lido e reverenciado por dous povos inimigos, entre os quaes se não pode suspeitar colligação. O' grande Deus! ó Senhor, que sois o melhor dos Pais! a quem todas as linguas chamam Deus de bondade! Permittirieis vós que o erro vestisse todos os trajes da luz e da verdade? Se o que nós cremos, por motivo de tantas provas, tam universaes e convincentes, podesse ser um erro, oh! então já não serieis um Deus de bondade, pois que poderiamos dizer com justiça, que fostes vós mesmo que nos enganastes.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças de todo o meu coração por nos haverdes dado a Religião, e nos terdes feito nascer no gremio da verdadeira Igreja. Fazei, Senhor, que sejamos sempre filhos respectosos e doceis desta divina mãi.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *orarei muitas vezes pelas necessidades da Igreja.*

LII.ª LIÇÃO.

INFLUENCIA DA RELIGIÃO.

O antigo povo deveo á influencia da Religião toda a sua superioridade. — Em a familia. — Em a sociedade civil e politica. — Em a sociedade Religiosa.

PODER-SE-NOS-HIA fazer uma seria accusação, se, após de ter offerecido a Religião ao espirito, e esboçado os magnificos caracteres de verdade que a distinguem, a não offerecessemos ao coração, mostrando quanto influio para a felicidade da nação que viveo de suas crenças. Demais, como os beneficios da Religião não são a menor prova da sua verdade, é tambem nosso dever mostrar a sua benefica influencia no antigo povo de Deus.

Com muita rasão se disse: Sem Religião não ha sociedade possivel; e pode accrescentar-se, que a sociedade vive tanto mais tranquilla, florente e feliz, quanto é mais conhecida e observada a Religião: A nação Judaica offerece-nos um memoravel exemplo, e uma incontestavel prova desta verdade.

Se os Christãos, depois da vinda do Messias, são o povo modêlo, tambem os Israelitas, entre as nações da antiguidade, foram o povo modêlo, isto é, o mais esclarecido, moral, e, para dizer tudo, o mais feliz. Ora, este glorioso privilegio, á Religião o deveram. Com effeito, a maior parte das nações antigas eram mais consideraveis, ricas e poderosas que a nação Judaica; todavia eram muito menos moraes; sua legislação muito menos completa e sabia; muito menos nobres suas ideas; muito menos puros seus costumes. O menino, a mulher, o escravo, o pobre, isto é, as tres quartas partes da humanidade, jaziam n'uma abjecção e n'um servilis-

mo muito mais profundo. Donde nascia tam grande inferioridade? E' que lhes faltava o conhecimento da Religião santa, da Religião verdadeira. Estes povos apenas cubriam sua nudez intelectual com alguns farrapos das verdades primitivas; e a felicidade d'um povo está sempre em proporção com a seiva da verdade que o alimenta.

Os Judeos possuindo uma revelação mais completa, deviam ser, e eram effectivamente, muito superiores ás nações idolatras; bastará para o provar uma curta e simples analyse. Consideremos pois os Judeos, para levarmos coordenado o exame, em sua sociedade domestica, politica e Religiosa.

I. *Em a familia.* E' a familia a base dos Estados, que não são mais que um aggregado de familias; mas não ha familia sem auctoridade paterna: ora, importa muito que esta auctoridade seja firme, sabia e bem regrada. Tal era entre os Judeos a auctoridade paterna. Nas nações pagãs, arrogavam os pais a si o direito de vida e morte sobre seus filhos; e sem piedade, nem opposição, o exerciam; matavam, vendiam, expunham seus filhos e filhas, sem que as leis religiosas nem civis fizessem crime d'uma tal barbaridade: era o despotismo elevado a um principio de direito. Entre os Judeos, não tinham os pais e mãis auctoridade d'expor ou vender seus filhos; em verdade os podiam punir de morte, mas não se fazia isto sem justas causas, e nunca sem a superintendencia dos magistrados. Depois d'esgotadas todas as correcções domesticas, o pai e mãi iam denunciar a desobediencia e devassidão de seu filho ao Senado da cidade, e com esta queixa era condemnado á morte e apedrejado. Assim que, por uma parte, a necessidade de recorrer á auctoridade publica moderava o poder paterno; por outra, o receio d'excitar a colera de seus pais, continha o filho na submissão e no respeito. Esta excellente constituição da familia consolidava sobremaneira a sociedade.

Custa a crer quanto o enfraquecimento, ou antes a aniquilação do poder paterno, é funesta para os Estados. Vêde o que se passa entre nós! Por muito joven que seja um filho, apenas se casa, ou tem meios para viver sobre si, cuida que já não deve a seus pais senão um simulacro de respeito. Daqui vem a multidão de pe-

queninas familias, que vivem solitarias ou apenas vinculadas por laços tam debeis, que a mais leve discordia os rompe. Alem da depravação de costumes, que esta independencia traz comsigo, é summamente funesta ao Estado: meio seculo de revoluções o teem assasmente dado a conhecer.

Da auctoridade paterna dimana a auctoridade dos velhos: era grande esta auctoridade entre os Israelitas. Dos anciãos é que se tiravam os Juizes e conselheiros d'Estado. Logo que os Hebreos se constituiram em corpo de nação, foram governados pelos velhos; e em toda a serie da Escriptura, em se fallando d'assembleas e negocios publicos, apparecem sempre no primeiro lugar os anciãos, e algumas vezes só delles se faz menção.

Nada ha mais util que esta auctoridade paterna, para entreter a paz na familia, e a boa ordem no Estado. A mocidade é apta para o movimento e acção; a velhice para instruir, aconselhar e mandar. A mocidade é impaciente e imprudente, aborrece-lhe a regra, agrada-lhe a mudança; a velhice temporisa com previdencia; estende ao longe suas vistas; caminha com precaução; obra por principios solidos; evita toda a innovação temeraria.

Por isso, o Senhor teve particular cuidado em fazer respeitar os velhos; é uma das cousas que mais recommenda na Escriptura. Severas punições vingavam a velhice ultrajada: sirvam de testemunha aquelles quarenta e dous meninos, devorados por dous ursos, porque zombaram do Propheta Eliseu, que era velho e calvo.

Longe de temer a multidão dos filhos, os pais e mãis a pedião ao Senhor com instancia; tinham-na por uma honra insigne. Reputava-se feliz o que se via rodeado de muitos filhos e netos, sempre promptos a executar suas ordens e receber suas instrucções. A educação da infancia olhava-se como o primeiro e mais suave dos deveres impostos ao homem. Quasi começava desde o nascimento; porque as mãis não se eximiam, como entre nós, de crear a seus peitos o fructo das suas entranhas.

Logo que o menino andava, e articulava palavras, rebustecíam-no pelo trabalho e o exercicio, e o cultivavam pelas letras e a musica. O pai acostumava seu filho a correr, levantar pesos, atirar ao arco, lançar pedras com a funda; a isto accrescentavam exercicios

militares. Da mesma sorte lhes ensinavam todo o tocante á agricultura, assim pela theoria como pela pratica; por tal forma que um mancebo, ao sahir da casa paterna, sabia grangear por si mesmo todas as cousas necessarias á vida. A mãi ensinava sua filha a dirigir todo o meneio da casa, coser o pão, cozinhar, fiar, costurar, tecer estofos e teas. Acostumando-lhe o corpo ao trabalho, não se esquecia de lhe formar o coração na virtude, dando-lhe lições com as quaes nada ha comparavel entre as nações idolatras. Se nos lembrarmos que é da boa educação da mocidade que depende o bem estar da familia, como duvidaremos da paz e felicidade domestica dos Israelitas?

« A mulher prudente, dizia a mãi a sua filha, cuidadosa de sua casa, e do governo della, faz a alegria de seu marido; é mais preciosa que o ouro e as perolas, que se trazem das extremidades do mundo. Nella descança o coração de seu marido, e em sua casa haverá abundancia.

« Procura lã e linho e habilmente o põe em obra; levanta-se antes do romper do dia, e distribue o alimento a seus domesticos. Mette os braços aos trabalhos mais pesados; e logo que os acaba, seus dedos tornam a menear o fuso.

« Abre a mão ao indigente, estende-a para soccorrer o pobre; não ha que temer em sua casa o frio ou a neve, porque todos os seus domesticos estam bem vestidos. Ella mesma fabrica seus tapetes, e se cobre de linho e purpura; não profere palavras deshonestas, a doçura e a clemencia governam sua lingua.

« Seus olhos devassam tudo que se passa em casa, nem come o seu pão em ociosidade; seus filhos publicam que ella é feliz, e não cansa seu marido de lhe fazer elogios. »

Taes eram as sabias maximas com que as mãis formavam o espirito e o coração de suas filhas, e eram estas lições tanto mais auctorizadas, quanto eram acompanhadas do exemplo que as mesmas mãis davam a suas charas educandas.

As maximas que os pais ensinavam a seus filhos não eram menos solidas. « Meu filho, diziam incessantemente, sê diligente em aprender desde a infancia, e adquirir uma prudencia que possas conservar até á morte. O principio da sabedoria é o temor de Deus.

Teme pois ao Senhor de todo o teu coração, acata e venera os seus sacerdotes. Não digas nunca : Pequei, e que mal me foi. Meu charo filho, o Altissimo é demorado em punir.

« Quando entrares na casa do Senhor, repara onde trilhas, aproxima-te para ouvir o que o Senhor te ordena ; porque a obediencia vale mais que os sacrificios. Lembra-te sempre que a benção do Senhor está sobre a cabeça do justo.

« Não se acostume tua boca a proferir juramentos, porque jurando offendes a Deus por muitos modos.

« Se vires um homem prudente, chega-te para elle desde o amanhecer, e piza muitas vezes a soleira da sua porta. Não consultes o homem sem Religião, no que toca á piedade ; o injusto, no que pertence á justiça ; o timido, no concernente á guerra ; o commerciante, no que respeita o seu negocio; mas procura a um homem de bem, cujas intenções se conformem com as tuas. Consulta a propria consciencia, porque não ha mais fiel conselheiro.

« Não digas nunca, tratarei a este como me tratou : tem cuidado, não faças aos outros o que não quererias que te fizessem. Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer ; se tem sede, de beber.

« Dá esmola pelo modo que poderes. Se tens muito, dá muito ; se pouco, dá de coração do pouco que tens. Quem tem piedade do pobre, empresta ao Senhor a juro. Não voltes as costas ao pobre, ainda que te importune, e não dês motivo aos que te pedem de te amaldiçoar por de trás. Dá ouvidos ao pobre sem enfado, responde-lhe mansa e favoravelmente.

« Não sejas em tua casa como um leão no seu antro, terrivel com teus domesticos, maltratando os que te estam sujeitos.

« Escuta teu pai a quem deves a vida ; e não desprezes tua mãi, quando está na velhice. Quem honra a pai e mãi receberá consolação de seus filhos. Soccorre teu pai na velhice : não lhe causes tristeza em sua vida. Se seu espirito se enfraquece, presta-lhe auxilio, e não o desprezes á conta do que lhe és superior ; porque a charidade que tiveres com teu pai não ficará no escuro, e Deus te recompensará por teres supportado os defeitos e enfermidades de tua mãi. »

Tal era a moral dos Israelitas. Procurai quanto quizerdes entre as demais nações daquelle tempo (folgamos de o repetir); procurai, e jamais achareis cousa que se lhe compare.

Alem destas instrucções, tinham os pais e mãis obrigação de ensinar a seus filhos as grandes cousas que Deus havia feito por elles e seus antepassados: a lei os encarregava de lhes explicar a origem das festas que celebravam, e ceremonias que observavam. Não tinham elles escholas publicas; a maior parte da instrucção recebia-se nas praticas e conversações dos pais e anciãos. Para melhor se fazer entender de seus discipulos, não só empregavam narrações simples, como tambem proverbios, enigmas e allegorias. O fim principal destes discursos figurados era associar as maximas da moral a imagens agradaveis e naturaes, a fim que os mancebos mais facilmente as decorassem. Uma parte da educação consistia em aprender de cor os canticos de Moisés, e dos mais Prophetas, e bem assim os psalmos de David. Como estas divinas poesias eram cantadas, necessariamente aprendiam alguma cousa de musica.

D'est'arte, em tanto que entre os pagãos, as mãis e amas ensinavam desde o berço ás crianças as fabulas dos seus deuses, isto é, contos obscenos e ridiculos, que só tendiam ao desprezo da divindade e corrupção dos costumes (1), eram os Israelitas os unicos que ensinavam aos meninos verdades capazes de inspirar-lhes o temor e amor de Deus, e inclinal-os á virtude. Todas as suas tradições eram verdadeiras, nobres, e uteis. De que lado estava a superioridade?

II. *Em a sociedade politica e civil.* Esta vantagem que os Judeos levavam ás outras nações não é menos notavel na sociedade politica e civil. Abrindo os Livros de Moisés, ahi temos um codigo de leis, que tendem não só a conservar a Religião, e o culto do verdadeiro Deus, senão ainda a formar os costumes para um estado feliz e tranquillo. A idolatria, o luxo, a intemperança, a licenciosidade, os vicios todos, em summa, que perturbam a ordem

(1) Fleury. *Costumes dos Israelitas.*

social, alli os vemos severamente condemnados; os deveres de pais e mãis, amos e servos, alli estam sabiamente decretados. Vemos regulamentos somptuarios em favor da modestia e frugalidade. Tudo previo e decretou o supremo Legislador, de quem Moisés era o interprete e ministro.

Ora, neste codigo tam admiravel e completo, havia, entre outras, duas leis tam sabias e tocantes, que não podemos deixar de as mencionar: fallamos da lei do anno sabbatico, e da lei do Jubileo.

Cada Israelita tinha sua propriedade para cultivar, e era a mesma que receberam seus antepassados no tempo de Josué. Nenhum podia mudar de lugar, nem desbaratar seus bens, nem enriquecer-se exclusivamente: a lei do anno sabbatico e a do Jubileo obstavam a isto.

Pela primeira, ordenava-se que as terras estivessem em pousio de sete em sete annos em honra do Senhor. Neste setimo anno, que as terras descançavam, não se podia semear o campo nem podar a vinha ou as arvores. Não se ceifava, nem se fazia vindima, nem se colhiam os fructos e os pães; o que a terra produzia por si mesma pertencia aos pobres e estrangeiros. Os proprietarios faziam provisões durante o sexto anno; e se tinham precizão de novos fructos, podiam colhel-os da producção espontanea de suas terras, mas com moderação, e sem defraudar aquelles que, por sua indigencia, tinham direito a elles.

Pela lei do Jubileo, santificava-se do mesmo modo o anno quinquagesimo. Publicava-se então uma liberdade geral, pela qual os Hebreos, a quem a miseria constrangera a se fazerem escravos de seus irmãos, ficavam forros, e recuperavam todos os privilegios civis. Alem disso, os que tinham empenhado ou vendido seus bens entravam quites e desembaraçados na posse delles. Era prohibido, no anno do Jubileo, e no anno sabbatico, exigir o pagamento de dividas; até muitas vezes se perdoavam aos pobres. Esta difficuldade d'obrigar ao pagamento, e mais a impossibilidade de fazer acquisições duraveis, difficultava os emprestimos, tornava mais raras as vendas, cortava pela raiz a ambição, e accumulação da propriedade, e diminuia por consequencia as occasiões d'empobrecer e cahir

na miseria: tal era a intenção da lei. Cada um limitava-se á sua herdade, e tratava de a beneficiar, sabendo que jamais sahiria de sua familia.

Quando queriam vender seus bens, regulava-se o preço pelo numero dos annos que faltavam até o proximo Jubileo. Tantos mais eram, quanto maior o valor. Nunca se vendia sem a condição do resgate. O vendedor podia recuperar seus bens dous, tres ou quatro annos depois que os tinha alienado, tornando ao comprador o dinheiro que recebera; e se os não podia resgatar, esperava até o anno do Jubileo.

D'est'arte os Hebreos eram tamsomente usufructuarios de suas terras; Deus era o Senhorio, elles os rendeiros. E' por isso que, antes da eleição dos reis, não pagavam mais tributos que os disimos e primicias que o Senhor lhes havia imposto.

Havia outra lei não menos bella, era a lei da hospitalidade: nenhuma outra nação a observava tam religiosamente. Em quanto os velhos Romanos, cuja civilisação nos gabam tanto, tinham o estrangeiro por inimigo, por homem suspeito, que muitas vezes immolavam aos deuses patrios (1); os Judeos recebiam seus hospedes com o maior alvoroço; prestavam-lhes quantos bons officios podiam; em summa, desempenhavam com jubilo, a respeito delles, todos os deveres da humanidade.

Assim, por mais que digam os pretendidos sabios do seculo passado, jamais houve povo tam humano. Pode julgar-se por esta lei do Deuteronomio: *Se, indo por um caminho*, diz o Senhor, *encontrardes em uma arvore ou no chão o ninho d'um passaro e sua mãi que está com seus filhos, ou sobre seus ovos, não retereis a mãi com seus pintinhos; mas, tomando os pintinhos, deixareis ir a mãi, a fim que sejaes felizes e vivaes largos annos.* (2) Se se portavam assim com fracos animaes, que seria pois com os homens? Mas (dizem) os Israelitas passaram á espada os Chananeos. Em primeiro lugar, não

(1) Hostis apud majores dicitur quem nunc peregrinum vocamus. Cicer.

(2) Deut. XXII, 6.

é este o unico povo em cuja historia vemos os vencidos immolados sem piedade pelos vencedores; abri os annaes dos Gregos e Romanos, nações que tanto gabaes e encareceis, que tecido de morticinios, que continuada ferocidade! Em segundo lugar, se os Israelitas destruiram os Chananeos, nisto obedeceram á ordem formal do Altissimo, que tinha reprovado estas nações idolatras. E porque os tinha elle reprovado? Porque não aprenderam nem com o castigo de Sodoma, nem com os exemplos que os Patriarchas lhes tinham dado; é porque não abriam os olhos ás maravilhas operadas em suas fronteiras, por espaço de 40 annos, em favor dos filhos de Jacob; é porque emfim desafiavam e fatigavam a justiça divina, por tempo quasi de dez seculos, com desordens inauditas e nefarios crimes em que viviam. Quem tem direito de dizer a Deus: Não vos é dado punir os culpados? Ora, o povo d'Israel era o instrumento de suas vinganças.

O que nos peza agora é não poder demorar-nos a examinar a legislação hebraica; ser-nos-hia tam agradavel como facil provar á evidencia a vantagem que o povo de Deus levava ás demais nações. Mas, este serio exame, homens sabios o teem feito (1), e no fim delle, os Livros de Moisés causam-nos a mais profunda admiração; e então é o conhecer quanto é superficial e estupida a impiedade do seculo passado, que ousou fazer ao Legislador hebreo tam indecentes criticas.

III. *Em a sociedade religiosa.* Quem se não envergonharia de pôr em parallelo a Religião dos Judeos com a idolatria que reinava por todo o mundo? Seria isto comparar o dia com a noute, o crime com a virtude, Deus com o demonio. Neste ponto fundamental, a vantagem que os Judeos levam aos pagãos jamais foi objecto de difficuldade; porque o que havia de verdadeiro e bom no paganismo não era mais que o debil clarão da revelação primitiva, de que os Judeos possuiam a plenitude.

(1) Veja-se a *Defeza da Legislação de Moisès* pelo Professor Brunati, de Bresse; M. Frère, *O homem conhecido pela Revelação*; Biblia de Vence, *pref. do Deuter.*

Havia um só templo, um só altar, onde era permittido offerecer sacrificios á divindade: era este um signal sensivel da unidade de Deus. Para representar sua magestosa soberania, não só o edificio sagrado era o mais grandioso de todo o reino, como tambem uma das maravilhas do mundo.

Alem do templo de Jerusalem, havia nas outras cidades edificios consagrados ao serviço divino, que se chamavam Synagogas, isto é, casas d'Assemblea. O serviço da Synagoga consistia em orações, eitura das Escripturas, e predicação. O povo se juntava nellas tres dias por semana, não contando os dias de festa e jejum. Havia em cada Synagoga certo numero de ministros encarregados dos exercicios religiosos, que nella se faziam: a maior parte eram sacerdotes ou levitas. Na falta destes, escolhiam-se os velhos mais venerandos por sua idade e virtudes.

Tres vezes cada anno, nas solemnidades da Pascoa, Pentecostes e Tabernaculos, todos os homens eram obrigados a comparecer em Jerusalem; tambem era permittido ás mulheres o irem alli. Em outra parte fallamos destas festas, e do modo como se celebravam. (1) Accrescentemos somente algumas minuciosidades. Estas grandes solemnidades duravam sete dias. No segundo dia da festa da Pascoa, levavam ao templo uma pavea de trigo novo, primicias da ceifa. As ceremonias que acompanhavam esta offerenda eram cheias de misterios. Deputavam os juizes tres homens para ir colher a pavea, no territorio de Jerusalem. Os Deputados perguntavam tres vezes á multidão reunida, se já o sol estava posto; e tres vezes respondiam que sim. Depois pediam tres vezes permissão de cortar a pavea, e tres vezes lh'a concediam. Em fim colhiam-na em tres differentes campos, com tres differentes fouces, e mettiam as espigas em tres bocetinhas para as trazer ao templo. Chegado o trigo, debulhavam-no em o atrio, e do grão que produzia, tomavam tres medidas de meia canada pouco mais ou menos. Depois de o terem joeirado muito bem, assado, e moido, botavam-lhe por cima uma certa quantidade d'oleo, ao qual juntavam um punhado d'incenso.

(1) Primeira parte, lição XXIX.

O sacerdote que recebia esta offerenda, estando diante do Senhor, agitava-a para as quatro partes do mundo: lançava uma parte sobre o altar, e o resto era para elle. Depois disto podiam todos começar a ceifa.

Na offerenda da pavea vê-se uma clara pintura do incruento sacrificio do Altar, que santifica as quatro partes do mundo. Esta salutar offerenda só começou depois que se poz o sol de Justiça, isto é, depois da morte do Salvador; e o seu objecto é conservar sua memoria. Emfim o numero de tres, numero misterioso, tantas vezes repetido, indica visivelmente a operação das tres pessoas da Santissima Trindade na grande obra da Redempção do mundo.

Sete dias depois d'offerecida a nova pavea, celebrava-se a festa do Pentecostes, na qual se offereciam ao Senhor dous pães, primicias da nova colheita.

No dia decimo quinto do setimo mez, depois da colheita de todos os fructos do anno, celevrava-se a festa dos Tabernaculos, que durava sete dias como as precedentes. Cinco dias antes celebrava-se a festa das expiações por um jejum geral. Era este o unico dia do anno em que o Summo Pontifice entrava no Sanctuario, para fazer a expiação dos peccados de todo o povo. Eis aqui as minuciosidades desta ceremonia:

Depois d'immolar um bezerro por seus proprios peccados e pelos de sua familia, entrava no Santuario o Summo Sacerdote, levando o turibulo com perfumes e o sangue do bezerro. Lançava os perfumes no fogo, para que o fumo que se levantava lhe interceptasse a vista da Arca da alliança. Depois molhando a extremidade do dedo no sangue da victima, aspergia sete vezes o propiciatorio que cobria a Arca.

Depois disto sacrificava pelos peccados do povo um de dous bodes que lhe apresentavam da parte de toda a nação. Tirava-o á sorte; aquelle em que cahisse era immolado. Tomava o Pontifice o sangue deste bode, e com elle aspergia o Santuario, todo o Tabernaculo, e o altar dos Holocaustos, para purificar o lugar santo e o altar de todas as impurezas dos filhos d'Israel. Offerecia a Deus o outro bode vivo; e pondo-lhe as mãos sobre a cabeça, confessava os peccados do povo, com os quaes encarregava, com imprecação,

o animal figurativo. Depois disto, mandava-o lançar ao deserto, de maneira que não tornasse a apparecer: chamava-se-lhe o bode *emissario*.

Estes dous bodes representavam o sacrificio unico do Salvador; que, encarregado dos peccados do povo, como o bode emissario, foi lançado fora de Jerusalem; e immolado como o outro bode, para nos purificar pela aspersão do seu sangue.

Os Israelitas, como já vimos, não eram mais que os rendeiros de Deus; elle só era o direito Senhor da Palestina. Para reconhecer este soberano dominio, tinha o povo obrigação de lhe offerecer uma parte de suas colheitas. Faziam-se estas offerendas antes de tocar nas searas, em nome de todo o povo.

Compunham-se da pavea e do pão de que acima fallamos; depois da ceifa, os particulares faziam iguaes offerendas, antes que fizessem uso dos novos fructos; chamavam a isto as primicias.

Não havia tempo fixo para as primicias dos particulares, nem se lhes determinava quantidade. Reuniam-se em bandos de oitenta pessoas, para levarem estas offerendas pomposamente ao templo. Cada bando trazia na frente um boi destinado ao sacrificio, coroado d'oliveira, e douradas as pontas. Cada um trazia em um cesto as primicias das suas terras; os ricos tinham cestos d'ouro ou prata; os pobres de vimes. Caminhavam com solemnidade, entoando canticos; e quando chegavam á montanha do templo, todos tomavam os cestos aos hombros, sem exceptuar o mesmo rei, se alli estava; e os levavam até ao atrio, onde os sacerdotes os recebiam com orações analogas a este acto de piedade.

O que fazia a offerta dizia: *Hoje reconheço perante o Senhor que entrei na Terra promettida a nossos pais; é por isso que offereço as primicias dos fructos da terra que o Senhor me deo.* (1) Feita esta oração, pouzava o cesto sobre o altar, prosternava-se e ia-se embora.

Ordenava mais a lei aos Hebreos o consagrar ao Senhor os primogenitos de seus filhos, e de seus animaes domesticos. Os fi-

(1) Deut. XXIX, 10.

lhos primogenitos eram resgatados a dinheiro. Tambem se podiam resgatar os primogenitos dos animaes impuros; mas eram sacrificados os animaes puros, e seu sangue derramado em torno do altar. Queimavam-lhes a gordura, e a carne, bem como as demais offerendas, pertencia aos sacerdotes: assim o Senhor o tinha ordenado.

Se os Israelitas tinham dias de festa, tambem tinham dias de jejum. A lei só impunha um dia de jejum geral, que era a dez do setimo mez, na festa das expiações; mas havia outros extrordinarios, como nas calamidades publicas, e mais afflicções particulares. Tambem se jejuava por simples devoção.

O jejum não consistia só em comer mais tarde; mas em mortificar-se de toda a maneira. Passavam o dia inteiro sem comer nem beber até á noute. Assim o praticam ainda não só os Judeos, como tambem os Mahometanos, que o imitam delles e dos primeiros christãos. Os jejuns publicos eram annunciados como as festas ao som das trombetas. Todo o povo de Jerusalem se reunia no templo; o das outras cidades nas praças publicas. Fazia-se leitura da lei, e os velhos mais venerandos exhortavam o povo a reconhecer seus peccados e fazer penitencia. Neste dia todos estavam em silencio, na cinza e no cilicio. Trajavam vestidos çujos e rotos, ou saccos, isto é, habitos estreitos e sem dobras, e por consequencia desagradaveis. Tambem lhe chamavam cilicios porque eram feitos de estofo aspero e grosseiro como borel. Tinham os pés descalços, a cabeça descoberta, mas coberto o rosto; até algumas vezes se envolviam em um veo para não verem a luz. Os Prophetas cuidavam muito em lhes advertir que todos estes signaes externos de penitencia não bastavam se não eram acompanhados de contricção sincera.

Comparai agora este culto dos Hebreos tam tocante, variado e grandioso, com as festas já ridiculas, já obscenas dos Gregos e Romanos; confrontai as iniciações dos misterios de Ceres ou os da deusa Venus, com as instrucções das grandes solemnidades da Pascoa, Pentecostes e Tabernaculos; não vos esqueça que é a Religião que inspira as nações, e forma seus costumes, e dizei-nos depois, com a mão na consciencia, se houve na antiguidade algum povo, que possa equiparar-se ao povo Judaico? E comtudo, este povo nada tinha que o podesse elevar a uma nação de primeira ordem, nem por seu

caracter, nem por seus estudos, nem por suas riquezas, nem por seu poderio. Prestai pois homenagem á Religião, e dizei: Por sua salutar influencia, foi o povo Judaico, de todas as nações antigas, o mais esclarecido, moral e feliz. Mas a Religião não lhes podia procurar todas estas vantagens, senão porque era boa; não era boa senão porque era verdadeira; não era verdadeira, senão porque vinha de Deus. Louvor e veneração de todo o meu amor e de toda a minha fé a esta Religião Judaica, que é o mais bello presente que o Ceo tenha feito á terra, depois da Religião christã, de que tenho a dita de ser filho; ou antes louvor e veneração á Religião unica, que existio sob os Patriarchas, sob a Lei de Moisés, e continua a existir no Evangelho para reinar pelos seculos dos seculos. (1)

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes dado a Religião aos homens; e por todos os bens de que ella é o manancial perenne. Fazei pois, Senhor, que sejamos doceis ás suas santas leis.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *respeitarei profunda e sinceramente todas as ceremonias da Igreja.*

(1) Veja-se Fleury, *Costumes dos Israelitas*, e Filassier, *Erasto*, t. 1.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

CATECISMO

DE

PERSEVERANÇA.

SEGUNDA PARTE.

I.ª LIÇÃO.

ESTADO DO MUNDO NA VINDA DO MESSIAS.

Estado politico e religioso dos Gentios. — Dominação Romana. — Idolatria. — Estado politico e religioso dos Judeos. — Divisão do seu territorio. — Dependencia dos Romanos. — Seitas: Phariseos, Essenianos, Sadduceos, Herodianos.

Acabamos de sahir do mundo antigo, para entrar no mundo novo, no qual devem cumprir-se, verificar-se, completar-se, as promessas, figuras, prophecias, e instrucções, cuja historia por tanto tempo nos tem occupado o espirito e commovido o coração. Antes porem de passarmos adiante, tratemos de conhecer este mundo novo, testemunha de tantas maravilhas.

O imperio Romano que, segundo a prophecia de Daniel, devia derribar e absorver a todos os mais, tocava o zenith da sua gloria; e abrangia em seu vasto recinto quasi todas as nações então conhecidas. Depois d'uma longa e sanguinolenta lucta, vencedor por terra e mar de seus numerosos rivaes, sentara-se Augusto tran-

quillo no throno imperial dos Cesares : repousava em paz o mundo todo, se tal nome podemos dar áquelle repouso momentaneo em que o escravo dorme embrutecido e carregado de ferros.

De facto, todas as nações, conquistadas e tributarias dos Romanos, gemiam sob a mais dura escravidão que jamais pesou sobre a terra. Todos os povos, á excepção dos Judeos, estavam sepultados nas trevas da idolatria : o universo não era mais que um immenso calabouço, e um vasto templo d'idolos ; jamais se vio tam profunda e universal corrupção. Não coravam os homens d'offerecer incenso ás mais ridiculas e infames divindades. Aqui adoravam o sol ou a lua ; alli a terra, a agua e o fogo; alem prosternavam-se diante dos bois, gatos, crocodilos, serpentes, e até diante dos legumes, que germinavam nas hortas. Não se contentavam com transformar bestas em deuses, metamorphoseavam os deuses em bestas ; pois que lhes attribuim as mais bestiaes e immundas paixões. Era povoado o olympo com tam abominaveis habitantes, que os puniriam neste mundo como a execrandos malvados. Seus exemplos, longe de persuadirem a virtude, offereciam por quadro da felicidade suprema o commetter todas as atrocidades e saciar todos os vicios. Não diremos com que ceremonias honravam os differentes povos a seus deuses immortaes, não o diremos ; toda a gente honesta sabe pelo que.

A gravidade romana não tratava a religião com mais seriedade; por uma parte, consagrava á honra dos deuses as impurezas do theatro e os sangrentos espectaculos dos gladiadores, isto é, tudo quanto possa imaginar-se de mais barbaro e corruptor ; por outra parte, adoptava todas as divindades das nações que seus capitães agrilhoavam ao seu carro triumphal. Não havia idolo por infame, culto por absurdo, a que a rainha do mundo não abrisse um asylo ; de sorte que chegou a contar oitenta collegios de sacerdotes e sacerdotizas, e trinta mil deuses. Os sabios, e os philosophos não tinham força para arrancar os povos deste profundo abysmo ; as mais das vezes eram ainda complices de seus erros e desordens. Não ha um só destes homens tam gabados, que não professasse suas maximas, que ninguem poderia referir sem corar de vergonha.

Tinha chegado o genero humano, diz Bossuet, a ponto de não

poder supportar a menor idea do verdadeiro Deus. Se alguem ouzasse dizer, contra o entender do vulgo, que as estatuas não eram deuses, era logo obrigado a desdizer-se; e ainda depois, era banido como impio. Toda a terra estava possuida do mesmo erro: a verdade não ousava apparecer, e o Deus Creador do mundo não tinha templo nem culto senão em Jerusalem.

Tal era o estado das nações no momento em que Deus ia cumprir a promessa tantas vezes reiterada d'um Reparador, que devia tirar os homens das trevas do erro, e do lodaçal dos vicios.

Quanto ao povo Judaico, unico que conservava o conhecimento e culto do verdadeiro Deus, tambem já estava em extrema penuria do Messias. Desde muito tempo, começara elle, não a esquecer-se do Deus de seus pais, mas a enxertar na Religião superstições indignas della. Havia em Israel quatro seitas principaes: os Phariseos, os Sadduceos, os Essenianos, os Herodianos. Como se falla delles muitas vezes na vida de Nosso Senhor, vamos descrevel-os, é preciso conhecel-os bem para comprehender o Evangelho.

No reinado dos Machabeos, desde o tempo de Jonatas, filho de Matathias, começou entre os Judeos a seita dos Phariseos. Pretendiam elles que Deus tinha accrescentado á Lei, dada no Sinai, grande numero de ritos e dogmas, que Moisés tinha feito passar á posteridade sem os escrever. Juntavam pois ao texto da Lei as tradições dos antigos, que se tinham conservado sem escriptura. Assim, sustentando o fundo da boa doutrina, misturavam-lhe comtudo muitas superstições, e as inculcavam ao povo por sua auctoridade. Viviam os Phariseos no meio do mundo, muito unidos entre si, mostrando exteriormente que eram simplices e austeros, mas na maior parte afferrados a seus interesses, ambiciosos, orgulhosos, e avarentos. Faziam timbre d'extrema exactidão na pratica exterior da Lei. Pagavam os dizimos não só dos fructos graudos, como tambem das mais pequenas hervas, do cominho, da hortelã e do milho miudo. Observavam o Sabbado com tal escrupulo que criminavam a Nosso Senhor por ter molhado uma pouca de terra com a ponta do dedo, para curar um cego no dia de Sabbado; e a seus discipulos, por terem arrancado de passagem algumas espigas, para comer o trigo. Jejuavam a miudo; alguns a duas vezes por semana, na segunda e sexta feira.

Davam esmola em publico, para que os notassem ; defumavam o rosto, para parecer que se mortificavam muito ; seduziam, com bellos discursos, o povo ignorante e as pessoas simplices, que se privavam de seus bens para os enriquecer. Persuadiram aos Judeos que o descender d'Abraham, segundo a carne, era uma distincção que naturalmente os realçava acima de todos os povos.

Daqui o soberbo despeito com que olhavam os Gregos, os Romanos e todos os estrangeiros. Como não cuidavam n'outra cousa, senão em se tornar distinctos e singulares, multiplicavam ao infinito as praticas exteriores, ao passo que negligenciavam o mais essencial da Religião, e publicavam todos os seus pensamentos, por mais ridiculos e contrarios que fossem á lei de Deus, como tradições authenticas.

Achamos estas pretendidas tradições, de que os Phariseos faziam tam grande misterio, nos livros hebraicos, escriptos cerca de cem annos depois da resurreição de Nosso Senhor. E' impossivel imaginar de que frivolas questões estam cheios estes livros. Eis aqui algumas : Será permittido no dia de Sabbado montar n'um jumento para o levar a beber, ou deverá levar-se pelo cabresto ? Será permittido no dia de Sabbado andar por um campo recentemente semeado, visto haver perigo de levar nos pés alguns grãos, e ir desta sorte semeando-os ? Será permittido no dia do Sabbado escrever tantas letras, quantas façam sentido ? Será permittido comer um ovo posto n'aquelle dia ? Na purificação do velho fermento antes da Pascoa : dever-se-ha começar a purificar de novo a casa, logo que se veja passar um ratinho, que leve algumas migalhas de pão ? E outros mil casos de consciencia desta estofa, de que está cheio o Talmud, com seus competentes commentarios. (1) Eis aqui os Phariseos. Nosso Senhor, que não perdia occasião de desmascarar sua hypocrisia, tambem não teve mais rancorosos e mortaes inimigos.

A segunda seita era a dos Saducceos. Ao que parece, regeitavam as tradições dos antigos, e só se agarravam á palavra escri-

(1) Veja-se Fleury, *Costumes dos Israelitas.*

pia que tomavam e interpretavam a seu sabor. Reconheciam que Deus creou o mundo por seu poder, e o governa por sua Providencia; que operara em favor dos Judeos um sem numero de prodigios, e que para os governar tinha estabelecido castigos e recompensas; mas criam que eram umas e outras puramente temporaes. Por este modo negavam a resurreição futura, e a immortalidade da alma; não serviam a Deus senão com a mira nos bens do mundo; e davam largas ás paixões e prazeres dos sentidos.

Tinham pouca união entre si, e menos auctoridade entre o povo: não eram muitos, mas eram os principaes da nação, e até alguns d'entre os sacrificadores. Nosso Senhor os confundio fazendo-lhes uma pergunta, a que não poderam responder. Eis aqui o sentido do que lhes disse: Credes na Escriptura, e não obstante negais a immortalidade das almas. Como succede pois que Deus se chama na Escriptura o Deus d'Abraham, d'Isac e de Jacob, muito tempo depois destes Patriarchas? Elle não é o Deus do nada, o Deus do que não existe. Conclui pois que estes Patriarchas não estam de todo mortos; porque Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.

A terceira seita era a dos Essenianos. Honravam a Moisés como primeiro Legislador; os que dissessem mal delle, tinham-nos por blasphemos e os condemnavam á morte. Oppunham-se aos Phariseos, porque regeitavam as tradições; e aos Sadduceos; porque criam na immortalidade da alma. Seus principaes erros eram negar a resurreição dos corpos, e considerar a alma como uma materia extremamente subtil, que, attrahida ao corpo por um encanto natural, nelle estava fechada como em uma prisão.

Os Sadduceos só viviam para o corpo; os Essenianos, pelo contrario, crendo que tudo que lisongeava o corpo augmentava a servidão da alma, professavam uma moral extremamente rispida. Fugiam das grandes cidades, tinham seus bens em commum, sua mesa era muito frugal. Davam muito tempo á oração e meditação da Lei. Sua maneira de viver parecia-se muito com a dos Prophetas. Taes havia que guardavam continencia e viviam uma vida toda contemplativa.

A quarta seita era a dos Herodianos. Logo pelo nome se co-

nhece que começaram a apparecer depois do reinado d'Herodes. Crê-se que era gente parcial d'aquelle principe; talvez soldados, officiaes, e cortezãos seus. Andavam unidos aos Phariseos; porque apparecem sempre juntos no Evangelho; e professavam uma moral muito perigosa, pois que Nosso Senhor julgou necessario precaver seus discipulos contra seu fermento. (1)

Os Phariseos, Sadduceos, Essenianos, e Herodianos eram pois as quatro seitas que enfeccionavam os Judeos quando chegou o Messias; e que falseavam a Religião de sorte, que o seu verdadeiro espirito estava a ponto de extinguir-se totalmente. Por outra parte, a verdade, agonizante no meio das nações, acabaria por definhar-se, se Deus não viesse logo em seu soccorro: jamais houve no mundo maior necessidade d'uma nova revelação. Não se fez esperar muito tempo; naquella hora suprema desceu do alto das eternas montanhas, radioso de luz, o Desejado de todas as nações.

Havia ainda entre os Judeos outras especies d'homens de que muitas vezes se faz menção no Evangelho. Fallamos dos Scribas. Chamavam-se assim os homens instruidos, os doutores da Lei, cujo officio era copiar ou explicar os livros santos. Alguns attribuem a origem destes Scribas ao tempo de Moisés, outros ao de David, outros ao de Esdras, depois do captiveiro. Eram estes doutores muito estimados dos Judeos, e tinham a mesma dignidade dos sacerdotes e sacrificadores, supposto fossem differentes as suas funcções.

Havia tres especies distinctas: os *Scribas da Lei*, cujas decisões eram tidas em grande conta; os *Scribas do povo*, que eram magistrados; emfim os *Sribas communs*, que eram os notarios publicos ou secretarios do Sanhedrio.

Ao conhecimento dos homens, no meio dos quaes devia o Filho de Deus passar sua vida mortal, accrescentemos algumas minuciosidades ácerca do paiz que ia ser santificado por sua divina presença.

Quando nasceu o Messias, estava dividido em tres provincias o territorio da Palestina: a Samaria, a Galilea e a Judea propriamente

(1) Veja-se Pluquet, *Dicc. das Herés.* disc. prelim.

dita. Já vimos que a nação Hebraica, composta de doze tribus, se tinha dividido em dous reinos, no tempo de Jeroboão, filho de Salomão. As dez tribus scismaticas tomaram o nome de reino d'Israel, do qual Samaria foi a capital. Em castigo de sua idolatria, vieram os reis d'Assyria, que assolaram este paiz, e o reduziram a um deserto. Em lugar dos antigos habitantes, levados captivos para Ninive, mandou Salmanasar colonos estrangeiros estabelecer-se alli. Estes novos habitantes, tendo levado seus idolos para a Terra santa, foram quasi inteiramente devorados por leões.

Tendo noticia desta catastrophe Assaradão, rei de Ninive, enviou um Padre Judeo, com nova colonia, para estabelecer alli o culto dos Samaritanos. Esta colonia abraçou a Religião judaica, e os novos Samaritanos se appellidaram *os proselytos dos leões*, porque o temor destes animaes os convenceu a seguir a Religião dos Judeos; da qual, não obstante, discrepavam em tres pontos fundamentaes: 1.° De toda a Escriptura santa somente recebiam os cinco livros de Moisés; 2.° regeitavam as tradicções dos doutores hebreos, e atinham-se unicamente á palavra escripta; 3.° sustentavam que se devia render o culto a Deus na coroa do monte Garisin, onde os Patriarchas o tinham adorado; em quanto que os Judeos queriam, e com rasão, que se lhe não offerecessem sacrificios senão no templo de Jerusalem.

Os Judeos por tanto consideravam-nos a todos scismaticos, e era tal o odio que lhes tinham, que se julgavam contaminados só com embarrar por elles: na sua lingua, o nome de Samaritano valia uma grande injuria. Taes eram estes novos habitantes do antigo reino d'Israel.

A segunda provincia da Palestina, no tempo do Messias era a Galilea. Perto da metade das dez tribus captivas em Ninive valeram-se de certas circumstancias para regressar successivamente e em bandos a uma parte das terras do reino d'Israel, que antes habitavam. Alli reedificaram muitas cidades, e a terra que occupavam, na qual estava a pequena cidade de Nazareth, chamava-se a alta e baixa Galilea. Tambem chamavam Galilea das Nações áquella parte que confinava com Decapole ou Syria de Damasco; por-

que os Israelitas alli viviam juntos com os Gentios, em sociedade civil, supposto que separados em materia de Religião.

A terceira provincia da Palestina era a Judea propriamente dita, isto é, o territorio das duas tribus de Juda e Benjamin, occupado pelos restos que vieram do captiveiro de Babylonia. Os Hebreos que habitavam esta parte da Palestina, e estavam senhores de Jerusalem e do templo, chamavam-se propriamente os Judeos. Seus Summos Sacerdotes tiveram successivamente o nome de chefes da nação santa, até que os Romanos, conquistando a Palestina, obrigaram os Judeos a receber um principe nomeado pelos conquistadores.

Foi então que a Judea ficou reduzida a uma provincia sob o dominio d'Augusto e seus successores, e os mesmos Judeos, reconhecendo os Cesares por seus soberanos, perderam o direito de mandar justiçar os criminosos, que condemnavam á morte, sem licença e permissão do imperador ou do presidente que governava em seu nome. Nada inculca melhor que o sceptro de Juda lhe havia cahido das mãos. Os filhos de Jacob, lembrados da celebre predição de seu pai moribundo, comprehenderam então que o reino do Messias não estava longe. Veremos na seguinte lição como a sua espectativa era bem fundada.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por terdes vindo pessoalmente em auxilio da verdade, que perecia por toda a terra; e nos haverdes tirado das trevas do paganismo, esclarecendo-nos com a luz admiravel do Evangelho. Permitti, pois, ó divino Redemptor do mundo, que não sigamos jamais a outro mestre senão a vós.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *estudarei com grande applicação esta segunda parte do Catecismo.*

II.ª LIÇÃO

NASCIMENTO DO MESSIAS.

Espectação geral. — Entre os Judeos, — entre os Gentios, — no Oriente e Occidente. — Decreto do Imperador Augusto. — Jornada a Bethlem. — Nascimento do Messias. — Circumcisão. — Adoração dos Magos.

Depois que Alexandre passou ao Oriente, estiveram os Judeos sujeitos a differentes principes; supposto que os Summos Sacerdotes conservassem o titulo e auctoridade de chefes da nação. Estes reis estranhos tinham sido já avarentos, já crueis, já impios, já perseguidores; saquearam os thesouros do templo, assollaram o reino, proclamaram o culto dos idolos, e suppliciaram o santo velho Eleazar, a mãi dos Machabeos e seus sete filhos. Em fim os Romanos, não contentes com extorquir d'este povo, por natureza livre, um pesado tributo, impozeram-lhe de mais a mais a seu despotismo soberano.

Os Phariseos, e o povo, que só attendiam ao seu amor proprio, supportavam com impaciencia esta dura condição. Quanto mais opprimidos eram dos Gentios, maior odio lhes tinham, e com maior despeito os olhavam. Não admittiam outra idea do Messias, que não fosse a d'um guerreiro, formidavel ás nações que os subjugavam. D'est'arte, deslembrados de todas as prophecias, que tam expressamente fallavam de suas humilhações, não quizeram ver nem ouvir mais que as que annunciavam seus triumphos, tam differentes comtudo dos que elles queriam: foi este o erro fatal que os conduzio ao deicidio.

Não esqueçamos que esta cegueira é mais uma prova a favor

das prophecias ; por quanto , estava predito, expressamente predito, que o povo escolhido seria infiel , ingrato, incredulo ; que negaria o Christo ; que lhe daria a morte ; que em consequencia disto os Judeos seriam reprovados ; que andariam errantes , sem Rei, sem Sacrificio, sem Altar , sem Propheta ; esperando a salvação sem encontral-a. (1)

Todavia , instruidos pela prophecia de Jacob , que assignava , para a vinda do grande Libertador, o momento em que o sceptro de Juda passaria a mãos estranhas, os Judeos, neste momento, estam em uma grande espectativa. Já dão ouvidos a todos os impostores que promettem, dizendo-se o Messias, libertal-os do jugo das nações; juntam-se a elles e os seguem , com uma facilidade de que não havia exemplo. (2) A historia nos assegura que o principal motivo da espantosa guerra, que então sustentaram contra os Romanos , foi um oraculo das Escripturas Sagradas , aonde se annunciava que n'aquelle tempo surgiria em sua patria um homem , que dominaria em toda a terra. (3)

Esta espectativa da proxima chegada do Messias não era particular e exclusiva dos Judeos : todas as nações do mundo a partilhavam. Assim cumpria que fosse ; porque d'outra sorte, como teriam os Prophetas chamado ao Messias *o Desejado de todas as nações* ? Os Gentios deviam este conhecimento do Redemptor futuro já á tradição primitiva , já ao commercio com os Judeos , desde muitos seculos espalhados em grande parte do mundo. « Havia uma *geral* persuasão, diz Tacito, que os antigos Livros dos Sacerdotes annunciavam, que nesta epocha o Oriente prevaleceria , e que da Judea sahiriam homens que se tornariam senhores do mundo. » (4)

Toda a Asia estava agitada. Um grave e celebre historiador do imperio Romano, Suetonio, que viveu n'aquelles tempos , attesta

(1) Dan. IX, 26 ; Oseas, III.

(2) Act. V, 36, 37, etc.

(3) Josepho, *de Bello Judaico*, l. VI, c. V. n. 4.

(4) Pluribus persuasio inerat, antiquis sacerdotum litteris contineri, eo ipso tempore fore, ut valesceret Oriens, profectique Judæa rerum potirentur. *Historiæ* l. V, n. 13.

positivamente que: « Por todo o Oriente andava um rumor geral; fallava-se d'uma opinião antiga e constante, de que n'aquella epocha, segundo os decretos do destino, a Judea daria senhores ao universo. » (1)

No Occidente, o mais bello genio do imperio Romano, Virgilio, interprete da expectação geral, cantava a proxima vinda do Filho de Deus que, descendo do Ceo, vinha restaurar a idade d'ouro na terra, apagar o crime, e fazer perecer a serpente. (2) Em summa, esta viva e geral espectativa do Messias achava-se em todos os povos, por mais desfigurada que estivesse entre elles a Religião primitiva. (3) « Tradições immemoriaes, diz um sabio inglez, derivadas dos Patriarchas e diffundidas por todo o Oriente, concernentes á queda do homem e promessa d'um Mediador futuro, fizeram com que todos os povos pagãos, pelo tempo da vinda de Jesu-Christo, estivessem esperando pela apparição d'um personagem illustre e sagrado. » (4)

(1) Percrebuerat Oriente toto vetus et constans opinio, esse in fatis, ut eo tempore Judæa profecti rerum potirentur. *In Vespas.* n. 4.

(2) Virgilio, na sua quarta Ecloga, não fez mais que revestir das gallas da poesia o oraculo da Sibylla de Cumes. Não é por ventura cousa bem notavel que esta Sibylla descreva o reino do Messias, quasi nos mesmos termos que o Propheta Isaias? S. Justino Martir aconselhava a leitura destes oraculos aos pagãos, a fim de os preparar para os mysterios do Christianismo. A' medida que se aproximava o *Desejado* das nações, derramava-se pelo mundo uma extraordinaria luz. Eram os primeiros clarões da estrella de Jacob, que estava prestes a surgir entre nós, e Cicero annuncia uma lei eterna, universal, lei de todas as nações e de todos os tempos: Um só senhor commum, que seria o mesmo Deus, cujo reino ia começar. Nec erit alia lex Romæ, alia Athenis, alia nunc, alia posthac; sed omnes gentes, et omni tempore una lex et sempiterna et immortalis continebit, unusque erit communis quasi magister et imperator omnium Deus. Cicer. de Repub. lib. III, apud Lactant. divin. inst. lib. VI, c. 8. Veja-se *Redempção do genero humano*, por Schmidt; *Jesu-Christo perante o seculo*, etc. etc.

(3) M. Drach. *nas suas notas sobre a Biblia*, 1.° *capitulo do II livro dos Reis.*

(4) M. Maurice.

Os maiores inimigos da Religião não poderam negar esta espectativa universal do Libertador. « As tradições sagradas e mythologicas dos tempos anteriores á ruina de Jerusalem, diz um famoso impio, tinham propagado por toda a Asia um dogma perfeitamente analogo ao dos Judeos, ácerca do Messias. Não se fallava senão d'um grande Mediador, d'um Juiz final, Salvador futuro, Rei, Deus, Conquistador e Legislador, que devia restabelecer a idade d'ouro na terra, livral-a do imperio do mal, e restituir aos homens o reino do bem, a paz, e a felicidade. » (1) Era tam viva esta crença que, segundo uma tradição dos Judeos, consignada no Talmud e n'outros livros antigos, grande numero de Gentios se apresentaram em Jerusalem pela mesma epocha do nascimento de Jesu-Christo, a fim de verem o Salvador do mundo, quando viesse resgatar a casa de Jacob. (2)

Por tanto é um facto certo e averiguado, tam claro como a luz do sol, que antes da vinda de Nosso Senhor, não só os Judeos, mas todos os povos da terra, esperavam um Libertador; é igualmente certo e averiguado que, depois da vinda de Nosso Senhor, esta geral espectativa desappareceu. Que se ha de concluir destes dous factos? Das duas uma, ou que todos os povos, esperando ao Messias e reconhecendo como tal a Jesu-Christo, segundo as Prophecias e tradições primitivas, se enganaram; ou que Jesu-Christo é verdadeiramente o Desejado das nações.

Ora, o mundo estava nesta religiosa espectativa, silencioso e attento, com os olhos fitos na Judea; havia já 500 annos que se não ouvia em Israel a voz d'um Propheta; quando de repente um principe da corte celeste, o Archanjo S. Gabriel, é enviado por Deus, a uma pequena cidade da Galilea, chamada Nazareth, a uma Virgem desposada com um homem da casa de David, por nome Joseph; e a Virgem se chamava Maria. O Anjo, entrando em sua casa, disse-lhe: Ave Maria cheia de graça, o Senhor é comtigo, bemdita és tu entre as mulheres.

(1) Volney, *As Ruinas*, ch. XXII, n. 13.
(2) Talmud, cap. 11.

A estas palavras do Anjo, Maria turva-se, e, em sua humildade, procura comprehender a rasão d'uma saudação tam respectuosa. Não temas, Maria, lhe disse o Anjo, achaste graça diante de Deus. Conceberás e parirás um filho, a quem porás o nome de Jesus. O Espirito Santo descerá sobre ti, e a virtude do Altissimo te assombrará toda. E' por isso que o Santo por excellencia, que nascera de ti, será o Filho de Deus. O Senhor o assentará no throno de David seu Pai; reinará eternamente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim. A humilde Virgem responde: Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a sua palavra. Então o Anjo desapparece, e o Homem-Deus é formado pelo Espirito Santo no casto seio de Maria.

Tal é a simplicidade sublime, com que o Evangelho refere o maior dos misterios. Fim supremo dos quarenta seculos do mundo antigo, a Incarnação do Verbo é o ponto de partida de todos os seculos modernos até á eternidade. Neste facto culminante encontra-se a explicação de todos os successos, a rasão da elevação e ruina dos imperios do Oriente e Occidente, a ultima palavra da acção de Deus sobre o genero humano.

Dissemos que a Santa Virgem e S. Joseph habitavam em Nazareth; comtudo estava escripto que o Messias nasceria em Bethlem: o seu nascimento na cidade de David era um signal por onde deviam reconhecel-o. Deus, que faz concorrer ao cumprimento de seus designios as mesmas paixões dos homens, serviu-se da vaidade e avareza do imperador Augusto, para conduzir a Bethlem Maria e Joseph. D'est'arte o orgulhoso imperador foi, sem o saber, o humilde ministro do grande Rei, que do alto do Ceo governa o mundo pela sua Providencia.

De facto, appareceu n'aquelle tempo um edicto de Cesar Augusto, mandando fazer o arrolamento de todos os habitantes da terra; em virtude do qual todos os subditos do imperio Romano foram inscrever-se cada um na cidade de que era oriundo. Como Joseph era da casa e familia de David, passou da Galilea á Judea, da cidade de Nazareth á de David, que se chamava Bethlem; para se fazer inscrever com Maria sua esposa. Chegados á patria de seus Avós, percorreram todas as ruas buscando onde se alojassem. Jul-

gaes sem duvida, que n'uma cidade onde tinham tantos parentes achariam sem custo uma generosa hospitalidade? Ah! não succedeu assim; responderam-lhe seccamente: Não ha lugar para vós. Assim é que o Salvador começava a soffrer, ainda mesmo antes de entrar no mundo.

Maria e Joseph tiveram de sahir da cidade, e procurar azylo no campo. Encontraram uma gruta que servia de curral aos rebanhos, e alli resolveram passar a noute. Era, segundo a era vulgar, no anno do mundo 4:004, mil annos depois da dedicação do templo de Salomão, 752 annos depois da fundação de Roma, aos vinte cinco dias do mez de dezembro, pela hora da meia noute: estavam prehenchidos os tempos, tinha soado a hora da Redempção do genero humano, e o Verbo Eterno, incarnado no seio da Virgem purissima, fez sua entrada no mundo. (1)

(1) O Ceo e a terra estavam de mãos dadas para annunciar, cada um em sua lingua, a plenitude dos tempos e a hora para sempre solemne da nossa Redempção. A' voz dos Prophetas e das tradições juntava-se a *voz* dos astros. No seu *Symbolico dos Sonhos* M. Schuberr, professor em Munich, estabeleceu por uma multidão de calculos astronomicos, que os astros prediziam a seu modo a vinda de Nosso Senhor Jesu-Christo; que o anno Sabbatico, anno de perdão e renovação, estava calculado sobre suas revoluções; que os astros renovavam o seu curso cada vez que a terra se renovava para a Penitencia. Mostra elle que todos os povos da antiguidade conheciam esta linguagem dos astros, e sabiam o grande successo, a grande reconciliação, que annunciavam. " Mas, diz elle, todas estas harmonias particulares tendiam para uma harmonia mais completa e sublime no movimento de Urano, o mais elevado, e remoto dos planetas. No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo, Urano, cujo tempo de rotação ao redor do sol abraça e contem o de todos os outros planetas, completava a sua quinquagesima revolução. Ora, pode considerar-se com rasão o anno de Urano como o unico real e completo do systema planetario, pois que então é que todos os astros, ainda os mais remotos, começam de novo o seu curso.

Pois foi precisamente nesta epocha, em que todo o systema planetario reunido celebrou o seu primeiro anno de reparação e reconciliação, que todas as Prophecias se cumpriam, e os Anjos do Ceo e os habitan-

Logo que nasceu, Maria Santissima, sua mãi, o envolveu em mantilhas e o deitou sobre o presepio. Todavia o Filho de Deus não quiz que o seu nascimento ficasse occulto aos homens, para os quaes tinha elle *descido dos Ceos*; mas foi aos simples e aos pobres, antes que aos sabios e ricos, que lhe aprouve manifestar-se. Havia n'aquelles arredores pastores que guardavam seus rebanhos. De repente o Anjo do Senhor lhes appareceu: uma repentina luz se derramou em torno delles, e ficaram muito assustados. Mas o Anjo lhes disse: Não tenhaes receio, porque venho annunciar-vos uma nova que será para todo o povo um grande motivo de jubilo: Hoje vos nasceu um Salvador na cidade de David. E' o Christo, o Senhor, e eis os signaes por onde o reconhecereis: achareis um menino enfaixado e deitado em um presepio. E logo uma numerosa multidão da celestial milicia começou com o Anjo a louvar a Deus e a dizer: « Gloria seja a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade. » Oh! sim, a Deus a gloria, aos homens a paz; eis o fim para que nasce o divino menino, eis o fim de todo o Christianismo. Para o conseguir, que nos cumpre fazer? Não carecemos riquezas, nem sciencia, basta-nos a boa vontade.

tes da terra cantavam unisonos com os coros harmoniosos das espheras: " gloria seja a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa von- " tade. ,,

Esta epocha coincidia com o fim da semana do anno sabbatico, no qual, segundo uma antiga predição, Deus havia de firmar a sua alliança com os seus.

D'est'arte, neste grande relogio do universo, cujo destino primitivo era marcar o tempo, todas as rodas, todas as molas particulares, estavam, desde o principio, de tal sorte dispostas e collocadas pelo mesmo Creador, que todas se referiam á grande hora em que Deus havia de fazer amanhecer o dia determinado de toda a eternidade, e celebrar o grande anno da renovação e perdão. Todo o universo, nas grandes proporções da sua coordenação e das suas disposições interiores, annunciava pois, como o livro da revelação, aquelle por quem e para quem fora feito o estelifero Ceo.

Logo que os Anjos desappareceram, começaram os pastores a dizer uns para os outros: Vamos a Bethlem, e vejamos o que succede. Foram a toda a pressa, e acharam Maria, e Joseph com o menino deitado no presepio. Então estes pastores, primeiros apostolos do recemnascido Jesus, publicaram os prodigios que tinham presenceado. Todos aquelles que os ouviam ficavam summamente maravilhados, em quanto que a Santissima Virgem nada perdia de todas estas cousas, e as meditava em seu coração. Assim se passou esta noute para sempre memoravel.

Ao fim de oito dias, foi o menino circumcidado; porque a circumcisão fazia-se oito dias depois do nascimento do menino. Nesta circumcisão, derramando as primicias de seu divino sangue, recebeu o Messias o nome de Jesus, que quer dizer Salvador. Nome misterioso, que lhe fora dado pelo Anjo, ainda antes de ser concebido no seio da Santissima Virgem; nome adoravel, ante o qual dobram o joelho o Ceo, a terra, e os infernos; nome incommunicavel, que ninguem senão o Messias verificou em toda a sua extensão.

E' verdade que dous homens celebres da historia santa, Josué, successor de Moisés, e Jesus, filho de Josedech, tinham tido este nome; mas que immensa distancia entre aquelles salvadores figurativos, e o que representavam! Como a Terra promettida, na qual Josué introduzio os Moabitas, era apenas a imperfeita imagem do Ceo; e o restabelecimento das observancias legaes pelo filho de Josedech, na volta do captiveiro, era só uma sombra da perfeição Evangelica, e da adoração em espirito e verdade; assim o nome de Jesus, dado áquelles grandes homens, não era mais que um symbolo do omnipotente nome, pelo qual deviamos ser reconciliados com Deus e restabelecidos na herança dos Santos.

Joseph e Maria estavam ainda em Bethlem, quando Deus, querendo mostrar que seu Filho era, segundo as predições dos Prophetas, o Desejado das nações e Salvador de todos os homens, fez brilhar no Ceo uma estrella extraordinaria. Este milagroso astro tinha sido annunciado aos Gentios mais de doze seculos antes, pelo nome de estrella de Jacob. Appareceu ella no Oriente; os Magos a reconheceram, e entenderam que era nascido o Messias Desejado. Uma

tradição constante nos assegura que os Magos eram reis; e que eram em numero de tres: o nome de Magos quer dizer sabios. Apenas descobriram a estrella, não resistiram á graça, mas pozeram-se a caminho para a Judea.

Conduzidos pela celeste guia, chegaram a Jerusalem no tempo do rei Herodes. Onde está o Rei dos Judeos, que acaba de nascer? perguntaram elles; porque nós vimos a sua estrella no Oriente e viemos para o adorar. A esta nova, perturbou-se Herodes, e toda Jerusalem com elle, e tendo convocado os Principes dos sacerdotes e os Escribas da nação, perguntou-lhes onde devia nascer o Christo? Instruidos pelas prophecias, não hesitaram um momento, e disseram-lhe: Em Bethlem de Juda; porque está escripto: *E tu, Bethlem de Juda, não és a menor das principaes cidades de Juda, pois de ti sahirá o conductor do meu povo Israel.* (1)

Então Herodes, que juntava a crueldade do tigre á dissimulação da raposa, resolveu desfazer-se deste novo rei. Fallou em segredo aos Magos, soube o tempo em que tinham visto apparecer a estrella, e os enviou a Bethlem dizendo-lhes: Ide, procurai cuidadosamente o menino, e quando o achardes, avisai-me para que eu vá tambem adoral-o.

Herodes fazia este raciocinio: se a indagação se fizer em meu nome e pelos meus, a desconfiança fará esconder o menino; quando pelo contrario todos procurarão descobril-o a estes bons Orientaes, de quem ninguem suspeita. Até aqui raciocinava com subtileza; mas não raciocinou quando decretou a degolação dos innocentes. Com effeito, este morticinio era inutil se o Messias não fosse nascido; e se o fosse, Deus, que o tinha promettido ao mundo, não podia permittir que fosse envolvido na mortandade geral. D'est'arte, em quanto Herodes foi subtil, Deus rio-se da sua subtileza; quando desarrasoado, permittio-lhe que commettesse, sem nenhum proveito seu, um crime que o tornou execravel a todos os seculos. Sabios e Poderosos do mundo, como sois parvos e miseraveis quando pretendeis oppor-vos aos designios de Deus!

(1) Math. II, 6.

Entretanto, ouvindo os Magos o que lhe dizia Herodes, partiram sem desconfiar de nada, e antes bem dispostos a satisfazer seu pedido. Ora, a estrella, que tinham visto no Oriente, tornou a apparecer-lhes, e caminhava adiante delles, até que parou no lugar onde estava o menino. Ao ver a estrella, foi grande a sua alegria, e entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãi, e prosternando-se o adoraram. Depois, abrindo seus thesouros, offereceram-lhe presentes d'ouro, incenso, e myrrha. Assim se cumpriram no menino de Bethlem o que disseram os Prophetas: *Os reis de Tharsis e de Sabá lhe offerecerão presentes, elles lhe darão ouro d'Arabia.* (1)

Eram estes presentes misteriosos: pelo ouro reconheciam os Magos a realeza de Jesu-Christo; pelo incenso, a divindade; pela myrrha, que servia a embalsamar os corpos, a humanidade passivel e mortal. Nós os imitaremos, diz um Padre da Igreja, offerecendo a Deus o ouro da charidade, o incenso da oração, e a myrrha da mortificação. Os Magos foram as nossas primicias; por elles começou a vocação dos Gentios, e d'aqui vem a extraordinaria alegria com que celebramos a festa dos Reis. Não nos admiremos que os sabios do Oriente reconhecessem, sem hesitar, o menino de Bethlem pelo Redemptor do mundo, eram brilhantes provas de sua divindade os soffrimentos, humilhações, e desapego absoluto em que o viram. E'-me preciso um Salvador, diz Bossuet, que, por seu exemplo, calque aos pés o fausto e os falsos bens dos filhos d' Adam: por este signal o reconhecerei.

Com effeito, para comprehender o prodigioso abatimento em que o Messias, tam magnificamente predito, se offerece á nossa vista, basta lembrar-nos do fim para que elle veio ao mundo. Vinha o Salvador para apagar o peccado, isto é, reconciliar o homem com Deus, satisfazer á justiça de seu Pai, e curar o genero humano dos males que nasceram do peccado. Para expiar, devia pois soffrer; porque não ha expiação sem soffrimento, sem effusão de sangue. Por este motivo Jesu-Christo soffre desde que entra no mundo; sua vi-

(1) Ps. 71.

da não é mais que uma dor prolongada ; emfim , nasce no presepio e morre na cruz.

As consequencias do peccado em relação ao homem são a ignorancia do que deve amar , a concupiscencia ou o amor cego , desregrado , tirannico das creaturas. Para o livrar destas consequencias , deve o Messias ensinar-lhe a desprezar todas as cousas do mundo, e referir o seu amor a Deus , aos bens eternos ; eis porque elle calca aos pés as honras, as riquezas, os prazeres ; eis porque nasce, vive e morre na pobreza e nas humilhações. E' por este titulo que se mostra o verdadeiro medico do homem decahido , o seu verdadeiro Salvador.

ORAÇÃO.

O' meu Deus ! que sois todo amor , eu vos dou graças por nos terdes enviado o Salvador , tantas vezes promettido e tam anciosamente esperado ; não permittaes , Senhor , que o desconheçamos, como os Judeos ; dai-nos antes a docilidade dos pastores e a fé dos Magos , para que entendamos como elles , que para apagar o peccado do mundo é que Jesus nasceu, e viveu, e morreu em pobreza , humilhação e soffrimento.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas , e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus ; e, em testemunho deste amor, *quero imitar a doçura e humildade do menino Jesus.*

III.ª LIÇÃO.

VIDA PRIVADA DO MESSIAS.

Purificação. — O velho Simeão. — Fugida para o Egypto. — Morticinio dos Innocentes. — Regresso a Nazareth. — Jesus no templo.

Esperava Herodes a volta dos Magos; e, como contava com elles para seus fins, parece que não tirou outras informações ácerca do novo rei dos Judeos. Entretanto os Magos, sendo avisados em sonhos a não tornar a tratar com aquelle perfido, voltaram para a sua terra tomando por outro caminho. Joseph e Maria aproveitaram a tranquillidade em que estavam, para cumprir dous novos artigos da lei de Moisés. Ordenava um a todas as mulheres que tivessem dado á luz um filho, que fossem purificar-se ao Templo depois d'um certo numero de dias; mandava o outro, que todo o filho primogenito fosse offerecido ao Senhor.

Maria, a quem sua divina fecundidade só a tornara mais pura e mais virgem, foi todavia ao Templo confundir-se com o commum das mulheres. Grande exemplo d'humildade e obediencia, que nos ensina a seguir em tudo a ordem estabelecida por Deus, sem procurar isenções ou dispensas. Jesu-Christo, pela sua parte, sendo Deus, era muito superior á lei de Moisés, que mandava offerecer ao Senhor todos os primogenitos. Todavia quiz submetter-se á lei commum, e foi levado a Jeruzalem quarenta dias depois do seu nascimento; offereceu-se, pelas mãos de seus pais, a seu divino Pai, e lhe apresentou, pela primeira vez, em seu Templo, uma hostia sua: Deus não permittio que esta sublime offerenda ficasse occulta.

Havia neste tempo em Jerusalem um santo velho, chamado Simeão. Era um homem justo, que esperava com ansiedade o Consolador d'Israel. Tinha-lhe sido revelado que não morreria sem ver o Christo do Senhor. Conduzido por uma inspiração divina, veio elle ao Templo, quando o pai e a Mãi do menino Jesus o levavam alli, para cumprir a seu respeito o que era costume segundo a lei, isto é, para offerecel-o ao Senhor, e resgatal-o depois dando-lhe cinco ciclos de prata, como ordenava o livro dos numeros, porque a offerenda do cordeiro, ou das rolas era somente pela purificação da mãi.

O santo velho não teve só a fortuna de ver o Redemptor do mundo, mas a de o tomar em seus braços. Então transportado d'uma santa alegria, e animado do espirito dos Prophetas, deu graças a Deus, e predisse os futuros triumphos deste divino menino: « Agora pois, Senhor, exclama elle, deixareis morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra; porque viram os meus olhos a Salvação que nos enviaes, e que havieis preparado á vista de todas as nações, para ser a luz dos Gentios, e a gloria do vosso povo Israel. »

Em quanto a Santissima Virgem e S. Joseph estavam admirados do que dizia o santo velho, que lhes fallava dos futuros destinos do divino Menino, e da espada ou dor agudissima que trespassaria o coração da Mãi, veio tambem ao templo uma santa viuva, chamada Anna. Verdadeira filha de Jacob, anhelava ella a vinda do Messias. Viuva aos sete annos de casada, tinha passado a vida até aos oitenta em jejuns e orações: o Templo era sua ordinaria residencia. Apenas conheceu o Salvador, juntou a sua voz á de Simeão, e testemunhou em canticos e louvores a sua alegria e gratidão.

Quanto é bello ver estes dous venerandos velhos, unicos confidentes com Joseph e Maria do nascimento do Redemptor, dando testemunho da sua divindade, e morrendo sem pezar, por terem visto aquelle que é a Resurreição e a vida! Dignos filhos d'Abraham, mais felizes que vosso pai, pois vistes com vossos proprios olhos Aquelle, cujo dia, entrevisto desde tantos seculos, fez exultar de jubilo a vosso illustre avô! Depois disto nada mais quereis

ver, e rasão tendes. Depois de ver a Jesu-Christo, que mais ha que ver? E nós Christãos, que nos resta a desejar, depois que, mais felizes do que Anna e Simeão, recebemos, não tanto nos braços, mas no coração, o Desejado das nações, a gloria d'Israel? Que cantico deverá resoar no santuario de nossa alma, senão o daquelle santo velho: Agora pois, Senhor, me deixareis morrer em paz; assas vivi: estam saciados os meus olhos!

Havia pelo menos quarenta dias que o Messias nascera; e Herodes, vendo que os Magos não voltavam, resolveu, aceso em ira, destruir a todo o custo aquelle menino que o assombrava, e affogal-o no berço em um mar de sangue. Mas que são contra Deus os conselhos dos homens! O Anjo do Senhor appareceu em sonho a Joseph e disse-lhe: Levanta-te, toma o menino e sua mãi, foge para o Egypto, e não voltes até que eu te avise; porque Herodes vai procurar o menino para o matar. Levantou-se Joseph, e sem mais demora, tomando o menino e a mãi, partio para o Egypto.

O proceder de S. Joseph, nesta conjunctura, foi sempre considerado como o modelo d'uma *perfeita* obediencia. (1) Foi ella simples e sem raciocinações; não allega S. Joseph que, para guardar seu Filho do furor d'Herodes, tinha Deus uma infinidade de meios, muito menos penosos para o menino, para a mãi, e para elle mesmo; pelo contrario, obedece prompta e immediatamente. Avisado de noute, não esperou pelo romper do dia. Foi obediencia generosa e cheia de confiança na Providencia divina; porque partio sem preparativos nem provisões. Era elle pobre, carecido de tudo; mas, possuindo Jesus e Maria, quanto era rico! Chegou a santa familia felizmente ao Egypto, e alli ficou em quanto aprouve a Deus deixar a seu Filho nesta especie d'exilio. (2)

Herodes, que o fazia ainda em Bethlem ou por aquelles arredores, não se esqueceu, pela conta do tempo em que a estrella ap-

(1) Veja-se S. Chrysostomo *in Math.* c. II.

(2) O Evangelho não refere minuciosidade alguma ácerca da morada da Sacra Familia no Egypto. Ha uma tradição que diz, que no momento que o Filho de Deus poz pé n'aquella terra idolatra, baquearam

parecera aos Magos, que o menino que ella annunciava poderia ter cerca de dous annos. Feito este calculo, reunio sufficiente numero de soldados, e os mandou a Bethlem com ordem de degolar n'aquella cidade e seus arredores todos os meninos de idade de dous annos e d'ahi para baixo.

Executou-se a ordem do novo Pharaó, e o sangue dos innocentes correu a jorros no territorio de Bethlem. Feriam o ar os gritos e lamentações das desoladas mãis; mas as lagrimas não lhes restituiam os queridos filhos, innocentes victimas d'um barbaro rei, que os sacrificava á sua emulação. Estavam inconsolaveis; e então se cumpriram as palavras que o Senhor pronunciara pela boca do Propheta Jeremias: Ouvio-se uma voz em Rama, grandes lamentações, grandes gritos; é Rachel que chora por seus filhos, e que não pode consolar-se, pois que ja não existem. (1)

Entretanto nada lucrou Herodes em derramar rios de sangue, senão foi acender a colera do Ceo, e merecer a execração da terra. Pouco depois desta barbara execução, perdeu com a vida o throno, que a tanto custo pertendia conservar.

Apenas desceu ao tumulo, appareceu o Anjo do Senhor a Joseph em sonhos, e disse-lhe: Toma comtigo o menino e sua mãi e volta para a terra d'Israel; porque são mortos os que procuravam o filho de Maria para o matar. Joseph, sem perder tempo, dispoz-se a obedecer. Tomou comsigo a Jesus e Maria, e deixando o Egypto, poz-se a caminho para a terra de seus pais, cumprindo assim a palavra do Propheta Oseas, ácerca do Messias. *Eu chamei a meu*

em terra todos os idolos. S. Brigida, cujas revelações nos dizem os Soberanos Pontifices que se podem crer piamente, assegura-nos que Deus lhe revelara, que a Sacra Familia muitas vezes passara alli fome e necessidade de pão. Oh, como nos enternece este pensamento!

(1) Herodes levou tam longe os seus barbaros crimes, que envolveu no morticinio a um de seus proprios filhos. *Foi por esta occasião*, diz Macrobio, author pagão, *que o imperador Augusto engraçadamente disse: que antes quizera ser o porco d'Herodes que não o filho; alludindo á lei dos Judeos, que lhes defendia a carne de porco.* Saturnal. c. IV.

Filho do Egypto. Mas como soubesse que Archelao reinava na Judea, em lugar d'Herodes seu pai, receiou ir para alli. Por um novo aviso do Ceo retirou-se para Galilea, e estabeleceu sua residencia em Nazareth, a fim de cumprir o oraculo do Propheta, pelo qual o Filho de Deus devia chamar-se o Nazareno: palavra que ao mesmo tempo exprime a santidade, e perfeita consagração do Salvador, bem como o lugar onde passou a maior parte da sua vida mortal.

Um dia havia Jesus d'abandonar a cidade de Nazareth, para entrar na extensão da sua missão, e lançar, por seus trabalhos, os fundamentos da sua Igreja. Entretanto, importava que alli estivesse occulto, ou pelo menos se não distinguisse mais que por seu caracter manso, sua submissão, e aquella singular docilidade, que o torna um filho mais amavel que o commum dos homens, sem que por isso demostre que elle é o Filho de Deus.

Admiravel disposição da Providencia, que faz da mesma inacção do Messias um espectaculo divino! A humilde habitação que encerrava todos os thesouros do Ceo, parecia aos olhos dos homens a pobre casa d'um artifice, aonde se via reinar a paz, a simplicidade e o amor do trabalho. Não havia que procurar alli estes rasgos deslumbrantes que enriquecem as historias dos heroes profanos. Mas é d'est'arte que se preparava o reino do Redemptor; é deste modo que o Filho de Deus continuava as suas lições d'humildade e pobreza, que começara a dar-nos no presepio; é assim que se mostrava verdadeiramente o Salvador do mundo, expiando, por suas humilhações voluntarias, o ultrage que a orgulhosa revolta do peccado fizera a seu Pai; e curando, pelo solemne desprezo das riquezas e grandezas do mundo, o homem eivado do amor de seus falsos bens.

Durante o reinado d'Archelão, filho de Herodes, é provavel que Joseph e Maria não levassem a Jerusalem o Filho de Deus, para celebrar a grande festa da Pascoa. Era de temer não despertassem as suspeitas e ciumes do rei da Judea com a sua presença, e a daquelle menino, a quem poderiam conhecer na capital, tanto mais porque a sua apresentação tinha dado brado entre alguns fieis.

Passados cerca de dez annos, foi Archelão deposto pelos Ro-

manos, e o imperador Augusto adjudicou a si a coroa da Judea. Desde esta epocha, o governo da provincia foi confiado pelos Cesares a um prosidente de sua nomeação. A Galilea ficou sob o dominio d'Herodes Antipas, irmão d'Archeláo. Este Herodes é o mesmo que mandou degolar S. João Baptista, e a quem o Salvador foi enviado por Pilatos, no tempo de sua Paixão. (1)

A mudança de principes moderou o receio em que vivia a Santa familia de Nazareth. Joseph aproveitou a situação pacifica da Judea para conduzir todos os annos de Nazareth a Jerusalem Jesus e Maria sua mãi, a fim de solemnisar na casa de Deus a festa da Pascoa. Em uma destas jornadas, quiz o menino Deus começar, de um modo proporcionado á sua idade, o exercicio da sua missão. Tinha então doze annos, e havia ido a Jerusalem com Maria e Joseph, para celebrar a Pascoa d'aquelle anno.

Acabada a solemnidade, que durava sete dias, nos quaes não era permittido comer senão pão asmo, voltaram para Nazareth Joseph e Maria. Não duvidavam que o menino Jesus, que nunca os tinha abandonado, viesse alli perto delles, porque iam em bandos para suas casas. Supposto que o não vissem, nem por isso se inquietavam, crendo que vinha com alguns de seus parentes e amigos.

Causa admiração que fizessem uma jornada inteira sem suspeitar a ausencia de seu caro Filho, ou antes nada inculca melhor a confiança que tinham de sua prudencia e obediencia. Todavia, ao resto da tarde, procuraram por elle entre os parentes e mais pessoas de seu conhecimento. Foi em vão; ninguem lhe dava noticias delle; e pode julgar-se qual seria o excesso de sua afflicção. Não esperando consolações de ninguem, resolveram tornar de madrugada a Jerusalem, aonde suppozeram que o menino teria ficado.

(1) Deus vingou neste perverso principe a morte de João Baptista e as irrisões feitas a Nosso Senhor. Accusado de querer excitar revoltas na Judea, e não podendo justificar-se diante de Caligula, que de mais a mais não gostava d'elle, foi desterrado para Leão com Herodiada, aonde morreram ambos miseravelmente.

Que lugar tinha escolhido Jesus para seu retiro? Que soccorros tinha achado para subsistir dous dias, que esteve separado de Joseph e Maria? E' o que se não sabe. Feliz o Israelita fiel, que recolheu em sua casa o menino Deus, durante este curto intervallo, se é certo que honrou com sua presença alguns dos habitantes de Jerusalem! O Filho de Deus não estava isento de precisões, porque por sua livre vontade se quiz sujeitar á nossa condição; mas podia comtudo dispensar os auxilios que nos são necessarios; desde a mais tenra idade tudo o que pedisse a seu Pai seria infallivelmente concedido á dignidade de sua pessoa. Foi no terceiro dia depois da Pascoa que a Santissima Virgem e S. Joseph, entrando no Templo, acharam seu bem amado Filho, cuja ausencia lhes foi tam dolorosa.

Era costume antigo que em certos dias os mestres em Israel, os Escribas e Doutores da lei, se reuniam em alguns dos vestibulos exteriores do Templo de Jerusalem. Alli, assentados em cadeiras altas, formavam uma especie de semi-circulo, em cujo centro se collocavam aquelles que queriam ouvir seus discursos, e as explicações que faziam das divinas Escripturas.

Escolheu Jesus este dia d'Assemblea Religiosa, e quiz metter-se entre os mais, para assistir á instrucção ordinaria. Tinha então apenas doze annos; mas todos os thesouros da graça, da prudencia e da sciencia estavam encerrados nelle, desde o primeiro instante da sua conceição: somente não ostentava senão o que convinha a sua idade; se algumas vezes ia mais longe, era só quanto bastasse para attrahir sobre si a attenção dos Judeos, e dispol-os para os fructos do seu Evangelho. Assim se houve na importante occasião de que vamos fallando.

Mestre e doutor de todos os homens, escutava com doçura os orgulhosos mestres, cuja hypocrisia e ignorancia havia de desmascarar e confundir d'ahi a alguns annos. Entretanto, pois, que não ensinava com uma auctoridade bem differente daquella, com que se impavesavam os Escribas e Phariseos, aproveitou-se da permissão que tinham os ouvintes d'interrogar os mestres.

A sabedoria divina assim brilhava nas suas perguntas como nas suas respostas. Nunca se vira, em tam verdes annos, tanta madu-

reza, nem tam amplos conhecimentos. Assim o julgavam e diziam todos, e não se fartavam de admirar o maravilhoso menino de Nazareth. A Santissima Virgem e S. Joseph, que tinham vindo tambem ao templo, partilharam esta admiração geral.

Acabada a instrucção, entendeu Maria que tinha direito de se queixar amorosamente ao Salvador, que lhes occultasse elle seus designios, e lhes causasse por sua ausencia tam dolorosas inquietações. Meu filho, lhe disse com respeito e ternura, porque usaste assim comnosco? Eis que te procuramos, cheios d'afflicção, teu pai e eu. (1) Porque me procuraveis? lhes respondeu Jesus; não sabieis que cumpre empregar-me nas cousas concernentes a meu Pai? Admiravel resposta! Que nos ensina a todos, sem excepção de ninguem, que a vontade do Pai celeste deve preferir-se a todas as considerações humanas, e a todas as ternuras do sangue. O rigor apparente desta resposta do Salvador, quiçá o usou de proposito, para dar força a esta grande lição.

Tendo depois partido com elles, tornou para Nazareth, *e lhes era submisso.*

Estas quatro palavras encerram trinta annos da vida de Jesu-Christo. Estar submisso a duas de suas creaturas, é este pois todo o emprego do Filho de Deus, do Salvador do mundo? E submisso em que? Nos mais humildes exercicios, na pratica d'uma arte mechanica! (2) Onde estam aquelles que se queixam, quando seus empregos não correspondem á sua capacidade, ou digamos melhor, ao seu orgulho? Onde estam os filhos, os inferiores, os subditos, que

(1) Porque lhe chama pai? Joseph não era, *segundo a carne*, pai de Jesus, que não tem outro Pai senão Deus; mas Deus transmittio seus direitos a Joseph; é elle que faz as vezes de pai de Jesu-Christo; é elle o encarregado de o criar, e alimentar na sua infancia. Como esposo de Maria, tem mais um titulo, mais um direito de se chamar pai deste bem amado filho; pois que partilha com a Santissima Virgem os cuidados e auctoridade paterna.

(2) Filius hominis non venit ministrari, sed ministrare. Math. XX, 28. — Nemo ambigat Dominum Jesum cum ad huc in puerili esset ætate, obsequia præstitisse Mariæ, ipsique Josepho. S. Laur. Justin. *de*

murmuram contra a obediencia? Que venham a Nazareth, que entrem em casa de Joseph e de Maria, e vejam ahi o Filho de Deus! O' soberba, exclama Bossuet, arrebenta diante deste espectaculo! Mas direis vós, não tendo mais que trinta e tres annos a viver na terra, para instruir o genero humano, e fundar uma Religião; e passar trinta no silencio e obscuridade! onde está aqui a sabedoria divina? Pois eu respondo que a sabedoria divina fulgura tanto na vida privada do Redemptor, quanto nella nos ensina o Filho de Deus com a mesma eloquencia que na sua vida publica. Sondai o misterio; lembrai-vos d'uma vez para sempre que a soberba foi a origem de todos os males; que é a paixão mais difficil de desarreigar-se; e vereis logo que trinta annos d'obediencia e humildade, da parte de Deus, não foi de mais para curar o vicio da soberba.

Alem disso, não vedes que esta dependencia, esta pobreza, este trabalho obscuro e penoso, preparam a espantosa revolução, que mudou as ideas e sentimentos do universo? que fez dar ás dignidades o nome de *cargos*? que ensinou aos superiores que elles são os primeiros servidores de seus subditos? que santificou o trabalho e ennobreceu a seus olhos os mercenarios e artifices? isto é, as tres quartas partes do genero humano, mostrando-lhes um Deus feito seu companheiro, ganhando o pão com o suor do rosto, e supportando sem queixume o cansaço e a fadiga? Não reparaes tambem com que exactidão cumpre o menino de Bethlem, o artifice de Nazareth, em sua pessoa, os oraculos dos Prophetas concernentes ao Messias? Poderia elle provar melhor a sua divindade, e alcançar a fé universal, base da sua Religião? Não vêdes emfim que em Nazareth, como no Calvario, o Messias desempenha a missão d'expiador? Não sabeis que os seus trabalhos e suores, seus soffrimentos, e seu sangue, teem um peso egual na balança da justiça; porque uns e outros são d'um preço infinito? Pensai bem nisto, e, penetrados de gratidão, admirareis como Jesu-Christo se mostra, assim na sua vida privada, como na publica, o Redemptor e Salvador do genero humano.

obed. c. VIII. — Sæpe focum, crebroque cibum parat officiosus, vasa labat, bajulat undam de fonte, nuncque domum scopit. Gers. *in Joseph* lib. III.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes dado em vosso Filho um tam perfeito modelo das virtudes da nossa idade.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *imitarei a obediencia do menino Jesus.*

IV.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

PRIMEIRO ANNO.

Prégação de S. João Baptista. — Baptismo de Nosso Senhor. — Seu retiro no deserto. — Suas tentações. — Nupcias de Caná. — Os vendilhões expulsos do Templo.

Nosso Senhor, que nascera para expiar os peccados do mundo, e destruir suas consequencias, trabalhava ha trinta annos em reprimir as paixões do homem, praticando, para instrucção de todos os seculos, a mais perfeita humildade, obediencia e pobreza; tal era, na obscura casa de Nazareth, a sua occupação constante. Chegou

em fim o tempo em que Deus seu Pai havia de o manifestar ao mundo: acompanhemol-o neste novo theatro do seu Apostolado.

S. João Baptista, seu precursor, vivia no deserto desde a infancia, para onde tinha ido por inspiração divina. Destinado ao mais sublime ministerio de que pode honrar-se um mortal, preparava-se para elle o Baptista pelo retiro e austeridade de sua vida. Vestia S. João uma pelle de camelo; cingia-lhe os lombos uma cintura de couro, e seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre. (1) Assim aguardava, e accelerava sem duvida, por suas orações, o dia da sua propria manifestação, que devia ser como a aurora do grande Sol que estava prestes a esclarecer o mundo: chegou emfim este tam desejado momento.

No decimo quinto anno do reinado de Tiberio, successor d'Augusto, quando a Judea, então provincia do imperio romano, era administrada em nome do Cesar por um presidente romano, chamado Poncio Pilatos, sendo Herodes tetrarcha da Galilea, e no Pontificado dos dous Summos Sacerdotes Annas e Caiphas, (2) tendo Jesus chegado aos trinta annos, ouvio-se no deserto a voz de Deus que fallou a João, filho de Zacharias, ordenando-lhe que sahisse logo do seu retiro, a fim de preparar o povo para o Evangelho, exhortando-o á penitencia. Assim se cumprio esta palavra do Propheta Isaias: Eis que eu envio o meu Anjo diante da tua face, a fim de preparar o caminho diante de ti. O novo Elias, cheio do espirito de Deus, caminhou para as margens do Jordão, e ahi começou as suas predicações. Não fallava senão em conversão e penitencia; pois é pela reforma do coração que se abre a porta á fé e ao Evangelho.

Pela fama de suas primeiras prégações, acudiram os peccadores em multidão; e, confessando seus peccados, baptizava-os o Pre-

(1) Plinio, e outros authores antigos, fallam d'uma especie de gafanhotos de que se sustentava o povo miudo entre os Orientaes. Teem elles talvez quatro pollegadas de comprido, e um dedo de grossura pouco mais ou menos.

(2) Note-se com que exactidão o Evangelista aponta as datas: não é esta, por certo, a tatica dos impostores.

cursor no rio Jordão. O mesmo povo, deslumbrado do esplendor de suas virtudes, queria persuadir-se que João era o Messias, e todos estavam nesta idea.

Para os tirar d'um erro que podia vir a ser perigoso, falloulhes o humilde Baptista nestes termos: Em verdade, eu vos dou a todos um baptismo d'agua, a fim que façaes penitencia; mas aquelle que vem apôs de mim, é mais poderoso; eu não sou digno de me prostrar diante delle, para lhe desatar a correa de suas sandalias: é elle que vos dará o baptismo do Espirito Santo, e do fogo.

Este baptismo é o Sacramento da regeneração, que o Salvador havia d'instituir depois; este fogo é aquelle que desceu sobre os Apostolos no dia do Pentecostes; e o mesmo pelo qual o Espirito Santo continua a purificar o coração dos verdadeiros fieis. A grande humildade de João Baptista não obstava a que suspirasse por ver o Messias, que annunciava com tanta magnificencia; e cujo rosto ainda não havia tido a felicidade de contemplar: não se differiram por muito tempo as suas esperanças.

Partio Jesus de Nazareth, distante cerca de vinte leguas dos desertos da Judea, onde João continuava a prégar, e baptizar. O divino Salvador, que não conhecia peccado, mas que por amor de nós se fizera o peccado mesmo, tomando sobre si toda a sua divida, dignou-se entrar na multidão dos peccadores, e encetar com elles o caminho da penitencia. Foi pois ter com João, para que o baptizasse; mas o filho de Zacharias escusava-se dizendo: Eu é que devo receber o baptismo de vós, e vós vindes para o receber de mim! Jesus respondeu-lhe: Deixa-me obrar assim agora, pois importa que se cumpra toda a justiça. Oh! sim, importava que, para curar o homem e expiar o peccado, continuasse o Salvador do mundo a dar todos os exemplos da mais profunda humildade; e que, por um acto solemne e publico, se declarasse o grande penitente do mundo. Então João não resistio mais ao desejo de seu divino Senhor, e baptizou a Jesus nas aguas do Jordão.

Sahindo Jesus da agua, a tempo que fazia sua oração, os Ceos se abriram, e o Espirito Santo, na figura visivel d'uma pomba, desceu e se fixou sobre elle, ouvindo-se ao mesmo tempo uma voz

do alto, que dizia: Este é o meu filho bem amado, em quem tenho posto toda a minha complacencia. João Baptista e todos os que estavam presentes viram descer o Espirito Santo, e ouviram a voz celeste; porque para elles se fazia tudo isto. A Santissima Trindade começava a declarar-se mais distinctamente, e os animos estavam preparados para os grandes misterios que Jesu-Christo ia em breve revelar ao mundo. O baptismo que Jesu-Christo acabava de receber, não era para elle uma ceremonia inutil, mas sim uma publica profissão de penitencia; por isso quiz exercer em si todos os rigores della, e mostrar d'antemão á sua Igreja como a devia prescrever a seus filhos, em todos os futuros seculos.

Sahio pois do Jordão, cheio do Espirito Santo, cuja impulsão o conduzio ao deserto, onde esteve quarenta dias e quarenta noutes. Em todo este tempo foi sua occupação uma oração continua e um tam rigoroso jejum, que não tomou nenhuma sorte d'alimento. Morreria desfallecido, a não ser por um milagre da Omnipotencia de Deus; mas o que o soberano Senhor tinha muitas vezes feito por amor de seus servos, e por effeito de sua pura misericordia, não era para temer o recusasse á dignidade da pessoa, e merito da obediencia de seu bem amado Filho.

No fim dos quarenta dias do seu jejum, quiz o Salvador experimentar a fome, e resolveu conceder á natureza o alimento que por tanto tempo lhe recusava; porem não tinha chegado ainda o termo de suas provas. Depois de ter domado a fome, careceu de combater o demonio. Modelo de todos os homens, dignou-se o Salvador provar todas as nossas miserias e tentações, a fim de nos ensinar a supportar umas e triumphar d'outras. Ora, as nossas tentações reduzem-se a tres, assim como todas as paixões que se nutrem em nós: o amor do prazer, o orgulho, e a ambição. Foi por estes tres lados que o demonio atacou Nosso Senhor.

1.° Pelo amor do prazer. — O tentador, aproximando-se, disse-lhe: Se es o Filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pão. Jesus se contentou com responder ao seductor: Está escripto: Não é só de pão que vive o homem; mas de toda a palavra, que sahe da boca de Deus; isto é, de tudo que lhe apraz dar ao homem, para seu sustento. Isto nos ensina que, longe de sacrificar nossa

alma aos prazeres, e ainda ás necessidades do corpo, cumpre confiar na Providencia e esperar tudo da sua bondade.

2.° Pela soberba. — Não se deu Satanaz por vencido no recontro; mas antes depois d'atacar o Salvador pela parte que lhe pareceu mais fraca; isto é, pela fome que então soffria, accommette-o agora pela parte mais forte; isto é, pela sua confiança em Deus. Esforça-se por fazel-a degenerar em orgulhosa presumpção. Havendo-o transportado á cidade Santa, collocou-o sobre o pinaculo do Templo, e disse-lhe: Se es o Filho de Deus, precipita-te d'ahi abaixo; porque está escripto: Elle encarregou a seus Anjos do cuidado de tua pessoa, para que velem na tua conservação, e elles te levarão nas mãos, por modo que não tropeces em alguma pedra. Tambem está escripto, lhe disse Jesus: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

3.° Pela ambição. — Depois desta resposta, julgou Satanaz que devia jogar as ultimas. Transportou Jesus ao cimo d'uma montanha muito alta, e no mesmo instante lhe fez ver todos os reinos do mundo, com toda a sua gloria, e disse-lhe: Eu te darei todas estas cousas, se, prostrando-te diante de mim, me adorares.

A blasphemea era horrivel, e a proposta digna do principe dos demonios. O Salvador por tanto, tomando o tom em que importa responder á proposta d'um crime, respondeu-lhe: Vai-te, Satanaz, porque está escripto: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás. Então, acabadas todas as tentações, ausentou-se o diabo; (1) e immediatamente vieram os Anjos, e chegando ao Salvador o serviam e lhe ministravam alimentos.

(1) Cum dicitur Deus homo, vel in excelsum montem, vel in sanctam civitatem a diabolo assumptus, mens refugit, humanæ hoc audire aures expavescunt. Qui tamen non esse incredibilia ista cognoscimus, si in illo et alia facta pensamus. Certe iniquorum omnium caput diabolus est, et hujus capitis membra sunt omnes iniqui. An non diaboli membrum fuit Pilatus? an non diaboli membra Judæi persequentes et milites crucifigentes Christum fuerunt? Quid ergo mirum, si ab illo permisit in montem duci, qui se pertulit etiam a membris illius crucifigi? non est ergo indignum Redemptori nostro quod tentari voluit, qui venerat occidi.

Foi para nossa instrucção que o Salvador quiz ser tentado. Vemos pois que elle se preparou contra as tentações pela oração, o jejum e o retiro; e quando chegaram, repellio-as pela fé, soccorrendo-se logo a Deus. E nós, fracos como somos, esperaremos vencer as nossas tentações, não tendo para oppor ao mais violento e manhoso de todos os inimigos, mais que uma alma dissipada, uma carne mimosa, um coração desvanecido, um espirito soberbo, animado de paixões ruins, e esquecido das verdades da salvação? Em fim, por aquelle misterioso banquete, servido pelos Anjos, mostra-se-nos a alegria que a tentação procura á alma, que a sabe vencer; bem como á corte celeste, que presencea a lucta e a victoria.

Era chegado o tempo em que Jesus, segundo a vontade de seu Pai, ia consagrar-se inteiramente á prégação do Evangelho, e entregar-se sem reserva ás contradicções inseparaveis d'uma tal missão. A obra de que estava encarregado era grande e difficil: a Judea, Galilea, Samaria, todas as provincias da Palestina, careciam da cultura evangelica. Era o campo que lhe destinava o Pai de familia; a terra ingrata, que a seus cuidados e suores corresponderia com espinhos e abrolhos; onde carecia semear muito, para colher pouco; grangear a herdade com summa fadiga, e não ter a consolação de ver com seus proprios olhos os fructos sasonados. Demais, o tempo era curto; pois que para esta laboriosa empreza, cujo termo era uma cruz infame, não se lhe concedia mais que tres annos.

Não o assustaram os trabalhos; e os amargos fructos, que haviam de ser a recompensa, longe de o desanimarem, tornaram-se objecto de seus votos. Via elle na successão dos seculos Deus, seu Pai, dignamente honrado, o homem salvo, o mundo christão. Sua vida, até então obscura e pacifica, tornou-se uma continua serie de trabalhos, fadigas e soffrimentos, que terminou alfim pelos horrores do Calvario.

Justum quippe erat, ut sic tentationes nostras suis tentationibus vinceret, sicut mortem nostram venerat sua morte superare. *Greg. homil. in Matth.*

Ao sahir do deserto, tornou Jesus ás margens do Jordão; onde o Baptista continuava a prégar a penitencia, e a proxima manifestação do Messias. E' neste momento que, avistando-o ao longe, e indigitando-o na presença de todo o povo, o santo Precursor exclama: Eis o Cordeiro de Deus, que apaga os peccados do mundo!

Nesta memoravel occasião, chamou o Senhor os seus primeiros discipulos: André com Simão Pedro, seu irmão, e Philippe, todos tres da cidade de Bethsaida. Tam depressa proselytos como Apostolos, foram logo em seguimento do Messias, e o acompanharam a Caná de Galilea.

Pouco depois que chegaram a esta cidade, houve alli umas bodas. A ellas assistio a Santissima Virgem; cuja maneira de viver, humilde, simples e modesta, nada tinha comtudo de singular. Rogaram-na para assistir á celebração do casamento, e dignou-se aceitar o convite. Jesus foi tambem convidado com seus discipulos. Foi sobre tudo por amor delles, e para santificar as nupcias por sua presença, que o Salvador se dignou assistir a uma festa que, quanto ao mais, era perfeitamente honesta e legitima. A Religião não condemnaria esta sorte de prazeres, se não excedessem os seus justos limites. Mas a desgraça é que os homens não sabem moderar-se, e talvez importa cortar pelos usos, para prevenir os abusos.

Estes, comtudo, não deviam temer-se n'um banquete a que assistiam Jesus e Maria; mas a alegria que os devia acompanhar esteve a ponto de perturbar-se por um accidente bem desairoso para os donos da casa; o qual foi, que estando-se quasi no fim do banquete, começou a faltar o vinho. Maria Santissima conheceu o embaraço em que estavam, e sem esperar que recorressem á sua mediação, voltando-se para Jesus disse-lhe: Não teem mais vinho. Mulher, lhe respondeu o Salvador, que ha de commum entre tu e eu? Ainda não chegou a minha hora. (1) Lendo esta curta resposta de

(1) Segundo o texto grego, podem estas palavras do Salvador offerecer outro sentido, que nos parece preferivel. *Mulher, que tem isso comtigo e comigo?* O' vós que sois a mulher por excellencia, Mãi sem deixar de

Jesus a sua Mãi Santissima, talvez nos preoccupemos de sua apparente severidade; porque o Salvador pelo gesto, pelo tom de voz, podia adoçar o que nos parece duro em suas palavras. Nem quizera o mais terno dos Filhos affligir a mais querida e amada de todas as mãis; quereria sim, ensinar, não a Maria que o não ignorava, mas a seus discipulos e parentes, que não faria elle milagres por considerações de carne e de sangue. Bem conheceu Maria, que seu Filho lhe concedia o que pedira, e assim disse aos que serviam á mesa: Fazei tudo o que vos elle disser.

Estavam alli seis urnas de pedra, destinadas para as purificações dos Judeos, as quaes levavam cada uma duas ou tres medidas. Jesus lhes disse: Enchei as urnas de agua. Encheram-nas até cima. Depois accrescentou: Agora tirai o liquido, e levai-o ao director do banquete. Assim fizeram. Logo que este provou a agua que havia sido mudada em vinho, como não soubesse donde tinha vindo, chamou o noivo e disse-lhe: Todos costumam dar o melhor vinho no principio, e depois que os convidados teem bebido bastante então se serve o que não é tam bom; porem vós guardastes o melhor para esta hora. Fez Jesus este primeiro milagre em Caná, na Galilea; e por elle patenteou o seu poder, e confirmou a seus discipulos na fé que tinham nelle.

Depois foi com sua mãi e seus discipulos a Capharnaum, onde poucos dias se demoraram. N'esta opulenta e populosa cidade, é que o Salvador fez d'ora em diante a sua maior residencia; ella foi como que o centro das suas missões. Estava situada nos confins das tribus de Zabolão e Nephtali, aonde o Jordão desagua no mar da Galilea, ou de Tiberiades.

ser Virgem, que nos importa, a vós e a mim, que não tenham mais vinho? Sabeis que este excitador das paixões não é necessario para a unica geração, que seja digna de Deus, de vós e de mim. *Ainda não chegou a minha hora* ainda que a hora de fazer milagres não chegou ainda para mim, comtudo vós fallastes e isso me basta; eu a anticiparei em consideração de minha mãi. Assim, na primeira parte da resposta, revela o Salvador a sublime dignidade de Maria; na segunda, presta homenagem ao seu valimento e poder omnipotente.

Foi passeando á beira deste mar, ou antes deste grande lago, que Jesus chamou mais dous Discipulos, Thiago e João, filhos de Zebedeo, que eram pescadores de profissão, como Pedro e André. Vinde e segui-me, lhes disse o Salvador. E deixando logo seu pai e suas redes, foram com elle. Que exemplo de fidelidade aos impulsos da graça! D'alli partio Jesus, acompanhado de seus discipulos, para Jerusalem; aonde chegou poucos dias antes da festa de Pascoa, com intenção de a celebrar com os Judeos, e dar-nos mais um exemplo de obediencia á lei e á auctoridade legitima. Logo em chegando tornou-se notavel por uma acção, que attrahio sobre elle todas as attenções. Entrando no templo com seus Discipulos, irritou-se d'um abuso ja antigo, ou antes d'uma escandalosa profanação, que acendeu o seu zelo. Os interesseiros judeos faziam no recinto da casa de Deus uma especie de feira, onde não temiam vender bois, carneiros, e pombas, para os sacrificios.

Não pôde soffrer o Salvador um tal escandalo. O lugar santo, que assim profanavam tam indecentemente, era a habitação de seu Pai; cumpria-lhe vingar a irreverencia de seus adoradores. Armou-se d'um azorrague de cordas, e muito mais daquelle ar d'auctoridade, que costuma tomar um amo indignado contra insolentes escravos; e dando nos profanadores, os lançou fóra a todos do templo, com as ovelhas e os bois, derribou as mesas dos cambistas, e lhes arrojou por terra o dinheiro. Tirai isto d'aqui, disse elle aos que vendiam pombas, e não façaes da casa de meu Pai uma casa de trafico.

O grande milagre desta acção, foi o fazel-a Jesus sem a preparar por algum milagre. Como succedeu que de tantos homens interessados, que não o conheciam, nenhum ousou resistir-lhe, ou abrir a boca para defender-se? E' evidente que a presença da divindade impressionou os profanadores. E de facto, qual não seria seu susto e pavor, ao ver este homem desconhecido, que os tractava com tal auctoridade, chamando á casa de Deus a casa de seu pai?

Esta acção estrondosa ensina-nos que respeito devemos ter ás nossas Igrejas, muito mais santas que o templo de Jerusalem; e mostra-nos qual é a charidade do Salvador, ainda no meio do mais abra-

sado ardor do seu zelo. Mandou elle aos que vendiam pombas, que as tirassem d'alli; pois se os tratasse como aos mais, voariam, e ficariam seus donos sem ellas. Jesus, querendo amedrontal-os a todos, a nenhum pretendia prejudicar; pois assim cumpre que o zelo seja temperado pela prudencia e moderado pela charidade.

Ficou Nosso Senhor algum tempo em Jerusalem e na Judea; converteu ainda um sabio doutor da Synagoga, chamado Nicodemos, a quem explicou, em conversação particular, todo o sistema do Christianismo. A fama de seus feitos em breve o obrigou a retirar-se da capital. Partio pois para a Galilea com seus Discipulos, indo por Samaria: a seguinte lição nos informará desta jornada.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador tam compassivo, que quiz experimentar todas as nossas tentações, a fim de nos ensinar a vencel-as; permitti pois, Senhor, que lhes resistamos promptamente, sigamos como os Apostolos a nossa vocação, e tenhamos na Igreja o respeito devido á vossa casa.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *resistirei promptamente ás tentações do demonio.*

V.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

PRIMEIRO ANNO.

A Samaritana. — Condescendencia do Salvador. — Agua da graça. — Annunciação da lei nova. — Cura d'um possesso, — d'um paralytico. — Poder de perdoar os peccados. — Escolha dos doze Apostolos.

Havia o Salvador partido da Judea n'uma estação muito calmosa; caminhou a pé toda a manhã, e pela hora do meio dia chegou aos suburbios d'uma cidade de Samaria, chamada Sichar. Fatigado do caminho, sentou-se na borda d'um poço, chamado a *fonte de Jacob*. Separaram-se delle seus discipulos, e foram todos comprar provisões á cidade.

Estando ausentes, vem uma mulher d'alli tirar agua ao poço, e Jesus lhe disse: Dá-me de beber. Como assim, lhe respondeu aquella mulher, conhecendo que elle era Judeo, como me pedis de beber, sendo vós Judeo e eu Samaritana? Porque os Judeos tinham horror aos Samaritanos, a quem olhavam e tratavam por corruptores da lei de Moisés.

O bom Pastor, que tinha attrahido para junto de si esta desgarrada ovelha, e intentava ganhal-a, não quiz entrar nesta contestação. Se conhecesses, lhe disse elle, o dom de Deus, se soubesses quem é aquelle que te diz: Dá-me agua para beber, póde ser que elle te desse uma agua viva e vivificadora, que te não teria recusado. O Salvador entendia fallar-lhe da agua da graça, e das luzes do Evangelho.

A mulher de Sichar não comprehendeu, ou fingio não comprehender que agua era esta. Senhor, lhe disse ella, vós não tendes com que tirar a agua, e o poço é fundo: onde tendes pois essa agua viva? Por ventura sereis maior que nosso pai Jacob, que nos deu este poço donde bebeu, elle, seus filhos, e seus rebanhos?

Jesus, que queria conduzir esta pobre estrangeira gradualmente ao conhecimento do Evangelho, teve com ella uma extrema condescendencia, e sem tocar no que dissera da superioridade de Jacob: Não é verdade, lhe disse elle, que quem bebe da agua deste poço tem ainda sede, e não fica saciado para sempre? Ao contrario, a agua de que te fallo é tal, que aquelle a quem eu a der, e beber della, não tornará a ter sede.

Parece que a Samaritana teve fé nesta palavra, era o primeiro passo para a sua conversão; mas não comprehendendo ainda qual era a natureza desta agua milagrosa: Senhor, disse ella, daime dessa agua, para que eu não tenha mais sede, nem precise tornar aqui tiral-a. Antes de te satisfazer, tornou o Salvador, vai a Sichar chamar teu marido, e traze-o aqui. Eu, tornou ella, não tenho marido. Por esta confissão estava Jesus esperando; a misericordia, se se nos permitte a expressão, tinha-lhe armado este laço. Dizes bem, replicou Jesus, tu não tens marido; porque já tens tido cinco, e aquelle com quem vives agora não é teu marido legitimo. Não podias pois fallar com mais verdade do que dizendo que não tens marido.

Se esta mulher não era naturalmente boa, tinha ao menos a bondade de não disputar. Em vez de desmentir a Jesus, como muitas teriam feito, com tanta mais ousadia, quanto a reprehenção era mais bem fundada, disse-lhe com uma admiração misturada de pejo: Senhor, pelo que vejo sois Propheta.

A simplicidade deste dito a dispoz ao perdão; todavia, ainda a ovelha estrebuchava nos braços do bom Pastor. Procurou pois desviar a conversação d'um objecto que naturalmente lhe não agradava, e veio logo fallando da controversia que separava os Judeos dos Samaritanos. Nossos pais, disse ella ao Salvador, adoraram na montanha de Garizim, e vós outros dizeis, que se deve adorar no Templo de Jerusalem.

Fosse qual fosse o motivo, est'outra questão fez ainda cahir a Samaritana em outro laço da misericordia. Da sua resposta tirou o Salvador occasião de a instruir no culto perfeito, que vinha estabelecer sobre as ruinas de todos os antigos cultos; sem exceptuar o mesmo culto Judaico, que, supposto verdadeiro, não era comtudo mais que uma preparação do culto Evangelico.

Mulher, lhe disse elle, crê no que te digo, eis o tempo em que não tornarás a adorar o Pai nem sobre essa montanha, nem em Jerusalem; mas vem o tempo, e já é vindo, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espirito e verdade. Penetrada da crença então universal, de que os tempos estavam prehenchidos, a mulher lhe respondeu: Eu sei que o Messias está proximo a chegar; quando elle vier, elle nos instruirá de todas as cousas. Esse Messias, lhe disse Jesus, que os dous povos esperam, que vos ha de instruir de todas as cousas, e que aceitaes por juiz de vossas contendas, esse Messias, sou eu, o mesmo que te falla.

Assim, com maravilhosa arte, tinha o Salvador conduzido esta mulher até ao ponto de dizer que esperaria pela decisão do Messias. Faltava só uma palavra, e esta palavra victoriosa, o Senhor a diz tanto a tempo, que apenas acaba de a pronunciar, chegam seus discipulos e interrompem a conversação, como para tirar á Samaritana, já commovida, a tentação de disputar ainda, e dar-lhe tempo de pensar e reflectir em silencio.

Com effeito, quando Jesus acabava de dizer a esta mulher: Eu é que sou o Messias, voltaram da cidade com as provisões os quatro discipulos que deixaram seu Mestre junto ao poço de Jacob. Ficaram muito admirados de ver Jesus, contra seu costume, conversando com uma mulher. Todavia era tal o respeito que tinham a seu divino Mestre, que nenhum ousou dizer-lhe? Que pretendeis desta mulher de Samaria, e porque motivo lhe permittis que vos falle? Por outra parte a Samaritana, animada do divino fogo, que a conversação de Jesus acendeu em sua alma, foi communicar aos habitantes da cidade o que se tinha passado. Vinde ver um homem, lhes dizia ella, que me disse tudo o que eu tenho feito; não será por ventura o Christo? Os Samaritanos de Sichar estavam tam persuadidos que os tempos do Messias eram prehenchidos, que bas-

tou a palavra da sua patricia para sahirem da cidade em multidão, e virem ter com Jesus, pedindo-lhe que ficasse com elles. Deixou-se conduzir Jesus para Sichar, onde gastou doze dias a instruil-os e confirmal-os na fé. Continuou depois o Salvador a sua jornada para a Galilea, cujos habitantes o receberam com alvoroço, porque tinham visto o que elle fizera em Jerusalem durante a festa. Não se fallava senão delle por todo o paiz, e acudiam em multidões ás synagogas onde ensinava. Em quanto todos publicavam seus louvores, continuava elle sem descanço no desempenho da sua missão.

Aonde houvesse alguma miseria para soccorrer, ahi se apresentava. E' certo que o espirito, o coração e o corpo do homem estavam igualmente feridos do peccado. Ora, todos os discursos, passos e milagres de Nosso Senhor tinham por fim curar estas tres partes do homem. Ainda mais, o homem, sendo escravo do peccado, tambem o era do demonio, a quem voluntariamente aceitou por senhor, logo que antes quiz obedecer a elle que não a Deus. O fim da vinda do Messias era pois livrar-nos do jugo ignobil deste cruel tiranno. Até parece que nos dias da prégação de Jesu-Christo, permittio Deus um poder mais amplo ao inimigo do genero humano, para dar campo mais largo ás victorias de seu Filho.

Um dia de sabbado, entrou Jesus na synagoga, onde estavam reunidos os doutores e o povo; e eis que de repente o demonio gritou com voz horrenda, pela boca d'um possesso: Deixa-me tranquillo, Jesus de Nazareth, não me perturbes na minha possessão; que temos que ver comtigo? Acaso não vieste ao mundo senão para nos fazer guerra, e aniquilar o poder que exercemos nos homens? Bem sei quem es, tu es o Santo de Deus. Não é do pai da mentira que a verdade se deve esperar; pelo que Jesus, tomando um tom ameaçador, disse só duas palavras ao espirito maligno: Cala-te, e sahe do corpo desse homem.

Importava á gloria de Deus que a possessão não fosse duvidosa. Para tornar o milagre incontestavel, permittio Jesus ao demonio que patenteasse, por alguns momentos, o seu despeito e desesperação, ao infeliz que era forçado a deixar. O infernal espirito, sahindo com horriveis gritos, causava-lhe torturas violentas e medonhas convulsões; atirou com elle ao meio do povo, mas não conse-

guio senão mostrar a impotencia da sua raiva; porque o possesso ficou sem lesão nem ferida, tam são no corpo como livre no espirito.

O milagre foi publico e bem averiguado, mas Nosso Senhor o tinha feito tam tranquillamente, mostrando-se antes e depois do successo tam seguro e senhor de si, que isto causava muito maior pasmo que o prodigio mesmo. Todos estavam tanto mais maravilhados quanto o viam menos commovido.

Quando pois acharam que os milagres acompanhavam os discursos do Salvador, e que lhe não custava mais fazer-se obedecer do inferno, do que mostrar aos homens o caminho do Ceo, conceberam delle um respectuoso receio. Que quer dizer tudo isto que vemos? perguntavam uns aos outros; que nova doutrina é esta? Quem é este novo doutor, que commanda aos espiritos immundos, e no mesmo ponto lhe obedecem?

A fama do livramento do possesso, e o admiravel caracter de Jesus, em breve se divulgou por toda a cidade de Capharnaum, e até pelas mais obscuras aldeas da Galilea. Não podia resultar daqui ao Salvador muita tranquillidade, e em breve se veria cercado d'uma multidão de doentes, se não sobreviesse o dia de Sabbado, que fez ficar em completa inacção ainda os mais appressurados. Taes eram os escrupulos que os Phariseos tinham incutido n'aquella gente.

O Sabbado começava á tarde, e acabava na mesma hora do dia seguinte. Logo que passou, agitaram-se todas as familias onde havia enfermos. Doentes ou achacados de toda a especie, endemoninhados ou possessos, a todos conduziam a Jesus, ou os punham a seus pés. Era tam grande o tumulto, que toda a cidade parecia estar reunida á porta da casa onde pousava. O Salvador os curou a todos, sem excepção. Os doentes o bemdiziam como seu libertador, e os demonios, expulsos dos espiritos e dos corpos, gritavam quando sahiam: Tu es o Filho de Deus!

D'est'arte cumpria o Salvador estas palavras do Propheta Isaias: Elle se encarregou de nossas enfermidades, e tomou sobre si as nossas doenças; quer dizer: O Messias não só recebeu poder de purificar nossas almas da macula do peccado, mas tambem de curar as

enfermidades do nosso corpo ; porque se encarregou de pagar a Deus seu Pai, pela effusão do seu proprio sangue, todas as penas, já eternas, já temporaes, devidas ao peccado ; entre as quaes devemos contar as enfermidades da vida, a necessidade da morte, e as violencias do demonio.

Jesus não se contentava com curar os corpos, livrando-os do demonio e das enfermidades, trabalhava tambem na cura das almas, dissipando as trevas do erro e da ignorancia, que são as consequencias do peccado. Estabelecendo a sua divindade por estrondosos milagres, preparava o povo privilegiado para crer na vocação de todos os povos, e entrar n'uma Religião que, em lugar de circumscrever-se nos limites da Palestina, devia dilatar-se por todo o mundo. Assentando-se, pois, ensinava e prégava Jesus esta doutrina áquella immensa multidão.

Ora, estavam alli a ouvil-o Phariseos, Escribas e Doutores da lei, vindos de toda a Galilea, Judea e Jerusalem, talvez com designio d'examinar suas palavras e espiar suas acções. O credito que elle tinha adquirido já lhes dava muito cuidado ; e procuravam desde logo occasião de o desacreditar ou perder, de sorte que pode considerar-se este dia como o principio da guerra cruel e incessante que fizeram á sua pessoa, doutrina, e discipulos, até a inteira destruição do povo Judaico. Estes perversos, pois, estavam assentados na Synagoga, a escutal-o com uma attenção maligna, quando seu discurso foi interrompido por um caso singular, que attrahio os olhos de todos os espectadores.

Quatro homens que traziam um paralitico deitado em seu leito, para o apresentar ao Salvador, tendo podido romper por entre a multidão, lembraram-se d'içar o doente ao tecto da casa, que, segundo o costume da terra, era um terrado descoberto. Depois fizeram no telhado uma grande abertura, pela qual desceram o paralitico, deitado como estava em seu leito, aos pés do Salvador, e ao meio da Assemblea. Não pôde Jesus deixar de commover-se ao ver a fé viva do doente, que implorava seu soccorro, e a charidade industriosa d'aquelles que lh'o apresentaram. Era optima occasião para soccorrer um desgraçado, confundir os incredulos, procurar a gloria de seu Pai, e auctorisar a sua missão. Meu fi-

lho, disse elle ao paralitico, tem animo, os teus peccados te são perdoados. Palavras profundas, que nos revelam que as enfermidades do corpo são muitas vezes o effeito das doenças da alma!

Ao ouvil-as, começaram os Escribas e Phariseos a raciocinar e dizer comsigo mesmos: Como póde este homem fallar deste modo? Blasphema; pois arroga a si um poder que não tem. Quem póde perdoar os peccados senão somente Deus? Jesus, lendo-lhes no coração estes pensamentos, disse-lhes: Porque formais interiormente más suspeitas contra mim? Qual é mais facil de dizer a um paralitico: Os teus peccados te são perdoados, ou dizer-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e caminha? Ora, para que saibaes que o Filho do Homem tem sobre a terra o poder de perdoar os peccados, escutai o que vou dizer, e vêde qual será a efficacia das minhas palavras. Olhando então para o paralitico: Levanta-te, lhe disse, sou eu que t'o ordeno, toma o teu leito, e vai para tua casa. No mesmo instante levanta-se o doente, põe o leito ás costas, e volta para sua casa, publicando os louvores de Deus.

A's acções de graças do paralitico, ajuntavam-se as acclamações dos assistentes. Jamais se vio, diziam elles, que o Senhor operasse entre o seu povo tam grandes maravilhas; e todos engrandeciam a Deus, por ter communicado ao homem um poder tam divino, como o de perdoar os peccados. Com effeito, o poder de perdoar os peccados, ainda mais que o de curar os doentes, era o fim da Incarnação do Filho de Deus, o mais necessario como o mais precioso de todos os bens, que elle devia procurar á natureza humana. D'aqui o assombro, a admiração, a alegria do povo, vendo que Deus se dignara communicar aos homens aquelle direito, que parecia o mais incommunicavel dos direitos da divindade.

Depois deste milagre, sahio d'alli Jesus. Todo o povo o seguio, e elle o ia instruindo como costumava. Não era sem designio que o Salvador tinha emprehendido esta especie de passeio. Meditava elle uma conquista tanto mais gloriosa á virtude da graça, quanto menos disposto parecia o sugeito para seguir as suas impressões.

Passando pelo Telonio, ou casa onde se pagavam as contribuições impostas á nação, vio a um homem, chamado Matheos, que

estava assentado ao contador, e disse-lhe: Segue-me. Matheos, largando logo tudo, levantou-se e foi com elle. E' este mesmo que, primeiro discipulo, depois Apostolo, d'ahi historiador de seu Mestre, nos refere minuciosamente o facto. A fim de honrar a natureza humana, á qual se dignou unir-se, vemos constantemente o Filho de Deus escolher homens de todas as condições, para os fazer cooperadores na obra da Redempção do mundo.

Tinha elle já bastantes discipulos; mas todos se consideravam iguaes, e elle queria escolher os que tivessem a primeira ordem, e fossem os pais e chefes do novo povo que havia de crear na terra. Chegara o momento de fazer esta escolha, a mais importante do universo. Antes de a fazer, subio o Senhor ao alto d'uma montanha, e alli passou a noute em orações. Não carecia elle destes preparativos; mas importava que desse o exemplo á sua Igreja, que se crê obrigada a imital-o religiosamente, como vemos pelos jejuns e orações, que sempre faz preceder á escolha e consagração de seus ministros.

Logo que amanheceu, chamou todos os seus discipulos, entre os quaes escolheu doze, para estarem com elle, e os preparar para a futura prégação do Evangelho. Honrou-os com o nome d'Apostolos, que significa enviados, e lhes concedeu o poder de curar os doentes, e expulsar os demonios.

Eis aqui os nomes dos doze Apostolos: Simão, a quem deu o sobrenome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeo; João, irmão de Tiago; André, Filippe, Bartholomeu, Matheos, o Publicano; Thomé, Tiago, filho d'Alpheo; e Judas, seu irmão, chamado Thadeo; Simão o Cananeo, cognominado o Zelador; e Judas Iscariotes, que foi o que o entregou.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, que ao mesmo tempo cura o nosso

espirito, esclarecendo-o; o nosso coração, purificando-o; e o nosso corpo, livrando-o d'enfermidades. Dai-nos pois, Senhor, a luz necessaria para comprehender as suas lições; e a virtude, para as pôr em pratica.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *rezarei hoje em particular pelos peccadores e enfermos.*

VI.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

PRIMEIRO ANNO.

Sermão da montanha: divide-se em duas partes. — Fundamentos da sociedade: as oito bemaventuranças. — Deveres dos Apostolos e Padres. — Deveres communs aos Padres e Fieis: pureza d'intenção, oração, jejum, esmola, confiança illimitada na Providencia. — O leproso curado, o servo do Centurião curado.

Tendo o Salvador escolhido seus Apostolos, desceu da montanha com elles e seus outros discipulos. Esperava-o na planicie uma infinita multidão de povo de toda a Judea, de Jerusalem, e do paiz maritimo de Tyro, e Sydonia, que tinham vindo para o ouvir, e serem curados de suas enfermidades. A todos consolou o Salvador. Depois de os curar no corpo, julgou que era tempo de trabalhar na salvação de suas almas. Subindo-se pois ao alto, assentou-se no meio de seus discipulos, e pronunciou com voz forte, para que todo o povo ouvisse, o admiravel discurso que se chama o Sermão da montanha: aproximemo-nos para escutar as palavras de luz e sal-

vação que vão sahir de sua divina boca; pois foi tambem para nós que elle as pronunciou.

O discurso do Filho de Deus pode dividir-se em duas partes. A primeira diz especial respoito aos Apostolos, e seus successores no ministerio Evangelico; a segunda dirige-se a todo o povo presente e a todos os povos Christãos no decurso dos seculos. Fundador d'uma Sociedade nova, ou antes restaurador da Sociedade humana, depravada pelo peccado, lança Jesu-Christo os fundamentos da nova ordem de cousas que quer estabelecer, e depois assigna aos padres e fieis seus respectivos deveres.

O Salvador, como principe da paz, quer que ella reine no coração do homem, para que reine tambem na Sociedade universal, nesta catholicidade que elle vai fundar. Mas o coração do homem é um mar tormentoso, por não saber onde procurar a paz e a felicidade para que foi creado. O Salvador lh'o vai ensinar; e derribar ao mesmo tempo todas as ideas que a rasão depravada, a philosophia, e o mesmo Judaismo, tinha concebido a este respeito, não imaginando outra felicidade mais que a das riquezas, honras e prazeres do mundo.

Eis pois o que diz o divino Preceptor do genero humano: « Bemaventurados os pobres d'espirito, porque delles é o Reino dos Ceos. » Entende-se por pobres d'espirito os que deixam tudo para seguir a Jesu-Christo; os que, no meio das riquezas, teem o espirito desapegado dos bens da terra; os que nascem e vivem na pobreza, sem murmuração nem impaciencia. A estes pois pertence a felicidade eterna, com o magestoso titulo de Reino dos Ceos.

« Bemaventurados os mansos: porque elles possuirão a terra.

« Bemaventurados os que choram: porque elles serão consolados.

« Bemaventurados os que teem fome e sede de justiça: porque elles serão fartos.

« Bemaventurados os misericordiosos: porque elles alcançarão misericordia.

« Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deus.

« Bemaventurados os pacificos: porque elles serão chamados filhos de Deus.

« Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça : porque delles é o reino dos Ceos. Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e perseguirem, e disserem todo o mal contra vós mentindo, por meu respeito : Alegrai-vos, e exultai ; porque é grande a recompensa que tereis no Ceo. Pois tambem assim perseguiram os Prophetas, que foram antes de vós. »

O desprezo, e ainda o receio das riquezas, honras e prazeres; o amor da pobreza, das humilhações e soffrimentos ; o desejo ardente, sincero e efficaz de todas as virtudes ; eis o fundamento do Christianismo, e as condições da Bemaventurança. Pratiquem todos os homens estas divinas instrucções, e para logo a sociedade deixará de ser uma arena sangrenta, onde as paixões desenfreadas se disputam os bens sensiveis : para logo o Ceo descerá á terra ; e o mundo será regenerado : é a intenção do Salvador.

2.° Assigna aos Padres seus deveres. Todas estas verdades, tam altas como arduas ao homem depravado, prégava-as na Judea o mesmo Filho de Deus, e dellas dava o exemplo. Após delle, haviam estas mesmas verdades de ser annunciadas por todo o universo. Quam fieis não devem ser aquelles, a quem incumbe tam augusto ministerio ; para que não omittam um só jota ao codigo regenerador ! Mas sobre tudo, que santidade não devem ter ; pois que o exemplo dos prégadores é o Evangelho do povo, e a sancção da doutrina ! Assim o divino Mestre se apressa a recommendal-a aos Apostolos, e na pessoa delles a todos os seus successores.

« Vós sois a luz do mundo, lhes diz elle ; vós sois o sal da terra, sois qual uma cidade situada sobre um monte, á vista do universo. Assim haja tal santidade em vós, que todos que vos virem glorifiquem a vosso Pai, que está no Ceo. A Religião de que sois ministros e defensores, não é uma religião nova, mas sim o complemento da lei antiga. » Ora, se a santidade se exigia aos ministros da lei de Moisés, com muita mais rasão é ella um dever nos ministros do Evangelho ; e o Salvador lhes foi logo mostrando quanto a lei da graça é superior á lei do temor ; quanto é mais extensa e obrigatoria.

3.° Designa aos fieis seus deveres. Impostas as obrigações par-

ticulares da nova sociedade, prescreve Nosso Senhor os deveres communs a todos os Christãos, aos pastores e ás ovelhas, insiste sobre tudo neste ponto essencial, que é o resumo do Evangelho, e o heroismo da virtude: o amor do proximo e dos inimigos.

« Eis o que vos teem ensinado, diz o divino Legislador: Amarás ao teu proximo e aborrecerás ao teu inimigo. Pois eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos teem odio, bemdizei aos que vos amaldiçoam, orai pelos que vos perseguem e calumniam; a fim que sejaes os filhos de vosso Pai celeste, que faz nascer o sol para os bons e os maos, e cair a chuva para os justos e injustos. Porque se não amaes senão os que vos amam, que recompensa merecereis? Não fazem os publicanos tambem o mesmo? (1) E se não saudaes senão a vossos irmãos, que extraordinario é isso? Não o fazem tambem assim os Pagãos? Sede pois perfeitos como tambem vosso Pai celeste é perfeito.

Tal é a perfeição a que o Christianismo nos chama, e que nos dá a Jesus como modelo, não para nos igualarmos a elle, por quanto quem é perfeito como Deus? Mas para nos esforçarmos por adquirir a virtude e augmental-a incessantemente; por isso mesmo que não podemos chegar á summa perfeição. Para que nos aproveitemos de tudo o que nos pode conduzir a esta perfeição sublime, recommenda-nos sobre tudo o divino Mestre a pureza d'intenção, que dá ás mais pequenas obras um preço infinito.

Porem como alcançaremos esta pureza d'intenção, base necessaria de todas as verdadeiras virtudes, bem como esta perfeição divina a que somos obrigados? Não é isso evidentemente superior a todas as nossas forças? O Salvador, que previa a objecção, apressa-se a responder-lhe. Com aquella ternura que o caracteriza, offerece-nos um meio infallivel de chegar ao fim sublime a que nos chama; este meio é a oração.

(1) Chamavam-se publicanos entre os Judeos aquelles que recebiam os impostos. Eram muito odiosos aos Judeos que, julgando-se livres por serem descendentes d'Abraham, quasi os não consideravam senão como ladrões publicos. Pode ser o fossem elles occultos.

« Não vos assusteis, diz elle, pedi e ser-vos-ha dado; procurai, e achareis; batei, que se vos abrirá. Com effeito, qual de vós, se seu filho lhe pede pão, lhe dará uma pedra? ou, se lhe pede um peixe, lhe dará uma serpente? Se vós pois, apesar d'insensatos, imperfeitos, e máos como sois, sabeis dar bens a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está no Ceo os não dará áquelles que lhe pedem? Ora, eis como lhe pedireis; dizei-lhe: Padre nosso, que estaes no Ceo, santificado seja o vosso nome etc. »

O divino Legislador quer que ajuntemos á oração o jejum e a esmola. D'aqui tira occasião de combater a avareza, e fere, como costuma, esta paixão na sua raiz, isto é, no coração humano: « Não andeis sollicitos em amontoar thesouros na terra, ouro, prata, ricos vestidos. A ferrugem consome os metaes, a traça roe os estofos, os ladrões, que sabem introduzir-se por toda a parte, arrebatam uns e outros. Ponde vossos thesouros no Ceo, no mesmo seio de vosso Pai celeste. As boas obras que alli depositardes estarão em segurança; alli, nem estarão os vossos thesouros expostos á cobiça dos ladrões, nem ao estrago da ferrugem, nem aos buracos da traça. Não tendo nada senão no Ceo, tornar-vos-heis homens celestes, porque cada um é attrahido, e como que possuido por aquillo que possue: onde tiverdes o thesouro, ahi tereis o coração.

« Não vos pareça que podereis partir-vos neste ponto, mais que em outros, e servir dous senhores ao mesmo tempo: Deus, e o demonio da riqueza. E' por isso que vos prohibo que vos inquieteis ácerca dos alimentos para viver, e dos vestidos para vos cobrirdes. Não é a vida mais preciosa que o alimento? E o corpo mais que os vestidos? Como pois deixará de vos dar vestido e alimento aquelle que vos deu a vida e o corpo? »

« Olhai para os passaros do Ceo: elles não semeiam nem colhem; não teem celleiros, nem provisões; mas vosso Pai que está nos Ceos, que é seu Creador, mas não seu Pai, cuida comtudo em os manter. Não sois vós mais do que elles? Demais, de que servirá o inquietar-vos? Qual de vós pode accrescentar um covado á sua estatura? O que vos digo do alimento, entendei-o tambem dos vestidos.

« Considerai os lirios do campo, vêde-os nascer e crescer: elles não fiam nem trabalham. Pois em verdade vos digo, que Salomão, com toda a sua magnificencia, não foi jamais tam ricamente vestido. Mas se Deus assim reveste e adorna um lirio, que não passa de ser uma planta do campo, que hoje cresce na terra, e amanhã se lança ao fogo, quanto maior cuidado não terá de vós, ó homens de pouca fé?

« Não queiraes pois atormentar-vos com estes cuidados, nem vivaes com inquietação e desconfiança dizendo lá no coração: Onde acharemos de beber e comer? Quem nos fornecerá o vestido? Estas inquietações são proprias de pagãos. Vosso Pai celeste bem sabe que careceis de todas estas cousas, elle pode e quer fornecer-vol-as. Buscai pois primeiro que tudo o reino de Deus, e as virtudes que se vos propoem; e tudo o mais vos será dado em cima. » Evitemos porem o levar a excesso as palavras do divino Mestre. Aquelle que nos prohibe sollicitudes, ordena-nos o trabalho; aquelle que nos censura a desconfiança nas necessidades da vida, manda-nos que lhes attendamos quanto é preciso para as expor todos os dias diante de Deus. Aquelle que se indigna que sejamos escravos das necessidades do corpo, a ponto de tratar de procedimento pagão o providenciar para aquelles dias, que já talvez não nascerão para nós, teve nas mãos de seus discipulos provisões reservadas para os dias seguintes. Ora, as palavras d'um Deus não podem contradizer-se nem desmentir-se por suas acções. Que pretendia elle pois n'aquella especie d' excesso que descobrimos na letra das suas palavras? Era fazer-nos sentir o monstruoso excesso com que nos apegamos aos bens da terra, que nos faz esquecer os cuidados da Providencia; antepor nossas necessidades temporaes ás necessidades da alma, e desanimar em fim, quando, sendo insufficientes os nossos trabalhos, nos esquecemos de recorrer ao Soberano Senhor, que tantas vezes chamamos nosso Pai.

Elle quer que procuremos manter-nos na condição em que elle nos collocou; mas sem nos fazermos adoradores do idolo das riquezas: consente que grangeemos o sustento e olhemos ás necessidades de nossas pessoas e familia, mas sem dar a estas cousas uma attenção que absorva o cuidado da salvação, e o fundo dos pobres. Quer que guardemos alguma cousa para o outro dia, mas com tam pou-

co apego, que nas conjuncturas em que a gloria do seu nome, o soccorro do proximo, o progresso do Evangelho, demandam de nos grandes sacrificios, saibamos abnegar-nos, e se é preciso sacrificar-nos.

O desprezo da terra, o amor do Ceo, e do que conduz ao Ceo, são as bases divinas sobre as quaes Nosso Senhor estabelece a sua Religião; d'est'arte corta pela raiz, no coração do homem, o amor desordenado das riquezas, honras e prazeres; a vingança, o odio, e todas as paixões más; funestos fructos do peccado, e causas de todos os males do mundo; desta sorte, chamando o homem á sua perfeição primitiva, assegura sua felicidade, mesmo desde esta vida, e mostra-se seu verdadeiro Salvador.

Por isso o Filho de Deus conclue o seu admiravel discurso por estas admiraveis palavras: « Aquelle que escutar o que acabo de dizer, e regular a sua vida pela minha doutrina, será comparado ao homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Cahiram as chuvas, tresbordaram as torrentes, sopraram os ventos, tudo se conjurou para derribar o edificio; mas elle não cahio, porque estava fundado sobre a pedra. Aquelle, porem, que ouve as minhas palavras sem se aproveitar dellas, nem as praticar, é similhante ao insensato, que edifica sua casa sobre a area. Vem a chuva, tresbordam as torrentes, sopram os ventos, e a casa desaba; e as ruinas dispersas annunciam aos passageiros a loucura de seu dono. »

Depois deste discurso, o mais bello que jamais ouviram os homens, os que o escutavam exclamavam cheios d'admiração e enthusiasmo: Certo, que os nossos Doutores e Escribas não são nada, em comparação do Mestre que nos acaba de fallar.

O Salvador, pela sua parte, que, para consolação d'aquelles que o escutavam, costumava acompanhar seus discursos com algum successo extraordinario, que era como a conclusão e prova da sua moral; tinha de tal sorte disposto as cousas, que a sua mesma prégação lhe deu occasião a fazer um milagre. Apenas desceu da montanha, achou-se cercado d'uma innumeravel multidão de povo, que o esperava. (1)

(1) Temos visto o Salvador orar antes de prégar, e o vemos con-

Ao mesmo tempo veio ter com elle um leproso, que o adorou e lhe disse prosternado em terra: Se vós quereis, Senhor, bem me podeis curar. Jesus teve compaixão delle, e estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero, sê curado. Apenas fallou, desappareceu a lepra deste homem, e ficou são. Jesus o mandou retirar logo, e lhe disse: Não digas nada disto a ninguem.

Talvez nos perguntei porque motivo exigia o Salvador algumas vezes o segredo dos milagres que operava? De muitas rasões que nos dão, a que nos parece ter alguma probabilidade, é que pretendia ensinar a seus discipulos e a todos aquelles a quem havia de communicar o dom dos milagres, que os occultassem tanto quanto podessem, para evitar os applausos dos homens, e os perigosos fumos da vaidade. Quanto ao mais, basta-nos saber que elle os fazia sempre d'um modo bem digno da sua sabedoria, tirando-os das circumstancias do tempo, do lugar, e das pessoas.

Vai somente mostrar-te aos sacerdotes, continuou Jesus dirigindo-se ao leproso, e faze a offerta exigida na lei de Moisés, em prova da tua cura. O Salvador obrigou-o a este procedimento por deferencia á lei; porque elle mesmo cumprio a lei de Moisés em todos os pontos que lhe eram concernentes.

Um pobre doente, subitamente livre de suas dores e d'uma humiliante confusão, custa-lhe muito calar-se, e não divulgar os louvores de seu libertador. O leproso estava tam transportado de alegria que, ou não entendeu a ordem de Jesus, ou não se creo obrigado a obedecer-lhe. E' verdade que sahio da presença do Salvador; mas contava o caso aonde quer que chegava, e engrandecia a Deus publicamente; de sorte que a sua imprudencia ou gratidão causava a Nosso Senhor maior pena. Cada vez a multidão o apertava mais, e poupava-o tam pouco, que, não podendo já mostrar-se na cidade, era obrigado a esconder-se, para orar nos lugares desertos. Sua terna charidade porem o forçou em breve a sa-

firmar sua doutrina depois de prégada por obras milagrosas. Achamos esta mesma economia em todo o decurso da sua vida publica. Que exemplo este para os amos e superiores!

hir do seu retiro e voltar aos lugares que evitava com tanto cuidado. Veio pois a Capharnaum, onde achou o que a sua bondade alli vinha procurar.

Um centurião, isto é, um official que commandava cem soldados, veio implorar o auxilio de Jesus. Portou-se este centurião como soldado que era, cheio de piedade e fé, mas com aquelle modo simples e franco, que penhora o coração dos homens, e assegura diante de Deus o bom exito da oração — Senhor, disse elle a Jesus, tenho em minha casa um domestico paralitico, que não pode sahir da cama, e soffre violentas dores. Pois bem! lhe disse o Salvador, eu irei cural-o.

Ah! Senhor, tornou confundido o centurião, eu não sou digno de que entreis em minha casa. Sem sahir do lugar onde estaes, dizei somente uma palavra, (1) e o doente será curado. Eu sei que os males, por mais pertinazes que sejam, vos obedecem, como os soldados ao seu commandante. Ora, eu não sou mais que um official subalterno, sujeito ao mando d'outros; apenas tenho cem homens ás minhas ordens. Não obstante, os meus soldados de tal sorte dependem da minha vontade, que não careço mais que de fallar para os fazer obedecer. Se eu disser a um: Vai a tal lugar, elle vai; se disser a outro: Vem para aqui, elle vem; se eu disser ao meu domestico: Faze isto, elle o faz. Quanto mais vós, cujo poder é soberano e independente, vos não fareis obedecer de todas as creaturas, por uma só de vossas ordens!

Esta profissão de fé, nobre e francamente feita por uma com-

(1) A traducção litteral destas palavras: Dic tantum verbo, etc, offerece um sentido admiravel e inteiramente d'accordo com o que o Centurião dirá brevemente: Dic tantum verbo, dizei somente a vossa palavra, despedi-a dos labios; e, similhante a um mensageiro fiel e omnipotente, ella irá cumprir a vossa commissão, e curará o meu domestico: porque vós sois omnipotente, e aquelle que pode tudo opera o que quer fallando, sem embargo das difficuldades ou da distancia. Nihil enim, diz S. Agostinho, medium est inter opus Dei atque præceptum, quia in præcepto est opus... quia voluntas Dei potestas est. Homil. in Luc. lib. V, n. 1.

paração militar, tinha não sei que tocante e admiravel na boca d'um gentio. O Salvador, sem se maravilhar, porque de nada podia maravilhar-se, quiz comtudo testemunhar a admiração que lhe causava, aproveitando-se deste ensejo para dar aos Judeos uma util lição.

Asseguro-vos em verdade, lhe disse elle, que desde que prégo entre vós ainda não vi tam grande fé em Israel. Assim virão do Oriente e Occidente multidões de Gentios, que serão admittidos ao Reino dos Ceos, onde se assentarão ao eterno banquete com Abraham, Isaac e Jacob, como legitimos filhos destes santos Patriarchas, cuja fé imitaram. Quanto aos filhos do reino, isto é, os Israelitas, filhos dos Patriarchas segundo a carne, e destinados a ser os primeiros subditos da Igreja, serão entregues ás trevas da sua incredulidade, donde sahirão para as trevas eternas; alli será o pranto e o ranger dos dentes. Vai, disse depois ao Centurião, faça-se segundo a tua fé: no mesmo momento em que Jesus fallou, o servo foi curado.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, para nos ensinar, e curar das consequencias do peccado. Permitti, Senhor, que tenhamos as virtudes que elle nos prescreve, amando a pobreza, as humiliações, os soffrimentos; dai-nos tambem o espirito d'oração, a fim de chegarmos á perfeição que requereis de nós.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *rezarei por aquelles que me fizerem mal.*

VII.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

SEGUNDO ANNO.

Resurreição do filho da viuva de Naim. — Discipulos de João Baptista. — Multiplicação dos pães. — Pedro caminhando por sobre as aguas. — Promessa da Eucharistia. — Pedro escolhido para chefe da Igreja — Transfiguração.

Curado o servo do Centurião, fez ainda o Senhor outros milagres; curou uma mulher que padecia, ha doze annos, um fluxo de sangue, resuscitou uma menina, e deu ao povo grande numero d'instrucções. Enviou seus Apostolos aos lugares onde elle mesmo não ia, a fim de prégar o Reino de Deus, curar os doentes e expulsar os demonios. No decurso da missão que fez, na ausencia de seus doze Apostolos, associou a si um certo numero de discipulos, que destinava, no futuro, para um ministerio inferior; o qual deveriam exercer debaixo das ordens dos primeiros ministros. D'est'arte lançava os fundamentos da jerarchia ecclesiastica. Para os exercitar nos seus empregos, quiz desde logo que o coadjuvassem e fossem testemunhas de seus milagres.

Um dia, pois, indo com elles seguido d'innumeravel multidão de povo, dirigio-se para a cidade de Naim. Quando chegavam á porta da cidade, succedeu por acaso (ou antes por disposição da Providencia, pois não houve acaso para o Salvador), que levavam um morto a enterrar. Era um mancebo, filho unico d'uma viuva, a qual

acompanhava o feretro juntamente com muitas pessoas da cidade. Logo que o Salvador vio aquella mãi que se debulhava em lagrimas compadeceu-se della: Não choreis, lhe disse elle; e aproximando-se tocou com a mão o feretro. Estas poucas palavras valiam muito na boca do Homem Deus; annunciavam o milagre que logo se realisou. Os que levavam o caixão pararam. Então, tomando aquelle tom absoluto, que somente convem ao Arbitro soberano da vida e da morte: Mancebo, lhe diz, levanta-te, sou eu que t'o ordeno. O morto ouvio aquella voz, e sentando-se na tumba começou a fallar; e Jesus o restituio a sua mãi.

Todos os espectadores ficaram cheios de medo; todavia romperam em acções de graças, e com voz unanime gritavam: Appareceu entre nós o grande Propheta, Deus visitou o seu povo. Esta acclamação designava o Messias e o tempo feliz da sua vinda.

Divulgou-se por toda a Judea e seus arredores a fama d'aquelle milagre, e chegou aonde estava João Baptista, ao fundo da prisão onde o encerrara o criminoso Herodes. O santo Precursor mandou dous de seus discipulos a Jesus, para lhe fazer esta pergunta: Es tu o que deve vir, ou devemos ainda esperar por outro?

E' facil penetrar o designio de João Baptista. Não podia elle ignorar quem era Jesus, pois o annunciava aos outros; nem agora, que fazia milagres, hesitava se elle era o Messias, quando o reconheceu como tal antes que os fizesse. Mas seus Discipulos, nimiamente preoccupados em favor de seu mestre, ainda duvidavam se Jesus lhe era preferivel. Quiz pois o Baptista que o vissem por seus olhos, a fim que acabassem de se convencer.

Os dous deputados, que eram ao parecer os mais incredulos, tendo chegado ao pé de Jesus, disseram-lhe: João Baptista nos enviou a dizer-te: Es tu o que deve vir, ou devemos ainda esperar por outro? Antes de responder, fez Jesus o que João tinha previsto. Mandou aproximar todos os enfermos, os cegos, os mudos, os coxos e os possessos, que havia na multidão, e no mesmo instante os curou a todos. Depois voltando-se para os dous enviados: Ide, lhes disse elle, dizei a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, os pobres são evangelizados. Feliz a-

quelle que se não escandalizar em mim! Esta resposta dirige-se a João, porque a pergunta vinha em seu nome; mas de facto era para os discipulos que fizeram a pergunta. Ora, a resposta do Salvador não tem replica; porque o Propheta Isaias predisse, que quando o Messias viesse, os cegos veriam, os surdos ouviriam, os coxos saltariam como veados, e aos mudos se soltaria a lingua. Bem se deixa ver que Nosso Senhor alludia a estas palavras, o que era para os discipulos de João uma duplice prova, os milagres feitos, e as profecias cumpridas.

Logo que partiram, tomou Jesus a occasião de sua embaixada para fazer ao seu precursor um magnifico elogio. Disse que o tempo das promessas tinha durado até a vinda de João Baptista; que depois da sua prégação, a realidade succede ás promessas, a verdade ás figuras; que se os Judeos conhecessem bem a João Baptista, veriam que elle é o derradeiro orgão da Lei; e que era chegado o Reino do Messias.

Mas não, accrescenta o Salvador, vós não o conheceis mais a elle do que a mim; não lucraes mais com os seus discursos e exemplos que com os meus. João Baptista mostrou-se austero e mortificado, e vós dissestes, vós outros Phariseos: Está possesso do demonio. O Filho do Homem, pelo contrario, veio comendo e bebendo, vivendo uma vida commum, e vós dissestes: Gosta de levar boa vida, é amigo dos Publicanos e peccadores.

Por isso de qualquer maneira que a sabedoria se lhes mostrasse, buscavam os Judeos rasões para a não seguir. Oh! quantos ha Judeos entre os Christãos! O Salvador concluio por estas tocantes palavras: Vinde pois a mim, vós todos que gemeis sob o peso da miseria, que mal podeis resistir ás incitações da concupiscencia; vinde, e eu vos darei força contra as vossas fraquezas; e vos farei leve o trabalho, e vos restabelecerei das vossas quedas. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanço para vossas almas; porque o meu peso é leve, e suave o meu jugo.

Logo depois foi degolado o Baptista, por ordem d'Herodes. Então o Salvador passou a Capharnaum, onde esteve alguns dias. Atravessou o mar de Tiberiades, e entrou, acompanhado de seus Apos-

tolos, n'um vasto deserto. O povo porem, que espiava seus passos, procurava meios de lá ir ter com elle, para ouvir suas lições, e obter a cura de seus males.

Foi em recompensa de sua fidelidade, e para prover ás suas necessidades, que Jesus multiplicou milagrosamente cinco pães e dous peixes, com que fartou a cinco mil homens, não contando as mulheres e crianças.

Deslumbrados por tanto poder e bondade, quizeram então fazel-o rei: Porque, dizia o povo, não ha duvida que é elle o Christo, o grande Propheta, que deve vir ao mundo. Mas, como estavam falsamente persuadidos, que o Christo cingiria a coroa temporal d'Israel, para os tirar do erro, desappareceu Jesus do meio delles e fugio para uma montanha, onde passou toda a noute só e em oração.

Neste tempo, navegavam os Apostolos com muito custo pelo mar de Tiberiades; e eis que de repente se levantou uma grande tempestade, que ameaçava submergil-os. Commovido de sua afflicção, desceu o Senhor da montanha ao romper do dia, e veio ter com elles, caminhando por sobre as ondas. Ao ver isto, tiveram tal medo que romperam em gritos. Jesus os animou dizendo: Tende confiança, sou eu, não temaes. Pedro, segundo o seu costume, mais prompto em animar-se e inflammar-se que os outros Apostolos, testemunhou então seu terno amor a seu divino Mestre, bradando-lhe: Senhor, se sois vós, ordenai que eu vá ter comvosco, caminhando por sobre as aguas. O Salvador lhe disse: Vem! E Pedro veio a elle caminhando sobre as aguas.

Todos estes milagres, e maiormente o da multiplicação dos pães, eram apenas o preludio d'outro muito mais admiravel. Por esta maravilhosa multiplicação, quizera o Filho de Deus preparar os espiritos para o grande prodigio da Eucharistia; e n'aquella mesma tarde, voltando de Capharnaum, annunciou ao povo que o veio escutar, em maior multidão que na vespera, que lhes daria um pão melhor que aquelle com que os fartara, um pão mais celeste que o manná, com que seus pais se alimentaram no deserto.

Sou eu, lhes disse, o pão vivo, que desceu do Ceo. Vossos pais comeram o manná no deserto, e morreram. Mas o pão desci-

do do Ceo, o pão de que vos fallo, é tal, que quem o comer não morrerá. Sou eu, torno a dizer-vos, sou eu o pão vivo, que desceu do Ceo; quem comer este pão receberá o germen da immortalidade, e o penhor da vida na bemaventurança eterna. Este pão, que a seu tempo vos hei de dar, é a minha carne, que será immolada pela vida do mundo.

Os Judeos, alias tam grosseiros e difficeis de persuadir-se, comprehenderam muito bem que o Salvador promettia a sua mesma carne, para ser real e verdadeiramente comida. Se houve dissidencias, não foi na interpretação da promessa, mas só na maneira como seria verificada. Disputavam pois entre si dizendo: Como pode este homem dar-nos a comer a sua carne? Longe porem de os desenganar d'um erro, não respondeu o Salvador ao seu embaraço senão por uma nova confirmação da mesma doutrina. Em verdade, disse elle, em verdade vos digo, que se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Pelo contrario, o que come a minha carne e bebe o meu sangue, esse terá a vida eterna; terá em si o penhor e o germen desta vida, e eu o resuscitarei no ultimo dia, para lhe dar a posse d'uma Bemaventurança que não acabará jamais; porque a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nelle. E assim como meu Pai, que é o Deus vivo, me enviou ao mundo, e eu vivo por meu Pai; assim aquelle que se nutre de mim, esse mesmo viverá por mim. Eu vos torno a dizer: aqui está o pão que desceu do Ceo. Não é este como o de vossos pais, que comeram o manná no deserto e morreram; o que come este pão viverá eternamente.

Assim annunciou Jesus o grande misterio de nossos altares, que tem tam grande parte no plano da Redempção. Com effeito, qual era o fim da Incarnação? se não o de tornar a unir o homem com Deus, por um vinculo intimo e permanente. Ora, eis o modo admiravel como se cumpre na Eucharistia esta união deifica.

A vida reside em Deus como em sua origem; dalli ella se derrama na humanidade sacrosanta de Jesu-Christo, que lhe está unido. A humanidade de Jesu-Christo na SS. Eucharistia une-se aos

homens, pela manducação, e lhes communica a vida de que está repleta e compenetrada. Esta vida toma-se aqui no sentido mais amplo e excellente; pois é ao mesmo tempo a vida da graça, a vida da gloria, e a mesma vida natural, que consiste na união eterna da alma com o corpo.

Alguns discipulos de Jesus, vendo-o insistir tanto na manducação de sua carne, disseram entre si: E' duro este discurso, como é possivel concebel-o? Diziam isto em voz baixa; mas Jesus, conhecendo em si mesmo que elles murmuravam, disse-lhes: Isto pois vos escandaliza! que será logo quando virdes o Filho do Homem remontar-se para onde estava antes, e não obstante ser preciso crer que esta carne, ao mesmo tempo que está no Ceo, é dada em alimento sobre a terra? D'est'arte o Salvador não suavisa nem muda em nada o sentido de suas palavras. Promette dar-nos a comer a sua carne, e a beber o seu sangue; affirma-o, repete-o, diz que assim se ha de verificar, ainda depois da sua ascensão ao Ceo: como duvidar quando Deus falla?

Depois deste discurso, sahio o Salvador de Capharnaum e percorreu diversos lugares da Galilea. Foi nesta nova jornada que confundio os Phariseos, mostrando-lhes sua hypocrisia, e o ridiculo de suas supersticiosas tradições. Curou tambem a filha da Chananea, fez outros muitos milagres, e annunciou sobre tudo formalmente o grande milagre da sua resurreição.

Tinham-lhe pedido os Escribas e Phariseos que fizesse elle algum signal extraordinario no Ceo e nos ares. Jesus porem, a quem, se assim podemos dizer, escapavam os milagres, quando sollicitados com humildade e confiança, de nenhum modo os prodigalizava para satisfazer a uma orgulhosa curiosidade. Esta geração perversa, diz elle, pede um milagre no Ceo, mas não lhe será dado; não terá outro que o do Propheta Jonas. Por quanto, assim como aquelle Propheta esteve tres dias, e tres noutes no ventre da balea, tambem o Filho do Homem estará tres dias e tres noutes no seio da terra. Jonas, sahindo vivo do ventre da balea, foi para os de Ninive tam grande milagre, que creram na sua palavra, e fizeram penitencia; da mesma sorte o Filho do Homem, sahindo do tumulo tres dias de-

pois da sua morte, será o grande milagre reservado para esta geração, a fim que creiam nas suas palavras.

No decurso da mesma jornada, fez o Senhor a Pedro a magnifica promessa de o fazer principe da sua Igreja. Tinham chegado á cidade de Cesarea de Philippes, quando Jesus perguntou a seus Apostolos: Que dizem os homens do Filho do Homem? Seus discipulos responderam: Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias, outros Jeremias, outros que é um dos antigos Prophetas resuscitado. E vós, continuou elle, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro, levantando a voz, respondeu sem hesitar: Vós sois o Christo, Filho do Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Bemaventurado es, Simão, filho de João; porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelou, mas sim meu Pai, que está no Ceo.

Depois, tornando-lhe, para assim dizer, testemunho por testemunho, e querendo informal-o do que elle mesmo era, e seria sempre, em seus successores: E eu, accrescentou Jesus, digo-te que tu es Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas, (1) isto é, as potencias do Inferno, não prevalecerão contra ella. Eu te darei as chaves do Reino dos Ceos: tudo que ligares na terra será ligado no Ceo, e tudo o que desligares na terra será desligado no Ceo.

Annunciou depois aos Apostolos a sua paixão; os opprobrios, os indignos ultrages, a morte emfim, que devia brevemente soffrer. E' certo que a immortalidade promettida á Igreja, a despeito do inferno e das humanas paixões conjuradas contra ella, junta ao cumprimento visivel desta promessa ha desoito seculos, é para nós outros mais que sufficiente prova da divindade do Salvador, e motivo seguro para nos não escandalizarmos da sua cruz; mas os Apostolos não haviam de ser testemunhas deste milagre. Para fortalecer pois

(1) As portas muitas vezes significam na Escriptura o poder; e a rasão é que ás portas das antigas cidades é que os anciãos, os magistrados, em summa, os principes ou chefes da cidade, se ajuntavam para administrar justiça. D'aqui vem tomar-se o nome de porta pelo de poder.

sua fé contra o escandalo de suas humiliações, providenciou o Salvador outro prodigio, cujo fim era provar á evidencia que elle era realmente o Filho de Deus, Deus de si mesmo, e que se padecia era muito por sua vontade. Passados pois seis dias, estava o divino Mestre com seus discipulos ao pé d'uma alta montanha, cercado da multidão do povo, a quem explicava como costumava as verdades da salvação. Acabado o discurso, subio á montanha para orar, acompanhado de Pedro e seus dois irmãos Tiago, e João filho de Zebedeo. Quiz elle que os tres discipulos, que d'antemão elegera para testemunhas do desalento, do temor e tristeza da sua agonia no Jardim das Oliveiras, na vespera de sua morte, fossem tambem os unicos espectadores da sua gloria, na montanha aonde os conduzia.

Era ella mui alta e deserta; e chegando ao cimo, poz-se Jesus em oração: Pedro e seus dous companheiros adormeceram fatigados do caminho. Em quanto o Salvador velava e os discipulos dormiam, a figura do Mestre appareceu inteiramente demudada. Seu rosto brilhava como o sol; resplandeciam suas roupas como a neve. Não poderia o mais habil pisoeiro produzir o brilho de tam bello colorido. De repente appareceram dous homens, que conversavam com Jesus ácerca do que devia soffrer em Jerusalem.

Entretanto despertaram os discipulos e viram a gloria de Jesus e os dous personagens que com elle estavam. Era Moisés e Elias; os quaes, como iam a retirar-se, encantados da gloria de seu Mestre, e saboreando já uma parte do jubilo, de que ella compenetra os santos que a veem em todo o seu esplendor, Pedro disse para Jesus: Mestre, é bom estarmos aqui. Se quereis levantaremos aqui tres tendas: uma para vós, outra para Moisés, e outra para Elias. O Salvador não lhe respondeu; mas, em quanto Pedro fallava ainda, uma nuvem luminosa, similhante a um pavilhão celeste, os cobrio com sua luz: então Moisés e Elias se mergulharam em a nuvem e desappareceram. A este espectaculo tiveram os Apostolos grande medo; e eis que do seio da nuvem sahio uma voz celeste, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem ponho toda a minha complacencia, ouvi-o. No momento em que a voz fallava, não estava alli senão

Jesus somente, a fim de que se não duvidasse que delle só é que se tratava.

Ao ouvir isto, os Apostolos, que até alli haviam estado de pé, cahiram tremendo com a face em terra; mas Jesus, aproximando-se a elles, estendeu-lhes a mão e lhes disse: Levantai-vos e não temais. Então levantando-se e olhando para todos os lados, não viram mais ninguem senão Jesus, tornado ao seu estado ordinario; queremos dizer, que o Salvador suspendeu de novo aquellas torrentes de luz, que forcejavam continuamente por correr da sua divindade para a sua humanidade santa. O estado de gloria em que acabava de mostrar-se era seu estado natural; e não esteve o milagre em apparecer por alguns momentos na gloria propria do Filho unico do Pai, mas em concentral-a dentro de si mesmo, por effeito da sua omnipotencia, e impedil-a de ferir e deslumbrar a vista dos homens.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador que, não contente com nos curar de todas as miserias, dignou-se communicar-nos uma vida divina, dando-nos por alimento a sua carne e o seu sangue.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *farei quanto puder, a fim de me preparar para a sagrada communhão.*

VIII.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

SEGUNDO ANNO.

Possesso curado. — Parabola do devedor. — Exemplo e lição de doçura e charidade. — O unico necessario. — O cego de nascimento curado.

Desceu o Salvador da montanha, onde se havia transfigurado, praticando com os seus tres Apostolos ácerca das circumstancias da sua Paixão. Chegando á planicie, achou os outros nove discipulos cercados d'um povo immenso que, apenas o avistaram, correram para elle testemunhando quanto se alegravam da sua vinda.

Ninguem o desejava mais ardentemente que um pai afflicto, cujo filho, possesso do demonio, não poderam os nove Apostolos curar. Era grande o alvoroço do pai, mas parece que não correspondia ao ardor de seus desejos a vivacidade de sua fé. Crês tu, lhe perguntou o Salvador, que eu tenha o poder de fazer o que me pedes? Nada é impossivel ao que crê. Sim, meu Senhor, lhe respondeu elle, creio; mas peço-vos fortifiqueis a minha pouca fé. Espirito immundo, disse então o Salvador, sahe do corpo deste menino, e não ouses mais entrar nelle. A estas palavras ficou o menino livre.

Então partio Nosso Senhor com seus doze discipulos, e percorreu uma parte da alta Galilea, dirigindo-se para Jerusalem. E' no decurso desta jornada que elle pagou o tributo a Cesar, e deu a seus Apostolos admiraveis instrucções sobre a humildade, o escandalo e a charidade.

Para lhes fazer sentir quanto é indigno o proceder daquelle que não perdoa, disse-lhes a parabola seguinte. Succede entre Deus e o homem alguma cousa similhante ao que se passa entre um rei da terra e aquelles subditos, a quem pede contas da administração do seu Erario. Entrando pois no exame de contas apresentou-se ao rei um que lhe devia dez mil talentos: e não tinha por onde pagar. Prendam-no, disse o principe, e vendam-no, com sua mulher, filhos e bens, e do producto pague-se a divida. Ah! Senhor, respondeu o desgraçado lançando-se aos pés de seu amo, tende paciencia, que eu pagarei tudo o que vos devo. O rei, movido á compaixão, perdoou-lhe a divida, e o deixou ir quite de tudo.

Quando sahia da presença do rei, encontrou este homem um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, bem modica quantia em comparação da que lhe tinham perdoado: arremeçou-se ao desgraçado, e agarrando-lhe pelo pescoço, esganava-o dizendo: Paga-me o que me deves. O pobre servo lançando-se-lhe aos pés dizia-lhe: Tende paciencia, que eu pagarei tudo o que vos é devido. Mas o outro não esteve por isso, e mettendo-o logo na cadeia, ordenou que lá o tivessem até pagar a divida.

Sabendo desta deshumanidade, foram os outros servos, profundamente contristados, dar parte a seu amo do que se passava. Então o principe mandou chamar aquelle servo, de quem lhe contaram tam grandes atrocidades, e lhe disse: Máo servo, só porque me pediste te perdoei toda a tua divida, e tu sabes a quanto montava o que me devias. Não cumpria pois que por uma somma muito mais pequena te compadecesses d'aquelle teu companheiro, como eu mesmo me compadeci de ti? E cheio de colera mandou logo que o entregassem aos algozes até pagar toda a sua divida. Assim fará meu Pai celeste, concluio o Salvador, se vós, a quem elle perdoou e perdoa tantos peccados, não perdoardes de bom grado as offensas que tiverdes de vossos irmãos.

Em quanto durava esta instrucção e muitas mais, continuava o Salvador a caminhar para Jerusalem. Chegando aos confins da Samaria, mandou adiante alguns de seus Discipulos, ao lugar aonde queria pousar, para que annunciassem a sua vinda. Chegaram os enviados a uma cidade dos Samaritanos, cujos habitantes recusaram

dar-lhe hospitalidade, só porque elle ia a Jerusalem. Seus discipulos indignados, voltaram para seu Mestre e lhe disseram: Senhor, quereis que façamos cahir sobre elles o fogo do Ceo?

Nosso amavel Salvador, voltando-se para elles, olhou-os com ar severo, e reprehendeu-os dizendo: Ide-vos, que não sabeis de que espirito deveis ser animados. O Filho do Homem não veio ao mundo para perder as almas, mas para salval-as. Assim Nosso Senhor recebeu a affronta sem queixar-se, e procurou outro asylo. Não pode duvidar-se que isto lhe não pezou muito, menos por elle que por seus Discipulos, de cujas precisões curava com maternal amor. O Papa S. Clemente, discipulo de S. Pedro, refere em seus escriptos, que aquelle Apostolo gostava muito de citar nas suas conversações os rasgos patheticos da bondade de seu divino Mestre, durante a sua vida mortal. Contava porem com especial affecto, que o divino Salvador, nas jornadas que fazia com seus Discipulos, pelas aldeas e cidades da Judea, muitas vezes os visitava de noute, com uma sollicitude quasi paternal, para ver se estavam bem cobertos, e agazalhados do frio; e, se estavam mal accommodados, nada poupava para allivial-os, privando-se a si mesmo do repouso e passando a noute inteira a lhes procurar seu commodo. Foi durante a jornada de que iamos fallando, que elle enviou os seus setenta e dous Discipulos a prégar na Galilea.

Entretanto, não estava elle ocioso. Um dia teve o divino Mestre de confundir a malignidade d'um certo Escriba, ou doutor da lei, que se metteu em cabeça calcular até onde chegaria a capacidade d'aquelle homem, cuja reputação dava tanto brado em toda a Palestina. Veio pois ter com elle e disse-lhe: Mestre, que devo eu fazer para obter a vida eterna? A pergunta era mui vaga, e occultava um laço na sua grande universalidade; mas foi laço em que cahio o mesmo que o armava. Não tens lido a lei? Respondeu o Salvador. Que te ensina ella ácerca das cousas necessarias á salvação?

Respondeu o doutor: A lei pode reduzir-se toda a dous grandes preceitos, que abrangem os outros, e lhes servem de fundamento, a saber: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todas as tuas forças, e assim tambem amarás*

ao teu proximo como a ti mesmo. Respondeste bem, lhe tornou o Senhor, faze pois isso e terás a vida eterna.

D'est'arte, toda a Religião consiste em amar a Deus e ao proximo. Quem ousará dizer que ella é impraticavel?

Depois desta grande lição, continuou o Salvador seu caminho para Jerusalem, e chegou pela tarde a Bethania, aldea visinha da capital. Alli ficou, e recebeu hospitalidade d'uma familia que sempre lhe teve uma affeição sincera. Era a familia de Lazaro, e de suas duas irmãs Martha e Maria.

Maria, que era a mais nova, sentou-se aos pés do Salvador para ouvir suas divinas lições. Martha pelo contrario andava toda afadigada a preparar a comida que Jesus se dignava tomar com aquella santa familia; e como não podesse só com o trabalho, veio ter com o Salvador e disse-lhe: Senhor não reparaes que minha irmã me deixa só, carregada com todo o serviço, dizei-lhe, eu vol-o peço, que venha ajudar-me. O divino Mestre, que jámais deixava de referir ás cousas do Ceo os mais communs e ordinarios discursos, aproveitou o ensejo para nos dar a todos, na pessoa de Martha, uma instrucção tanto mais util, quanto sua applicação é mais quotidiana, ainda para as almas de grande zelo e virtude. Martha, Martha, lhe disse Jesus, inquietas-te muito; divides o espirito para mil cousas; lembra-te, quando as fazes, que uma só é necessaria. Maria tua irmã escolheu a melhor parte, e essa lhe não será tirada. Jesus fallava do negocio da salvação, e é isto o que elle chamava a unica cousa necessaria. A acção e os cuidados de Martha eram bons em si mesmos, mas tendiam menos directamente á salvação que a occupação de Maria, attenta á palavra de Deus: por isso disse que ella escolhera a melhor parte.

Ao outro dia, sahio o Salvador para Jerusalem, e assim que chegou vio-se cercado por uma immensa multidão, que escutava seus discursos. Os principes dos Sacerdotes, invejosos de sua reputação, resolveram apoderar-se delle; mas falhou a empreza: ainda não era chegada a hora do Filho do Homem. Jesus prégou até muitas vezes no templo. Debalde se esforçavam seus inimigos para o apanhar em suas palavras, foram forçados a dizer como o povo: Jamais homem fallou assim. Mas, ó miseria! esta magnifica homena-

gem ficou sem fructo, não se converteram. O Salvador annunciava-lhes então os tremendos castigos que a sua incredulidade chamava sobre elles; mas tudo foi baldado. Por isso, apenas acabou a festa dos Tabernaculos, sahio o Salvador d'aquella cidade endurecida e sequiosa do seu sangue.

Quem não descobrirá aqui uma notoria similhança entre os sabios de Jerusalem e os sabios dos nossos dias? Quantos homens ha entre nós, que teem sempre na boca os louvores do Christianismo, que o admiram em sua moral, em suas instrucções, em suas artes, mas pouco se lhes dá de conformar suas acções com suas leis! Embora lhes digamos, que taes louvores sem acções, tal admiração sem fructos, não os poderá livrar dos castigos, com que Deus ameaça os desprezadores de sua santa vontade, riem-se de nossas palavras. Que nos resta pois? senão orar pelos cegos de vontade, que teem olhos e não veem, ouvidos e não ouvem?

Sahia o Salvador do templo, e se retirava com seus Apostolos, sem que seus inimigos o seguissem, quando encontrou no caminho um cego de nascimento, no qual fitou os olhos: Mestre, lhe perguntaram os Apostolos, porque é este homem cego de nascimento? acaso é pessoalmente culpado, ou é punido pelos peccados de seus pais? Respondeu Jesus: Nem é pelos peccados deste homem, nem pelos de seus pais, que Deus permittio que elle nascesse cego.

Verdade é, que as doenças, as adversidades, e a morte não entraram no mundo senão pelo peccado; mas Deus, que dellas se serve, quando lhe apraz, para castigar os peccadores, tambem as emprega muitas vezes, para aperfeiçoar os justos, e manifestar sua gloria. Ora, é unicamente para sua gloria, accrescentou o Salvador, que Deus permittio a enfermidade deste homem; elle o destinou para patentear as maravilhas do seu poder. Dito isto, cuspio em terra, e molhando a poeira com a saliva, fez uma massa com que esfregou os olhos do cego, e depois disse-lhe: Vai: lava-te no tanque de Siloe. Obedeceu o cego, lavou os olhos, recebeu a vista, e tornou para casa saltando de contente.

Jamais houve milagre tam rigorosamente examinado, e para bem o foi. Apenas voltou o cego, divulgou-se a fama de sua cura, e corria o povo de todos os cantos da cidade para o ver, e certificar-

se do que ouviam. Os visinhos, e mais os que o tinham visto centos de vezes a pedir esmola, diziam uns para os outros: Não é este o cego, que se ia assentar pelas encruzilhadas, e mendigava aos que passavam? E' elle mesmo, asseveravam uns; não, diziam outros, é algum que se parece com elle; tal não ha, acudia o cego, sou eu mesmo. Esta duvida sobre a identidade da pessoa, terminou em breve.

Pelo que toca á cura, não podiam julgar pelos olhos, era precizo saber de que maneira se tinha operado; e eil-os a perguntar: Como se te abriram os olhos? O cego respondeu: Aquelle homem que se chama Jesus molhou terra com a sua saliva, esfregou-me com ella os olhos, e depois disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me, e vi. Mas, tornavam os assistentes, onde está o homem que te deu essa ordem? Eu não sei, tornou o cego.

Acabadas estas primeiras pesquizas, não se julgaram dispensados de tirar novas informações, e consultar pessoas de abalizada reputação, a ver o que deveriam crer e concluir do milagre. Conduziram pois o homem que tinha sido cego, aos Phariseos; os quaes o interrogaram de novo, e suppondo pelo testemunho publico, que de veras tinha sido cego, perguntavam-lhe só como recuperara a vista. A innocencia e simplicidade não arreceia perguntas: Aquelle a quem devo a vista, respondeu elle, poz-me lôdo nos olhos, lavei-me por sua ordem no tanque de Siloé, e vejo. A candura desta declaração causou divisão nos juizes. Todos queriam evitar as consequencias do milagre, que provava tam vigorosamente o divino poder de quem o fizera; mas não concordavam nos meios de o recusar: eis aqui o miseravel recurso de que lançaram mão.

Foi em dia de Sabbado que Jesus fez o lodo com a sua saliva, e a poeira da terra: foi em dia de Sabbado que mandou o cego ao tanque de Siloé. Nestas duas acções nada havia contrario á lei; todavia disseram alguns: Como quer que seja da cura do cego, um homem que não guarda o Sabbado não pode ser enviado de Deus. Outros porem diziam: Pois se este homem é peccador, violador do Sabbado, logo não pode operar um prodigio tam estupendo. Todos estes raciocinios não concluiam nada, nem satisfaziam os bons Israelitas.

Desconcertados os Phariseos, fizeram ao cego uma pergunta que mostrava tanto o seu embaraço como a discordancia em que estavam. E tu, lhe perguntaram elles, que dizes desse homem, que te abrio os olhos? Eu digo que é um Propheta, respondeu o cego. Desesperados com isto, pozeram-se os Phariseos a negar que aquelle homem fosse jamais cego, e a dizer que alli andava conloio ou tramoia. Mandaram pois chamar o pai e a mãi. E' este o vosso filho? lhes perguntaram elles; nasceu elle cego? Se assim é, como vê elle agora d'ambos os olhos? O que nós sabemos, responderam os pais, é que esse é o nosso filho; e tambem sabemos que era cego desde que nasceu; mas como é que agora vê, disso não sabemos nada, nem tam pouco quem é o homem que lhe deu vista. Interrogai ao nosso filho, que já tem idade para responder.

Bem sabiam os pais do cego de que modo se fizera o milagre, mas não tinham animo de o dizer; porque os Judeos de Jerusalem, isto é, os Phariseos e os principes do povo, já tinham combinado em expulsar da Synagoga, como excommungado, todo aquelle que fizesse profissão de crer que Jesus era o Christo. Por isso é que o pai, e a mãi do cego lançavam sobre elle o perigo da resposta, quando diziam aos Phariseos, que elle tinha idade para responder.

Os Phariseos, por tanto, tornaram a chamal-o, e vestindo um ar de auctoridade religiosa: Repara, lhe disseram, repara bem no que dizes; treme da presença do soberano Juiz que te ouve, falla verdade e dá gloria a Deus: nós sabemos que esse homem é um peccador. Se Jesus é peccador, retorquio o cego com muito desembaraço, isso é que eu não sei; o que sei é que eu era cego, agora vejo. Que fez elle, pois, para te dar vista? Eu já vol-o disse, tornou o cego; porque me perguntaes isso outra vez? acaso quereereis ser seus discipulos? Sê-o tu, lhe disseram os Phariseos enfurecidos, e carregando-o de maldições; quanto a nós, somos discipulos de Moisés. Nós sabemos que Deus fallou a Moisés, em quanto que esse homem, chamado Jesus, não sabemos donde é ou donde veio, se da parte de Deus, ou da parte do demonio.

Eis ahi na verdade, respondeu o cego, o que é muito singular; pois vós, que vos presaes de sabios, não sabeis de que parte veio este homem, que teve poder de me abrir os olhos? Pela

nossa parte, pobres ignorantes, sabemos muito bem que os peccadores não teem poder de fazer taes milagres; os que teem este poder são amigos de Deus. Demais, de que milagre é que se trata? D'um tam prodigioso como a cura d'um cego de nascimento, cousa de que não ha exemplo desde a origem dos seculos. Se aquelle que me deu os olhos, que eu não tinha, não fosse enviado de Deus, poderia por ventura fazer similhante cousa?

A estas respostas, que não tinham replica, os Phariseos não sabiam parte de si. Abrasados em colera: E's um desgraçado, disseram ao cego, estás todo coberto de crimes. Olha o theologo de dous dias, a dar-nos lições a nós! E dizendo isto o empuxavam para fóra da porta. Soube o Salvador que aquelle pobre cego fôra expulso pelos Phariseos com ignominia. Tratou de o procurar, e disse-lhe: Crês no Filho de Deus? Quem é elle, respondeu o cego, para que eu faça a minha profissão de crer nelle? Sou eu que te curei, eu que te fallo, lhe disse o Salvador. Senhor, respondeu o cego com transporte, eu o creio; e lançando-se aos pés do Salvador, prosternou-se diante delle e o adorou.

E nós tambem, cegos de nascimento curados por Jesus, saibamos agradecer-lhe por nos ter chamado á luz eterna do seu Evangelho. Imitemós o cego, cuja historia acabamos de ler, e seja a simplicidade da sua fé, valor e gratidão, o modelo que imitemos.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, cuja vida toda é um continuado beneficio; dai-nos a fé e gratidão d'aquelle cego, e a ternura de Martha e de Maria para com o nosso divino Salvador.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *perdoarei de todo o coração aos que me houverem offendido.*

IX.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

TERCEIRO ANNO.

A ovelha desgarrada. — O filho prodigo. — Os meninos abençoados. — Annunciação da Paixão. — Zacheo convertido.

A REDEMPÇÃO do homem era o fim constante das palavras, milagres, e passos do Messias. Por suas palavras dissipava as trevas do erro e da ignorancia; por seus milagres provava a sua divindade; por seus passos testemunhava a sua compaixão de nossas miserias; em summa, a sua vida toda tendia a livrar o genero humano do abysmo deploravel em que o peccado o tinha precipitado. Por sua bondade e familiaridade, queria dissipar aquelle temor servil que o homem tinha universalmente de Deus. Tudo nelle dizia: Não temaes, Deus já está apasiguado; qualquer que seja o vosso crime, tende confiança: meu Pai vos estende os braços para vos receber. Para ensinar expressamente esta consoladora verdade, propoz elle a parabola do bom Pastor e a do Filho prodigo: prestai attenção a ouvil-as.

Um pastor, disse elle, tem um rebanho de cem ovelhas, as quaes ama e guarda com disvello; mas, apezar da sua vigilancia, desencaminha-se uma. Ora, não é verdade que, apenas dá pela falta, deixa as noventa e nove no deserto, e vai procurar a que se havia perdido, até que a ache? Certamente, e não descança em quanto a não encontra, e quando tem a fortuna de a alcançar, não

lhe dirige reprehenções, nem a castiga, mas, lançando-a aos hombros, elle mesmo a traz ao curral, a fim de lhe poupar a fadiga do caminho. E chegando a casa, ajunta seus amigos e visinhos, e diz-lhes: Congratulai-vos comigo, que achei a ovelha que se havia perdido.

Pois é assim, conclue o Salvador, que faz o vosso Pai celeste. Digo-vos que a conversão d'um peccador causa no Ceo maior jubilo do que a perseverança de noventa e nove justos que, não se havendo desgarrado, não teem necessidade de penitencia.

Que peccador poderá pois temer de voltar para Deus? Que! por isso que a ovelha andou perdida muito tempo será menos amada quando entrar no aprisco? Pelo contrario, é mais estimada: não porque o peccador, por ter merecido mais severos castigos, seja mais digno de favores; mas a alegria de o recuperar mede-se pela dor que tinha causado a perda. Um justo, que persevera, é tido n'uma estima uniforme, goza sempre d'uma complacencia igual; porem um peccador convertido faz cessar penas, enxuga lagrimas, dá consolação, restabelece uma alegria, que parecia para sempre extincta.

A esta parabola da ovelha perdida accrescentou o Salvador outra, ainda mais consoladora; destinada unicamente a confundir o justo orgulhoso, e animar o peccador penitente.

Endereçando-se aos Phariseos, que o censuravam de prodigalizar seus cuidados e ternura aos peccadores: Um homem, lhes disse elle, tinha dous filhos; e o mais novo disse para seu pai: Dai-me a parte que me cabe do meu patrimonio. O pai, dividindo seus bens em duas porções, deu a cada um dos filhos o quinhão que lhe tocava.

Um mancebo, com grandes bens e demasiada liberdade, corre sempre grandes riscos: este não tardou a experimental-os. Pouco tempo depois desta partilha, ajuntando tudo o que era seu, deixou seu pai, e ausentou-se para um paiz remoto.

Vendo-se livre de toda a inspecção, sem ninguem que o reprehendesse, dissipou o mancebo em pouco tempo todos os seus bens vivendo dissolutamente. Para cumulo de desgraça, depois que não teve mais nada, sobreveio uma grande fome na terra onde estava, de sorte que se vio em extrema indigencia. Que partido tomaria el-

le para grangear seu pão? Poz-se a servir um habitante d'aquella terra, que o mandou para um casal seu a guardar os porcos. Eis ahi vendida a liberdade, pela qual sacudira o amavel jugo da auctoridade paterna! Eil-o, o filho indocil, que deixou seu pai para se impor um amo; que sahio d'uma boa casa para guardar porcos! Nobre mancebo, a que estado te reduziste!

Tantos sacrificios porem não bastaram a grangear-lhe o necessario; soffria grande fome e invejava aos porcos o alimento vil que comiam, mas não lh'o davam. Então o filho prodigo, tendo entrado em si, disse suspirando: Quantos jornaleiros ha em casa de meu pai, que teem pão em abundancia, e eu aqui estou morrendo de fome! Irei buscar a meu pai, e dir-lhe-hei: Meu pai, pequei contra o Ceo e contra vós; não mereço chamar-me vosso filho: recebei-me em o numero de vossos jornaleiros.

Mas como se atreverá a apparecer a seu pai, depois de o haver tam indignamente abandonado? Como se mostrará a seu irmão e ás pessoas da casa no triste estado a que está reduzido? « Representa-se-me, diz um piedoso auctor, vêl-o como um mendigo, escaveirado, desfigurado, espoliado da pobreza, com o corpo meio nu, meio coberto de farrapos, esmolando, com importunações, um triste bocado de pão, para não perecer á fome. Ah! Não seria augmentar a colera de seu pai o apparecer-lhe em tal desolação? Não seria expor-se a não o conhecer? »

Nada porem o deteve. Eil-o a caminho para a casa paterna. Ainda estava bem distante, quando seu pai o avistou. Não podem os andrajos, nem a miseria desfigurar assaz um filho aos olhos de seu pai; as entranhas se lhe commovem; corre ao seu encontro; toma-o nos braços. Meu pai, lhe diz elle, confuso e enternecido, pequei contra o Ceo e contra vós, não mereço chamar-me vosso filho.

Mas o pai, exultando de jubilo, sem responder-lhe, sem lhe dirigir uma reprehenção, sem mesmo lhe dar tempo de fallar, chama por toda a gente da casa: Trazei depressa, diz elle, o primeiro vestido de meu filho, vesti-lh'o, mettei-lhe um annel no dedo, e os çapatos nos pés. Trazei tambem um vitello bem gordo, e preparai um grande banquete; alegremo-nos todos; porque meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e outra vez o possuimos.

Depois disto assentaram-se á mesa, chamaram musicos, e entregaram-se á mais viva alegria.

Entretanto o filho mais velho andava no campo; e como viesse para casa, ouvio a harmonia do concerto. Chamou um criado, e perguntou-lhe a causa d'aquella inexperada festa; o servo respondeu-lhe: E' vosso irmão que chegou; e vosso pai cheio de alegria mandou matar o novilho mais gordo, por tornar a achar seu filho a quem não esperava de ver mais. Então aquelle filho mais velho, indignado, não quiz entrar em casa; o que sendo dito a seu pai, veio ter com elle e pedir-lhe para ir assistir á festa e pôr assim o cumulo á sua alegria. Que! respondeu o filho, como quem estranhava aquelle procedimento de seu pai, pois ha tantos annos que vos sirvo sem nunca desobedecer a nenhuma de vossas ordens, e ainda me não offerecestes um cabritinho para me regalar com os meus amigos, e agora est'outro filho, que dissipou em devassidões todos os seus bens, volta miseravel e estragado, e logo mandais matar o melhor novilho, e não sabeis mais que lhe fareis! Meu filho, torna brandamente o bom do pai, tu estás sempre comigo, são teus todos os meus bens, tens liberdade de dispor delles; em comparação d'uma amizade tam liberal e constante, que é uma festa momentanea, exigida pelas circumstancias? Bem era que fizessemos um banquete extraordinario, e dessemos alguma cousa ao contentamento de toda a nossa casa. Teu irmão estava morto, e agora reviveu; tu e eu o tinhamos perdido, e agora o tornamos a achar.

Onde acharemos uma parabola mais tocante e fecunda em motivos de consolação para os peccadores penitentes, e uteis reflexões para os justos presunçuosos? O Salvador anima os primeiros, patenteando-lhes a misericordiosa bondade do Pai que os espera, e animando-os a rehabilitar-se pelo arrependimento, qualquer que seja o seu estado; porque o arrependimento é irmão da innocencia. Aos outros, ensina o divino Mestre a charidade, a humildade e a excellencia dos continuos beneficios que recebem em seu serviço, e de que nem sempre se mostram assaz agradecidos.

Depois deste discurso, tam digno daquelle que veio ao mundo para salvar os que pereciam, praticou o Salvador uma acção que

demostra quanto é grande a bondade e amabilidade de seu divino coração.

Um dia que estava instruindo a seus discipulos, que o escutavam com extraordinaria attenção, chegaram-se a elle grande numero de païs e mãis, que vinham apresentar-lhe seus filhinhos, e conjural-o a que lhes impozesse as mãos e recitasse sobre elles algumas orações. Os Apostolos que estavam muito attentos a ouvir seu divino Mestre, e que ainda não tinham no coração aquelles sentimentos de bondade de que Jesus estava penetrado, procuravam affastar d'alli os pais e os meninos. Percebendo isto o Salvador, chamou por elles dizendo: Deixai que os meninos venham a mim; não vos succeda affastal-os nunca; porque a elles e aos que se parecem com elles pela candura, ingenuidade e innocencia, é que pertence o Reino dos Ceos. Em verdade vos digo, que aquelle que se não submetter ao Evangelho com a simplicidade d'um menino, não entrará no reino de Deus.

Deve de ser bem agradavel a Jesu-Christo esta amavel virtude da simplicidade, pois que não perde occasião de a elogiar e recommendar como a virtude propria do Evangelho. E' desgraça nossa que cada dia nos apartamos mais do espirito do divino Mestre: o mundo christão vai-se enchendo não de meninos, mas de philosophos. Desestima-se a infancia evangelica; já não toleramos em nossa fé obscuridade nem misterio; apartamos de nossos usos as praticas da piedade e os signaes externos de devoção commum; já não queremos ser simplices, ou para melhor dizer, prezando-nos de sabios, somos na verdade insensatos.

O Salvador pois chamou a si todos aquelles meninos; abraçou-os uns após outros, impoz-lhes as mãos, e os despedio cheios de suas bençãos. Para pôr a sua innocencia para sempre fora do alcance do escandalo, tomou aquelle ar de magestade que convem a um Deus, e declarou que se alguem escandalizasse a um dos seus meninos, melhor lhe fôra ser precipitado no mar, com uma atafona atada ao pescoço. Emfim, para lhes assegurar o respeito, a protecção, os disvellos que sua idade reclama, accrescentou: Em verdade vos digo, tudo que fizerdes a um destes pequeninos que são meus irmãos, é como se o fizesseis a mim mesmo. D'est'arte o Reparador univer-

sal rehabilita a infancia, tornando-a santa e sagrada; a infancia, que entre os pagãos era uma victima votada já á morte, já á corrupção, e immolada sem piedade no altar vergonhoso de divindades infames.

Entretanto a vida mortal do Filho de Deus tocava o seu termo. A vontade de seu Pai o chamava a Jerusalem. Partio elle, pois, com seus Apostolos, semeando pelo caminho o trigo salutar da sua palavra, confirmada pelos milagres da sua Omnipotencia. Contando deste dia da partida, não lhe restavam mais que quinze dias para viver, até á consummação do seu sacrificio. Vamos a Jerusalem, disse elle a seus Apostolos, lá se cumprirão todos os Oraculos, annunciados pelos Prophetas ácerca do Filho do Homem, e elle será entregue aos Principes dos sacerdotes, aos Escribas e Anciãos do povo. Lá será condemnado á morte, abandonado aos gentios, coberto d'opprobrios, insultado por todos os modos. Elles lhe cuspirão no rosto, e o flagellarão, e suspenderão em uma cruz; elle morrerá, e resurgirá ao terceiro dia. Dizendo isto, estava sereno e cheio d'alegria. Indo de caminho, curou o orgulho dos filhos de Zebedeo, que ambicionavam as primeiras dignidades do seu Reino, e restituio a vista a um cego.

Pelo resto da tarde chegaram aos arredores de Jericó, onde o Salvador ficou tres dias. Foi alli que Martha e Maria enviaram um correio a dar-lhe parte da doença de seu irmão Lazaro, e pedir-lhe que viesse cural-o. Vai, respondeu Jesus ao enviado, dize da minha parte a Martha e a Maria que esta doença de seu irmão não é para elle morrer, mas para patentear a gloria de Deus e a divindade de seu Filho.

Lazaro expirou algumas horas depois da partida do correio; porem não ignorava isto o divino Mestre. Differindo a sua ida, bem sabia a que prova punha a fé e confiança das duas irmãs. A's almas mais bem amadas é que o Salvador reserva as maiores afflicções; pois que para ellas prepara elle as maiores graças. Por outra parte, resolveu fazer, na resurreição de Lazaro, mesmo ás portas de Jerusalem (porque Bethania não estava a mais d'uma legoa d'aquella cidade), um milagre tam estupendo, que confundisse ao menos a incredulidade da Synagoga, já que ella não queria render-se á

verdade. Assim se ficou pois dous dias no mesmo lugar, continuando a visitar com seus Apostolos a terra de Jericó, tam tranquillo como d'antes.

Antes de se ausentar dalli para sempre, quiz fazer uma d'aquellas singulares conversões, cuja memoria os Evangelistas tiveram tanto mais cuidado de nos conservar, quanto mais propria a julgaram para ser ao mesmo tempo o attractivo e modelo da penitencia, em uma condição em que a opulencia cria tantos peccadores.

Passando Jesus por Jericó, seguido de grande multidão de povo, um homem, que ha muito desejava ver o grande Propheta, apenas ouvio que elle passava, correu, para que lhe não escapasse, a encontral-o no caminho. Chamava-se este homem Zacheo; era chefe dos Publicanos da sua terra, e gozava de grande fortuna; mas era d'estatura muito pequeno. Como a multidão lhe não deixava ver Jesus, sahio d'onde estava e andou alguns passos para diante; depois, vendo um sycomoro á beira da estrada, trepou a toda a pressa e poz-se a olhar de cima da arvore. Entretanto vinha caminhando o Salvador, e chegando alli parou, levantou para elle os olhos, e disse-lhe: Zacheo desce já, porque hoje ficarei em tua casa. Zacheo, que não aspirava a tanta gloria, desceu n'um momento, e conduzindo o Salvador, não cabia em si de gosto, por ver á sua mesa o Christo, o enviado de Deus para a salvação d'Israel. Nada mais edificante do que este espectaculo; mas a aversão que os Judeos tinham aos Publicanos era tal, que sem embargo da presença do mesmo Salvador, murmuravam em alta voz, por ter ido pousar a casa d'um Publicano, ou peccador; porque estas duas palavras tomavam-se indifferentemente uma por outra.

Jesus nada respondeu a estas reprehenções, que tantas vezes tinha supportado aos Escribas e Phariseos; porem Zacheo não só se calou tambem, mas confundio os murmuradores por suas obras. Mostrou-lhes que um Publicano humilde e de boa fé merecia, da parte de Deus, um acolhimento favoravel, de que eram indignos aquelles soberbos criticos e orgulhosos doutores. Aproximando-se pois do Salvador, e estando em pé diante delle, e em presença de todos os assistentes, disse-lhe: Agora que tenho a felicidade de vos ver e ouvir, não se me dá mais das minhas riquezas; desde este momento, dou aos

pobres ametade dos meus bens; demais, vou examinar se o que me resta me pertence legitimamente, e se alguma cousa dever a alguem, sem demora lhe restituirei o quadruplo.

Zacheo, como vêdes, não promette abandonar o seu negocio; quando se resolve proceder nelle deste modo, é licito conservar os empregos; e o Salvador, contente da integridade de Zacheo, voltou-se para elle com bondade, e mostrando-o áquelles que acabavam de ser testemunhas de seus sentimentos: Neste dia, lhes disse elle, o senhor desta casa e todos que lhe pertencem entraram no caminho da salvação: Zacheo é um verdadeiro filho d'Abraham. Eis como o Filho do Homem veio buscar e salvar tudo o que tinha perecido.

Presume-se que o Salvador sahio da casa de Zacheo tres horas depois do meio dia, e se poz a caminho para Bethania com seus Discipulos. Vamos, lhes disse elle, não percamos tempo: nosso amigo Lazaro dorme, mas eu vou despertal-o do seu somno. Senhor, responderam os Apostolos, se Lazaro dorme, sem duvida está melhor, e se restabelecerá. Mas Jesus com o nome de somno fallava da morte de Lazaro; e como os Apostolos o não entenderam, disse-lhes claramente: Lazaro está morto; e, por vossa causa, muito estimo não ter estado lá, para que vos fortaleçais na fé: vamos ter com elle.

No caminho curou o Salvador dous cegos; porque os infelizes pediam-lhe a elle milagres, como se pede a outros uma pequena esmola. Pelas nove horas da manhã, chegaram perto de Bethania, quatro dias depois que Lazaro tinha morrido, e grande numero de Judeos tinham vindo visitar Martha e Maria para as consolar na morte de seu irmão. Quando annunciaram a vinda do divino Mestre, estava a casa cheia d'aquelles consoladores, tantas vezes incommodos, quanto sempre insufficientes, para consolar quem verdadeiramente sente a morte do parente ou do amigo.

Apenas ouvio Martha pronunciar o nome de Jesus, correu ao seu encontro. Senhor, lhe disse ella, se estivesseis aqui, não morreria meu irmão; mas eu sei que, mesmo agora, tudo o que pedirdes a Deus vos será concedido. Era isto sollicitar o maior dos prodigios por uma maneira tam forte como respectuosa.

O Salvador respondeu por uma verdade geral, que deixava entrever suas boas intenções, sem comtudo as patentear inteiramente. Teu irmão resuscitará, disse elle a Martha. Eu o sei, replicou ella, meu irmão resuscitará no ultimo dia, na resurreição geral de todos os mortos. Tambem sabeis, continuou o Salvador, que eu sou a resurreição e a vida. Aquelle que crê em mim, ainda que esteja em morte temporaria na terra, viverá eternamente no Ceo. Não crêdes nisto? Sim Senhor, respondeu Martha; porque faço profissão de crer que sois o Christo, Filho do Deus vivo, que viestes ao mundo. Martha, cheia d'esperança, correu a casa; tirou sua irmã á parte, e disse-lhe em segredo: E' chegado o Mestre, e perguntou por ti.

Não esperou mais a fervorosa Maria: escoou-se immediatamente do meio de seus commovidos amigos, e correndo para Jesus o encontrou no lugar onde sua irmã o deixara. O Salvador não tinha dado um passo para o lado da casa, mas ficara com seus Discipulos á entrada da povoação, no sitio onde Lazaro havia sido enterrado, fóra dos muros da cidade; porque não queria entrar no povoado sem primeiro fazer aquelle prodigio. A sahida precipitada de Maria causou especie aos Judeos que alli estavam; e cuidando que, n'um subito accesso de dor, correra ao tumulo de seu irmão, para o regar de suas lagrimas, sahiram tambem e foram em seguimento della.

Maria porem não viera ter com o morto, mas sim com o verdadeiro consolador das almas fieis. Chegando antes que os outros, lançou-se aos pés de seu divino Mestre dizendo: Ah, Senhor! se aqui estivesseis não teria morrido meu irmão. Dizendo isto, começou a chorar, e os mesmos Judeos que vieram com ella não poderam reprimir as lagrimas.

Este espectaculo enterneceu o Salvador, que experimentou um fremito em seu espirito, e pareceu turbar-se. Depois disse aos assistentes: Aonde o pozestes? Vinde, Senhor, lhe disseram elles, e vêde. Chegando ao pé do tumulo, Jesus deixou correr suas divinas lagrimas. Queria ensinar-nos que, se na morte d'um amigo devemos resignar-nos e submetter-nos á vontade de Deus, nem por isso se nos prohibe a saudade e as lagrimas. Notaram os Judeos es-

te pranto tam digno de sua attenção: Vêde, diziam uns, como elle o amava! Este homem de milagres, diziam outros, que abrio os olhos a um cego de nascimento, não podia evitar que seu amigo morresse? Jesus tornou a bramir em si mesmo, e chegou-se para o tumulo.

Era elle n'uma caverna, tapada por uma grossa pedra. Tirai a campa, disse elle. Ah, Senhor! gritou Martha, ha quatro dias que meu irmão morreu; o corpo já cheira mal. Martha, lhe respondeu o Salvador, não te disse eu já, que se tiveres fé verás a gloria de Deus? Tiraram pois a pedra, que fechava a entrada do sepulchro. Então Jesus, levantando os olhos para o Ceo: Pai! disse elle, eu vos dou graças por me terdes concedido o que vos pedia occultamente, no fundo do meu coração. Bem sabia eu que sempre me ouvis; mas digo isto para este povo, que me rodea, para que conheça que sois vós que me enviastes. Entretanto abriram o sepulchro; e via-se desde a entrada o morto de quatro dias, estendido no chão, e o cadaver exhalava um cheiro sepulchral, atravez das mortalhas que o envolviam.

Então o Salvador, levantando a voz, pronunciou distinctamente estas tres palavras: Lazaro, levanta-te, e sahe do tumulo. Immediatamente Lazaro se levanta, tendo os pés e as mãos ligadas com ataduras, coberto o rosto com um sudario e todo o corpo envolvido em um lençol. Desatai-o, disse Jesus aos circumstantes, e deixai-o ir. Obedeceram, e Lazaro veio reunir-se aos mais para conduzir o Salvador á sua casa de Bethania. Quem poderia exprimir os sentimentos deste homem resuscitado, a alegria das duas irmãs, a confirmação de sua fé, e os transportes de sua gratidão! Quanto aos Judeos de Jerusalem, consoladores de Martha e de Maria, foi para muitos uma preciosa graça o haverem sido testemunhas de similhante prodigio; pois creram em Jesu-Christo como no Filho de Deus annunciado pelos Prophetas. Alguns delles chegaram mesmo a persuadir-se que tinham por este milagre um meio de forçar a crer a mais obstinada incredulidade; e nesta persuasão o foram annunciar aos Phariseos, como para os obrigar a convencer-se.

Não se convence porem quem não quer convencer-se; e esta

força de luz não servio senão de irritar mais aquelles invejosos, determinados pelo interesse e pelas suas paixões a não crer nelle, nem admittir prova alguma concludente em favor d'um homem, a quem resolveram perder. Sabendo pois do milagre, e assustados de suas consequencias, reuniram-se os Pontifices e Phariseos em um grande concelho, no qual resolveram dar a morte a Jesu-Christo. Que fazemos nós, em que pensamos? disseram uns para os outros. Este homem faz um sem numero de milagres, e eis que leva comsigo a todo o mundo. O que deviam concluir era: logo devemos crer nelle — mas não, a paixão raciocina sempre mal: Se o deixarmos, continuaram elles, toda a gente virá a crer nelle, o povo o escolhera para seu rei, e os Romanos indignados virão contra nós, e destruirão a cidade e a nação.

Malvados! Não era o interesse publico que lhes importava; mas sim o descredito em que cahiam pela reputação e milagres do Salvador; e como não ousassem confessar este sordido motivo, procuravam encobril-o com a capa do bem publico: erraram porem no calculo; pois que não foi por ter reconhecido o seu verdadeiro Rei, mas por se obstinarem em não o reconhecer, que se viram opprimidos de todos os males que fingiam temer. Um dos chefes do concelho, que era Caiphas, Summo Sacerdote naquelle anno, (1) adoptando aquelle falso raciocinio, tomou a palavra e opinou nestes termos: Razão tendes: não vêdes que é vosso interesse que um só homem morra pelo povo, por medo que não pereçam todos? Assim confirmava Caiphas o que acabavam de dizer, e o que quizeram fazer temer da vingança dos romanos. Este parecer teve o suffragio de todos, e assentaram unanimemente em dar a morte a

(1) Para entender estas palavras do Escriptor sagrado, *porque elle era pontifice aquelle anno*, é preciso saber que Annas e Caiphas eram ambos Summos Pontifices, e que o foram por toda a vida; mas exerciam este cargo alternadamente. Aquelle que entrava no Santo dos Santos, na festa da Expiação, era o Pontifice d'aquelle anno, de sorte que os consideravam como dous Pontifices alternados, não quanto á dignidade, que não perdiam nunca, mas quanto ás funcções que exerciam ora um ora outro.

Jesus de Nazareth. Dizendo que convinha que um só homem perecesse para salvar todo o povo, proferia Caiphas, sem o saber, uma prophecia, que annunciava que o Filho de Deus, feito homem, devia ser immolado em lugar de todos os homens. Todavia, a sentença pronunciada pelos membros do concelho não era menos injusta, por isso que estava prophetisada; e aquelles corruptos e cegos juizes não cuidaram em mais que em accelerar a sua execução.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, cuja bondade se estende a todas as idades e precisões do homem; conservai em mim a candura e innocencia da infancia, ou, se por desgraça a tiver perdido, recebei com bondade, ó meu terno Pastor, a vossa ovelha desgarrada.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *prometto evitar tudo o que possa dar escandalo aos meninos.*

X.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

TERCEIRO ANNO.

Cumprimento das prophecias. — O balsamo derramado. — Murmuração de Judas. — Entrada em Jerusalem. — Inveja dos Phariseos. — Lagrimas do Salvador. — Predição ácerca de Jerusalem. — A esmola da Viuva. — Pureza d'intenção. — Novas murmurações de Judas. — Sua traição.

O CONCELHO, que acabava de condemnar a Jesus de Nazareth, compunha-se de todos os homens abalizados e doutos de Jerusalem ; por isso eram tanto mais criminosos ; mas a mesma nação era indesculpavel em se deixar arrastrar cegamente por seus Pontifices e pelos furores da caduca Synagoga. Acima da sua auctoridade havia outra muito mais grave, cuja vontade era impossivel ignorar : esta auctoridade eram as obras de Jesus, testemunho divino, ao qual todos os espiritos deviam sujeitar-se. Demais, segundo os mesmos oraculos dos Prophetas, deviam crer que o Christo seria desconhecido dos Principes do seu povo, e condemnado á morte pelo Senado da nação. As violencias da Synagoga contra o seu verdadeiro Rei, previstas e predictas, como um dos seus signaes caracteristicos, não podiam por tanto ser causa de se duvidar da missão de Jesu-Christo.

Demais, Deus nada tinha poupado para tornar a missão de seu

Filho tam evidentemente crivel, que não podesse causar duvida nem suspeita nos homens rectos e de boa vontade.

Com effeito, Jesus tinha vindo ao mundo exactamente no tempo em que era esperado. Tinha nascido em Bethleem, do sangue de David, d'uma Mãi sempre virgem, como predisseram os Prophetas. Havia mais de trinta e dous annos, que Jesus não fazia outra cousa senão aperfeiçoar todos os dias em sua pessoa o retrato completo do Christo, por sua doutrina, santidade, milagres, e litteral cumprimento de todas as prophecias que lhe eram concernentes. Todavia não estava ainda acabado este divino modelo, ainda não se havia consummado esta prova que a resurrreição de Lazaro acabava de levar a tam alto grao de evidencia.

O signal decisivo era a mesma morte de Jesu-Christo na cruz, ordenada pela Synagoga, executada por estranhos, acompanhada das circumstancias preditas, seguida ao terceiro dia por sua gloriosa resurreição, e coroada por sua ascensão á dextra de seu Pai. Era este o signal do Propheta Jonas, para onde o Salvador mandava sempre os incredulos da sua nação. Porque emfim, se depois d'um nascimento tal como o de Jesus, seguido de tam miraculosa missão; se depois d'uma vida de trinta e tres annos tam santa e bem sustentada, este Jesus fôr crucificado e morto, exactamente do modo que elle mesmo o annunciou, por tantos e tam antigos oraculos; se depois da sua morte, elle resuscitar no dia que fixou publicamente; por mais que diga ou faça a incredulidade, será impossivel que Jesus não seja o que elle mesmo diz que é: o Christo e o Filho de Deus.

Assim se dispunham as cousas para esta demonstração a que se não poderia replicar. Depois da resurreição de Lazaro, sahio o Salvador de Bethania e se retirou para a cidade de Ephrem, distante de Jerusalem cerca de oito horas de caminho. Era no tempo da Pascoa, e vinham as multidões de toda a parte da Judea para assistir áquella solemnidade. Jesus dirigiu-se tambem para essa Jerusalem, que em breve se ennegreceria por um deicidio, e derramaria pela terra o sangue do seu Rei, do seu Christo e do seu Deus. Passou outra vez por Bethania e se demorou em casa de Lazaro. Constando da sua vinda, vieram de Jerusalem grande numero de Judeos,

não só para o ver a elle como tambem a Lazaro, resuscitado depois de estar quatro dias na sepultura. Deram-lhe uma cea, na qual Maria, irmã de Lazaro, mostrou quam ternamente o amava. Logo que Jesus se assentou á mesa, aproximando-se delle, derramou em seus pés um balsamo exquisito, limpou-os com seus cabellos, e n'um momento toda a casa rescendia com a fragrancia do aroma.

Judas Iscariotes, o traidor que, d'ahi a pouco, havia d'entregar Jesus a seus inimigos, e que ainda era um de seus Apostolos, censurou muito esta piedosa liberalidade de Maria. Porque se não vendeu, disse elle, este precioso balsamo? Podera dar tresentos dinheiros, que servissem para soccorrer os pobres.

Estas taes observações, que ainda se renovam entre os Christãos de nossos dias, ácerca das liberalidades de pessoas piedosas com a magnificencia do culto publico, são as mais das vezes a manifestação d'uma occulta irreligião, que não a expressão d'uma sincera charidade. Não reprehendem nem censuram, em favor dos pobres, o fausto de suas casas, o luxo de seus vestidos, mas muito lhes peza que se adornem os altares com o que podia servir para remediar a indigencia.

Assim fazia Judas, que não era por amor dos pobres que fallava, mas por ser um avarento e um ladrão, e ser elle o que tinha a bolsa das esmolas que o Salvador recebia para sua subsistencia e a de seus Discipulos. Bem sabia Jesus que por este motivo é que o cubiçoso murmurava; mas porem, para justificar a innocencia de Maria, não revelou o crime occulto de Judas. Deixai-a, disse elle, ungir hoje meus pes com um precioso balsamo, não leveis a mal que ella o reservasse para a minha morte; (1) porque vós sempre tereis pobres comvosco, mas a mim nem sempre me tereis.

Entretanto, sabendo os Judeos que Jesus estava em casa de La-

(1) Como a morte de Jesus estava proxima, Maria, ungindo-o com este balsamo, cumpria d'antemão um dever, que a piedade e o uso mandava que se cumprisse com os mortos, antes de os sepultar. Assim Maria cumprio então este dever, como se previsse que o não poderia cumprir depois.

zaro, alli vieram em multidão, e creram nelle. Então os Principes dos sacerdotes, desesperados dos progressos da fe, determinaram cortar-lhe d'um golpe todas as raizes. Pareceu-lhes que Lazaro, mostrando-se resuscitado, alli na cara delles, a quem o queria ver, era uma testemunha de grande peso, para convencer e persuadir. Resolveram pois desfazer-se de Lazaro, assim como tinham já resolvido desfazer-se de Jesus.

Tam violentas resoluções annunciavam um successo decisivo. Já se não guardavam melindres nem contemplações. A poderosa cabala, que dominava em Jerusalem os Escribas, Phariseos, Doutores da lei, Pontifices e Principes dos Sacerdotes, não podia deixar de conseguir em breve os seus fins; a menos que Jesu-Christo, por algum milagre, lhes não burlasse os concertados planos. Facil lhe era o fazel-o; mas estava longe de o querer; o que elle quiz foi provar-lhes só, que se um dia lhes cahisse nas mãos, era muito por sua vontade.

Desde que chegou a Bethania, como só lhe restavam cinco dias para viver na terra, resolveu ir mostrar-se publicamente na capital; e até quiz entrar em triumpho, com um esplendor tam capaz d'augmentar a coragem de seus Discipulos como de confundir e envergonhar seus inimigos. De sorte que o mais estupendo milagre, que então fez, e em que talvez se tenha feito menos reparo, foi conservar Jesus, no meio de tantos furores, odios e tramas, a sua liberdade, independencia e auctoridade publica, fallando, obrando, dando ordens, conjurando a tempestade, e suspendendo-a sobre sua cabeça, até o momento precizo em que seu Pai o queria abandonar ás potencias das trevas.

Na primeira feria, que corresponde entre nós ao Domingo, partio Jesus de Bethania, acompanhado de todos os seus Apostolos, e veio para uma povoação chamada Bethphagé, situada no declive do monte das Oliveiras, proximo a Jerusalem. Chegado alli, chamou dous de seus Discipulos e lhes disse: Ide áquella aldea que está defronte de vós; lá achareis, á entrada, uma jumenta com sua cria, que ainda não foi montada; desprendei-a e trazei-m'a. Se vos disserem alguma cousa, respondei: O Mestre precisa della; e ninguem ousará oppor-se-vos.

D'est'arte, ainda nas mais pequenas cousas, mostrava-se Jesus o verdadeiro Filho de Deus, senhor de dispor dos corações, e conhecedor de suas resoluções livres e futuras. Foram os dous discipulos áquella aldea, e acharam a jumenta com o seu jumentinho, como Jesus lhes tinha annunciado. Desataram-os sem dizer nada a ninguem, e todos se admiraram muito d'uma acção tam extraordinaria, feita publicamente por homens que pareciam prudentes, e obravam a sangue frio.

Para que desprendeis este burrinho? perguntaram seus donos. Os dous Apostolos responderam ingenuamente: E' porque o Mestre precisa delle. Ouvindo isto, deixaram-os fazer; e elles levaram a jumenta com o seu burrinho ao Salvador, sem comprehender para que era tudo aquillo.

O divino Mestre, porem, nada fazia sem grandes motivos. Como o Messias que era, devia cumprir em sua pessoa todas as Escripturas. Fez pois aquillo para verificar o que tinha annunciado delle o Propheta Zacharias: Dizei á filha de Sião: Eis o teu rei que te visita em espirito de mansidão, montado em um burrinho. Os Apostolos, pois, lançaram seus vestidos sobre o jumentinho e Jesus montou nelle.

Naquelle paiz montavam indifferentemente deste modo os grandes e os pequenos; pelo que neste triumpho do Salvador nem houve baixeza nem soberba; queria elle neste dia fazer-se reconhecer de seu povo como um rei pacifico, e entrar na sua capital á maneira dos antigos juizes, ou conductores d'Israel.

Apenas tinham andado alguns passos para Jerusalem, quando a multidão, que estava esperando, ja na cidade, já nos arredores, pela grande solemnidade da Pascoa, veio ao encontro de Jesus. Foi ao descer a montanha das Oliveiras que começou, para assim dizer, a marcha triumphal. Uns despiam seus vestidos e os estendiam diante delle; outros cortavam ramos d'arvores com que juncavam o caminho. Todos entoavam louvores a Deus, e feriam os ares com estas acclamações: Honra, gloria, e benção ao Filho de David; louvor, honra e gloria ao Deus Altissimo!

A' vista deste triumpho e do universal enthusiasmo do povo, começaram os Phariseos a dizer uns para os outros: Eis que não

adiantamos nada; olhai como tudo vai após d'elle. Pezava-lhes o contratempo, mas não era a conjunctura nem a occasião azada para uma violencia. Encarregaram pois alguns dos seus que se misturassem nas turbas; e estes tiveram o atrevimento de se dirigir ao mesmo Salvador, dizendo-lhe: Mestre, manda a teus Discipulos que se moderem. Quando elles se calassem, respondeu Jesus, as mesmas pedras fallariam em seu lugar. Com effeito, quando seus Discipulos se callaram, no momento que o Salvador expirava na cruz, abandonado por elles, então as pedras fallaram; e despedaçando-se, publicaram com esta sublime eloquencia a divindade do Filho do Homem. Entretanto, longe de se moderarem, augmentavam as acclamações cada vez mais; e aquelles invejosos não tiveram remedio senão soffrer a mortificação.

Que fazia porem Nosso Senhor no meio desta alegria universal? Chorava. Sim, o divino triumphador misturava seus suspiros a esta alegria publica, e regava com suas lagrimas as flores com que lhe juncaram a terra por onde passava. Quando se avistou Jerusalem, pondo os olhos n'aquella grande cidade, que amava como a parte principal do campo que lhe confiara seu Pai, começou Jesus a chorar sobre ella. Sabia elle que em poucos dias poria Jerusalem o cumulo aos seus crimes, pela maior das iniquidades, a morte do seu Messias. Depois, n'um porvir mais remoto, via todas as calamidades cahir sobre ella, e a Rainha das cidades reduzir-se a um montão de cinzas, diluidas no sangue de seus filhos.

Commovido por tantos males, disse suspirando: Ah! se ao menos hoje, que é ainda para ti um dia de graça, conhecesses as cousas que te podiam trazer a paz, a salvação que te offerece o teu Redemptor... mas tudo está encuberto a teus olhos! E virá um tempo funesto para ti, no qual teus inimigos levantarão um muro em redor de teus muros, e te apertarão de todas as partes. E te derribarão por terra a ti, e aos teus filhos que tens em teu seio, e não deixarão em ti pedra sobre pedra: por quanto não conheceste o tempo em que foste visitada.

Terrivel predição, acompanhada das lagrimas de um Deus, que se cumprio em menos de quarenta annos com a mais rigorosa exactidão.

Acabava de fallar o Salvador, quando entrou em Jerusalem. Toda a cidade estava alvorotada. Perguntava-se: Que é isto? O povo respondia: E' Jesus, o Propheta de Nazareth na Galilea. O Salvador continuou em seu triumpho até o templo, e alli curou os cegos e os coxos que se lhe apresentaram.

Em quanto instruia a multidão, e pedia a seu Pai, que se glorificasse nelle por suas humilhações e suas dores, uma voz se ouvio do Ceo, que dizia: Ja glorifiquei o meu nome, e o glorificarei ainda. Queria dizer: Tenho sido honrado em ti, ó meu Filho! pela obediencia que me tens prestado; e eu o serei ainda mais, pela que vais prestar-me. O estrídor desta voz assustou a todo o povo que alli estava. Uns affirmavam que havia sido um trovão; outros diziam, que algum Anjo tinha fallado a Jesus. O Salvador respondeu: Não é por amor de mim, mas por amor de vós que esta voz desceu do Ceo. Sabei que o Juizo do mundo se aproxima; o Principe deste mundo vai ser expulso. Estas divinas palavras annunciavam a ruina da idolatria.

Ao cahir da noute sahio Jesus de Jerusalem e veio ficar em Bethania. De manhã tornou á capital, supprimio os abusos que se faziam no templo; exprobrou aos Phariseos os seus crimes, e a sua incredulidade; annunciou outra vez a ruina de Jerusalem; depois sentando-se defronte do thesouro, reparava como o povo botava alli suas offertas. Ora, muitas pessoas ricas offertavam muito dinheiro; porem chegou uma pobre viuva, cuja mão timida alli depositou duas pequenas moedas no valor de dous reis. Uma acção tam pequena deu ao Salvador occasião de nos dar uma das mais sublimes instrucções que deparamos no Evangelho. Tendo chamado seus Discipulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros. Quanto val, pois, ó meu Deus, a pureza d'intenção, e a charidade!

Outra vez Jesus fez aos Judeus os mais vehementes discursos, e lhes propoz parabolas as mais patheticas ou as mais terriveis, a fim que se convertessem e evitassem os males que os ameaçavam. Tudo porem foi inutil, ao menos para os Escribas e Phariseos; tam perigoso é para a salvação o abusar do talento e das graças que recebemos! Tendo depois sahido de Jerusalem com seus Discipulos, as-

sentou-se no declive da montanha das Oliveiras, donde se avistava a cidade e o templo, cuja ruina annunciou de novo, bem como o fim do mundo, e as circumstancias do juizo final; depois animou seus discipulos contra as perseguições que haviam de soffrer; e terminou dizendo-lhes: Vós sabeis que d'aqui a dous dias ha de celebrar-se a festa da Pascoa, e o Filho do Homem será entregue nas mãos dos gentios, para ser crucificado.

Ao outro dia um habitante de Bethania, chamado Simão, por sobrenome o Leproso, convidou o Salvador a comer com elle. Em quanto estava á mesa, aproximou-se uma mulher, que trazia um vaso d'alabastro cheio de balsamo feito da espiga do nardo, de grande preço e excellente perfume, e o derramou sobre a cabeça do Salvador. Ja tinha Judas, em outra occasião, dado um máo exemplo, que agora foi seguido por outros Apostolos. Para que é este desperdicio? disseram elles. O Salvador deu-lhes a mesma resposta que antes, e somente accrescentou esta expressão prophetica: Em verdade vos digo, aonde quer que se prégar o meu Evangelho, que será por todo o mundo, publicar-se-ha tambem com elogio a acção que esta mulher fez. Cumprio-se a prophecia; ninguem lê no mundo a historia da Paixão de Jesus, que não approve ao mesmo tempo a religiosa prodigalidade da mulher de Bethania, na casa de Simão o Leproso.

Estava á mesa Judas Iscariotes, juntamente com os mais discipulos, e todos ouviram esta prophecia de Jesus. Porem Judas não se contentou cem a resposta, pois via fugir-lhe as occasiões de saciar aquella sordida cubiça que o devorava; e como sabia com que ardor os Pontifices dos Sacerdotes e Principes do povo desejavam haver Jesus ás mãos, julgou que não teria um meio mais expedito e seguro de se enriquecer do que pôr o seu ministerio ao serviço d'aquelles malvados.

Tam criminosa cubiça deu entrada ao demonio, que se lhe apoderou do coração; e sahindo d'alli foi direito para Jerusalem. Apresentou-se aos Principes dos Sacerdotes para ajustar com elles o modo de lhes entregar seu Mestre. Quanto me haveis de dar, lhes disse elle, e eu vol-o entregarei? A proposta de Judas era tam horrenda n'um homem do seu caracter que a não podiam crer, mas

os interessados nada arriscavam em aceital-a, e assim a receberam com grandes demonstrações d'alegria. Dar-vos-hemos trinta dinheiros de prata, responderam elles. Era bem pequena a quantia; por este preço se reputava, segundo a lei, a vida d'um escravo: todavia, Judas aceitou, e tornou para Bethania possuido do seu demonio, mas tam tranquillo na apparencia como se não tivesse feito cousa reprehensivel. Entretanto não pensava senão em consummar a traição, e para o conseguir espiava o momento em que Jesus, estando retirado do povo, que o honrava como enviado de Deus, não tivesse quem o defendesse de seus inimigos.

O Mestre e os Discipulos passaram juntos a maior parte d'aquelle dia, sem que o Salvador, que via junto de si um miseravel colligado contra elle com a Synagoga, desse a demostrar a menor suspeita da sua infame intriga; nem o traidor se perturbasse com a presença d'aquelle Mestre, a quem vendera por um preço vil, e do qual não ignorava as luzes e a tremenda justiça. Mas ah! quando se commettem os grandes crimes com esta audacia, que lugar sensivel se offerece ainda á graça do arrependimento?

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, que derramava lagrimas de compaixão por aquella ingrata Jerusalem, que em breve lhe havia de dar a morte. Pois que tanta é sua bondade pelos peccadores, permitti, Senhor, que eu mesmo chore pelos meus peccados.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *farei todas as minhas acções com grande pureza d'intenção.*

XI.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS.

TERCEIRO ANNO.

Festa da Pascoa. — Jesus come o cordeiro pascal. — Annuncia a traição de Judas. — Instrucção sobre a humildade. — O lava pes. — Instituição da Eucharistia. — Sahida de Judas. — Despedida do Salvador. — Partida para o Jardim das Oliveiras.

O QUE o Salvador devia aos filhos de Jacob, como doutor singularmente enviado para os preparar para o reino de Deus, abundantemente o cumprira em tres annos de missões evangelicas na Judea, Samaria, Galilea e todo o antigo territorio do povo escolhido: estavam terminadas as suas prégações publicas. O fim do mundo foi asua ultima prophecia, e a charidade a sua lição derradeira.

Mas se Jesus era em particular, e por algum tempo somente, o Pastor das ovelhas desgarradas da casa d'Israel, ou o Apostolo da Palestina, era porem para sempre e sem distincção a victima do mundo, o Salvador de todos os homens. Por este titulo, devia morrer para merecer a todos, pela effusão de seu divino sangue, as graças da salvação e a gloria da adopção de filhos: restavam ainda dous dias para que isto se consummasse.

Judas, que tinha vendido seu Mestre aquella noute, voltara de manhã para junto delle, e espreitava a occasião de o entre-

gar. Pelas tres horas da tarde daquelle dia começava em Jerusalem a festa da Pascoa; pois era para todo o povo o primeiro dia dos pães asmos. Os sacerdotes, desde aquella hora até o pôr do sol, occupavam-se em matar e preparar, no recinto da casa de Deus, os cordeiros que cada familia devia levar d'alli, para os comer no tempo marcado pela lei. Os discipulos pois se dirigiram ao Salvador e lhe disseram: Onde quereis que vamos preparar a Pascoa? Ide, disse elle a Pedro e a João, preparar-nos a Pascoa, a fim que a comamos. Porem, Senhor, tornaram elles, onde quereis que a preparemos? Elle lhes disse: Ide á cidade; quando entrardes encontrareis um homem com uma cantara d'agua. Segui-o, e na casa aonde entrar direis ao pai de familia: Eis o que diz o Mestre: O meu tempo está proximo; escolhi a tua casa para celebrar a Pascoa com meus discipulos; mostrai-me o lugar onde a heide comer com elles; e elle vos mostrará uma casa toda mobilada. Ahi pois prepararéis tudo o que é preciso.

Só um Homem Deus, Senhor dos corações, conhecedor do futuro como do presente, podia dar taes ordens, e assegurar taes resultados. Partiram pois os discipulos, e ao entrar na cidade tudo lhes succedeu como Jesus lhes tinha dito. Tendo já uma sala mobilada, os dous enviados não cuidaram mais que em preparar as outras cousas necessarias, que eram um cordeiro pascal, leitugas, pães asmos e vinho, bem como mandar assar o cordeiro; o que tudo estava prompto, quando o Salvador chegou acompanhado dos mais Discipulos.

Devia de ser pelas sete horas da tarde; porque a lei mandava que a ceremonia começasse uma hora depois do pôr do sol. Assentou-se Jesus á mesa com seus Discipulos, e celebrou-se com todos os costumados ritos a cêa legal, em que devia comer-se o cordeiro. Já sabemos que Jesus, desde a sua entrada no mundo, se tinha obrigado solemnemente a observar a lei com a mais restricta exactidão. Por isso é que disse a seus Discipulos: Eu tinha extremo desejo de comer esta Pascoa comvosco antes de padecer; porque vos digo que a não tornarei a comer até que ella seja cumprida no Reino de Deus. Dava a entender que as figuras iam cessar, e a manducação do cordeiro, ordenada por Moisés, em breve seria subs-

tituida pelo verdadeiro Cordeiro de Deus, immolado pela salvação do mundo.

Então o Salvador tomou o calix, deu graças a seu Pai, e offerecendo-o a seus Discipulos, disse-lhes: Tomai, e bebei delle todos; porque vos digo ainda que não tornarei a beber comvosco deste fructo da vide, até que seja chegado o Reino de Deus. Ainda isto não era mais que a manducação do cordeiro pascal, e o vinho de que falla aqui o Salvador não era o que elle converteu em seu sangue.

Chegava porem o momento d'operar este grande prodigio. A vista do perfido que o havia d'entregar a seus inimigos commoveu então profundamente o divino Redemptor. Olhando para todos os seus Discipulos, e vendo-os contristados, disse-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, que um de vós me ha de entregar. Ao ouvir isto ficaram todos consternados, e perguntavam-lhe um após outro: Senhor, sou eu? O Salvador não quiz declarar o culpado: Aquelle que me ha de entregar está comigo á mesa, e mette a mão no mesmo prato. Eis vai o Filho do Homem, como as Escripturas o annunciam; mas ai d'aquelle por quem o Filho do Homem será entregue! Melhor lhe fôra não ter nascido.

A estas palavras de Jesus redobraram os cuidados e inquietações dos Apostolos, que perguntavam anciosos qual era o que commetteria tal crime. Judas supportou a provação com o maior descaro, e até ousou, inclinando-se para o Salvador, perguntar-lhe em voz baixa: Mestre, sou eu? Sim, és tu; lhe respondeu Jesus; mas de modo que o não ouviram.

O que era mais deploravel, é que os onze Discipulos que estavam isentos d'infidelidade não o estavam d'ambição. Acabavam d'ouvir dizer a Jesus que em breve se estabeleceria o Reino de Deus; e julgando que seu Mestre subiria logo ao throno, começaram a disputar na sua presença, para saber qual teria o primeiro lugar no novo imperio. Não se indignou o Salvador com aquella fraqueza delles, sabendo como em breve seriam purificados pelo fogo divino, que consumiria em seus corações os derradeiros germens das pretenções humanas; mas em quanto lhes não alcançava este merito, e lhes não enviava o Espirito Apostolico desde o throno da sua glo-

ria, tratava-os como a crianças, a quem desde a infancia se dão uteis lições e salutares exemplos.

Os reis das nações, lhes disse elle, governam os povos como senhores, e ao mesmo tempo chamam-se seus bemfeitores, e se arrogam titulos pomposos; não fareis vós assim. O que for maior entre vós considere-se o mais pequeno. O que occupa o primeiro lugar seja o servo dos outros, e como primeiro previna e attenda ás precisões de todos.

Tal é a admiravel noção do poder, que nos dá o divino Reparador: eis a destruição do despotismo e da escravidão; a origem de todas as dedicações heroicas, que fulguram na historia dos povos christãos. Porquanto, dizei-me, continua o Filho de Deus, qual é o maior e mais distincto, o que serve á mesa, ou o que está assentado? Sem duvida é o que está assentado para ser servido. E todavia eu que sou vosso Senhor, e vosso Mestre, por ventura não estou entre vós como aquelle que serve?

Depois desta lição d'humildade, fallou-lhes o Senhor das grandezas divinas que no Ceo gozariam; unicas grandezas dignas da nossa ambição, mas que se não alcançam senão pela modestia, e as humiliações. Taes eram as divinas maximas que Nosso Senhor queria gravar d'um modo indelevel no espirito de seus Apostolos e filhos. Para as imprimir mais profundamente em seus corações, juntou á energia de suas palavras a força sempre superior d'um grande exemplo. Estando o banquete quasi acabado, de repente se levanta da mesa o Salvador, depõe os seus vestidos, cinge-se com uma toalha, toma agua em uma bacia, e começa a lavar os pés a seus Discipulos, e a enxugal-os com a toalha com que estava cingido. O Filho de Deus aos pes de seus Discipulos! Aos pes de Judas O' prodigio! ó exemplo d'humildade!

Chegando pois a Simão Pedro, este, confundido por tanto abatimento: Que, Senhor! lhe disse, vós me lavaes os pes?! Jesus lhe respondeu: O que eu faço, não o comprehendes agora, mas depois o saberás. Nunca vós me lavareis os pés, lhe disse Pedro. Se eu te não lavar, tornou Jesus, não terás parte comigo; queria dizer, serás eternamente separado de mim, porque desobedeces ao que te ordeno. Ah! Senhor, tornou o fervoroso Apostolo, ardendo

no desejo de estar sempre com seu bom Senhor, lavai-me não só os pés, mas as mãos e a cabeça. Jesus lhe disse: Aquelle que tem sido lavado só carece de lavar os pes, e ficará inteiramente limpo. O mesmo succede comvosco: Estaes puros, mas não todos. Porque elle sabia qual era o que o havia de entregar; por isso disse: Nem todos estaes puros.

Estas palavras: *Aquelle que tem sido lavado, só carece de lavar os pes*, era uma lição, que o Salvador dava a seus Apostolos, d'uma pureza mais perfeita que a isenção de grosseiras culpas. E' maiormente quando nos preparamos para receber a Eucharistia que não devemos desprezar as menores maculas, contrahidas no uso da vida humana, e significadas aqui pelo *lava pes*.

Terminada a ceremonia, largou o Salvador a toalha, revestio seus habitos, e tornando para a mesa com seus Discipulos, disse-lhes: Vistes o que acabo de fazer por amor de vós. Ora, se vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou; e se eu sendo Mestre e Senhor vos lavei os pés, tambem vós deveis lavar os pes uns aos outros; porque eu vos dei o exemplo, a fim que façaes como eu fiz. Em verdade vos digo, não é o servo maior que seu amo, nem é mais o enviado que aquelle que o envia. Se comprehenderdes isto, sereis felizes praticando-o. Para lhe suavisar a pratica desta humildade, o divino Salvador accrescentou, que longe de se aviltarem aos olhos dos homens, humilhando-se uns aos outros, a honra que tinham sendo seus Apostolos os faria respeitar como a elle mesmo. Em verdade, em verdade vos digo, quem recebe o meu enviado, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquelle que me enviou a mim mesmo.

Estas divinas lições d'humildade profunda, pureza perfeita, e charidade respectuosa, dispunham os Apostolos para o celestial banquete, que o Salvador queria instituir. Ia elle deixar-nos no Sacramento de seu corpo e de seu sangue o maior de seus dons, e substituir aos antigos sacrificios o sacrificio unico e perfeito.

Era noute; e foi aquella noute funesta para a vida do Homem Deus, aquella mesma hora, em que o entregavam a seus inimigos, que elle tornou celebre pela instituição do seu Sacramento. No excesso do seu amor quiz tornar aquella noute mais excellente para

o mundo, que o mais bello de seus dias: eis aqui como isto se passou.

Ainda continuando a cêa, tomou o Salvador o pão, tal como se comia n'aquelle dia, asmo ou sem fermento, e tendo-o em suas mãos adoraveis, deu graças a Deus seu Pai, pelo poder que lhe tinha dado sobre toda a natureza, para mudar-lhe as leis á sua vontade; poder de que não teria precisão, se não houvesse de deixar á sua Igreja mais do que symbolos vasios de realidade. Depois, abençoou o pão, partio-o e deu-o a seus Discipulos dizendo: Tomai e comei, este é o meu corpo, que vai ser por vós entregue á morte. Palavras adoraveis e omnipotentes! em virtude das quaes não permaneceram mais que as apparencias do pão, sob as quaes seu corpo foi posto nas mãos de seus Discipulos, para ser depois comido por elles. Para Deus, dizer e fazer é a mesma cousa; porque aquelle que pode tudo, opera o que quer fallando; assim no principio do mundo pronunciou Deus as palavras: *Faça-se a luz*, e a luz foi feita.

Até então offereciam a Deus victimas insufficientes, hostias figurativas; d'ora avante será o corpo do Salvador a victima do sacrificio; porque este sacrificio novo durará em quanto durar o mundo. Por isso é que o Salvador quiz logo communicar aos Apostolos, e na pessoa delles a todos os padres, o poder d'operar o prodigio que elle mesmo acabava d'operar. Todas as vezes, lhes disse elle, que immolardes esta hostia, em virtude do poder que eu vos confiro, vós o fareis em memoria de mim; recordar-vos-heis da morte que vou soffrer por amor de vós.

O que Jesus acabava de fazer para transubstanciar o pão em seu corpo, depois o fez para mudar a substancia do vinho em seu sangue. Tomou pois o calix, deu graças, abençoou-o, e offereceu-o a seus Apostolos dizendo: Bebei delle todos; porque este é o meu sangue, o sangue da nova alliança, que será derramado por vós e por muitos, em remissão dos peccados. O que me vêdes fazer, accrescentou o Salvador, vós o fareis em memoria de mim; quer dizer, vós o fareis como eu, fareis o que eu faço. Tal é a grandeza do seu amor, que nos deixou para sempre a sua carne e o seu sangue por alimento e bebida. Magnifica herança d'um Deus

proximo a morrer ! Que nos lega a todos , por testamento , o seu corpo e o seu sangue , a fim que sejamos outros como elle , outros como Jesu-Christo.

Na opinião mais commum , Judas commungou como os demais Apostolos. Tam negro crime excitou na alma do divino Mestre uma emoção que elle manifestou exteriormente : Em verdade , em verdade, disse elle a seus Discipulos, um de vós me ha de entregar. A estas palavras, olharam outra vez os Apostolos uns para os outros , como interrogando-se de qual fallava o Mestre ? Pedro impacientou-se com tam cruel incerteza. Todos sabem a que ponto amava seu Mestre ; comtudo não ousou interrogal-o. Fez porem signal a João , o discipulo bem amado, que estava assentado junto do Salvador, para que lhe perguntasse de quem fallava. Comprehendeu-o João ; e reclinando-se no seio do Salvador , disse-lhe em voz baixa : Quem é, Senhor ! Jesus respondeu : E' aquelle a quem eu der pão molhado ; e, molhando o pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão.

Com este bocado fatal, assenhoreou-se o demonio da alma do perfido. Judas não se perturbou : foi esse o cumulo da sua desgraça. Se não fosse elle o mais desaforado de todos os malvados , não teria sido um impenitente sem remedio. Entretanto, o Salvador lhe disse : O que resolveste fazer, faze-o sem demora. Por esta corajosa palavra declarava-lhe como lhe lia no fundo do coração suas negras machinações, e como nem temia a traição nem o traidor : Judas foi insensivel a este ultimo aviso. Sahio , sem que nenhum dos Discipulos suspeitasse aonde ia. Oh, desgraça ! onde poderia ir um sacrilego , um traidor, um avarento ? Ia consummar o seu horrendo crime , dispor as cousas e buscar os meios para a sua execução.

Logo que Judas sahio , deu o Salvador toda a liberdade ás effusões do seu terno amor. Elle fez a seus Apostolos este admiravel discurso , no qual se retrata completamente a sua bella alma , e se sente realmente o amor immenso d'um Deus : é como o seu testamento de morte , a sua despedida suprema , é a expressão das suas ultimas vontades. Começa por fallar da sua Paixão com transportes d'alegria, não a encarando neste momento senão pelo lado da infi-

nita gloria, que por ella daria a seu Pai e a si mesmo. Agora, diz elle, é que o Filho do Homem vai ser glorificado, e Deus glorificado n'elle. Meus filhinhos, não tenho para estar comvosco senão algumas horas, vós não podeis seguir-me aonde eu vou. Amai-vos uns aos outros: todos conhecerão que sois meus Discipulos se vos amardes uns aos outros.

Pedro não póde sem amargura ouvir dizer a seu Mestre que ia separar-se delles. Pois aonde ides, Senhor? lhe disse elle; o Salvador respondeu: Não podeis seguir-me aonde eu vou agora; mas um dia me seguireis. Senhor, tornou Pedro, porque não podemos seguir-vos agora? Eu estou prompto a morrer por vós. Jesus lhe respondeu: Estás prompto a morrer por mim! Pois em verdade te digo, que ainda hoje, antes que o gallo cante duas vezes, tres me terás tu negado.

Cuidou Pedro morrer de dor; mas considerou sem duvida as palavras de seu Mestre como ameaça de precaução, feita de proposito, para que se acautelasse: tanto elle confiava na sua propria intrepidez. Bem o previo o Salvador, mas deixando-o lisongear-se do seu zelo, continuou o seu discurso dizendo a seus Apostolos, que nada temessem, que elle ia preparar-lhes um lugar no Reino de seu Pai, e que viria buscal-os; que entretanto lhes concederia tudo o que lhe pedissem; que lhes enviaria o Espirito Santo, para os consolar em sua ausencia; que os não deixaria orphãos. Recommendou-lhes sobre tudo que permanecessem estreitamente unidos a elle, e se amassem uns aos outros; annunciou-lhes que o mundo os perseguiria, mas que nada temessem; que um dia a sua tristeza se mudaria em jubilo, e suas perseguições em coroas immortaes. Não temais nada, disse elle ainda outra vez, eu venci o mundo.

A estas palavras o Salvador levantou os olhos para o Ceo; ia orar a Deus por seus Discipulos e por nós: eram os ultimos votos d'um Pai e d'um amigo. E' impossivel deparar cousa mais bella, sublime, e pathetica. Jesus entra n'uma especie de extasi; tudo nelle respira respeito, confiança e amor. Endereçando-se a seu Pai, testemunha da sua submissão e remunerador de seus

meritos, roga-lhe que todas as nações o reconheçam por seu Salvador.

Meu Pai, diz elle, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que teu Filho te glorifique: todos os homens pozeste em seu poder, para que elle dê a vida eterna a todos aquelles que lhe deste. A vida eterna, porem, consiste em que elles conheçam por um só verdadeiro Deus a ti, e a Jesu-Christo, a quem enviaste. Eu pois te glorifiquei sobre a terra, acabando a obra, de que me encarregaste: glorifica-me tambem agora, ó Pai, com aquella gloria que eu tive em ti, antes que houvesse Mundo.

Depois de ter orado por si mesmo, orou o Salvador por seus Discipulos pedindo se lhes concedesse a charidade, e a santidade. Eu tenho manifestado a tua gloria a estes homens que me déste, separando-os do mundo. Elles creram na tua palavra, e me guardaram fidelidade. E eu não estou jamais no mundo, mas elles estão no mundo. Padre Santo, guarda por amor do teu nome aquelles que me déste, para que elles sejam um, assim como tambem nós somos um. Quando eu estava com elles, eu os guardava em teu nome: mas agora vou eu para ti. Eu não peço que os tires do mundo, mas sim que os guardes do mal; que os santifiques na verdade.

Não parou aqui o Salvador: a sua ternura não esqueceu a nenhum de seus filhos. Depois de ter orado por seus Apostolos, orou por nós: pedio para nós a charidade e o Ceo, fim de todos os seus trabalhos e soffrimentos. Não é só por elles que te peço, mas tambem por todos aquelles que hão de crer em mim por meio da palavra delles: para que sejam todos um, como tu, Pai, o es em mim e eu em ti: para que elles sejam um, como nós somos um. Pai, a minha vontade é, que onde eu estou, estejam tambem comigo aquelles que me deste: a fim que sejam testemunhas da gloria que me pertence, e que eu recebi de ti: porque me amaste antes da creação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu conhéci-te: e estes conheceram que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lh'o farei conhecer ainda: para que o amor com que me tens amado esteja nelles, e eu esteja tambem nelles.

Depois destas divinas despedidas, o Salvador, que nada mais tinha a fazer no mundo senão padecer e morrer, recitou a acção de graças pela qual costumavam os filhos d'Israel terminar o banquete. Sahiu da sala, atravessou a torrente de Cedron, e subio á montanha das Oliveiras para orar. Alli esperava seu Pai as primicias do seu sacrificio; alli o seguiram os seus Discipulos, alli o buscaram seus inimigos.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos enviardes um Salvador que tam grandes exemplos nos deu d'humildade e charidade: permitti, Senhor, que o imitemos, a fim que sejamos do numero de seus filhos.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *prometto preparar-me com summo cuidado para a Communhão.*

XII.ª LIÇÃO.

PAIXÃO DO MESSIAS.

Reflexão sobre a Paixão. — Orações. — Agonia. — Os Apostolos adormecidos. — Chegada de Judas. — Cumprimento das prophecias. — Jesus trahido e entregue. — E' conduzido a casa d'Anaz e depois a Caiphas. — Primeiro interrogatorio. — Ultrages feitos a Jesus durante a noute. — Abjuração de S. Pedro.

Temos visto até aqui o Messias enchendo as cidades e os campos do fructo de suas lições, da edificação de suas virtudes, e do esplendor de seus milagres. Assistimos ao seu nascimento, ás suas obras, ás suas prégações e instrucções como Homem-Deus. Resta-nos vêl-o padecer e morrer como Deus, provando a sua divindade mais invencivelmente por sua morte que ainda mesmo por sua vida. Espanta-se a incredulidade pelo que temos narrado da sua entrada no mundo, e do exercicio do seu ministerio; confunde-se porem e desespera-se com o que vamos referir da sua cruz e das suas humiliações.

No theatro de suas dores, sobre o altar do seu sacrificio, nos releva pois estudar este homem, que se diz o Filho e o Enviado de Deus. Para aqui citamos o fiel e o incredulo; aquelle, para se commover; este, para convencer-se. Mostrar-lhes-hemos sim uma victima, que soffre e morre; mas que soffre e morre em meio de tam divinos prodigios, de tam pasmosas circumstancias, que o Christão que adora, ahi achará a base mais firme da sua fé; e o incredulo que blasphema, o ultimo recurso da sua conversão, ou o ultimo motivo da sua condemnação eterna.

Lembremo-nos porem, antes de encetar a leitura da Paixão e morte do Salvador, que todas as Escripturas tinham predito, que o Christo seria immolado para gloria de Deus, para a salvação dos homens, e para o estabelecimento d'um novo culto, fundado na divindade de sua pessoa, e no merito de seu sacrificio. Até este momento, Jesu-Christo não tem feito mais que verificar uma parte das prophecias concernentes á sua vida mortal, agora vai elle acabar de cumpril-as em toda a sua plenitude.

Com effeito, tudo se dispõe para este inteiro cumprimento, já da parte do Eterno Pai, que esperava, ha quatro mil annos, uma victima digna de si; já da parte de seu Filho unigenito, que se offerecera, desde a sua entrada no mundo, em lugar dos holocaustos insufficientes da lei de Moisés; já da parte do genero humano, que suspirava por aquelle Redemptor, tantas vezes promettido, predito, figurado, preparado, cujo sangue devia reconciliar o Ceo com a terra; já finalmente da parte do mesmo inferno, se assim podemos dizer, que tinha desencadeado contra o Christo toda a sua furia e astucia; toda a sua bateria infernal.

Era pois chegado o momento solemne.

Acompanhado de seus onze discipulos, foi o Salvador ao jardim de Gethsemani. Era um lugar solitario, situado no declive da montanha das Oliveiras, separado unicamente de Jerusalem pelo valle de Josaphat, no fundo do qual deslizava a torrente do Cedron; e, como apenas distava mil passos da cidade, podia-se, sem contravenção da lei, fazer aquella pequena jornada no dia de Sabbado, e nas festas solemnes. A aldea de Gethsemani, onde estava o jardim, era tambem situada no declive da montanha, donde se avistava a cidade e o templo.

Ora, Judas, o traidor, sabia que Jesus costumava ir de noute orar naquelle sitio; e por este modo o Filho de Deus, longe de lhe fugir, sahia-lhe ao encontro. Como se aproximava o momento do combate, disse pois Jesus para seus Discipulos: Ficai aqui, em quanto vou orar; orai vós tambem, para que não entreis em tentação. Depois afastou-se um pouco, levando só comsigo a Pedro, Tiago e João; e em se vendo só com elles, para que lhe não faltassem estas primicias do seu sacrificio, deixou-se apoderar dos horrores

da sua Paixão; o susto, o aborrecimento, o desgosto, o abatimento, a tristeza, se apoderaram delle: e disse para os tres Discipulos: A minha alma está triste até á morte: esperai aqui, e velai comigo. E adiantando-se a distancia d'um tiro de pedra, poz-se de joelhos, e orava, dizendo: Pai, se é do teu agrado, transfere de mim este calis: mas faça-se a tua vontade, e não a minha.

D'aqui se vê que contrarios affectos luctavam em seu magnanimo coração. Ser a innocencia mesma, o Filho unigenito de Deus, o Rei do universo, e supportar tantos ultrages, morrer em uma cruz infame, que humilhação, que ignominia! Mas por outra parte, quam grande, quam glorioso satisfazer á justiça eterna, salvar os homens seus irmãos, resgatal-os a preço do seu sangue!

Tendo pois orado, alevantou-se, e tornando para seus Discipulos os achou adormecidos. Então disse brandamente a Pedro: Irmão, tu dormes? Não podeste velar uma hora comigo? Velai, e orai, para que não entreis em tentação: o espirito é valeroso, mas a carne enferma. Retirou-se segunda vez, e fez a mesma oração: Pai, se não posso evitar este calis, faça-se a tua vontade. E voltando outra vez para seus Discipulos, ainda os achou dormindo! Ah, quem pode contar com os homens na hora da afflicção! Deixou-os pois Jesus, e foi terceira vez orar. Então foi tam grande a sua agonia, que de seu corpo sahio um copioso suor de sangue, que banhou a terra; um Anjo baixou do ceo a fortifical-o; Jesus aceita o calis, dedica-se ao sacrificio, decide-se a salvação do mundo. Taes são as consolações que o ceo nos envia na hora da hesitação; ellas não vem despedaçar a nossa cruz, mas dar-nos o valor para aceital-a. Assim pois, desde este momento, em que a sentença pronunciada pelo Pai é aceite pelo Filho, não se vê nelle senão intrepidez e coragem; mas coragem modesta, e intrepidez tranquilla.

Tornou pois Jesus para seus Discipulos, e disse-lhes: Dormi agora, e descançai: eis a hora em que o Filho do Homem será entregue nas mãos dos peccadores. Levantai-vos; aquelle que me entrega aproxima-se: vamos ao seu encontro.

Ainda bem não tinha acabado, quando se ouvio no meio das trevas o motim dos quadrilheiros, conduzidos por Judas. Tinha o perfido pedido aos Summos Sacerdotes, Anciãos, Phariseos e Escri-

bas, uma companhia de soldados e um official para os commandar. Os chefes dos sacerdotes, os principes do povo, os magistrados do Templo, não se envergonharam de se juntar á quadrilha; a qual era ainda acompanhada d'uma chusma de creados, trazendo uns lanternas e archotes, outros espadas e varapaos. Ora, tudo isto succedia para cumprir o oraculo do Propheta que dizia, fallando do Messias: Elle será tratado como os ladrões e criminosos.

Tinha o traidor dado-lhes um signal dizendo: Aquelle a quem eu der um osculo, esse é o tal, prendei-o e segurai-o bem — o signal e o conselho era digno de Judas. Apenas chegou, pois, adiantou-se para Jesus; e disse-lhe: Mestre, eu vos saudo; e lhe deu o osculo. O Cordeiro de Deus não recusou este osculo, que lhe custou mais que todas as crueldades que soffreu em sua Paixão. Porem, longe de tratar o perfido como merecia, commovido antes da sua perda que do seu crime, e mais pelo salvar que confundir, disse-lhe com bondade: Meu amigo, com que designio vieste aqui? Judas, é com um osculo que entregas o Filho do Homem?

Estas palavras poderiam abrandar um tigre, e converter qualquer malvado; mas um Apostolo perverso e sacrilego não podia ser senão o mais obdurado dos homens. Entretanto não tinham ainda prendido o Salvador; pois não convinha que o fizessem por surpresa, senão porque elle mesmo o quizesse. Aproximou-se pois Jesus da quadrilha, e lhes disse: A quem buscaes? Responderam: A Jesus de Nazareth: Eu o sou, lhes tornou Jesus. Ora, quando o Salvador disse aquellas palavras: Eu o sou, cahiram uns sobre os outros, officiaes e soldados, criados e senhores, o traidor e seus fautores.

Depois d'uma prova tam evidente do poder de Jesus, não deveriam levantar-se senão para implorar o perdão de seu attentado; mas ha uma epocha, em que os peccadores, abandonados de Deus, perdem todo o uso da rasão. Aquelle pois, que os derribara, permittio-lhes se levantassem, e perguntou-lhes segunda vez: A quem buscaes? A Jesus de Nazareth, disseram elles. Com uma de suas palavras fizera sentir a seus inimigos, que elle só e sem armas, era mais forte que uma multidão d'homens armados; depois desta prova da sua omnipotencia, permittio-lhes contra sua pessoa o que já-

mais lhe seria possivel sem tal permissão. Então se arremessaram a elle e o prenderam.

Entretanto os Apostolos, vendo o que havia de acontecer, disseram para Jesus: Senhor, feriremos com a espada? E sem esperar resposta, Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a, e descarregando um golpe no servo do summo sacerdote, cortou-lhe a orelha direita: este servo chamava-se Malco. Porem Jesus lhe disse: Suspende, Pedro! e tocando a orelha do servo, o curou. Depois virando-se para Pedro disse: Mette a espada na bainha; julgas que não posso pedir a meu Pai, e me dará immediatamente mais de doze legiões d'Anjos? Mas se emprego o meu poder, como se cumprirão as Escripturas, que dizem que estas cousas devem acontecer? Então os Judeos lançaram mão do Salvador e o ligaram; a este tempo já os Apostolos tinham fugido. Primeiramente levaram-no a casa d'Annaz, padrasto de Caiphas, que era Summo Sacerdote aquelle anno. Annaz contentando-se com esta deferencia, enviou Jesus sem o interrogar ao tribunal de Caiphas. Para perpetrar um grande crime, e consummar uma grande injustiça, bem podia elle contar com seu genro. D'alli o conduziram pois a casa de Caiphas, aonde se tinham reunido os Sacerdotes, Escribas e Anciãos do povo.

Ora, Simão Pedro, envergonhando-se da sua fugida, e tornando um pouco em si do susto, foi seguindo Jesus de longe com outro Discipulo. Este Discipulo que era conhecido do summo Pontifice, entrou na casa em quanto conduziam o Mestre á sala do conselho. Pedro ficou fora da porta; o outro Discipulo sahio, e fallando com o porteiro, fez entrar Pedro no pateo do summo Pontifice. Uma multidão tumultuosa de soldados, criados e officiaes, estavam alli aquentando-se a uma fogueira, porque fazia frio. Pedro, por sua desgraça, foi tambem sentar-se e aquecer-se com os outros, até ver no que aquillo parava.

Entretanto, tinha entrado o Salvador na sala aonde todos os seus inimigos se reuniram para o julgar. A sua morte estava decidida; mas nenhuma acção da sua vida podia ser motivo para o condemnarem. O Summo Pontifice, pois, o interrogou ácerca de seus Discipulos e de sua doutrina. Eu fallei ao mundo abertamente, lhe

respondeu Jesus; sempre ensinei na Synagoga e no Templo, aonde se ajuntavam os Judeos, e nada tenho dito occultamente. (1) Porque me interrogaes? Interrogai aquelles que me teem ouvido; alguns aqui estão que sabem o que eu tenho dito.

Esta resposta, cheia de brandura e modestia, era digna da sabedoria mesma que a proferia. E' inadmissivel que o accusado deponha em seu favor; e se o crime de que o accusam era publico, cumpria que o provassem com testemunhas: mas não valem razões contra juizes apaixonados. Por isso, logo que deu aquella resposta, um criado que estava proximo deu-lhe uma bofetada, dizendo: Assim é que respondes ao Summo Pontifice? Se eu disse mal, respondeu tranquillamente o Homem-Deus, mostra-me em que; mas se disse bem, porque me feres? E' assim que a innocencia se sustem; a humildade nada lhe tira de sua firmeza, e sem deixar de ser respectuosa, é nobre e intrepida.

O criado do summo Pontifice merecia ser severamente punido, porque é de summa importancia, para o bem publico, que os accusados tenham a liberdade necessaria á sua plena justificação; mas os juizes approvaram, ao menos por seu silencio, aquella acção brutal. O que o Salvador tinha dito era comtudo tam rasoavel, que se julgaram obrigados a proceder contra elle pelo modo que elle mesmo lhes indicara. Buscaram pois os principes dos Sacerdotes e toda a Assemblea algumas testemunhas falsas, para o condemnar á morte; mas com quanto viessem muitas depor, nenhuma houve que désse ao menos apparencias de verdade. Emfim vieram duas testemunhas falsas, que disseram: Nós mesmos lhe ouvimos dizer: Quero destruir o Templo de Deus, e reedifical-o em tres dias.

Era falsa a deposição; porque interpolava as palavras do Sal-

(1) Muitas vezes ensinou Jesus a seus Discipulos em particular; comtudo podia dizer com verdade que nada tinha ensinado *occultamente*; porque a doutrina que ensinava em particular era no essencial a mesma que prégava em publico; dizemos no *essencial*, porque nas praticas familiares com seus Apostolos, era ella de certo mais desenvolvida.

vador; invertia-lhes o sentido natural, mas sobretudo nada depunham contra o accusado. Tinha elle dito, fallando de seu corpo, e annunciando sua morte e resurreição. Eu posso destruir este templo e reedifical-o em tres dias. Se creram que fallava do Templo de Jerusalem, o mais que podiam, já que o não conheciam, era accusal-o de presumpção.

Tinha-se esgotado o recurso das testemunhas, e até tornado-se perigoso; por occcasião d'escutar as falsas, expunham-se a ouvir tambem as sinceras. Conheceo o perigo o Summo Pontifice, e para o evitar, levantando-se no meio da Assemblea, interrogou Jesus dizendo: Ouves as accusações que te fazem, e não respondes nada? Jesus callou-se e nada respondeu. Pois bem! accrescentou o Summo Pontifice, em nome do Deus vivo, cujo lugar aqui occupo, ordeno-te que nos digas se tu és o Christo, Filho do Deus vivo?

Agora a pergunta é precisa e decisiva. O divino Messias esperava aquella occasião, para confessar altamente a verdade: havia sim de lhe custar a vida, e elle o sabia; mas devia ser elle o primeiro martyr da sua Religião, e dar o exemplo a seus Discipulos, e a milhões de martyres. Respondeu pois sem hesitar: Sim, eu sou o Christo, Filho unico de Deus, e ainda vos digo mais: Em breve vereis o Filho do Homem, sentado á dextra do Deus Omnipotente, vir sobre as nuvens do Ceo. Então o Summo Pontifice, occultando a sua alegria, com a mascara d'uma dor hypocrita, e vestindo o ar d'um homem zeloso da honra de Deus, despedaçou seus vestidos exclamando: Blasphemou, que mais testemunhas queremos? Acabais d'ouvir a blasphemea, que dizeis a isto? Todos responderam: E' reo de morte. Ouvio o Salvador a sentença tam tranquillo, quanto depois a soffreu corajoso.

Era o Summo Pontifice um grande malvado; mas ainda assim nos ensinou; que os Judeos, quando ouviam blasphemar, rasgavam seus vestidos; e nós vemos ahi Christãos, que ouvem sem emoção as blasphemeas dos impios. Já não quero fallar dos que os applaudem, que esses já não são christãos.

Estava a Synagoga tam sedenta do sangue do Messias, que de boamente passaria logo da sentença á execução; mas não o queria

Deus assim. Para acabar de cumprir as prophecias, permittio que os principes dos Sacerdotes, e as auctoridades de Jerusalem reparassem que, dependentes como estavam do magistrado Romano, era preciso obter o seu consentimento, em caso de sentença de morte. Cumpria alem disso trazer o povo ao seu partido, irritando-o contra Jesus, como blasphemador e impio. Tudo isto demandava tempo; e como era preciso fazel-o, antes que chegasse a proxima solemnidade da Pascoa, não podiam perder um momento. Assentaram portanto de ir dormir algumas horas, e abrir outra vez a sessão ao romper do dia. Sahiram pois da sala do conselho, e Jesus foi confiado á guarda dos criados e domesticos.

Pareceu a estes servis, que não ficariam seus amos contentes, se se contentassem elles com guardar pacificamente o preso; entenderam que era seu dever ultrajal-o, e assim lhe fizeram soffrer tudo o que uma relé baixa e vil costuma imaginar de mais atroz e abjecto. Uns diziam chufas; outros improperios; estes cuspiam-lhe no rosto; aquelles, mais sacrilegos e impios, vendaram-lhe os olhos, e dando-lhe bofetadas, escarneciam de suas augustas qualidades de Propheta, e Rei, dizendo-lhe: Prophetiza, Christo; dize-nos quem te deu? Bem podera Jesus fazel-o, e esmagal-os só com os nomear; porem a cegueira delles mais o mortificava do que os tractos que soffria.

Durou toda a noute esta horrivel scena: jamais discipulo do Salvador passou alguma tam cruel? O que poz o cumulo ao soffrimento do Homem-Deus, o que foi para elle o mais doloroso de todos os ultrages, é que em quanto estava assim á mercê de seus mais crueis inimigos, o primeiro e mais favorecido de seus Discipulos, Pedro, o principe dos Apostolos, abjurava, e negava seu Mestre.

Estava elle no pateo, como já dissemos, aquentando-se com os soldados e officiaes do palacio, quando uma criada do Summo Pontifice, vendo-o alli sentado, depois de ter reparado nelle, disse-lhe: Tu tambem estavas com Jesus de Nazareth. Mas elle o negou, diante de todos, dizendo: O' mulher, eu nem o conheço; nem sei o que tu queres dizer. Depois querendo evitar nova interrogação, retirou-se para o vestibulo, e o gallo cantou. Mas outra criada, acer-

tando de o ver, disse tambem aos que alli estavam: Aquelle é dos de Jesus Nazareno; e logo depois, ainda outra lhe disse: Tu tambem és dos taes.

O pavor de Pedro augmentava com o perigo, e com o pavor o crime. Sua primeira abjuração fôra uma mentira; na segunda accrescentou o perjurio; porque negou a segunda vez com juramento, dizendo: Eu não conheço tal homem. Pareceram crer no que jurava, e lhe deram tregoas por uma hora. Devia elle aproveital-a para evadir-se; mas Pedro ainda amava aquelle que renunciara, e não lhe soffria o coração separar-se para longe. Entretanto, um dos criados do Summo Pontifice, parente daquelle a quem Pedro tinha cortado a orelha, disse-lhe: Não te vi eu com elle no jardim? E logo os que alli estavam no pateo rodearam a Pedro, e lhe disseram: Não ha duvida, que tambem es dos taes, porque es Galileo; a tua lingoagem te dá a conhecer. Apertado de todos os lados, Pedro perdeu a rasão, começou a fazer imprecações, e a dizer com juramento: Eu não conheço tal homem.

O' Pedro! é assim que fallas? O' escravos de respeitos humanos, eis o que vós sois!

Pedro fallava ainda, quando o gallo cantou pela segunda vez, e o Salvador, que conduziam para o vestibulo, voltando-se para seu Discipulo, fitou nelle os olhos; e logo Pedro se lembrou do que lhe dissera Jesus: Antes que o gallo cante duas vezes, tres me terás tu negado. Então, sahindo d'alli, chorou Pedro amargamente; e só a morte lhe enchugou o pranto. S. Jeronimo diz, que as faces de Pedro tinham os sulcos das lagrimas que chorava.

Não bastava aos grandes de Jerusalem haver atormentado o innocente pelas mãos da rele abjecta, cujo furor atiçavam. Apenas rompeu o dia, apresentaram-se no conselho, para acabar a sangue frio a obra das trevas, que tinham começada.

Para ostentar porem, diante do povo, um ar de moderação e prudencia, fizeram repetir ao pretendido culpado a confissão da noute precedente. Perguntaram-lhe outra vez: Dize-nos se tu es o Christo? Jesus lhes respondeu: Se vol-o digo, não me credes; se vos perguntar quaes-são os signaes por onde, segundo as Escripturas, se deve reconhecer o Christo, não me respondereis nem me deixa-

reis em liberdade. Por isso o Filho do homem estará d'ora'avante assentado no Ceo, á dextra de Deus todo Poderoso. Logo es tu o Filho de Deus, lhe tornaram elles? Jesus respondeu: Sim, eu o sou. Então todos exclamaram, como Caiphas: Que necessidade temos d'outro testemunho, se nós mesmos lh'o ouvimos de sua boca?

Pronunciada a sentensa de morte, não se cuidou mais que em leval-a á execução. Condemnado o Salvador como sacrilego e usurpador da divindade, esta culpa, aliás tam grave para uma multidão illudida, não o era comtudo, para fazer grande impressão no animo d'um magistrado Romano. Resolveram pois dar outra côr ás accusações, quando o apresentassem a Pilatos. Dizendo Jesus que era o Messias, Filho de Deus, considerava-se por consequencia rei dos Judeos, e emulo de Cesar. Fòi por esta face odiosa que assentaram de apresentar ao ministro do imperador as pretendidas blasphemeas de Jesus; e levantando-se toda a Assemblea, levaram-no sem perda de tempo, e o entregaram amarrado ao governador romano.

Então Judas, vendo que o condemnavam á morte, teve remorsos; mas, por sua desgraça, não sentio, nem comprehendeu assás, que aos olhos d'um Deus, que vai morrer pela remissão dos peccados, o maior dos crimes não é trahil-o, mas sim desconfiar da sua misericordia. Apertado pois do remorso, tornou a entregar os trinta dinheiros aos principes dos sacerdotes e anciãos do povo, dizendo: Pequei, entregando o sangue do justo. Elles porem, com aquella cruel indifferença, com que os maiores malvados costumam tratar aquelles, de cujos crimes se servem, responderam-lhe: Que nos importa? isso é lá comtigo. Esta resposta secca e desdenhosa acabou de o desesperar; arremessou o dinheiro pelo pavimento do Templo, e sahindo d'alli enforcou-se.

Restava saber que uso fariam d'aquelle dinheiro: os malvados são talvez escrupulosos no que toca á decencia e decoro; estes pois, apanhando o dinheiro, disseram: Não nos é licito lançal-o no thesouro, porque é preço de sangue. Compraram o campo d'um oleiro, que destinaram para cemiterio d'estrangeiros. Teve depois este campo o nome de *Haceldama*, que quer dizer *terra de sangue*,

como se os Judeos pretendessem perpetuar a memoria de seu deicidio; mas Deus tinha outros designios. Queria cumprir aquellas palavras do Propheta: Receberam trinta dinheiros de prata, somma pela qual foi entregue aquelle que os filhos d'Israel poseram a preço, assim como o Senhor m'o fez ver na minha visão. (1)

ORAÇÃO E PROTESTAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, agora vejo quanto me tendes amado; *eu protesto amar-vos de todo o coração, ó Deus que soffreis por mim!*

(1) Ainda hoje se está cumprindo a prophecia; pois que a imperatriz Santa Helena, mandou vir para Roma a terra do Campo de Sangue, a qual serve de cemiterio aos peregrinos. Está situado este cemiterio perto de S. Pedro, por tras das casas do S. Officio.

XIII.ª LIÇÃO.

PAIXÃO DO MESSIAS.

Jesus diante de Pilatos. — E' declarado innocente. — Conduzem-no a Herodes. — Tornam com elle a Pilatos. — E' açoutado, — Condemnado á morte, — Conduzido ao Calvario, — Crucificado. — Ora por seus algozes. — Os soldados deitam sortes sobre sua tunica. — Os Judeos o insultam. — Cumprimento das prophecias. — Jesus converte o bom ladrão. — Morre no meio de prodigios.

Já vimos como os Sacerdotes e Escribas, e toda a multidão reunida em casa de Caiphas, tinham d'alli sahido para conduzir Jesus ao Pretorio, ou casa do governador romano. Este governador ou presidente, que governava os Judeos pelo imperador Tiberio, chamava-se Poncio-Pilatos. Ainda bem não era dia quando chegaram ao palacio; mas um escrupulo os deteve á entrada da porta. A lei prohibia-lhes sim o homicidio do innocente, mas não lhes defendia que entrassem em casa d'um Gentio. Todavia, que santa gente! — não quizeram entrar no Pretorio, por medo que se não maculassem, e depois não podessem comer a Pascoa!

Sahio pois Pilatos fora, e perguntou-lhes: De que accusaes a este homem? Responderam: Se elle não fosse um malfeitor não vol-o entregariamos. Era o odio que fallava; Pilatos o comprehendeu logo, e por isso lhes disse: Tomai-o vós outros, e julgai-o segundo a vossa lei. Mas os Judeos responderam: Não nos é permittido mandar matar ninguem. De facto, os Romanos lhes tinham tirado este direito; e pela confissão que faziam, reconheciam que o sceptro tinha sahido de Juda. Deveriam reconhecer, por consequencia, que aquelle que havia de ser enviado, o Desejado das nações,

devia ter vindo; mas a paixão os tresloucava, e não viam o que por sua confissão se tornava mais visivel do que nunca.

Accedendo pois a seus clamores, determinou Pilatos julgar o Salvador. Assim o permittio Deus, para que o Messias morresse na cruz como estava predito; porque, segundo a lei, não podiam os Judeos condemnal-o senão a ser apedrejado, e elles queriam que fosse crucificado. Começaram pois a accusal-o, dizendo: Nós achamos que este homem amotinava o povo, prohibia que se pagasse o tributo a Cesar, e se attribuia o nome de Christo e Rei. Pilatos, como ouvio fallar em Rei, entrou no Pretorio, onde guardavam o Salvador, e ordenou que lh'o trouxessem. Compareceu Jesus perante o governador, o qual lhe perguntou: E's tu o Rei dos Judeos? Jesus respondeu: Dizes tu isso de ti mesmo, ou foram outros que t'o suggeriram? Pilatos replicou: Por ventura sou eu Judeo, para que me importe com o Christo ou Rei dos Judeos? Foi a tua nação, os teus Pontifices, que te entregaram em minhas mãos, que fizeste tu? Então Jesus lhe disse, que era sim Rei, mas que o seu reino não era nenhum Estado politico, como são os imperios da terra. Se tal fosse o meu reino, accrescentou elle, os meus soldados e exercitos combateriam por mim, para que eu não fosse entregue aos Judeos; mas o meu reino não é deste mundo. Es pois rei? tornou Pilatos. Jesus respondeu: Sim, eu o sou; foi para reinar que eu vim ao mundo, e para dar testemunho da verdade. Aquelle que ama a verdade ouve a minha palavra. Que é a verdade? perguntou Pilatos, e sem esperar resposta, tornou para os Judeos, e Principes dos Sacerdotes, e lhes disse: Eu não acho nelle motivo para o condemnar.

Não parece que devia antes dizer-lhes que o achava culpado, pois que Jesus confessara que era Rei, como o tinham accusado? Mas Pilatos comprehendeu que o seu reino não era de natureza que assombrasse as potencias da terra.

Então os Judeos, como costumam fazer os calumniadores, vendo que lhes podia fugir a presa, começaram a clamar e a dizer: Elle é um sedicioso, um amotinador do povo. O Salvador nada respondia; pois não era a elle, mas sim a Pilatos, que competia dizer-lhes: Não basta accusar, cumpre provar. Todavia para não

se ficar inteiramente mudo, em uma scena onde elle devia ser o protogonista, interrogou a Jesus segunda vez: Não ouves, lhe disse, de quantos crimes te accusam? Mas Jesus não respondeu nada, de sorte que o governador estava attonito.

Pilatos tinha reconhecido a innocencia do accusado; o seu dever era impor silencio aos accusadores, e confundil-os como mereciam; mas não o fez assim. Os inimigos do Salvador, notando em Pilatos esta fraqueza, trataram de tirar partido della; e pois que a consciencia do Juiz lhes era desfavoravel, para o forçarem a precipitar a sentença, sem accusar a Jesus de mais crime, começaram só a dar vozes, e a dizer em altos grîtos: Elle amotina o povo, semeando a sua doutrina por toda a Judea, desde a Galilea até Jerusalem. Então Pilatos, ouvindo fallar em Galilea, perguntou se Jesus era Galileo; e julgou que se livrava do embaraço, quando soube que elle de facto pertencia á jurisdicção de Herodes; o qual tinha chegado ha pouco de Jerusalem; e assim mandou que lh'o levassem, para que elle o julgasse.

Era este aquelle mesmo Herodes que sacrificara a vida de João Baptista á tranquillidade dos seus prazeres. Astucioso, máo, corrompido, curioso, apenas vio Jesus, alegrou-se muito; porque muito havia que o desejava ver, para presencear algum milagre dos que lhe constava que elle fazia. Com este fim, pois, começou a lhe fazer muitas perguntas; mas Jesus não respondeu a nenhuma. Entretanto, os Principes dos Sacerdotes e os Escribas, prevendo que o Salvador lhes escaparia, se se prestasse ao desejo de Herodes, renovaram com maior furia as suas accusações. Jesus, porem, tam pouco respondeu ás suas calumnias, como ás interrogações d'Herodes.

O divino Mestre, que se communica ás almas humildes e puras, tem em detestação a soberba e a impudicicia; por isso o impudico homicida do Baptista estava bem longe d'obter um milagre d'aquelle, de quem não era digno d'ouvir uma só palavra. Por consequencia Herodes, como Jesus nada fazia nem dizia, desprezou-o, e outro tanto fez toda a sua corte; e despeitado de que lhe não satisfizesse a curiosidade, ajuntou ao desprezo a irrisão e o insulto. Mandou-lhe vestir um habito branco, para significar que elle era

um tolo, um visionario, ou quando muito um rei de comedia; e desta sorte o reenviou a Pilatos.

Quiz o Pretor romano aproveitar-se desta lembrança d'Herodes, para ver se applacava o rancor dos Judeos. Disse-lhes pois: Apresentastes-me este homem como amotinador do povo, e eis que o tenho interrogado em vossa presença sem lhe achar causa para o condemnar. Herodes tambem lh'a não achou; por isso o deixarei ir, depois de castigado. O castigo, que destinava ao Salvador, eram os açoutes; pena dolorosa e ignominiosa, á qual um homem d'honra não poderia sobreviver. Tomou Pilatos esta resolução por se persuadir que os inimigos de Jesus ficariam satisfeitos. Tal a protecção que este cobarde politico dava ao innocente que desejava salvar.

Todavia, ou lhe parecesse que esta concessão ainda não satisfaria aquelles sanguinarios, ou quizesse, por um resto d'humanidade, não usar este meio senão no ultimo extremo, lembrou-se d'outro expediente, cujo bom exito lhe pareceu certo; mas que não servio senão de fazer a Jesus a maior affronta e mais estranha confusão que jamais algum homem soffreu no mundo.

Era costume nas festas da Pascoa conceder o governador romano ao povo a liberdade d'um preso, fosse qual fosse o que lhe pedissem. Estabelecido este costume em memoria do livramento do Egypto, tinha sido conservado pelos Romanos, e Pilatos era obrigado a conformar-se com elle: eis como tentou tirar d'aqui partido. Havia então nas prisões um criminoso, que se chamava Barrabaz; o qual era um famoso ladrão, sedicioso e homicida. Assim Pilatos, fallando ao povo, disse-lhes: E' costume pela festa da Pascoa soltar-se-vos um preso. Qual quereis pois que vos solte, Barrabaz, ou Jesus que se chama o Christo? O Filho de Deus comparado com um ladrão, um assassino! Horrivel comparação! E comtudo, quantos Christãos a não teem renovado? E vós mesmo, que lêdes esta narração, acaso não fostes jamais culpado de a fazer? Mas quanto mais odiosa era, mais o governador a julgava appropriada para o seu fim. Esperava elle a resposta do povo, quando uma imprevista mensagem a suspendeu por alguns momentos. Em quanto estava sentado no tribunal, sua mulher lhe mandou dizer: Não te en-

tremettas no que respeita a este justo, porque soffri muito esta noute em sonhos por sua causa.

Enviando este sonho á mulher de Pilatos, quizera Deus suscitar mais uma testemunha da innocencia do Salvador, e dar a Pilatos uma nova graça para o suster ás bordas do abysmo aonde ia precipitar-se. Demais, pretendia o Senhor salvar aquella mulher, que lhe era mais chara que a propria vida; pois se crê que a mulher de Pilatos se salvou. Auctores antiquissimos lhe chamam Claudia Procula; assim tambem lhe chamam os Gregos no seu menologio, onde a inscreveram entre o numero dos santos.

Em quanto Pilatos attendia ao enviado de sua mulher, os Principes dos Sacerdotes e os Anciãos trataram de irritar o povo e persuadir-lhes que pedissem a soltura de Barrabaz, e a condemnação de Jesus. Por isso quando Pilatos propoz qual dos dous queriam que lhes entregasse, gritaram de chusma: Não queremos Jesus, entrega-nos Barrabaz. Espantado Pilatos, e desejando sempre salvar a Jesus, disse-lhes pela segunda vez: Que quereis pois que eu faça de Jesus, o Christo, o Rei dos Judeos? Mas elles começaram a clamar com redobrada furia: Crucifica-o! Disse-lhes terceira vez: Mas que mal fez elle? Eu não tenho causa para o condemnar. Vou mandal-o açoutar com varas, e pôl-o em liberdade. A estas palavras recresce a raiva, redobram os alaridos, não se ouve senão o grito funesto e tumultuoso: Crucifica-o! crucifica-o!

A sedição tornava-se ameaçadora, e o cobarde governador não se julgou seguro. Vendo pois que tudo era inutil, e que o tumulto cada vez se augmentava mais, mandou que lhe trouxessem agoa, e lavando as mãos diante do povo, disse-lhes: Eu lavo as mãos do sangue deste justo. Quanto a vós, pensai bem no que fazeis. Mas todo o povo respondeu: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos. O Eterno ouvio esta horrivel imprecação, e a ratificou. Ha mais de desoito seculos que este sangue pesa como uma maldição sobre a posteridade deste desgraçado povo. E' um facto que tem o universo por testemunha.

Depois da vã ceremonia de lavar as mãos, ou antes depois de ter dado contra si mesmo um publico testemunho da injustiça que ia commetter; querendo não obstante contentar o povo, disse-lhes

Pilatos que lhes concedia o que pediam; e logo mandou soltar Barrabaz. Quanto a Jesus, ordenou que o açoutassem, ou fosse para commover o povo com esta especie de supplicio, a ver se com elle se contentavam, ou fosse porque se ordenava nas leis romanas, que o padecente fosse açoutado antes de crucificado. Este cruel supplicio, que levaram ao ultimo excesso, foi seguido immediatamente d'outro, suggerido pela raiva dos Judeos, ou inventado pela brutalidade dos soldados. Não pode ler-se sem verter lagrimas.

Os soldados nomeados para crucificar o Salvador, tendo-o levado ao pateo do Pretorio, ajuntaram em redor delle toda a cohorte; e havendo-lhe despido seus vestidos, cobriram-no com um farrapo de purpura, á laia de manto real, e o ataram a uma columna. Depois, tecendo uma coroa de espinhos, pozeram-lh'a na cabeça; e apresentaram-lhe uma cana por sceptro. E chegando-se um a um, punham o joelho em terra, dizendo por mofa: Salve, Rei dos Judeos. Após disto tiravam-lhe a cana da mão, e com ella lhe descarregavam rijos golpes na cabeça, com que lhe enterravam os espinhos pela carne, e ao mesmo tempo lhe cospiam no rosto e lhe davam bofetadas.

Soffreu tudo o Salvador sem se queixar, para expiar especialmente os peccados contra a humildade e a modestia. Neste doloroso flagello é que o Messias, segundo as expressões dos Prophetas, foi o homem de dor, cujo corpo, desde a cabeça até os pés, não era mais que uma grande chaga.

Depois de tantos tormentos e opprobrios parece que deveriam os Judeos ficar satisfeitos; Pilatos assim o crêo, e por isso sahio de novo a dizer-lhes: Ahi vem o homem, para que conheçaes bem que não acho nelle causa para o condemnar. Ainda bem não tinha dito isto quando Jesus appareceu, trazendo na mão a cana; na cabeça, a coroa de espinhos; nos hombros, o farrapo de purpura; no aspecto, uma dolorosa modestia, uma submissão generosa. Então Pilatos disse para o povo: Eis o homem!

Sim, eil-o, qual o pozeram os nossos peccados; eis o genero humano, representado em Jesu-Christo, revestido de toda a sua miseria; eis o homem, tal como sahio d'Adam, tal como seria sempre,

se o Redemptor não tomasse sobre si, para o livrar, os seus crimes, as suas ignominias, o seu supplicio.

A este espectaculo, immudeceu o povo; parece que começava a enternecer-se; mas os Principes dos Sacerdotes e seus ministros gritaram logo que o viram: Cruxifica-o! cruxifica-o!

Pilatos, a est'outro desengano, disse-lhes enfurecido: Tomai-o vós mesmos, e cruxificai-o; pela minha parte, não acho nelle motivo para o condemnar. Os Judeos responderam: Nós temos uma lei, e segundo a lei merece a morte, porque se chamou a si mesmo o Filho de Deus.

A esta palavra — Filho de Deus, ficou Pilatos assombrado. Tudo lhe pareceu tam grande, tam maravilhoso em seu prisioneiro, que temeu de attrahir sobre si a colera do Ceo se o condemnasse. Entrou bruscamente no Pretorio, e disse para Jesus: D'onde es tu? Mas Jesus nada lhe respondeu. Não me respondes? tornou Pilatos; não sabes que tenho poder de te crucificar ou de te pôr em liberdade? Nada poderias contra mim, lhe disse o Salvador, se o poder te não fôra dado lá de cima; por isso aquelle que me entregou em tuas mãos é mais criminoso: fallava Jesus de seus incarniçados accusadores.

A tranquillidade e firmeza desta resposta perturbou ainda mais o governador. Ouvia elle dizer por um lado que Jesus se apresentava perante a sua nação como Filho de Deus; por outro lado, via que este mesmo homem, longe de repellir a accusação, nada dizia que não contribuisse para confirmal-a. Então redobrou seus esforços para o livrar, mas os Judeos começaram a dizer em altos gritos: Se o deixas ir, não es amigo de Cesar; porque todo aquelle que se arroga a realeza declara-se inimigo de Cesar.

Ao nome de Cesar, ao ver os Pontifices dispostos a converter a sua clemencia em crime d'Estado, não teve mais animo para resistir. Assentou-se no tribunal, alçado sobre um pavimento de formosas pedras, chamado em grego *Lithostrotos,* e em hebraico *Gabbatha.* Mandou trazer Jesus e disse aos Judeos: Eis o vosso Rei! Mas elles clamaram: Tira-o! Tira-o! Crucifica-o! Como assim! exclamou Pilatos, crucificar o vosso Rei! E esta foi a ultima palavra d'agonia para a sua justiça moribunda. Nosso Rei! respon-

deram com insolencia os Principes dos Sacerdotes, nós não temos outro Rei senão Cesar. Então Pilatos lhes entregou Jesus, para delle fazerem o que quizessem; isto é, entregou-o nas mãos delles, para ser cruxificado: Eis a sentença que pronunciou, depois de o ter tantas vezes declarado innocente. (1) E eis tambem por onde acaba o Christão que, deixando-se vencer da tentação, consente no peccado mortal. Foi pelas nove horas da manhã que se pronunciou a sentença. Logo que Jesus foi condemnado, os soldados encarregados da execução se apoderaram delle, e lhe fizeram quantos desacatos quizeram. Tiraram-lhe o ignobil manto de purpura, com que insultaram sua realeza; pozeram-lhe de novo os seus vestidos, e o conduziram fora da cidade, para o cruxificarem. Jesu-Christo, levando a sua cruz, caminhou para o lugar chamado Calvario, em hebraico Golgotha. Era uma pequena montanha proxima a Jerusalem, e para lá chegar era preciso atravessar a cidade. Assim os Judeos, que desde a noute antecedente perseguiam o Salvador, como um bando de sanguisedentos lobos a um innocente cordeiro, ainda tiveram a satisfação de o ver caminhar ao supplicio com a cruz ás costas. Mas Jesus, já exhausto de forças e de sangue, em breve succumbio ao peso da cruz, e o verdadeiro Isaac se vio sem forças, para carregar com a lenha do sacrificio até o alto da montanha.

Como a sua falta de forças poderia arrebatal-o ao derradeiro supplicio, ou retardar pelo menos o momento que seus inimigos tanto desejavam, apenaram um passageiro, Israelita de religião, oriundo de

(1) Pouco lucrou Pilatos em sacrificar o Innocente á sua ambição. Passado um anno depois da morte do Salvador, como tirasse o dinheiro do thesouro sagrado, para as despezas d'um aqueducto, sublevou-se o povo, e Pilatos suffocou a sedição com grandes violencias e atrocidades. Ainda porem as exerceu maiores com os Samaritanos, que se queixaram a Tiberio. Em consequencia disto, sendo chamado a Roma, onde chegou no anno 37 de Jesu-Christo, no principio do reinado de Caligula, foi desterrado para Pavia, ou segundo outros, para Vienna no Delphinado, onde passados dous annos se matou a si mesmo. Assim pereceram pelo suicidio Judas, e Pilatos; o traidor que o entregou, e o Juiz que o condemnou á morte.

*

Syrene na Libia, chamado Simão, que vinha do campo, e o constrangeram a levar, após de Jesus, o pesado lenho, que nem o mesmo Filho de Deus podia arrastrar. Christão que lês isto, não é verdade que invejas ao estrangeiro Judeo aquelle honroso cargo? Consola-te; que ainda o temos em nossos dias: ninguem ha que, no decurso da vida, não tenha muitas vezes occasião de levar a cruz de seu Mestre, e de o seguir até o Calvario.

O Salvador, auxiliado por Simão Syreneo, pôde continuar seu doloroso transito até ao cume da montanha. Um povo immenso o seguia, e algumas mulheres batendo nos peitos, com profundos gemidos o lastimavam. Jesus porem, voltando-se para ellas, disse-lhes: Filhas de Jerusalem, não choreis por mim, mas por vós e por vossos filhos; porque se aproxima o tempo em que se dirá: Felizes as estereis! ditosas as entranhas que não geraram filhos! Então dirão elles aos altos montes: Cahi sobre nós; e aos outeiros: Escondei-nos, sepultai-nos em vossas ruinas; porque se assim é tratado o lenho verde, que será do lenho secco? quer dizer, se vós trataes assim o Innocente e o Santo, que deverão esperar os seus assassinos? D'est'arte, esquecido de si, e só affligindo-se pelos males de seu povo, Jesus, chegado ao cimo do Calvario, entregou-se nas mãos de seus algozes, para ser crucificado.

Acompanhavam-no dous criminosos, para serem tambem crucificados. Assim o dispoz a Providencia, para que não faltasse circumstancia alguma das prophecias que fallavam das suas ignominias.

Logo que alli chegou deram-lhe a beber vinho temperado com myrrha, e misturado com fel; assim costumavam fazer para d'alguma sorte adormentar no padecente o sentimento de suas dores. O Salvador, que destinava as suas á gloria de seu Pai e salvação do mundo, quiz conservar para si todo o rigor d'ellas. Tendo provado aquelle vinho, para sentir sua amargura, recusou bebel-o, por não ter o allivio que poderia trazer-lhe.

Foi então que o Cordeiro de Deus, offerecendo-se por si mesmo em sacrificio, se estendeu sobre a sua cruz. Quatro soldados lhe encravam os pés e as mãos, levantam a cruz ao alto e logo a deixam cahir desamparadamente; corre o sangue a jorros de

suas chagas. Ao mesmo tempo crucificaram a seu lado os dous ladrões, um á direita, outro á esquerda, ficando Jesus no meio.

Estava consummado o deicidio; faltava só vingal-o. Jesus não carecia mais que de fallar; e até parece que bastaria calar-se, para que o raio aniquilasse os authores e executores de tam enorme attentado. Direis que até elle o temia, pelo que se apressou a suspender-lhe o successo. Apenas alçado na cruz, pronunciou aquella terrissima oração: Pai! perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Tal foi a primeira das sete memoraveis palavras de Jesu-Christo na cruz.

Apenas acabaram os soldados sua barbara execução, não cuidaram mais que em dividir os despojos do Salvador; fizeram o seu habito em quatro partes, e cada soldado ficou com a sua; nisto consistiam os seus bens; sim, ainda restava a sua tunica, que não tinha costura, tecida toda, e inconsutil. E' pena rasgal-a, disseram os soldados, tiremol-a á sorte. Assim fizeram, cumprindo litteralmente a prophecia de David: dividiram os meus vestidos, e lançaram sortes sobre a minha tunica. Em quanto os soldados pagãos se entretinham com isto, os orgulhosos Judeos occupavam-se em cousa mais conforme ao seu genio. Tinha Pilatos escripto, no alto da cruz, a causa da condemnação de Jesus, por estas palavras: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEOS. Offenderam-se com isto os Principes dos Sacerdotes, e disseram a Pilatos: Não escrevas Rei dos Judeos, mas sim que elle se chamava a si Rei dos Judeos. Pilatos respondeu: O que escrevi, escrevi; e com isto os despedio bruscamente.

Deus havia dictado o que Pilatos escreveu, e lhe deteve a mão para não apagar o que havia escripto. Era pela cruz que o Homem-Deus devia reinar; crucificando-o, collocaram-no em seu throno, no solio da sua realeza. Cumpria agora proclamal-o Rei, e Pilatos, o Gentio, o fez juridicamente, apesar da opposição e indignação do povo Judaico. Figura admiravel do que logo depois succedeu, quando, obstinando-se aquelles homicidas em não quererem que Jesus reinasse sobre elles, todos os povos da gentilidade o reconheceram não só por seu Rei, mas por seu Deus e Salvador.

Repellidos por Pilatos, foram os Judeos vingar-se em Jesus, e

fazer-lhe pagar bem caro o titulo de Rei, que eram forçados a deixar-lhe. Desde aquelle momento, o Deus crucificado não ouvio em torno de sua cruz mais que atrozes injurias, amargos sarcasmos, e impias blasphemeas. Passavam e repassavam por diante delle, e olhavam como soffria, com um prazer proprio de canibaes, ou antes com aquella satisfação da vingança, que faz dos homens peiores que feras.

Uns acenavam com a cabeça, dizendo: Tu, que destroes o Templo de Deus e o reedificas em tres dias, salva-te a ti mesmo; se es o Filho de Deus, desce da cruz. Mas o que excede tudo quanto pode imaginar-se é que os Principes dos Sacerdotes, os doutores da lei, velhos encanecidos, aproximando-se delle, com ar de triumpho, recreavam-se a ver como estava atormentado, e misturando seus insultos com os da plebe, diziam-lhe: Elle, que salvou os outros, não pode salvar-se a si? se é o Rei d'Israel, que desça agora da cruz, para o reconhecermos. Elle confiou em Deus, pois se Deus o ama que o livre agora.

Tal é a linguagem dos tresloucados impios. Desgraçados! E quam estupidamente discursavam! Era sobre a cruz que um Israelita fiel e instruido devia reconhecer o seu Messias; era na morte que o devia esperar. Se elle descesse da cruz, tornar-se-hia desconhecido; as prophecias não se cumpririam em sua pessoa, e um tal milagre não faria mais que desmentir e aniquilar todos os milagres.

Mas o mais admiravel é que ao mesmo tempo que lhe pediam um milagre contraditorio, eram elles mesmos os instrumentos do milagre que se operava a seus olhos, e que provava só de per si a divindade de Jesus. E' o caso, que as suas blasphemeas, sarcasmos, e acenos de cabeça tinham sido preditos por David, e elles sem o cuidarem cumpriam a prophecia. Ao verem-me, dizia o Santo Rei, pondo estas palavras na boca do futuro Messias: Ao verem-me, acenaram com a cabeça, e disseram: Elle confiou em o Senhor, pois venha agora o Senhor em seu auxilio, se é certo que se interessa por elle; e livre-o das mãos de seus inimigos. Ao ver isto, direis que aquelles miseraveis tinham de proposito estudado o papel, e de-

corado as palavras da prophecia, para representarem melhor o drama.

A este milagre se ajuntou logo outro, não menos proprio para provar o divino poder d'aquelle, que ultrajavam tam indignamente. Os ladrões crucificados ao lado de Jesus, uniam-se aos soldados e Judeos para o insultar; mas de repente, em quanto um d'aquelles malfeitores o blasphemava, o outro o reprehendeu dizendo: Não temes a Deus, estando tam proximo a morrer? Pela nossa parte, não é sem causa que penamos, pois soffremos a pena devida a nossos crimes; mas elle é que não fez nenhum mal. Depois, voltando-se para o Salvador, disse-lhe: Senhor, lembrai-vos de mim quando entrardes no vosso reino. (1)

Esta profissão de fé era bem corajosa e tocante; a salvação do malfeitor foi sua recompensa, desde logo assegurada: Em verdade te digo, lhe respondeu o Salvador, que hoje mesmo entrarás comigo no Paraizo. (2)

Outro objecto ainda mais interessante chamou a attenção de Jesus, e lhe deu occasião de cumprir um dos primeiros deveres que a natureza prescreve, a fim de nos ensinar que não veio elle destruil-a, mas aperfeiçoal-a. Maria, a quem a mais violenta afflicção que tenha havido no mundo não estorvou que accompanhasse seu Filho até o ultimo supplicio; Maria, a Rainha dos Martyres, accompanhada de S. João, de sua cunhada, mulher de Chéophas, e de Maria Magdalena, estava em pé junto á cruz. Jesus, pois, vendo alli sua Mãi e o seu Discipulo amado, disse para Maria: Mulher, eis ahi teu Filho; depois disse ao Discipulo: Eis ahi tua Mãi.

(1) A tradição dá ao bom ladrão o nome de *Dimas;* muitas igrejas se dedicaram com a sua invocação, e sua vida foi publicada com este titulo: *Reflessioni istoriche sù la vita del glorioso san Dima. In*-8.°, *Napoli* 1714.

(2) O Paraizo de que falla aqui o Salvador é o seio d'Abraham ou o Limbo; que era o lugar de repouso para os justos inteiramente purificados, e podia considerar-se como um principio de bemaventurança. Descendo alli, Nosso Senhor derramou nelle a Bemaventurança essencial.

A taes despedidas responderam a obediencia e as lagrimas. Maria adoptou a João por seu filho, e em sua pessoa a todos os Christãos; João adoptou a Maria, e a honrou como sua Mãi. Assim se cumprio o testamento do Salvador.

Era pela hora sexta (ao meio dia) quando espessas trevas se estenderam por toda a terra, até a hora nona. Obscureceu-se o sol, para que a Natureza toda tomasse lucto por seu Author.

Na hora nona, Jesus bradou com voz alta e firme: *Eloi, Eloi, lamma sabacthani*, quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes? Estava predito que o Messias pronunciaria estas palavras. Alguns dos que alli estavam e as ouviram, diziam: Eil-o que chama por Elias. Depois, sabendo que todos os oraculos estavam cumpridos em sua pessoa, excepto uma ligeira circumstancia, que a sua infinita penetração discernia na multidão das prophecias que fallavam da sua Paixão; a fim de que as Escripturas se cumprissem, sem que lhe faltasse uma só letra, Jesus disse: Tenho sede. Ora, estava ali um vaso cheio de vinagre; e um dos espectadores, correndo immediatamente a embeber nelle uma espenja, e atando-a como hyssope á extremidade d'uma cana, chegou-lh'a á boca, para que bebesse. Assim se cumprio aquella palavra de David, fazendo fallar o futuro Messias: Quando tive sede deram-me a beber vinagre.

Tendo Jesus bebido, e conhecendo, por uma reflexão ultima, que nada mais faltava ao seu sacrificio, nem ao cumprimento das prophecias, nem ao seu amor para com os homens, disse: Tudo está consummado! Então levantando a voz, como um homem cheio de saude e de vigor, senhor de conservar ou deixar a vida, exclamou com força: Pai! em tuas mãos entrego o meu espirito. Depois, abaixando a cabeça, expirou.

Morreu! Morreu o nosso Deus, o nosso Salvador, o nosso Pai, o nosso amigo, o nosso irmão. — Morreu, e porque? Morreu! e porque motivo?

ORAÇÃO E RESOLUÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, é chorando ao pé da vossa cruz que de todo o coração renovo a resolução de vos amar sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de vós.

XIV.ª LIÇÃO.

SEPULTURA E RESURREIÇÃO DO MESSIAS.

Trevas universaes. — Veo do Templo rasgado. — Mortos resuscitados. — O centurião convertido. — Cumprimento das prophecias. — Joseph e Nicodemus. — O limbo. — As santas mulheres. — Apparição a Maria Magdalena. — Procedimento dos guardas, e dos chefes da Synagoga. — Provas da Resurreição.

Acabava Jesus de expirar na cruz, pondo assim o cumulo á gloria que Deus queria tirar dos soffrimentos e humilhações do Redemptor. Mas o seu ultimo suspiro, exhalado no exercicio da mais rigorosa obediencia, devia de ser tambem, segundo as promessas de Deus, o começo das honras divinas, que este Filho tam querido e tam profundamente aniquilado tinha direito a esperar da justiça e contentamento de seu Pai.

Cumpridas as condições, realisaram-se as promessas. No momento que Jesus expirava, e comprava a preço de seu sangue o titulo de Salvador, Juiz, e Soberano de todos os homens, abalou-se a natureza toda, já para reconhecer o seu Rei, já para chorar sua morte, já emfim para preparar o seu triumpho.

Dissiparam-se as trevas, que assombraram por tres horas a face da terra. (1) O veo do Templo, isto é, o veo que

(1) A opinião mais commum é que as trevas se derramaram effectivamente por toda a terra. Citaremos somente as seguintes testemunhas. A primeira é S. Dionysio o Areopagita. Aproveitamos tambem esta occasião de rehabilitar, quanto em nós cabe, as obras deste grande santo. Dom Calmet pretendeu que ellas eram d'um Grego desconhecido, do quinto ou sexto seculo, que quiz inculcar os seus escriptos com aquelle nome illustre, a fim de lhes conciliar credito e reputação. *Conseguio o seu intento*, continua Dom Calmet, *até o seculo decimo setimo, pois que teem sido lidos, conhecidos e citados pelos Gregos e Latinos, como obras de S. Dionysio o Areopagita.* Dissertação sobre as trevas Biblia de Vence, t. XX, p. 168. Grande numero de escriptores modernos repetiram a asserção sub a palavra do Mestre. Por desgraça de Dom Calmet e de seus copistas, Origenes, que viveu no segundo seculo, cita as obras de S. Dionysio o Areopagita. Eis aqui as suas palavras: « E' em Deus, como diz uma boca divina, que temos a vida, o movimento e o ser: o ser de todos é a super-essencia e a divindade, segundo a expressão do grande Dionysio Areopagita. » Homil. 2, t. II, p. 277. Edição de Pariz, 1604. Notaremos alem disso: 1.° que seria muito para admirar que por mais de mil annos, um falsificador qualquer podesse fazer passar seus proprios escriptos com o nome d'um personagem tam celebre na Igreja; sem que os eruditos, os homens de genio, que floreceram em tam longo espaço de tempo, descobrissem a fraude, apezar de conhecerem aquellas obras e as citarem com elogio, como são, entre os latinos S Thomaz, S. Boaventura, o Hugues de Saint-Victor, Scot Erigene, os quaes se inspiraram pela leitura destes livros; 2.° que estas obras fossem tam estimadas na Igreja Latina e Grega, antes e depois do schisma; que merecessem a seu author os mais honrosos titulos, como são o de *celeberrimo interprete dos divinos misterios*, como lhe chama Anastacio Sianita; e S. Gregorio o Grande, lhe dá o nome de *Padre antigo e venerando*; e S. João Damasceno chama-lhe o *divino, o mui santo, e mui eloquente Dionysio, facundo e profundo nas cousas divinas.* Finalmente, o segundo Concilio de Nicea, setimo Concilio geral, lhe dá o titulo de *muito grande*, e todos os auctores que acabamos de citar se servem de seus escriptos, para confirmar os dogmas da fé. Veja-se a traducção das obras de S. Dionysio pelo Padre Darboy, em 8.°

separava a parte do Templo chamada o Santo da parte chamada o Santo dos santos se rasgou d'alto a baixo ; a terra tre-

Ora, eis como S. Dionysio Areopagita se exprime ácerca das trevas milagrosas, que obscureceram a terra na morte de Nosso Senhor. Escrevendo a S. Policarpo, para responder á censura que lhe fazia Apollophano, seu antigo amigo, d'empregar d'um modo pouco sincero o testemunho dos Pagãos, para converter o Paganismo, diz estas palavras: « Deve lembrar-se Apollophano do que nos succedeu no Egypto. Estavamos perto da cidade d'Eliopolis, quando de repente vimos a lua que se veio reunir ao sol, supposto não era o tempo da conjuncção, e causou um grande eclipse, e depois pela hora nona, vimol-a outra vez sahir de diante do sol, para ir collocar-se no lugar opposto do diametro .... é isto o que podereis dizer-lhe. E tu, Apollophano, desmente-me se te atreves a isso ; tu, que presenceaste o facto, que o viste e admiraste comigo. Finalmente, quando isto succedeu, Apollophano, como fóra de si, exclamou, dirigindo-se a mim, como se adivinhara o que se passava : Meu caro Dionysio, isto são mudanças de cousas divinas. » Dionys. Areopag. lib. II, p. 7, ep. 91.

Dionysio, pela sua parte, exclamou : Ou o author da natureza soffre, ou a machina do universo se arruina ! Não admira que S. Dionysio, apezar de ser pagão, pensasse que o author da natureza soffria, bastava-lhe ter lido o que diz Platão dos soffrimentos do Deus que o mundo esperava.

Se as trevas foram effeito d'um eclipse, nem por isso são menos milagrosas ; porque a Pascoa dos Judeos, que é o tempo em que Jesu-Christo soffreu a morte, não se fazia senão na lua cheia. Ora, todo o mundo sabe que não ha eclypses de sol na lua cheia. Não será tambem por um conhecimento vago, mas tradicional, das trevas que houve na morte do Salvador, que os pagãos sempre se atterravam ao ver os eclypses ?

Em outra carta escripta ao mesmo Appollophano, ja convertido ao Christianismo, falla S. Dionysio nestes termos : « Quero recordar-vos do que nos succedeu quando estavamos ambos em Heliopolis do Egypto. Tinha eu então vinte e cinco annos, e tu eras pouco mais ou menos da mesma idade. Vimos de repente, n'uma sexta feira, pela hora da sexta, ou do meio dia, que a lua veio collocar-se diante do sol, causando um eclypse que nos atterrou. Então vos perguntei o que vos parecia aquel-

meu: (1) este ultimo prodigio preparou outro, que aconteceu ao terceiro dia. Muitos santos que tinham morrido resuscitaram; e tendo sahido dos tumulos depois da resurreição do Salvador, vieram á cidade santa, e se mostraram em publico.

O exemplo das creaturas insensiveis produzio seu effeito. Primeiramente o Centurião ou official romano, que presidio á crucifixão, vendo o que se passava, e que Jesus tinha expirado dando um

le prodigio; e respondestes-me estas palavras, que nunca me hão de esquecer: Meu charo Dionysio, isto são mudanças de cousas divinas. Tomei nota exactamente do tempo e anno daquelle prodigio, e combinando tudo com o que Paulo me ensinou depois, convenci-me da verdade, de que tu mesmo tam felizmente te convenceste. » In vita Dionys. apud Cerder, t. II, p. 273.

Citaremos tambem o testemunho de Phlégon, liberto do imperador Adriano. Este auctor era pagão; escreveu a Historia das Olympiadas em dezeseis livros, desde a sua origem até o anno de Christo de 140. Ora, diz elle que no quarto anno da CCII.ª Olympiada, que devia terminar pelo meado do anno 33 da era vulgar, que é o mesmo em que padeceu Jesu-Christo, houve um eclypse do sol, o maior que jamais se vio, e que a obscuridade foi tal que as estrellas se viram na hora do meio dia. Accrescenta ainda que houve então um grande tremor de terra na Bythinia, que destruio a maior parte da cidade de Nicea. Apud Euseb. chronic. p. 188, edição Scalig.

Thallus, historiador grego, falla como Phlégon. Não se sabe ao certo em que tempo viveu este Thallus; mas como S. Justino, e Tertulliano o citam, é de crer que fosse contemporaneo de Phlégon, ou talvez ainda mais antigo. Parece que eram os livros destes dous auctores que Tertulliano e o martir S. Luciano de Antiochia mandavam ler aos Pagãos, para nelles acharem a prova da tam milagrosa obscuridade, que houve na morte do Salvador.

(1) No meio da praça que está adiante da cathedral de Pouzzoles, vimos nós o celebre pedestal de marmore branco ornado de quatorze figuras, que representam as quatorze cidades da Asia menor destruidas pelo tremor de terra que succedeu na morte de Nosso Senhor, e reedificadas por Tiberio. D'est'arte o monumento prophano de Pouzzoles é um testemunho palpavel da verdade da narração evangelica.

grande brado, deu gloria a Deus dizendo: Certamente este homem era justo; era em verdade o Filho de Deus. Com effeito, morrer crucificado era morrer exhausto de forças e de sangue; o brado com que o Salvador expirou era pois sobrenatural; era ao mesmo tempo um milagre e o cumprimento d'uma prophecia. Milagre de força na ultima fraqueza; e cumprimento litteral desta palavra do mesmo Jesu-Christo: *Eu morro voluntariamente.* (1) Da mesma sorte os soldados, que guardavam o Salvador, vendo o tremor de terra, e as cousas que se passavam, ficaram cheios de medo e exclamavam: Este homem era verdadeiramente Filho de Deus. Tantos milagres converteram ainda aquelles espectadores, que não tinham o coração corrompido de falsos principios; pois que, ao ver estas maravilhas, que agouravam a proxima vingança do ceo, voltavam d'alli atterrados e batendo nos peitos.

A multidão, pois, que desde a hora sexta enchia o Calvario, a pouco e pouco se desapparceu. Retiraram-se; uns, desenganados felizmente; outros, ainda mais endurecidos. E' o que ainda hoje succede, quando sahimos do sacrificio augusto de nossos altares. Outras pessoas porem, mais afflictas sim, mas sem temores nem remorsos, permaneciam junto á cruz, sem poderem resolver-se a deixar um objecto, que lhes era tam charo. Eram todas as pessoas que mais o amavam, e algumas mulheres, que estavam de longe vendo o que se passava. Entre estas estava Maria Magdalena; Maria, mãi de Tiago o menor e de Joseph; e Salomé, mãi dos filhos de Zebedeo, que o acompanhava e o servia quando elle estava na Galilea. Imitemos seu exemplo, fiquemos tambem, ao menos em espirito, ao pé do altar, depois que assistimos ao augusto sacrificio, que é a renovação do sacrificio do Calvario.

Os Judeos, em todos os seus attentados contra o Salvador, não fizeram mais que cumprir os decretos da Omnipotencia de Deus: jámais poderam ultrapassar os seus limites. Ora, como Deus não queria que Jesus soffresse um outro genero de supplicio que ainda lhe destinavam, por isso não permittio que se lembrassem delle senão de-

(1) João X.

pois da sua morte. Ainda nesta occasião fingiram que obravam por zelo da Lei ; a qual ordenava que os que eram mortos de cruz fossem descidos della antes do fim do dia ; pelo que, vendo que o tempo se lhes passava, foram a toda a pressa pedir a Pilatos que mandasse quebrar as pernas aos tres crucificados, e descel-os da cruz.

Vieram pois os soldados por ordem de Pilatos, e depois de quebrarem as pernas aos dous ladrões, chegando a Jesus, e vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas ; mas um dos soldados lhe abrio o lado com uma lança, e immediatamente sahio sangue e agua. Tudo era divino nestes acontecimentos. Os soldados não tinham ordem da fazer distincção entre Jesus e os dous companheiros do seu supplicio ; e se bem estivesse morto, podiam não obstante quebrar-lhe os ossos ; mas a Escriptura devia cumprir-se. Moisés tinha dito, fallando do Cordeiro Pascal : *Não lhe quebrareis osso* ; (1) o que o Senhor quiz assim para que a figura se cumprisse no Christo, verdadeiro Cordeiro de Deus, que occultava no fragil vestido da natureza humana a Divindade incorruptivel, como no corpo os ossos, que são a parte mais solida, se occultam debaixo da carne. Da mesma sorte, foi contra a ordem de seus superiores, ou pelo menos transgredindo-a, que um dos soldados abrio o lado de Jesus com uma lança ; mas era preciso que se cumprisse est'outra prophecia : Elles poseram os olhos naquelle que trespassaram.

Entretanto era tempo de cuidar na sepultura do Salvador, que tinha expirado havia quasi uma hora. Chegou neste momento um homem rico, e d'auctoridade, chamado Joseph, da cidade d'Arimathea, homem justo e virtuoso, que tambem era discipulo de Jesus, mas que se não manifestava por medo dos Judeos. Não tinha porem tomado parte nas suas maquinações, nem no crime que commetteram, mas antes suspirava em segredo pelo reino de Deus. Este homem, pois, veio corajosamente pedir o corpo de Jesus a Pilatos ; o qual, admirado que elle já estivesse morto, mandou chamar o Centurião, e informando-se da verdade deu o corpo a Joseph.

(1) Exod. XII, 46.

Foi elle descel-o da cruz; posto que não teve elle só a gloria de o sepultar. Parece que o homem Deus reunia em torno de si, depois de morto, os que não ousavam aproximar-se em quanto vivo. Poderosa virtude da cruz; e immediato cumprimento daquellas palavras do Salvador: *Quando eu for elevado da terra, attrahirei tudo a mim.* (1) Nicodemos, outr'ora seu discipulo occulto, e que o fôra consultar no escuro da noute, trouxe comsigo quasi cem libras d'uma composição de myrrha e aloe; comprou tambem uma mortalha em que envolveu o corpo adoravel de Jesus, depois de o ter descido do patibulo, embalsamado-o com perfumes e ligado-o com mantilhas de linho (2) ao uso dos Judeos.

Faltava só escolher o sepulchro. Havia proximo ao lugar, onde Nosso Senhor foi crucificado, um jardim com um sepulchro recentemente aberto na rocha, onde ninguem tinha sido sepultado. Este sepulchro era de Joseph; o qual, apertado pelo tempo, pois ia começar o dia do Sabbado, e attendendo á proximidade do lugar, nelle depositou, ajudado por Nicodemos, o corpo do Salvador, e tapou a entrada do sepulchro com uma grande pedra. Tudo que parece aqui succeder por acaso era disposição d'uma Providencia infinita. Cumpria que o sepulchro fosse proximo ao Calvario, para haver tempo de conduzir a elle o corpo de Jesus, e encerral-o antes que começasse o repouso do Sabbado. Era preciso tambem que o sepulchro fosse novo e intacto; para que imitasse d'alguma sorte a pureza do seio virginal de Maria, e se não duvidasse que o morto resuscitado não era outro senão Jesus. Era preciso emfim que fosse aberto na rocha viva, para que se não dissesse que o haviam minado, ou entrado d'alguma maneira, e arrebatado furtivamente o corpo morto.

Entretanto Maria Magdalena, e Maria mãi de Tiago e de Joseph,

(1) João XII, 32.

(2) A mortalha era tambem de linho, e d'aqui vem o collocar-se na missa o corpo de Nosso Senhor sobre um corporal de linho, com exclusão de qualquer outro estofo. Já S. Jeronymo ha perto de 1400 annos fazia esta observação.

que tinham vindo com Jesus da Galilea, estavam assentadas junto ao tumulo; e quando acabaram de o sepultar, sahiram d'alli e vieram preparar aromas e perfumes, mas estiveram em repouso o dia do Sabbado, como a lei ordenava. Outro tanto porem não fizeram os inimigos do Salvador. Aquelles tam escrupulosos observadores do santo repouso, que tantas vezes criminavam Jesus de o violar operando milagrosas curas, violaram-no agora com a intenção de sepultar a sua religião no mesmo tumulo de seu auctor.

Ajuntaram-se pois os principes dos Sacerdotes e os Phariseos em casa de Pilatos, e lhe disseram: Lembra-nos que aquelle seductor disse, estando vivo: Eu resuscitarei no fim de tres dias. Ordenai pois que se guarde o sepulchro até ao terceiro dia, por medo que seus Discipulos não levem o corpo, e digam ao povo que resuscitou, e seja este derradeiro erro muito peior que o primeiro. Pilatos respondeu-lhes: Ahi tendes soldados, ide e guardai-o como entenderdes. Foram elles, fecharam muito bem o sepulchro, sellaram a pedra, e poseram-lhe guardas. Todas estas precauções eram necessarias para tornar incontestavel o milagre da resurreição; nem jamais as paixões humanas serviram tam bem a Providencia divina; porque, se apesar de tudo isto, o corpo desapparecesse, a si mesmos se tiravam o recurso de dizer que seus Discipulos o haviam arrebatado.

Entretanto, este morto, guardado com tanta precaução, estava vivo entre os mortos; o corpo sim repousava no tumulo, onde a carne do santo de Deus, como disse o Propheta, não devia ressentir-se dos effeitos da corrupção; mas sua alma desceu ao limbo, onde todos os justos dos seculos passados esperavam em paz a vinda do Messias. Mostrou-se elle áquellas almas que o amavam, e que lograram antecipadamente o preço de seu sangue; annunciou-lhes o Evangelho; isto é, a sua vida, a sua morte, a sua proxima resurreição, o ultimo cumprimento de seus votos, e a consummação de sua gloria no Ceo, que elle, como cabeça de todos os santos, havia conquistado para seus membros. Ora, o Salvador tinha sido posto no sepulchro pelas seis horas da tarde, alguns momentos antes de começar o Sabbado solemne da Pascoa. Seu corpo permaneceu alli até a meia noute daquelle dia, que se conta pelo primeiro da sua

sepultura; esteve durante todo o Sabbado, que foi o segundo dia; passou desde a meia noute, que terminou o Sabbado, até a aurora da primeira feria, que corresponde ao Domingo, e foi o terceiro dia; dia para sempre memoravel, no qual, para cumprimento das figuras, prophecias e promessas, cumpria que o Messias sahisse victorioso do tumulo.

Não quiz Deus revelar-nos o instante preciso em que se operou este grande successo. Tudo nos leva a crer que foi entre a apparição da aurora e o nascer do sol que o Salvador resuscitou por sua propria virtude; deixando no fundo do sepulchro o lençol, que o amortalhava, para ser ao mesmo tempo testemunha da sua morte e resurreição. Resurgio sem ruido nem esplendor apparente; e sahio do tumulo como outr'ora do seio de sua Bemaventurada Mãi; sem deslocar a pedra, mas penetrando-a pela substancia de seu corpo glorioso: os guardas não o perceberam.

Entretanto, Maria Magdalena, Maria mãi de Tiago, e Salomé, havendo comprado perfumes, para embalsamar o Salvador, sahiram de madrugada com os aromas preparados, e chegaram ao sepulchro já com sol sahido. Ignoravam porem que lá estivessem guardas. Por isso, não prevendo outro obstaculo, diziam umas para as outras: Quem nos tirará a pedra da entrada do sepulchro? porque a pedra era muito grande. Assim exprimiam o seu embaraço, quando o Senhor removeu n'um momento todas as difficuldades.

Sobreveio um grande e repentino tremor de terra; um Anjo desceu do Ceo, e aproximando-se da pedra a derribou, e se assentou sobre ella. Brilhava seu rosto como um relampago, e seus vestidos eram brancos como a neve. Os guardas ficaram de tal sorte aterrados que cahiram meios mortos. As santas mulheres entraram no sepulchro, mas não acharam nelle o corpo do Senhor. Magdalena correu logo em procura de Simão Pedro, e do Discipulo que Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulchro, e não sabemos aonde o pozeram. Ao saber isto Pedro e João correram ao sepulchro, mas não viram senão a mortalha e o sudario que tinham posto sobre o rosto de Jesus; depois foram-se embora. Magdalena porem, detida por seu amor, não teve animo de sahir d'alli; e fi-

cou chorando á entrada do sepulchro. Estando assim contristada, inclinou-se para olhar para dentro, e eis que vio dous Anjos vestidos de branco, sentados no lugar aonde estivera o corpo de Jesus, um á cabeça e outro aos pés: Mulher, lhe disseram elles, porque choras? E' porque levaram o meu Senhor, respondeu ella, e não sei aonde o pozeram. Depois, tendo-se voltado, vio alli Jesus; mas não o conheceu. Mulher, lhe disse elle, porque choras, a quem procuras?

Magdalena, crendo que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se fostes vós que o levastes, dizei-me onde o pozestes, e eu o irei buscar. Jesus lhe disse: Maria; ella, tornando a olhar, lhe disse: Rabboni, isto é, Mestre; e se lançou a seus pés para o abraçar. Não me toques, lhe disse o Salvador, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai procurar meus irmãos e dize-lhes: Eu vou para meu Pai, e vosso Pai, para meu Deus, e vosso Deus. Assim a encarrega não só d'annunciar a sua Resurreição a seus Discipulos, como tambem de lhes ensinar que elle resuscitara para não tornar a morrer; e que pouco tempo lhe restava a demorar-se na terra. Magdalena, transportada d'alegria, partio immediatamente.

Apenas se affastou, outras santas mulheres vieram ao sepulchro. Um dos Anjos lhes disse: Não temais, eu sei que buscais a Jesus de Nazareth, que foi crucificado. Como buscais entre os mortos o que está vivo? Elle não está aqui, resuscitou como tinha dito. Recordai-vos do que elle vos disse, quando estava ainda na Galilea: Cumpre que o Filho do Homem seja entregue nas mãos dos peccadores; que seja crucificado, e resuscite ao terceiro dia. Vinde ver o lugar onde pozeram o Senhor, e ide logo dizer a seus Discipulos e a Pedro, que elle resuscitou, e que vos precede para a Galilea. Lá o vereis, como elle vol-o disse: Então se recordaram das palavras de Jesus.

Sahindo pois logo d'alli, cheias de temor e transportadas d'alegria, correram a dar a nova aos Discipulos. Nada disseram pelo caminho, de aterradas que iam; mas em breve socegaram seus temores, e chegou sua alegria ao maior auge; porque Jesus lhes appareceu de repente, e lhes disse: Eu vos saudo. Aproximaram-se ellas, e, abraçando-o pelos pés, o adoraram.

Não temais, accrescentou o Salvador, ide dizer a meus irmãos que vão para Galilea, que lá me hão de ver. Annunciaram pois todas estas cousas aos onze Apostolos, e aos mais Discipulos; mas elles tomaram o que lhes diziam por um novo sonho, e não deram credito a suas palavras. Maria Magdalena não foi mais bem succedida. (1)

(1) Entretanto os Apostolos obedeceram, e foram a Galilea, para a montanha onde Jesus lhes recommendava expressamente que estivessem. Undecim autem Discipuli abierunt in Galilæam in montem ubi constituerat illis Jesus. Math. XXVIII, 10. — Aqui se offerece uma difficuldade. Não foi na provincia propriamente chamada Galilea que Jesus se mostrou a seus Discipulos; nem na tarde da sua Resurreição, nem ainda d'ahi a oito dias. Bem longe d'ir naquelles dias para aquella provincia, cuja fronteira estava a mais de doze legoas de distancia, os Apostolos, durante a solemnidade da Pascoa, não se arredaram dos suburbios da capital. Alli passaram a tarde da Resurreição, e alli viram Jesus como lhes tinha promettido. Alli estavam tambem d'ahi a oito dias, e alli foi que Jesus se lhes mostrou pela segunda vez antes que partissem para a provincia da Galilea.

Parece grande a difficuldade, e custa a conciliar a letra do texto com a successão dos factos. Todavia, a feliz descoberta d'um antigo commentador, Bispo de Coimbra, parece-nos esclarecel-a satisfactoriamente. Esteve elle n'aquelles sitios, examinou tudo, sabia as difficuldades do texto, e eis como se explica:

« Não se deve crer, diz aquelle auctor, (Soarius episc. Conimb. apud Baradium, cap. 6. De apparitione Christi in monte Galliææ. Lugd. 1622, p. 449.) que a Galilea, aonde mandou Jesu-Christo a seus Discipulos que fossem, e aonde os precedeu, para lhes apparecer, seja a provincia de Galilea. A Galilea de que aqui se falla é uma montanha visinha ao monte das Oliveiras; porque, sahindo de Jerusalem pelo valle de Josaphat, encontram-se tres altas montanhas: a das Oliveiras, que é a mais alta, está no centro; vê-se outra á direita, e outra á esquerda, que tem o nome de montanha da Galilea. Sobre esta montanha tinham os Galileos edificado uma ampla habitação, onde pousavam quando careciam de vir a Jerusalem; e isto fez que lhe chamassem a montanha da Galilea, nome que ainda hoje tem. Foi para alli que Jesus mandou dizer a seus

A incredulidade dos Apostolos não nascia de má disposição; antes desejavam com ardor que seu divino Mestre tivesse resuscitado; mas temiam tanto que assim não fosse que lhe custava a crer o que ouviam. Nunca achavam as provas sufficientes; porque desejavam persuadir-se bem, e temiam acreditar de leve o que desejavam. Não succedeu o mesmo aos chefes da Synagoga; esses não duvidaram da Resurreição do Salvador; senão que procuraram, endurecidos, suffocar a prova e evitar, quanto podessem, que os outros cressem o que elles se viam obrigados a crer. Deus, que queria convencel-os, porque queria salval-os, enviou-lhes testemunhas que lhes não podiam ser suspeitas. Depois que as santas mulheres partiram do sepulchro, alguns dos guardas desceram ao valle e annunciaram aos principes dos Sacerdotes tudo o que acabava de acontecer. (1) Immediatamente se reuniram em concelho, para delibe-

Discipulos, que elle os precederia, para serem testemunhas da verdade da sua Resurreição. » Vejam-se as *Memorias de Trevoux*, art. 95. Outubro de 1729.

(1) A prova da Resurreição pode formular-se deste modo: Jesu-Christo é verdadeiramente o Filho de Deus, se com effeito resuscitou como tinha predito; e resusciton verdadeiramente, se os Apostolos, crendo, e prégando a sua resurreição, nem se enganaram a si, nem nos enganaram a nós.

Ora, os Apostolos não se enganaram a si; porque a Resurreição do Salvador era um facto palpavel; que pertencia ao dominio dos sentidos; e do qual tiveram mil occasiões de se certificar. Não foi por uma vez somente que o Salvador lhes appareceu; mas sim muitas vezes; não foi em sonhos, nem furtivamente que se lhes mostrou, mas sim em dia claro, e por quarenta dias successivos. Os Apostolos fallam-lhe; veem-no com seus olhos; tocam-no com suas mãos; comem com elle; estam em grande numero, quando lhes apparece; recusam a principio crer, e não cedem senão á evidencia, ou antes, para assim dizer, á *palpabilidade* do facto. Annunciam por todo o mundo que o viram resuscitado, sustentam sua asserção sem se desmentir jamais; arriscam a vida e morrem por confirmar seu testemunho. Os Apostolos tiveram pois todas as provas, que podiam desejar, da Resurreição de seu Mestre: logo não se enganaram a si mesmos.

rar o que convinha fazer-se. Os chefes da Synagoga previram logo o effeito que produziria em Jerusalem, e em toda a Palestina o testemunho dos guardas, se os deixassem fallar segundo a sua consciencia: eis aqui pois o partido que tomaram.

Foram-se ter com os soldados, deram-lhes uma boa somma de dinheiro, e ensinaram-lhes este recado: Vós direis: Os seus Discipulos vieram de noute, e o levaram em quanto dormiamos. Se isto chegar aos ouvidos do governador, e quizer punir-vos pela vossa pouca vigilancia, nós nos haveremos com elle; podeis estar socegados. Receberam os soldados o dinheiro, e fizeram como lhes tinham ensinado; e este boato divulgou-se, e ficou entre os Judeos até o dia d'hoje. Era bem digno d'aquelles que tinham comprado a dinheiro o sangue de Jesu-Christo, comprar tambem a dinheiro a grosseira mentira que oppozeram á verdade da sua resurreição.

D'est'arte, dar dinheiro para propalar entre o povo, que os

Não nos enganaram a nós; porque 1.° não tinham nenhum interesse em nos embair; pelo contrario, tinham tudo a temer dos homens — o odio, o desprezo, a vindicta das leis; tudo a temer de Deus — incorrer na sua ira, nos castigos reservados aos impostores e aos impios; 2.° quando tivessem interesse em nos embair, não o poderiam conseguir, pois não teriam uma só prova solida em favor da Resurreição de seu Mestre: os Judeos, os Pagãos, e o Universo todo, não poderia persuadir-se de similhante impostura. Todavia os Judeos, os Pagãos, o Universo, creram, e creem ainda na Resurreição: este grande milagre, esta prova evidente da divindade de Jesu-Christo, é que os convenceu, que os obrigou a renunciar a idolatria, e abraçar e defender á custa da propria vida uma Religião que combate e castiga todas as paixões. Portanto, os Apostolos não nos enganaram a nós; mas por outra parte tambem se não enganaram a si; logo o Salvador resuscitou verdadeiramente. Mas se de facto resuscitou, é elle em verdade o Filho de Deus; se é o Filho de Deus, a sua Religião é divina; se a sua Religião é divina, devemos crêl-a e practical-a, sub pena de incorrermos na condemnação eterna.

Veja-se, ácerca das provas da Resurreição, Duvoisin, *Demonst. evang.* Bergier, art. *Resurreição*; Bourdaloue, M. Frayssinous, etc. etc. — Na Bibliotheca dos Padres, por M. Guillon, Origenes, t. II, p. 64, 87, 93, S. Chrysostomo, t. XIV, p. 453, 461, 483, t. XV, p. 40, 67, 86.

Discipulos de Jesus o tinham levado, favorecidos da noute, em quanto dormiam os guardas, tal foi o ultimo recurso d'um odio cego: recurso miseravel, que não serve senão de confundir os que o empregam; e cuja falsidade é tal, que uma criança a pode conhecer. Por quanto 1.° é uma cousa inaudita que muitos soldados, estando de serviço a guardar um deposito, pelo qual é responsavel o seu bem estar e a sua vida, se ponham a dormir, e isso todos ao mesmo tempo. Um facto similhante não se depara nos annaes militares de nenhum povo.

2.° Supponhamos ainda que todos os soldados se pozeram a dormir: como era possivel arrancar e revolver uma pedra d'enorme grossura, penetrar no sepulchro, tirar o corpo, e leval-o, e fazer tudo isto ás escuras, ás apalpadelas, devendo entrar nisto muitos homens; como era possivel, digo, fazer tudo isto sem que nenhum dos soldados, postados a dous passos de distancia, não despertassem do descuidado somno? Um facto assim destituido de verosimilhança demandaria, como nota S. Agostinho, outras testemunhas que não estivessem a dormir, pois é na verdade galante o depoimento de testemunhas a dormir.

3.° Com effeito, se os guardas estavam a dormir, como souberam que tinham levado o corpo, e que tinham sido os Discipulos de Jesus? E se não estavam a dormir, como consentiram que elles o levassem?

4.° Mas quem o teria levado? Sem duvida os Discipulos; ora, nenhum interesse tinham nisto. Por quanto, ou os discipulos esperavam ver seu Mestre resuscitado, como elle o tinha predito, ou o não esperavam. Se o esperavam, deviam deixar a seu Mestre o cumprimento da predição; nenhuma necessidade tinham de se metter n'um negocio tam arriscado como criminoso. Se o não esperavam, nenhum motivo ou esperança os podia persuadir a leval-o do tumulo, e forjar a fabula da Resurreição; por isso que, da parte do mundo, tinham tudo a temer, o odio, o desprezo, todos os castigos reservados aos falsificadores, aos profanadores dos tumulos, aos violadores do sello da auctoridade publica, com que foi sellado o tumulo; da parte de Deus, não podiam esperar senão os castigos reservados aos impostores, e aos impios, por haverem que-

rido inculcar por Deus a um homem que não era Deus, e que os tinha grosseiramente enganado.

5.° A prova incontestavel de que os mesmos Judeos, isto é, os principes dos Sacerdotes, e os chefes da Synagoga, não criam que os Apostolos tivessem levado o corpo do Salvador, é que nunca se atreveram a lançar-lhes em rosto similhante crime. Quando mandaram prender e açoutar com varas a S. Pedro, S. João, e aos mais Discipulos; quando mataram a S. Tiago e a S. Simão, acaso os accusaram de ter roubado o corpo de Jesu-Christo, ou de publicar falsamente a sua Resurreição? Não, nunca: somente os accusam de ter prégado aquelle facto, contra a prohibição que lhes tinham feito.

Está pois bem provado que este pretendido roubo do corpo de Jesus é uma ridicula e grosseira fabula, inventada pela Synagoga, para illudir o povo e justificar-se da sua incredulidade, e do seu deicidio; fabula de tal modo absurda, que a mesma Synagoga a desprezava. (1)

(1) Terminemos a historia da vida mortal de Nosso Senhor pelo retrato que de sua pessoa e de sua divindade traçaram duas mãos bem differentes, dous homens não suspeitos: Rousseau e Napoleão.

« Confesso, diz o philosopho de Genebra, que a magestade das Escripturas arrebata-me: a santidade do Evangelho falla-me ao coração. Vêde os livros dos philosophos, com toda a sua pompa — como são pequeninos ao pé disto! Como é possivel que um livro ao mesmo tempo tam sublime e tam simples seja obra dos homens? E' este o estylo d'um enthusiasta, ou d'um sectario ambicioso? Que doçura? Que pureza de costumes? Que tocante graça d'instrucções! Que elevação de maximas! Que profunda sabedoria de discursos! Que presença d'espirito! Que delicadeza e justeza de respostas! Que imperio sobre as paixões! — Onde está o homem, onde o sabio, que saiba obrar, soffrer e morrer sem fraqueza nem ostentação? Quando Platão pinta o seu justo imaginario, coberto de todo o opprobrio do crime, e digno de toda a remuneração da virtude, a traço por traço pinta a Jesu-Christo. E' tam notoria a similhança que logo a sentiram todos os Padres da Igreja, e nem é possivel desconhecel-a. . . .

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos haverdes enviado um Salvador que não só quiz morrer para

Que prejuizos, que cegueira não é preciza, para ter o arrojo de comparar o filho de Sophronisca ao Filho de Maria!? Que distancia d'um para o outro! Socrates, morrendo sem dor, sem ignominia, sustentou facilmente o seu caracter atè o fim; e se esta facil morte não tivesse honrado sua vida, duvidar-se-hia se por ventura Socrates, com todo o seu genio, teria sido mais que um mero sophista.

Porem, onde bebeu Jesus, entre os seus, aquella moral sublime e pura de que só elle deu as lições e o exemplo? Do seio do mais furioso fanatismo, fez-se ouvir a mais alta sabedoria, e a simplicidade das mais heroicas virtudes honrou a um povo todo material. A morte de Socrates, philosophando tranquillamente com seus amigos, é a mais suave que possa desejar-se; a de Jesus, expirando nos tormentos, injuriado, escarnecido, maldito d'um povo inteiro, é a mais horrivel que possa temer-se. Socrates, tomando a envenenada taça, bemdiz aquelle que lh'a apresenta chorando; Jesus, no meio d'um horrendo supplicio, ora por seus incarniçados algozes. Certo, que se a vida e a morte de Socrates são d'um sabio, a vida e a morte de Jesus são d'um Deus. Diremos acaso que a historia do Evangelho é inventada a sabor d'alguem? Oh, não é assim que se inventa; e os factos de Socrates, dos quaes ninguem duvida, são menos comprovados que os de Jesu-Christo. Em summa, uma tal supposição illude a difficuldade sem a destruir. Seria mais inconcebivel que muitos homens conloiados forjassem este livro, do que um só lhe fornecesse o assumpto. Nunca os authores judaicos poderiam achar, nem aquelle estylo, nem aquella moral; e o Evangelho tem caracteres de verdade tam grandes, tam notorios, tam perfeitamente inimitaveis, que o inventor seria mais admiravel que o heroe. »

Escutemos agora o immortal captivo de St.ª Helena. Um dos generaes de Napoleão discutia um dia diante delle sobre a divindade de Nosso Senhor. Napoleão respondeu: « General, eu conheço os homens, e

expiar os peccados do mundo, mas ainda quiz morrer e resuscitar para confirmar a nossa fé: permitti pois, Senhor, que

digo-vos que Jesus não é um homem. Os espiritos superficiaes acham similhança entre o Christo e os fundadores d'imperios, entre o Homem-Deus e os conquistadores ou os deuses das outras religiões; mas tal similhança não existe: entre o Christianismo e qualquer outra religião ha a distancia do infinito.

« Qualquer homem comprehenderá isto, uma vez que tenha um verdadeiro conhecimento das cousas, e a experiencia dos homens. Qual de nós, meu general, encarando os differentes cultos das nações, não poderá dizer a seus authores cara a cara: Vós nem sois deuses, nem agentes da divindade. Não, vós não tendes missão do Ceo. Sois formados do mesmo limo da terra como o resto dos mortaes; não fazeis mais que um todo com o genero humano, e com as paixões e vicios inseparaveis delle; de sorte que para vos deificardes foi preciso deificar comvosco essas paixões e esses vicios. Os vossos templos e os vossos sacerdotes proclamam per si mesmos a vossa origem terrena. Mas essas abominações, essas fabulas, esses idolos de madeira, carcomidos dos vermes, podereis acaso comparal-os ao Christianismo?

« Pela minha parte, digo que não.

« Em Licurgo, Numa, Confucio, Mahomet, vejo sim legisladores, mas nada descubro que revele a divindade; nem elles tambem levaram tam longe as suas pretenções. Tiveram a primazia no seu tempo, como eu a tive no meu; porem nada annuncia nelles entidade divina. Pelo contrario, ha numerosas relações entre elles e eu; ha muitas similhanças, fraquezas e erros communs, que os identificam comigo e com a humanidade.

« Não succede assim ao Christo; tudo nelle me causa admiração; seu espirito excede-me, e sua vontade confunde-me. Entre elle e um mortal não ha termo possivel de comparação — é um ser á parte. Seu nascimento, vida, morte; a profundidade de seu dogma, que se eleva ao nivel de todas as difficuldades, e de todas é a mais admiravel solução; a singularidade deste ser misterioso, o seu poder, a sua marcha victoriosa atravez dos seculos e dos imperios; tudo para mim é um prodigio; é não sei que misterio insondavel, que me lança a meu pezar n'uma especie de delirio; é um misterio que está ahi diante de meus olhos, que não posso negar, e ainda menos explicar.

« Nada vejo aqui que seja do homem.

morramos como Christãos, para um dia resurgirmos gloriosos com elle.

« Fallais-me de Cesar, e d'Alexandre, de suas conquistas, e do enthusiasmo que souberam acender no coração dos soldados, para os arrastrar comsigo em aventureiras expedições; mas nisto vê-se até onde chega o amor do soldado, a ascendencia do genio, o esplendor das victorias, o effeito natural da disciplina, e o resultado d'um habil commando. Mas quantos annos durou o imperio de Cesar? Quanto tempo ardeu no coração dos soldados o enthusiasmo d'Alexandre? Exerceram o seu prestigio um dia, uma hora, em quanto commandaram, segundo as vicissitudes da guerra. Se a victoria os abandonasse, para logo se extinguiria o enthusiasmo; e se não dizei-me, não acabou a influencia militar de Alexandre e de Cesar logo que morreram? Prolongou-se-lhes por ventura alem do tumulo?

« Concebeis um morto a fazer conquistas com um exercito fiel, e todo dedicado á sua memoria? Concebeis um phantasma que tenha soldados sem soldo nem esperança neste mundo, e que os inspire para supportar todo o genero de privações? Ainda o corpo de Turenne estava tepido e palpitante, e já seu exercito desacampava diante de Montecuculli; e eu fui abandonado em vida, esquecido dos meus exercitos, como Annibal dos Carthaginezes! Eis o poder que temos, nós os homens grandes! Baqueamos com uma só desfeita, perdemos com um só revez todos os amigos! Quantos Judas tenho eu visto em redor de mim!

« Emfim, e este é o meu ultimo argumento, não ha Deus no Ceo se um homem pode conceber e executar, com pleno exito, o gigantesco designio de roubar para si o culto supremo, usurpando o mesmo nome de Deus. Jesus foi o unico que o ousou fazer; é elle o unico que disse claramente, que affirmou imperturbavelmente de si mesmo: *Eu sou Deus*; o que é muito differente d'est'outra affirmação: *Eu sou em Deus*. Não menciona a historia nenhum outro individuo, que a si mesmo se qualificasse por este titulo de Deus no sentido absoluto.... Como é que um Judeo, cuja existencia está mais averiguada que a de nenhum outro que vivesse no seu tempo, como é que um Judeo, filho d'um carpinteiro, se inculcou sem mais nem menos pelo mesmo Deus, pelo Ser por excellencia, pelo Creador de todos os seres? Elle se arroga todo o genero d'adoração; construe o seu culto com as proprias mãos, não com pedras, mas com homens.... E como exige, por um prodigio, que excede

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor,

a todo o prodigio, como exige o amor dos homens, isto é, o que ha no mundo mais difficil d'obter-se, e o consegue immediatamente? D'aqui concluo eu a sua divindade. Alexandre, Cesar, Annibal, falharam neste ponto. Conquistaram o mundo sim, mas não conseguiram ter um amigo. Nos nossos dias eu sou talvez o unico que amo Annibal, Cesar, Alexandre.... E' verdade, amamos a nossos filhos; mas quantos filhos ha ingratos! O' general, os teus filhos amam-te? Tu os amas, mas acaso tens certeza que te correspondem?...

« O Christo falla, e para logo as gerações lhe pertencem por laços mais estreitos, mais intimos que os do sangue; por uma união mais sagrada, mais imperiosa que nenhuma união que seja.... Todos aquelles que creem nelle sinceramente, amam-no com um amor d'uma ordem superior, cuja duração e intensidade não se limita, não se attenua pelo tempo, pelo grande destruidor de tudo. Eis o que eu mais admiro, eu que sou Napoleão; porque tenho meditado muito nisto, e é isto o que prova absolutamente a divindade do Christo!...

« Eu apaixonei multidões que morriam por mim. Não praza a Deus que eu faça comparação alguma entre o enthusiasmo dos meus soldados, e a charidade christã; pois são effeitos tam differentes como as causas que os produzem! Mas emfim, a minha presença, a electricidade dos meus olhos, o metal da minha voz, uma só palavra minha, acendia nos corações o fogo sagrado. Certo, eu possuo o segredo desta poderosa magia, que arrebata o espirito; mas o que eu não possuo é o segredo de a communicar a ninguem; nenhum de meus generaes a recebeu ou imitou de mim; nem tam pouco possuo o poder d'eternizar nos corações o meu nome e o meu amor.

« Hoje, que estou em St.ª Helena.... encravado nesta rocha, quem combate, e conquista imperios para mim? Onde estam os cortezãos do meu infortunio? Quem pensa em mim? Quem se move por amor de mim na Europa? Quem me permanece fiel? Onde estam os meus amigos? Sim, dous ou tres que se immortalizam por sua fidelidade, vós que partilhaes o meu exilio. »

Aqui tomou o imperador uma emphase particular de melancholia; um tom ironico, mas de profunda tristeza: « Sim, a minha existencia brilhou com todo o esplendor do diadema, com toda a magestade da sobe-

assistirei ao Santo Sacrificio da missa, como se assistisse no Calvario á morte de Nosso Senhor.

rania; e a tua, General, brilhava com o reflexo desta gloria, como o zimborio dos invalidos com os raios do sol.... porem vieram os revezes; impallideceu esta gloria a pouco e pouco, e a chuva das desgraças e ultrajes, que desce sobre mim, apaga-lhe cada dia o ultimo lustre. Já não somos ouro, General, somos chumbo, e em breve seremos terra.

« Tal é o destino dos grandes homens, tal foi o de Cesar e d'Alexandre! Esquecemos, e o nome d'um conquistador como o d'um imperador já não será mais que um thema de eschola! As nossas façanhas cahem debaixo da ferula d'um pedante, que nos louva ou nos insulta! .... Esperai só que um momento passe, ainda um momento, e eis qual será a minha sorte, eis o fim que tambem me espera.... Assassinado pela oligarchia ingleza, morro anticipadamente, e o meu cadaver será dado á terra, para ser tambem o pasto dos vermes... Eis o proximo destino do grande Nepoleão.... Que abysmo entre a minha profunda miseria e o reino eterno do Christo, prégado, insinado, amado, adorado, vivo em todo o universo!... E' isto morrer? ou antes não é isto viver? Tal a morte de Christo! Tal a morte de Deus! »

O imperador calou-se; e como o General guardava igualmente silencio: « Se não comprehendes, tornou o imperador, que Jesu-Christo é Deus, oh! nesse caso errei em te fazer general... » *Sentimento de Napoleão ácerca do Christo*, ch. IV. — Este magnifico arrasoado é composto de differentes rasgos, escapados ao Imperador em varias conversações.

XV.ª LIÇÃO.

VIDA GLORIOSA DO MESSIAS.

O Salvador somente se mostra a testemunhas escolhidas, e porque motivo. — Apparece a Simão Pedro. — A Tiago o menor, — Aos dous Discipulos de Emmaus, — Aos Apostolos reunidos, — A Thomé. — Dá-lhes a intelligencia das Escripturas. — Explicação concernente aos milagres.

Tinha o Salvador provado aos Judeos a sua Resurreição, retirando de suas mãos seu sacrosanto corpo. A esta prova não podiam elles replicar; por quanto, visto que estavam senhores delle, cumpria ou mostral o morto depois do terceiro dia, ou confessar que tinha resuscitado. Não escapavam ao dilemma com ensinar as testemunhas a dizer que o viram levar estando a dormir. Era preciso lavrar um auto do roubo, punir os auctores e os complices; porem isto não só o não fizeram, mas nem o tentaram; pois bem conheciam que não serviria mais que para sua propria confusão. Todavia, por esta mesma omissão provaram a sua má fé; pois era seu dever e seu interesse instaurar o processo.

Agora perguntareis talvez porque é que o Salvador se não mostrou ao povo, á Synagoga, a toda a cidade de Jerusalem, a fim de, por sua Resurreição, confundir a incredulidade dos Judeos? Respondemos 1.º que não tinha obrigação de o fazer. Com effeito, a quem se pretende que o Salvador devia manifestar-se com tanta evidencia? A esse cobarde governador, que o condemnou contra a sua propria consciencia? A esse Herodes frivolo e devasso, que

tinha escarnecido delle? A esses Sacerdotes, Doutores e Phariseos, que não cessaram de o perseguir com suas calumnias e intrigas, até o levar ao supplicio da cruz? A esses furiosos Judeos que, cumulados de seus beneficios, tinham pedido sua morte em altos gritos, e desejado que seu sangue cahisse sobre elles e sobre seus filhos? Que meritos tinham estes criminosos, para receberem a graça da sua apparição. Não tinha Jesus feito assás para os salvar? Ha rasão alguma para que Deus derrame suas graças com tanta mais abundancia, quanto os homens são mais indignos de as receber; e multiplique os motivos da fé com tanta mais profusão, quanta maior for a malicia com que lhe resistem?

Os homens irreflectidos quereriam que elle d'alguma sorte fizesse immudecer seus inimigos, pelo esplendor irresistivel da sua presença gloriosa; mas é isto precisamente o que elle não queria. Se elle quer que a fé seja motivada para ser rasoavel, tambem quer que seja livre para ser meritoria. Deus deve dar a todos provas sufficientes; mas o que recebeu menos não tem direito de se queixar nem de o taxar d'injusto, só porque outro recebeu mais. Se perguntardes qual o motivo porque o Salvador resuscitado não appareceu a toda a cidade de Jerusalem, á Synagoga, a seus inimigos, devereis tambem perguntar porque não appareceu elle em Roma, em Corintho, em Epheso, em toda a parte, onde a sua Resurreição se prégou e deu por fundamento da sua Religião? e nesse caso não acabarão as perguntas. (1)

(1) Pois não poderiamos dizer ainda com João Jaques Rousseau: "Eu não conheço este milagre, nem nenhum dos outros, senão pelos homens. Quem vio este milagre? Foram homens. Quem o annunciou? Foram homens. Sempre homens entre Deus e mim! Não era mais simples que elle mesmo me fallasse? ,,

Bem pode um sophista vaidoso e soberbo tomar este tom d'insulto para com o Deus que lhe deu o ser e o talento, de que abusa para blasphemar; mas como conhecia João Jaques a existencia de Cesar, suas conquistas, seu tragico fim, senão pelo testemunho das gerações intermediarias de dezoito seculos? Entre estes factos e João Jaques mettem-se muitos homens; julgar-se-ha pois dispensado de os crer, ou an-

Respondemos 2.° com S. João Chrysostomo, que a sua manifestação seria inutil aos Judeos; e que, se isto houvesse de os converter, Jesus o teria feito; mas o que succedeu com a Resurreição de Lazaro prova claramente o contrario. Com effeito, um milagre tam estupendo, como o de fazer surgir do tumulo um morto sepultado ha quatro dias, com todos os simptomas da corrupção; fazel-o apparecer diante d'um povo inteiro, ainda com as ataduras que o ligavam, em lugar de os converter, só servio a os tornar mais furiosos; pois foi por isso mesmo que resolveram dar a morte ao Salvador; e pois que tanto se irritaram com a resurreição d'outrem, que não seria com a delle proprio? Verdade é que já nada poderiam contra a sua pessoa, mas nem por isso deixariam de tentar novo deicidio, como bem o prova o que fizeram aos Apostolos; pois os açoutaram com varas e os mataram logo que poderam. Quem assim tratou aos Discipulos, que não faria ao Mestre? Por isso, para que os exporia Jesus a um novo attentado? Bem graves eram já os castigos que tinham merecido: occultando-se a seus olhos, usou o Senhor com elles de grande misericordia. (1)

Respondemos 3.° que a Resurreição do Salvador assás se manifestou a todos pelo testemunho de seus Discipulos; pois que este testemunho dos Apostolos, confirmado por estrondosos milagres, fa-

tes não veria que era um parvo em os não crer? Queria que Deus lhe fallasse, e porque o faria a elle antes que a outrem? Cuidaria que o fogo da sua imaginação era um titulo de preferencia aos olhos d'aquelle, que estima antes que tudo a innocencia e a virtude? Seria preciso pois que Deus se manifestasse, por meio de revelações particulares, a todos os individuos da especie humana; transtornando assim continuamente a ordem natural das cousas, multiplicando os milagres ao infinito, tornando-os diarios e communs, e d'est'arte, porque já não tinham a força nem o brilho da raridade, já nem seriam milagres nem serviriam de nada. Eis ahi sempre as ultimas consequencias das pretenções frivolas e orgulhosas da falsa philosophia. M. Frayssinous, *Conferencia sobre a Resurreição.*

(1) Chrys.: Cur in Pentecost. Acta leguntur. *Veja-se* M. Guillon, t. XIV, p. 464, e Origenes, t. II, p. 88, 89.

zia uma prova que não tinha replica. Com effeito, os Apostolos, por seus proprios milagres, publicavam a Resurreição de seu Mestre, e a punham, para assim dizer, diante dos olhos de toda a nação. Não se mostrava o Salvador resuscitado no meio dos Judeos toda a vez que seus Apostolos operavam em seu nome, e pelo poder que receberam delle, os admiraveis prodigios que nos constam da sua historia? Por elles é que Jesus quiz manifestar-se aos Judeos; por elles se manifestou a todo o universo; por seu testemunho, ainda atravez dos seculos, se manifesta a nós; por sua auctoridade se convertem todos os povos; que faltava pois aos Judeos para os imitar?

Em conclusão: o Salvador manifestou a sua Resurreição por testemunhos irrecusaveis. Estes testemunhos, nós os conhecemos; por elles se converteu o mundo: que mais é preciso para provar que somos tam prudentes em a nossa crença, como desarrasoados na incredulidade?

Todavia o Salvador, que destinava os seus Apostolos para prégar em todo o mundo a sua Resurreição, e confirmal-a por sua morte, quiz convencel-os plenamente, mostrando-se e entregando-se para assim dizer em suas mãos; chegando a permittir-lhes que apalpassem seus membros sagrados. Ora, foi gradualmente que Jesus, da incredulidade em que estavam a principio, os fez passar áquella fé inabalavel, que depois communicaram ao mundo inteiro, e a qual sellaram com o seu proprio sangue. A primeira prova que lhes deu foi a nova das santas mulheres, e a vista de seu tumulo aberto, com a circumstancia da mortalha deixada alli, e do sudario dobrado; o que tirava toda a idea d'um rapto furtivo. Depois, appareceu a alguns em particular; d'ahi, aos onze reunidos; e então foi que lhes permittio que o palpassem, e comeu com elles. Em fim, mostrou-se a mais de quinhentos Irmãos ao mesmo tempo. (1) Referiremos algumas destas apparições, começando pelas particulares.

Simão Pedro foi o primeiro que teve a dita de contemplar seu

(1) 1.ª Cor. XV, 6.

divino Mestre resuscitado, (1) no mesmo Domingo da Resurreição; ignora-se porem o momento, o lugar e as circumstancias. A sua penitencia fez esquecer a sua falta, e, longe de ser rejeitado, não foi por isso menos favorecido, pois que a elle, antes de todos os Apostolos, se mostrou Nosso Senhor. Deus perdoa como Deus, queremos dizer, perdoa perfeitamente; ama e acaricia o peccador penitente como se nenhuma offensa tivesse recebido. Deduzir desta apparição uma verdade tam consoladora, embora ignoremos as minuciosidades della, é colher por certo um fructo tam precioso como essencial.

Houve tambem uma apparição particular a S. Tiago o menor, que se chamava o Irmão do Senhor; pois era seu proximo parente segundo a carne. A que vamos referir porem foi acompanhada de circumstancias mui notaveis. Nada mais ingenuo e tocante que a historia desta nova apparição.

No mesmo dia da Resurreição, ao resto da tarde, iam dous Discipulos para o Castello d'Emmaús, distante de Jerusalem sessenta estadios, ou perto de duas leguas: iam conversando sobre o que acabava de se passar. Em quanto fallavam e arrasoavam ambos, eis que um estranho se ajuntou a elles; era Nosso Senhor mesmo, que foi caminhando em sua companhia: mas os olhos dos discipulos estavam escurecidos, a fim que o não conhecessem.

Elle lhes disse: Qual é o objecto em que conversaes, e qual o motivo porque ides tam tristes? Um delles que se chamava Cleophas, respondeu: Pois que! Tu só és estranho em Jerusalem; não sabes o que se tem passado estes tres dias? Pois que se tem passado, lhe tornou o Senhor — Responderam: E' o que succedeu com Jesus de Nazareth, que era um Propheta, poderoso em obras e palavras diante de Deus, e de todo o povo. Os principes dos Sacerdotes, e os nossos Magistrados o entregaram aos Gentios, para ser condemnado á morte, e o crucificaram. Sua morte nos assombrou, e consternou; pois esperavamos que havia de salvar a Israel do ju-

(1) Tem-se por certo que a Santissima Virgem foi a primeira visitada por Nosso Senhor. Veja-se Canisius, *De María Deipar.*

go estrangeiro. O que põe o cumulo á nossa tristeza é que ha já tres dias que estas cousas se passaram. E' verdade que algumas das mulheres que, como nós, tinham abraçado a sua doutrina, nos causaram grande espanto, dizendo-nos que foram de madrugada ao tumulo, e não acharam o seu corpo, mas que viram Anjos, que annunciam que elle está vivo. Alguns dos nossos foram tambem ao sepulchro, e acharam ser verdade o que as mulheres disseram: viram o sepulchro aberto, e a mortalha em que tinha sido envolvido; mas o corpo não o acharam.

Por este modo, ainda os Discipulos não sabiam se haviam de crer ou não; hesitavam entre o temor e a esperança. O Salvador, que até alli os escutou sem os interromper, disse-lhes, com um ar que certamente lhes causou espanto: O' homens de pouca rasão! O' tardos em crer nos oraculos dos Prophetas! Não cumpria pois que o Christo soffresse e entrasse por este modo na sua gloria? Então, começando por Moisés, e percorrendo successivamente todos os Prophetas, explicou-lhes o que se dizia delle em todas as Escripturas. Esta reprehensão, e esta doutrina, deveria descobril-o; mas não o permittio Jesus. Já porem chegavam ao Castello d'Emmaús, quando o Senhor deu mostras de querer passar adiante, e elles o constrangeram a ficar, dizendo: Ficai comnosco, pois é tarde e já vai terminando o dia. Entrou; e quando estava á mesa com elles, tomou o pão e o abençoou, e, tendo-o partido, offereceu-lh'o; isto é, deu-lhes a communhão por suas proprias mãos. (1) Então seus olhos se abriram e o conheceram; mas desappareceu-lhes, deixando em seu espirito a plena e inteira convicção de que era elle, e que estava verdadeiramente resuscitado. Pelo que diziam um ao outro: Não é verdade que nos ardia o coração dentro do peito, quando elle nos fallava pelo caminho, e nos explicava as Escripturas?

Abrazados neste fogo sagrado levantaram-se immediatamente, e tornaram para Jerusalem, onde acharam os Apostolos reunidos com alguns dos Discipulos, que diziam: O Senhor está verdadeiramente

(1) E' o sentir de S. Jeronymo, de S. Agostinho, de Theophilacto, etc.

resuscitado, e appareceu a Simão. Então contaram elles o que lhes tinha succedido na jornada, e como o conheceram ao partir do pão. Oh! Sim, é ao partir do pão, na santa mesa, que se reconhece o Salvador!

Assim se entretinham, quando Jesus lhes appareceu. Estavam bem fechadas as portas, por medo dos Judeos; e o Salvador, para dar a conhecer que tinha verdadeiramente resuscitado para não morrer mais, e que o seu corpo tinha por tanto todas as qualidades do corpo glorioso, penetrou as portas sem as abrir, e appareceu subitamente no meio delles. Saudou-os com estas amorosas palavras: A paz seja comvosco; sou eu, não tenhaes medo. Reprehendeu-lhes o não terem crido naquelles que o tinham visto resuscitado; mas com a perturbação e prazer com que estavam, cuidavam ver um espirito, e Jesus lhes disse: Para que vos perturbaes e amedrontaes? Porque vos acommettem esses pensamentos? Vêde as minhas mãos e os meus pés; sou eu mesmo: palpai, e vêde: um espirito não tem carne e ossos, como bem vêdes que eu tenho. Dito isto, mostrou-lhes suas mãos e pés, e tambem o seu lado. Vendo os Discipulos o Senhor, ficaram cheios d'alegria; mas como ainda não tivessem uma fé inabalavel, e estivessem como assombrados, Jesus lhes disse: Tendes ahi alguma cousa de comer? Trouxeram-lhe um bocado de peixe assado, e um favo de mel. Elle comeu, e tomando o que restava, o distribuiu a seus Discipulos, como Pai e Mestre. Assim costumava fazer durante sua vida mortal, quando comia e bebia com elles.

Faltava ainda convencer um incredulo; era Thomé, um dos doze Apostolos, chamado tambem Didymo, que não estava alli quando Jesus veio. Os outros Discipulos lhe disseram pois: Nós vimos o Senhor, porem Thomé respondeu-lhes: Se eu não vir em suas mãos os buracos dos cravos, e não metter por elles os meus dedos, e a minha mão na chaga de seu lado, eu não creio. Era isto querer dar a lei a seu Mestre, e ninguem era menos digno de similhante favor do que aquelle que ousava exigil-o. Mas Jesus dignou-se attender só á sua bondade, e mostrar-nos até que ponto chegam as suas adoraveis condescendencias.

Oitó dias depois, estando os Discipulos ainda na mesma casa,

e juntamente Thomé, entrou Jesus, fechadas as portas e janellas, e vindo ao meio delles, dirigiu-lhes sua ordinaria saudação: A paz seja comvosco. Depois disse a Thomé: Mette aqui o teu dedo, e olha para as minhas mãos; estende a tua mão e mette-a em meu lado, e não sejas incredulo, mas fiel. Thomé exclamou: Meu Senhor, e meu Deus! Jesus lhe disse: Thomé, porque me viste creste. Felizes os que creram e não viram! (1)

Era isto, de certo modo, levar a condescendencia a excesso; mas o Salvador não julgou ser demasiado para pôr a fé, que seus Apostolos deviam ter, fora de todo o alcance da duvida; pois convinha persuadir e convencer irresistivelmente aquelles mesmos que haviam de ser prégadores e martires da sua Resurreição, e tornar authentica a verdade d'um misterio, sem o qual, como nota um dos Apostolos, a nossa crença seria vã, e illusorias as nossas esperanças. Para confirmar cada vez mais a certeza deste milagre, fundamento do Christianismo, o Salvador multiplicou as suas apparições, durante os quarenta dias que esteve ainda na terra. Provar a seus Apostolos que estava mui verdadeiramente resuscitado, e instruil-os a fundo na sua doutrina, foram então as suas duas occupações até o dia da sua Ascenção. Não cessou de lhes apparecer, já á beira do mar de Tiberiades, onde lhes procurou uma pesca milagrosa, e comeu com elles; já na montanha de Galilea; já em Jerusalem; já emfim na montanha das Oliveiras, donde subio ao Ceo em sua presença. Tambem os Apostolos não deixaram pergunta por fazer, nem

(1) Ver e crer são duas cousas mui distinctas: crê-se o que se não vê, não se crê o que se vê. Por isso S. Thomé, que vio, e palpou a Nosso Senhor resuscitado, não teve, propriamente fallando, a fé de sua resurreição; mas nós temos esta fé; nós que sem ter visto, cremos na resurreição de Jesu-Christo. E' nisto que Jesus nos declara que somos mais felizes que Thomé, e ainda que todos os outros Apostolos, os quaes não creram na Resurreição do Senhor senão pelo testemunho de seus olhos, e de suas mãos. Thomé comtudo, fez um acto de fé mui excellente, confessando a divindade de seu Mestre; pois que a não via, sendo que não a podia conhecer senão, como S. Pedro, pela revelação do Pai celeste.

prova por tirar. Não se renderam, para assim dizer, senão á ultima evidencia. Permittia-lhes Deus esta incredulidade, que devia ser a base da fé em todos os seculos. (1)

Alem destas apparições fez ainda o Salvador, em presença de seus Discipulos, muitos outros milagres, que não registamos neste livro. Mas estes estam escriptos para crerdes, que Jesu-Christo é o Filho de Deus, e crendo-o, tenhaes a vida em seu nome.

Jesus pois, vendo seus Discipulos e Apostolos plenamente convencidos da sua Resurreição, reprehendeu-lhes então com justo motivo a sua longa incredulidade. Não é isto, lhes disse elle, o que eu vos dizia quando estava comvosco antes da minha Paixão, que importava que se cumprisse á letra tudo o que foi escripto de mim na lei de Moisés, nos Prophetas e nos Psalmos? Não está escripto que o Christo devia soffrer deste modo, e resuscitar ao terceiro dia, e assim entrar na sua gloria? Não está tambem escripto, que depois da sua resurreição cumpre prégar em seu nome por todo o universo a remissão dos peccados, começando por Jerusalem? Vós pois, que fostes testemunhas da minha vida, morte e resurreição, sereis os encarregados desta empreza. Ao mesmo tempo illuminou o espirito de seus Apostolos, e lhes deu a intelligencia das Escripturas.

De tudo o que temos dito claramente se infere que a vida do Salvador, depois da sua resurreição, foi bem differente da que teve até á sua morte. Era isento de todas as necessidades do corpo; não se mostrou mais aos perversos que o tinham feito morrer, querendo assim ensinar-nos, como modelo do homem em todas as cousas, qual deve ser a nossa vida depois que resuscitamos na graça. Esta nossa resurreição deve ser, como a sua, verdadeira, publica e constante; e assim a nossa vida será tambem coroada como a delle, por uma gloriosa ascensão ao Ceo.

Pois que a resurreição do Salvador, cuja historia acabamos de referir, é o maior dos milagres, o que confirma todos os mais, e serve de fundamento principal da Religião, parece-nos conveniente

(1) Dubitatum est ab illis, ne dubitaretur a nobis. *Leo, serm. 71, qui est de Ascensione Domini, 1, c. 1.*

dizer aqui algumas palavras sobre os milagres em geral. Como a impiedade nada poupou para embrulhar este ponto essencial, é nosso dever reduzil-o á expressão mais simples. Para o conseguir, bastarão duas ou tres perguntas.

1.° Que é um milagre? Um milagre é um acontecimento contrario ás leis da natureza, que só pode ser effeito da Omnipotencia de Deus. Assim, fazer parar o sol na sua orbita, alimentar milhares de pessoas com cinco pães e dous peixes; dar, por uma só palavra, por um só toque, a vida aos mortos, a vista aos cegos de nascimento, o ouvir aos surdos, a voz aos mudos, a força e o movimento aos paralyticos, caminhar sobre as aguas, applacar as tempestades, e serenar as ondas; eis aqui outros tantos milagres, porque estas acções são contrarias ás leis da natureza, pelo que só Deus as póde obrar, ou aquelles a quem elle deu esse poder.

2.° Póde Deus fazer milagres? Isto é o mesmo que perguntar se Deus póde derogar as leis que estabeleceu. « Esta pergunta, responde um famoso incredulo, seria impia, se não fosse absurda; punir a quem a resolvesse negativamente, seria dar-lhe muita honra, quando bastava recolhel-o a uma enfermaria. Mas tambem, quem negou jamais que Deus podesse fazer milagres? » (1)

3.° Tem Deus feito milagres para provar a verdade da Religião Christã? Sim, muitos fez Deus pelo ministerio do Salvador, e de seus Apostolos; e disto estamos muito mais certos que dos acontecimentos os mais celebres e constantes da antiguidade. Porque? 1.° Porque nos são affirmados por maior numero de testemunhas. Todo o mundo creo nelles como nós cremos na existencia do sol, pois que por causa destes milagres é que o mundo se converteu; 2.° porque são affirmados por testemunhas muito mais dignas de fé. Para cima d'onze milhões de martyres deram a vida por sustentar a verdade delles. E quem merece mais fé que as testemunhas que se deixam decepar? Por isso, o famoso incredulo, que ha pouco citamos, não pôde deixar d'exclamar: « Os factos de Socrates, de que ninguem duvida, são muito menos affiançados que os de Jesu-

(1) J.-J. Rousseau, *Cartas da Montanha.*

Christo. O Evangelho tem caracteres de verdade tam grandes, tam notorios, tam perfeitamente inimitaveis, que o inventor seria mais para admirar que o heroe. »

4.° Provam os milagres a verdade da Religião em favor da qual se fazem? E' incontestavel que sim; porque, de facto, só Deus póde fazer milagres, e Deus é a verdade mesma; logo não póde fazer milagres para auctorizar a mentira. Ora, Deus tem feito infinitos milagres para provar a verdade da Religião Christã; logo a Religião Christã é a verdadeira, a unica verdadeira; pois que só ella póde citar milagres em seu favor; logo, o unico meio de qualquer se salvar é crer nella, e pratical-a fielmente.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador que, para consolidar a nossa fé, se dignou demorar-se quarenta dias na terra com seus Apostolos, depois da sua Resurreição; permitti pois, Senhor, que a nossa resurreição na vida da graça seja verdadeira, publica e constante; a fim que mereçamos tambem subir com elle ao Ceo.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *prometto evitar todas as más companhias.*

XVI.ª LIÇÃO.

O MESSIAS REPARADOR DO MUNDO.

Jesus apaga o peccado em relação a Deus, ao homem e ás creaturas. — Seus abatimentos, soffrimentos, e obediencia infinita. — Necessidade da nossa união com Jesu-Christo, o novo Adam.

Quarenta seculos de promessas, figuras, prophecias e preparações litteralmente cumpridas, constituem a magnifica demonstração de que o Menino de Bethlem é verdadeiramente o Messias annunciado ao genero humano, e esperado por todas as nações, desde a origem dos tempos. E' isto o que nas lições precedentes temos visto. A esta prova sem replica, ajuntai outro facto incontestavel, e não menos decisivo, que consiste em que depois da vinda de Jesu-Christo, cessou em todos os povos a universal espectativa do Reparador; porque todos reconheceram em Jesu-Christo o objecto de seus votos e esperanças; por onde devemos concluir: ou que todos os povos, instruidos pelas prophecias e tradições antigas, se enganaram; ou que Nosso Senhor é realmente o Messias esperado pelo genero humano. Só os Judeos discordam desta unanimidade; mas a sua mesma descrença é outra prova a nosso favor; pois estava escripto que haviam de desconhecer o Messias; pelo que, se reconhecessem por tal a Nosso Senhor Jesu-Christo, não seria elle o Messias promettido a seus pais.

A vida, morte, e resurreição de Jesus já nos mostraram plena, e até superabundantemente, que elle cumprio a grande missão do Messias. Todavia importa explicar mais miudamente este ponto fun-

damental da questão. Um conhecimento mais profundo e claro da Religião, e sobretudo um amor mais intenso, uma gratidão mais sincera ao Salvador do mundo, serão o fructo deste novo estudo.

Qual era pois a missão deste grande Libertador, tantas vezes annunciado, tam magnificamente predito, tam impacientemente esperado? Os Prophetas, João Baptista mais que Propheta, reunem-se todos para nos responder que a obra do Messias era apagar os peccados do mundo. Todos os povos tinham conservado a lembrança da culpa primitiva: *Deus está irritado contra nós.* Eis o dogma terrivel, proclamado por expiações de todo o genero, a ponto de se sacrificarem victimas humanas em toda a extensão do orbe. Quando as nações suspiravam por esse personagem, esse Justo por excellencia, Legislador, *Filho de Deus e da Virgem*, que devia restaurar a idade d'ouro, que é o que esperavam, senão o restabelecimento da ordem subvertida; a reconciliação do Ceo com a terra; o reino da justiça; em summa, a remissão do mal, isto é, a expiação do peccado, verdadeiro mal do mundo, causa de todos os males? (1)

Os Prophetas, divinamente inspirados, pintam-nos o Messias futuro tomando sobre si as iniquidades do mundo, expiando-as por seus soffrimentos, e creando uma sociedade nova, onde reinará a justiça. (2) João Baptista, encarregado de mostrar o Messias ja entre os homens, declara-nos abertamente a sua missão: transportado d'alegria, exclama ao vêl-o: *Eis o cordeiro de Deus, eis o que apaga os peccados do mundo.* (3) Emfim o mesmo Jesu-Christo, resumindo tudo o que nos tinha ensinado, revela, pelo orgão do Discipulo amado, a natureza da sua obra: *O Filho do Homem veio ao mundo para destruir as obras do demonio.* (4) Ora, que são as obras do demonio? — O peccado e os males que delle nascem.

(1) *Veja-se* Esclarecimentos ácerca dos sacrificios, por *M. de Maistre.*

(2) Isaias, passim.

(3) João, I, 29.

(4) Id. Ep. 1. III, 8.

Destruir o peccado do mundo, tal é pois a missão do Messias, missão magnifica e unica digna d'um Deus. Agora que sabemos porque motivo o Messias veio á terra, recordemo-nos do que já ficou provado, que Jesu-Christo é o Homem Deus, e vejamos este amavel Salvador executando a sua missão.

Primeiramente, que é apagar os peccados do mundo? E' expial-os, destruil-os em si mesmos e em suas consequencias; é dar aos homens todos os meios de não tornar a peccar; de sorte que aquelles que empregarem estes meios serão eternamente livres do peccado e das suas consequencias.

Ora, o peccado, em relação a Deus, é o ultrage feito á sua soberana magestade; a ira de Deus e os seus castigos são as consequencias delle. Em relação ao homem o peccado é a desobediencia a Deus; as suas consequencias são todos os males que podem affligir o homem: em seu espirito, a ignorancia; em sua vontade, a concupiscencia; em seu corpo, as enfermidades, as dores, a morte; e depois da morte a condemnação eterna.

Em relação ao homem e a Deus, as consequencias do peccado são a eterna separação um do outro.

Em relação ás creaturas, as consequencias do peccado são o estarem ellas como captivas, servindo ás iniquidades dos homens. Eis todos os males, todas as desordens que o Messias devia reparar; examinemos pois se Nosso Senhor Jesu-Christo as reparou.

O Messias devia apagar o peccado em relação a Deus, isto é, reparar o ultrage feito a sua soberana magestade, e applacar a sua ira. Como conseguil-o? Offerecendo a Deus humilhações infinitas, e uma victima digna de desarmar a sua colera; porque, visto que o peccado é um ultrage que a creatura revoltada faz a Deus, não ha reparação possivel sem humilhações, assim como não ha remissão sem effusão de sangue. (1)

Por isso Nosso Senhor se abateu e como que se aniquilou. *Aquelle que é igual a Deus*, diz S. Paulo, *que tem direito ás mesmas adorações que seu Pai, aniquilou-se a ponto de tomar a forma*

(1) Sine sanguinis effusione non fit remissio. Hebr. IX, 22.

d'escravo e fazer-se homem (1); *a ponto de fazer-se peccado.* (2) Um Deus fazer-se peccado! Eis a suprema grandeza descendo ao infimo abatimento! Segui o Salvador desde o Presepio até á Cruz, e vereis pelo decurso de toda a sua vida o mais continuado, o mais prodigioso abatimento que jamais houve. Desconhecido, repellido, desprezado, confundido com os pobres e os peccadores, apparece em meio de seus mesmos discipulos como seu servo, (3) como o ultimo de todos os homens; ou, para usar uma expressão correcta, como *o verme da terra e a escoria do povo.* (4) Acaso podiam ser maiores as suas humiliações? Não: não é possivel abater-se mais. (5) Assim é que Nosso Senhor repara o ultrage feito á magestade suprema de seu Pai. Vejamos como elle applaca a sua ira.

Elle soffre. Pela dignidade infinita de sua pessoa, bastará uma só de suas lagrimas, uma só gota de seu sangue, para applacar a colera do Altissimo, e apagar as iniquidades de mil mundos; (6) mas isto era pouco para o seu amor. Por isso que elle amava os homens, quiz inspirar-lhes um grande temor do peccado, uma grande estima de sua alma, um vivo amor a elle mesmo, um profundo respeito a seu eterno Pai, uma resignação inalteravel nas penas da vida: por todas estas razões, Jesus escolheu a Cruz, isto é, o que podia haver de mais doloroso para elle, mais meritorio para nós,

(1) Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo. Philip. II, 6, 7.

(2) Et Verbum caro factum est. Joan. I, 14. Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit, ut nos efficeremur justitia Dei in ipso. II Cor. V, 21.

(3) Ego autem in medio vestrum sum, sicut qui ministrat. Luc. XXII, 27.

(4) Psal. XXII, 7.

(5) Ipse se tantum humiliavit, ut ultra non posset; propter quod Deus tantum exaltavit, ut ultra non posset. S. Anselm.

(6) Quælibet satisfactio Christi suffecisset ad redemptionem, propter infinitam dignitatem personæ. D. Th. quodlibet II, art. II.

mais apto a reparar o ultraje feito á magestade divina. Para fazer uma idea da extensão e perfeição infinita de seus soffrimentos, attendei á resposta das seguintes perguntas. Que soffreu elle? Da parte de quem soffreu? Como soffreu? Em que qualidade soffreu?

Em primeiro logar, que soffreu elle? O Propheta real nol-o diz, quando lhe chama *o homem das dores.* (1) Esta expressão diz tudo, porque diz que todas as dores, todos os soffrimentos se reuniram na pessoa do Salvador Jesus. As penas exteriores, a pobreza, o desprezo, a fome, a sede, a calumnia, os açoutes, a irrisão, a morte em um patibulo infame, entre dous malfeitores, em meio dos insultos e ultrajes do seu povo; as penas interiores, as afflicções, a tristeza, o temor, a vergonha, toda a amargura que devia produzir n'uma alma tam amante a traição de Judas, a apostasia de Pedro, o abandono de todos seus Discipulos, a vista de sua terna Mãi junto á Cruz, a perda de tantos peccadores, resgatados com seu sangue: todas estas penas ferem á porfia a innocente victima, torturam e immolam o tenro Cordeiro, desde o primeiro instante da sua incarnação. (2) Sim, desde o primeiro instante da sua incarnação; porque desde este momento, o Salvador conheceu tudo o que havia de soffrer na sua vida mortal, e na sua dolorosa paixão; por isso nos disse pela boca de David: *Eu tenho sempre a minha dor diante de meus olhos.* (3) Sendo-lhe presentes todas as cousas, como a Deus que era, sempre a cada instante tinha diante de seus olhos a agonia, as bofetadas, os espinhos, a irrisoria purpura, a pezada cruz; via sempre a Judas vendendo-o, a Pedro renegando-o, a Caiphas pronunciando sua sentença de morte, a Pilatos entregando-o a seus algozes, e estes fazendo delle o que queriam; emfim, via sua terna Mãi agonizante junto á cruz, aonde elle mesmo rendia o ultimo suspiro no meio d'um occeano de dores.

Da parte de quem soffreu? Da parte d'aquelles, cuja perseguí-

(1) Virum dolorum. Isai. LIII, 3

(2) Assumpsit dolorem in summo, vituperationem in summo. D. Th.

(3) Dolor meus in conspectu meo semper. Psal. XXXVII, 18.

ção, ingratidão, abandono, lhe eram tanto mais penosas quanto maior direito tinha ao seu amor, ás suas adorações e homenagens. Da parte dos Judeos, seus irmãos segundo a carne; dos quaes havia curado os enfermos, resuscitado os mortos. Da parte de seus Discipulos, a quem, por um favor incomparavel, elegera d'entre todos os homens. Da parte de seu divino Pai, que o condemna sem piedade a beber até ás fezes o calis d'amargura, e soffrer tudo o que os peccadores de todos os seculos merecessem soffrer. Esta ultima pena foi a maior que soffreu, e assim o mostrou em duas circumstancias notaveis: no Jardim das Oliveiras e na cruz. No Jardim, estando na agonia, abatido pela vergonha, coberto d'um suor de sangue, vê-se obrigado a orar por largo espaço. Antes daquelle tempo uma só palavra era sufficiente para conseguir tudo; bastava-lhe dizer: Pai, eu o quero. Agora, revestido da similhança do peccado, não ousa tratar tam livremente; ora, e pede por largo espaço; bebe só, a largos tragos, a vergonha d'uma dilatada recusa. Na cruz, chama seu Pai, que venha em seu auxilio, mas já nem ousa chamar-lhe Pai: Meu Deus, meu Deus, diz elle, porque me abandonastes? E seu Deus não lhe responde. Cala-te, exclama Bossuet, cala-te, caução dos peccadores; para ti não ha mais senão a morte. (1)

Como soffreu elle? Soffreu com a mansidão d'um cordeiro, sem se queixar, sem procurar em sua defesa a mais leve compensação das suas humilhações, e das suas dores; soffreu tudo quanto quizeram. Pretendem beijal-o, elle presta os labios; desejam prendel-o, offerece os pulsos; querem esbofeteal-o, apresenta as faces. Quando o flagellam, não retrahe o corpo; quando o accusam, está como convicto. Herodes e a sua côrte o escarnecem, reenviam-no como um doudo; elle cala-se, parece que consente. Entregam-no aos criados e soldados, elle se lhes dá por si mesmo. Seu divino rosto, que arrebatava o Ceo e a terra, agora se offerece aos escarros d'aquella vil canalha. Arrancam-lhe os cabellos e a barba, e

(1) Sermão da Paixão.

não diz uma só palavra; é uma pobre ovelha, que se deixa tosquiar.

Eia! camaradas, dizem os soldados encarregados de o crucificar, eis ahi um tolo, que se metteu em cabeça que é o Rei dos Judeus, coroemol-o com uma coroa de espinhos; Jesus a recebe. A coroa não se segura bem, é preciso enterral-a ás pauladas; batei; Jesus está immovel. Herodes o vestio de branco como a um doudo; mas mudai o escarneo com a côr do vestido, trazei esse farrapo escarlate, lançai-lh'o aos hombros; eil-o que se vos offerece. Toma, ó Rei dos Judeos, toma uma cana por sceptro; dai-lh'a, fazei delle o que quizerdes. Ah! Agora já não é um ludibrio, é a sentença de morte: estende, ó Jesus, estende as mãos aos cravos; eil-as, feri. Emfim juntai-vos, ó Judeos e Romanos, grandes e pequenos, povo e soldados, esforçai-vos, multiplicai ao infinito os golpes, as injurias, chagas sobre chagas, dores sobre dores, indignidades sobre indignidades; insultai mesmo na cruz sua extrema miseria, seja elle o objecto unico de vossas zombarias, como um insensato; de vosso furor, como um faccinoroso: elle se vos entrega todo, está prompto para soffrer tudo, tudo o que ha de mais duro e insupportavel em sarcasmos crueis, em tormentos exquisitos.... Eil-o morto! morto! E seu ultimo suspiro foi um suspiro de amor pelos homens. (1) Ao ouvil-o fallar, os povos exclamavam: Ninguem jamais fallou como este homem: e diziam bem; mas ao vêl-o soffrer, não podemos deixar d'exclamar tambem: Ninguem jamais soffreu como este homem!

Em que qualidade soffreu? Soffreu na qualidade de novo Adam, representando em sua pessoa todo o genero humano; soffreu como Homem-Deus, e foi por isto que apagou o peccado em relação a Deos: sendo todos os soffrimentos d'um preço infinito, satisfez Nosso Senhor infinitamente a Justiça eterna. Por tanto, por suas humilhações e soffrimentos, de que não ha exemplo na historia do mundo, reparou Jesus o ultraje, desarmou a colera, apagou em summa, o peccado do mundo em relação a Deus.

(1) Sermão sobre a Paixão.

Devia tambem o Messias apagar o peccado em relação ao homem. Ora, o peccado, em relação ao homem, era a sua desobediencia a Deus; e as suas consequencias eram todos os males que podem affligir a humanidade. No espirito, a ignorancia; na vontade, a concupiscencia; no corpo, as enfermidades, as dores, a morte.

Nosso Senhor reparou tudo isto.

Reparou a desobediencia do homem a Deus; porque, em sua pessoa, tornou o homem obediente a Deus, e obediente até á morte, e morte de cruz. *Por isso*, acrescenta o grande Apostolo, *Deus, medindo a gloria de seu Filho pela extensão de seus soffrimentos, exaltou-o a tal grão de magestade e poder, que ao Nome de Jesus, todo o joelho se dobra no Ceo, na terra e nos infernos.* (1) Nosso Senhor apagou pois o peccado em relação ao homem.

Reparou todas as suas consequencias: 1.° A ignorancia. No estado d'innocencia, conhecia o homem a Deus a si perfeitamente; peccando, separou-se de Deus, que é a verdade. No mesmo ponto o seu espirito ficou immerso em trevas, como a terra quando o sol se esconde. Insensivelmente foi cahindo nos mais grosseiros erros a respeito do Creador do mundo e de si mesmo.

A respeito do Creador. Todos sabem quanto os pagãos desfiguraram a idea de Deus; quanto os mesmos Judeos propendiam para a idolatria; como se attribuiam á divindade as mais infames paixões; como se dava seu nome adoravel ás mais ignobeis creaturas; emfim, como se chegou a crer que para o applacar era preciso offerecer-lhe victimas humanas.

Em relação a si mesmo. D'onde vimos nós? Para onde vamos? Porque estamos na terra? Temos acaso deveres para com Deus? Se os temos quaes são? Por ventura temos alma? A alma é espiritual ou material? Subsiste eternamente ou perece no tempo? A'cerca de todas estas questões, tam claras para o homem

(1) Propter quod et Deus exaltavit illum et donavit illi nomen quod est super omne nomen: ut in nomine Jesu omne genu flectatur cœlestium, terrestrium et infernorum. Philip. II, 9, 10.

antes da sua queda, não achareis a pouco espaço senão monstruosos erros e interminaveis contradicções. Nosso Senhor reparou plenamente esta ignorancia, primeira consequencia do peccado do homem. De facto, na sagrada pessoa de Jesu-Christo, conheceu o homem a Deus e a si mesmo perfeitamente.

2.° A segunda consequencia do peccado do homem é a concupiscencia, isto é, a violenta inclinação ao mal, o amor desregrado de si e das creaturas. Antes de peccar, não pendia o homem senão para o bem, amava a Deus sobre todas as cousas, amava-se a si em Deus e por Deus: todas as cousas descendendo de Deus, para elle volviam, pela mediação do coração humano. Subverteu o peccado esta bella ordem. O homem se fez o centro de tudo, referio tudo a si, e nada ao mesmo Deus. As creaturas, isto é, as honras, as riquezas, os prazeres, foram o unico objecto de suas affeições; amou-as apaixonadamente, como se quizesse compensar-se de ter perdido a Deus. D'aqui nasceram todas as desordens, todos os crimes. Nosso Senhor curou plenamente esta concupiscencia. (1) De facto, em sua sagrada pessoa, o homem amou de novo a Deus perfeitamente, e amou-se a si e ás creaturas em Deus e para Deus.

3.° A terceira consequencia do peccado no homem são os males temporaes, isto é, tudo o que pode affligir o homem phisico, como a escravidão, o homicidio, a expoliação, as enfermidades, a morte. Antes do peccado, estava o homem isento de todos estes males; mas pelo peccado entrou a morte no mundo, com o seu lugubre cortejo de dores, enfermidades e flagellos; males estes que chegavam ao seu auge, quando o Messias desceu á terra. Elle os curou plenamente; em sua sagrada pessoa, o homem triumphou da escravidão, das doenças, das dores, da morte, de tudo o que pode vulnerar o seu ser corporeo; em sua sagrada pessoa tornou-se impassivel, glorioso, immortal, triumphante nos Ceos por toda a eternidade. Nosso Senhor, pois, destruiu todas as consequencias do peccado do homem.

(1) A plenitude de graça e de verdade que havia nelle por effeito da união hypostatica não permittia estivesse sujeito á ignorancia e concupiscencia.

O Messias devia ainda apagar o peccado em relação a Deus e ao homem simultaneamente. Ora, o peccado, considerado em relação a Deus e ao homem simultaneamente, tinha produzido a separação mutua d'um e d'outro; separação infinita, eterna, que privava a Deus da sua gloria, ao homem da bemaventurança; que digo? que o condemnava a eternos supplicios.

Nosso Senhor acabou inteiramente com esta separação. Deus e o homem se uniram na pessoa do novo Adam, da maneira a mais intima e constante, que possa imaginar-se; pois que em Nosso Senhor a natureza divina e a natureza humana não fazem mais que uma só pessoa. Nelle se reconciliaram perfeitamente Deus e o homem; (1) porque nelle foi Deus perfeitamente satisfeito, conhecido, louvado, adorado, amado do homem; e o homem perfeitamente restabelecido em suas verdadeiras relações com Deus.

O Messias devia finalmente apagar o peccado em relação ás creaturas. Ora, o peccado, considerado em suas relações com as creaturas, é a servidão dellas ás iniquidades do homem. No estado d'innocencia, todas por meio do homem serviam á gloria do seu Author; a consideração de suas bellezas e utilidades servia ao homem, como d'escada, para se elevar a Deus, louval-o e dar-lhe graças; de sorte que todas as creaturas descendo de Deus, volviam para Deus, pela mediação do homem, seu rei, e pontifice. O homem peccou, e fez de todas as creaturas outros tantos instrumentos de peccado, levando tam longe a violencia e a desordem, que as forçou a servir-lhe de divindades: adorou-as todas, umas após d'outras. D'aqui os gemidos, as queixas, as lagrimas das creaturas, segundo a energica expressão de S. Paulo, (2) por se verem força-

(1) Omnia autem ex Deo qui nos reconciliavit sibi per Christum: et dedit nobis ministerium reconciliationis. Quoniam quidem Deus erat in Christo, mundum reconcilians sibi. II Cor. V, 18, 19.

(2) Nam expectatio creaturæ revelationem filiorum Dei expectat; vanitati enim creatura subjecta est non volens, sed propter eum qui subjecit eam in spe, quia et ipsa creatura liberabitur a servitute corruptionis, in libertatem gloriæ filiorum Dei. Scimus enim quod omnis creatura ingemiscit, et parturit usque adhuc. Rom. VIII, 19 — 22.

das, contra sua vontade, a ultrajar seu Author. D'aqui a impaciencia com que aguardam o Redemptor, que as hade libertar da servidão do homem criminoso.

Nosso Senhor acabou inteiramente com esta desordem. Em sua pessoa adoravel, o homem usou de todas as creaturas, segundo o designio do Creador: por tanto apagou o peccado em relação ás creaturas. Por outra parte vimos, que elle destruio o peccado em relação a Deus e ao homem; porque é de fé que Nosso Senhor offereceu a Deus uma satisfação proporcionada á offensa; é de fé que em sua pessoa adoravel o homem conheceu, amou e servio a Deus perfeitamente; que nelle estavam todos os thesouros da sciencia, da charidade, e santidade de Deus; que em Jesu-Christo Deus e o homem estiveram e estam perfeitamente unidos e reconciliados; que na pessoa adoravel de Nosso Senhor o homem goza no Ceo da gloria eterna, de que se privara pelo peccado. Logo é de fé Catholica que Nosso Senhor apagou o peccado do mundo em toda a extensão da palavra; que cumprio a sublime missão que a rasão, os Prophetas, os Judeos e os Gentios assignavam ao grande Libertador do mundo; que elle é o Desejado das Nações, o Enviado de Deus, o Salvador esperado por todos os seculos que o precederam, objecto de fé de todos os seculos que o seguiram, e o hão de seguir até o fim do mundo; digno emfim do reconhecimento e amor dos Anjos e dos Santos, por toda a eternidade.

Mas foi só para si que o Senhor fez tudo isto? Quiz elle livrar do peccado e de suas consequencias, santificar e glorificar somente o corpo e a alma, isto é, o homem individual a que se tinha unido? Pensar assim seria não comprehender nada a sua missão, nada entender do fim do Christianismo. Jesu-Christo foi enviado por amor de nós, por amor de todo o genero humano; a todos veio livrar do mal e de suas consequencias; a todos veio santificar e glorificar.

Trata-se pois de saber como podemos nós participar dos fructos da Redempção: eis a questão fundamental da Religião, questão que abrange toda a economia da salvação dos homens; quem a não comprehende, não comprehende nada da Redempção humana. « Toda a sciencia da Religião, diz S. Agostinho, toda a fé christã, con-

siste propriamente no conhecimento do velho e do novo Adam; o que herdamos do primeiro, o que recebemos gratuitamente do segundo. A natureza cahida em Adam, reparada em Jesu-Christo, eis toda a Religião. » (1)

Ora, o meio de nos aproveitarmos da missão e dos meritos do Salvador, é unirmo-nos a elle. No decurso de sua vida publica, cuidou muito o novo Adam, nos seus discursos, em nos ensinar este importante misterio; porem nas suas ultimas despedidas é que mais se esforçou por instruir a seus discipulos da indispensavel necessidade desta união salutar de todos os homens com elle. *Eu sou a vide*, lhes disse, *e vós as varas. Não pode a vara dar fructo por si mesma, se não está unida á cepa. Da mesma sorte vós nada podereis fazer para vossa salvação se não estiverdes unidos a mim; aquelle porem que estiver em mim, e em quem eu estiver, produzirá abundantes fructos. Se não estiver em mim, é uma vara inutil, que será regeitada como um ramo esteril, seccará e a ajuntarão para o fogo, onde arderá sem se consumir.* (2)

Assim Nosso Senhor está no meio do mundo como a arvore da vida no Paraizo terrestre. Para viver de sua divina seiva, participar de seus meritos e de sua gloria, releva que estejamos com elle unidos como o ramo com o tronco, para se nutrir e dar fructo. O Apostolo S. Paulo desenvolve admiravelmente a doutrina do Salvador neste ponto fundamental. Elle não vê mais que dous homens no mundo, o primeiro Adam e o segundo Adam, que é Nosso Senhor Jesu-Christo. O primeiro representa o genero humano decahido; o segundo, regenerado. A união da especie humana com o tronco primitivo é quem a faz culpada e desgraçada; a união com o segundo tronco, é quem a torna justa e bemaventurada. (3) O santo Concilio de Trento, confirmando o que diz o Apostolo, falla nestes termos: « Assim como os homens, se não nascessem pela propagação do sangue de Adam, não nasceriam injustos, sendo que por es-

(1) De peccat. origin. p. 215.
(2) João XV, 1 e seg.
(3) Rom. V. 7; 1.ª Cor. XV; Ephes. IV.

ta propagação é que contrahem a injustiça, pelo só facto da conceição; assim tambem, se não nascessem em Jesu-Christo, nunca se justificariam; pois é em virtude deste novo nascimento que a graça que os justifica se lhes attribue, pelo merito da Paixão do Salvador. (1)

Fica pois bem provado, que não só Nosso Senhor exige absolutamente que nos unamos a elle, senão que esta união explica e encerra toda a economia do Christianismo. Agora perguntaremos, qual é o fim desta união do novo Adam com todos os homens? Este fim é o mesmo que o da Incarnação; é a abolição do peccado em todos os homens, e por consequencia a regeneração do genero humano, e a gloria de Deus. A seguinte lição offerecerá algumas minuciosidades ácerca deste misterio ineffavel, que mais tarde desenvolveremos. Agora, das explicações precedentes concluamos com a fé Catholica: 1.° Que na pessoa de Jesu-Christo foi o homem perfeitameute rehabilitado; 2.° Que releva que cada um de nós participe desta rehabilitação, aliás o *Christo não lhe servirá de nada*; (2) 3.° Que o meio de participar desta rehabilitação é unir-se a elle. *Porque*, diz o Apostolo S. Pedro, *não ha outro nome debaixo do Ceo no qual possamos ser salvos.* (3)

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes dado um Salvador que apagou verdadeiramente o pecca-

(1) Sicut revera homines nisi ex semine Adæ propagati nascerentur, non nascerentur injusti; cum ea propagatione, per ipsum dum concipiuntur, propriam injustitiam contrahant. ita, nisi, in Christo renascerentur, nunquam justificarentur; cum ea renascentia per meritum passionis ejus gratia, qua justi fiunt, illis tribuatur. Sess. VI, cap. 3.

(2) Galat. V, 2.

(3) Act. IV, 12.

do do mundo; fazei, Senhor, que nos unamos a elle, para que tenhamos parte na sua Redempção.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *prometto fazer todas as minhas acções em união com Nosso Senhor.*

XVII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS NOVO ADAM.

Fim da nossa união com o novo Adam. — Sua natureza. — Seus meios. — Connexão da doutrina christã: fé, esperança, charidade. — União pela fé. — Definição da fé. — Sua necessidade. — Suas qualidades. — Suas vantagens. — Os meios de a obter e de a conservar. — Do homem com Nosso Senhor. — Peccados oppostos á fé. — Historia.

Fazer de todos os homens outros elle mesmo, communicando-lhes sua vida divina; vida de graça, de verdade, de santidade no tempo, de gloria e bemaventurança na eternidade; tal é o primeiro objecto da união que o novo Adam quer que nós tenhamos com elle. A esta união é devida a mudança prodigiosa que depois da vinda do Messias se tem operado nas ideas, nos costumes, nas acções e sentimentos de todos os povos christãos. A ella é devida tambem a regeneração que se cumprio em cada um de nós, e que se cumpre ainda todos os dias á nossa vista, em todo o homem que vem a este mundo. Mostremos por factos incontestaveis esta verdade consoladora e tam pouco meditada.

Vergonteas do velho Adam, nascemos todos depravados. Cada parte do nosso ser participa da herança das miserias paternas: no

espirito, a ignorancia; na vontade, a concupiscencia; no corpo, a enfermidade e a morte; no homem todo, a privação da graça santificante, ou da vida sobrenatural. De todos estes males curanos a união com o novo Adam.

1.° *Da ignorancia.* E' isto tam verdade, que o menino Christão, que sabe a sua cartilha, o simples resumo da doutrina do novo Adam, tem ideas mais exactas de Deus e de suas perfeições, do homem e de seus deveres, do mundo, de sua creação e de seu fim, que os maiores philosophos do Paganismo. Quanto mais viva, simples e universal é a nossa fé em Jesu-Christo, queremos dizer, quanto mais se aperfeiçoa a nossa união com elle, mais nos livramos da ignorancia, consequencia primeira do peccado. Se quereis ver esta verdade em toda a luz da evidencia, examinai-a em um campo mais amplo, e respondei ás seguintes perguntas: Que era a rasão do homem antes de crer em Jesu-Christo? Que é ella nos povos que ainda não creem em Jesu-Christo? Que se torna ella nos homens e povos, que descreem de Jesu-Christo?

2.° *Da concupiscencia.* E' isto tam verdade, que o Christão que ama a Jesu-Christo, e o que elle manda, e do modo que o manda, ama mais perfeitamente tudo o que o homem deve amar, que os mais famigerados sabios do Paganismo. Quanto mais viva, simples e universalmente amamos a Jesu-Christo, queremos dizer, quanto mais se aperfeiçoa pelo amor a nossa união com elle, mais nos livramos da concupiscencia, segunda consequencia do peccado. D'aqui nascem as sublimes virtudes e heroicas dedicações christãs, que são inauditas nos seculos Pagãos, e quasi incriveis para aquelles homens, que não vivem do amor do novo Adam. Tambem podeis vêr esta verdade em toda a luz da evidencia, se discorrerdes por aquellas tres perguntas: Que era o coração do homem antes da charidade de Jesu-Christo? Que é elle ainda entre os povos que não teem a charidade de Jesu-Christo? Que se torna elle nos homens e nos povos que perdem a charidade de Jesu-Christo?

3.° *Da morte e de todas as miserias do corpo.* E' isto tam verdade que o Christão sinceramente unido a Jesu-Christo, mostra uma resignação, e um valor nos trabalhos da vida, que espantaria os Pagãos e ainda hoje maravilha os homens, que se tornam es-

tranhos á vida do novo Adam. Ser-vos-ha facil adquirir a evidencia deste facto estudando-o em maior escala, e discorrendo ainda por aquellas perguntas: Qual era a serenidade, a dignidade, a mansidão, não direi a alegria, mas a resignação do homem antes de Jesu-Christo? Que é ella ainda entre aquellas Nações, para quem Jesu-Christo é inutil? Que vem ella a ser nos homens e povos para quem Jesu-Christo já não serve de nada?

Que mais direi? Para o verdadeiro Christão, a mesma morte se torna desejada e saborosa. Na lingua materna da Religião, que é tambem a lingua dos filhos doceis, a morte mudou de nome: chama-se-lhe somno, passamento, porto seguro. E o lugar, onde se depositam os restos mortaes do homem, chama-se *cemiterio*, que quer dizer, dormitorio. Esta ultima palavra está ahi como um perpetuo monumento da prodigiosa mudança, que o Christianismo operou nas ideas; porque a sua origem é toda christã. (1) Neste ponto como nos precedentes, quereis abrir um vasto campo ás vossas meditações, e ver em toda a evidencia a verdade de que tratamos? Discorrei sempre pelas tres perguntas que já temos feito: Que era a morte na opinião dos Pagãos? Que é ella ainda entre os povos estranhos á graça de Jesu-Christo? Que se torna ella no entender dos homens e dos povos, que se separam de Jesu-Christo?

A'cerca do que deixamos dito, e em geral de todos os effeitos de nossa união com Jesu-Christo, temos a fazer uma explicação essencial. A obra da Redempção não será completa senão na eternidade; lá somente produzirá todos os fructos que d'ella esperamos, pois tambem os não produzio para Jesu-Christo senão depois da sua resurreição gloriosa. (2) Esta a rasão porque todas as consequencias do peccado no homem, a ignorancia, a concupiscencia, os males temporaes, não desappareceram inteiramente nesta vida, depois da Incarnação. Perguntareis porque motivo não gozamos *plenamente*

(1) Chrysost. Serm. de Parascev.

(2) Et nos ipsi primitias spiritus habentes, et ipsi intra nos gemimus adoptionem filiorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri. Spe enim salvi facti sumus. Rom. VIII, 23, 24.

na terra dos fructos da Redempção? E' facil a resposta. A não ser o peccado, o genero humano teria chegado ao Ceo por serenos e abençoados dias, sem passar pela obscuridade da morte; a sua existencia na terra teria sido o delicioso principio d'uma eternidade ainda mais deliciosa. Depois do peccado, a existencia do homem na terra mudou de natureza. De facto, bem podia Deus tratar o homem depois do peccado como fez aos Anjos rebeldes, a quem a sua justiça não concedeu um instante, para se arrependerem: mas não o fez assim. Pela sua misericordia infinita, e por attenção de seu bem amado Filho, que se dignou ser nossa caução, quiz conceder-nos uma espera, uma prorogação, com os meios de nos levantarmos da nossa queda: esta prorogação, é o tempo, é a vida. Depois do peccado, o *tempo é pois uma espera concedida ao genero humano, em vista dos meritos de Jesu-Christo, para fazer penitencia e reconquistar o Ceo.* E' uma prova; se nos aproveitarmos della, sahiremos purificados como o ouro do crysol, e o Ceo que tinhamos perdido será outra vez nossa herança eterna; se, pelo contrario, nos não aproveitarmos desta prova, iremos pela morte participar da sorte dos Anjos rebeldes. (1)

Pois que a vida do homem na terra, depois da sua queda, é uma prova, cumpre que ella seja meritoria e por consequencia laboriosa. Eis porque o Salvador não quiz dissipar inteiramente as consequencias do peccado. Se as fizesse desapparecer inteiramente, não haveria mais combates, nem por consequencia esforços nem meritos. (2)

(1) Discedite à me, maledicti, in ignem æternum qui paratus est diabolo et angelis ejus. Math. XXV, 41.

(2) Todavia o Salvador, que nos tinha obtido a graça desta prova, offerecendo-se a seu Pai no mesmo momento do peccado original, quiz, por sua infinita bondade, tornal-a muito menos penosa e perigosa, por sua vinda ao mundo; e esta é uma das grandes vantagens da lei nova. Digamos uma palavra ácerca deste tocante misterio. Nosso Senhor, por sua vinda, enfraqueceu singularmente as consequencias do peccado. Já vimos o que elle fez para curar a ignorancia e a concupiscencia. Depois da sua vinda, uma luz maior e mais viva esclareceu o mundo; as

4.° *A nossa união com Jesu-Christo restitue-nos á graça santificante e á vida sobrenatural, de que a culpa do primeiro Adam nos havia privado.* Isto é de fé, e é de si bastante para apreciarmos a excellencia desta união deifica, cujo fim é fazer-nos participar da natureza divina. O effeito desta união vê-se ainda neste mundo por factos incontestaveis. A que julgaes são devidos os prodigios de doçura, valor, castidade, charidade, perdão, dedicação, penitencia, santidade, que constituem a gloria exclusiva do Christianismo? E para que não duvideis da realidade de tantas virtudes e da pureza de coração que as pratica, numerosos milagres, authenticos e innegaveis estam ahi, para fazel-as resplandecer á vista

espessas trevas da idolatria dissiparam-se; heroicas virtudes, inauditas dos pagãos, a humildade, a castidade, a charidade, debaixo de mil diversas fórmas, foram perfeitamente praticadas, por milhões d'homens de todas as idades, condições e paizes. Accrescentai a isto as abundantes graças, que brotam incessantemente no mundo, pelos sete canaes que descem do Ceo á terra, que são os sacramentos da lei da graça. Quanto aos males temporaes, Jesus os diminuio na mesma proporção, melhorando a condição do homem physico: 1.° Elle substituiu a lei da charidade universal á lei do odio universal, que reinava antes da sua vinda; 2.° abolio a escravidão, a venda, a exposição e morticinio das creanças; os combates dos gladiadores; o que tudo auctorisavam as leis pagãs; 3.° proscreveu a poligamia e o divorcio; que, fazendo da mulher a mais vil creatura, condemnava metade do genero humano á ignominia e ás lagrimas; 4.° fez do pobre, do doente, do encarcerado pessoas sagradas; 5.° inspirou a mais viva charidade, a mais terna compaixão de todas as miserias humanas; 6.° combateu todas as paixões desregradas, que dão causa a infinitas doenças; verdade fundamental e muito esquecida, que Jesus muitas vezes proclamou, quando dizia ao curar certas doenças: Vai, já estás curado; não tornes a peccar, por medo que te não succeda alguma cousa peior; 7.° fez amar os soffrimentos dando a conhecer seu preço; 8.° cercou a morte de consolações e esperanças; 9.° emfim, communicou ao nosso corpo o germen sensivel da resurreição gloriosa, pelo Sacramento augusto da Eucharistia. Exigir mais do que isto, seria querer a eternidade no tempo, o Ceo na terra, e a patria no exilio.

de todos ; para provar a influencia da graça santificante, e da vida sobrenatural dos Santos, em quanto estiveram na terra, bem como a sua união ainda mais intima com Deus na gloria da vida eterna. O homem abandonado só ás suas forças, o homem sem o soccorro sobrenatural da graça, que o faz participar da virtude do mesmo Deus, é incapaz, oh! dizei o que quizerdes, é absolutamente incapaz de tam heroicas virtudes. Quereis ver isto á evidencia? Tornai a perguntar: Que eram, em seu motivo e objecto, as virtudes do homem antes da graça de Jesu-Christo? Que são ellas entre os povos que não teem a graça de Jesu-Christo? Que vem ellas a ser nos homens e nos povos que já não teem a graça de Jesu-Christo? Eis aqui, em relação ao homem, alguns dos fructos da união salutar, que o novo Adam quer ter comnosco.

Quanto ás creaturas, quem as sujeitou á iniquidade, foi a nossa união com o velho Adam; e quem as liberta desta sujeição é a nossa união com Jesu-Christo. Quanto mais perfeita for a nossa união com elle, mais livres se tornam tambem as demais creaturas. Não é o christão que as tornará a collocar na classe de Deuses. Não é por elle que servem á lascivia, á soberba, á satisfação de corruptas inclinações; pelo contrario, em suas mãos convertem-se em instrumentos de virtude, charidade e mortificação; servem-lhe de meios para se elevar a Deus; e quando muito, tornam-se objectos de legitimos gozos. Se houvessemos de narrar o nobre emprego, que fazem das creaturas, tantos Christãos fielmente unidos ao novo Adam, ser-nos-hia preciso escrever a historia de todos os Santos, e de todas essas ordens religiosas, magnificos desprezadores das riquezas, das honras e prazeres, ou distribuidores generosos de todos os dons da Providencia.

O livramento das creaturas, bem como o dos homens, ainda não está perfeitamente cumprido, como já dissemos, mas comtudo já está começado. Houve tempo em que todas as creaturas, o Ceo, a terra, a agua, o fogo, o trigo, o vinho, o azeite, tudo servia á idolatria, e por isso mesmo a Satanaz. Depois que o Salvador do mundo disse: *Eu attrahirei tudo a mim*, estas creaturas começaram a ficar livres da servidão em que as tinham vaidosas superstições. O Ceo já não pertence a Jupiter, nem a terra a Vesta, nem a

agua a Neptuno, nem o trigo a Ceres, nem o vinho a Baccho, nem o azeite a Minerva; todos recuperaram os seus titulos de nobreza. O mundo, tornando-se christão, sabe que todas estas cousas foram creadas pelo Deus Supremo; todas são consagradas ao seu culto; todas se fizeram instrumentos e canaes da graça: a agua em o baptismo; o pão e o vinho, no mais adoravel dos sacrificios; o azeite, nos sacramentos da Confirmação, Extremauncção e Ordem. Se já pela graça, estas creaturas são tam magnificamente honradas no tempo, que será na eternidade da gloria? (1) E' assim que todas as cousas, diz S. Paulo, as que estam nos Ceos, e as que estão na terra, foram recapituladas, resumidas, restabelecidas em Jesu-Christo: porque Deus teve por bem reconciliar por elle e para elle todas as cousas, pacificando pelo sangue da sua cruz, já as cousas que estam na terra, já as que estam nos Ceos. (2) Apagar o peccado do homem e das creaturas, rehabilitar todas as cousas, tal é, como temos visto, o primeiro fim da união que Nosso Senhor quer ter comnosco.

O segundo é a gloria de Deus.

Fonte de toda a verdade, de toda a justiça, de todas as perfeições e virtudes, e, como tal, unico adorador digno de Deus, o novo Adam quer unir-se aos homens como a cabeça aos membros; afim de lhes communicar a sua vida divina, e operar nelles e por elles todas as vezes que, por suas acções, glorificam a seu Pai celeste. Não bastou a Jesu-Christo tomar um corpo no seio da Santissima Virgem; não lhe bastou unir-se a uma só alma; elle quer unir-se misticamente a todos os homens; para delles se servir como d'outros tantos instrumentos, para glorificar elle mesmo a seu Pai. Por isso, em virtude desta união, o novo Adam é o Apostolo nos Apostolos; o Martyr nos Martyres; o Confessor nos Confessores; a Virgem nas Virgens. Elle préga em mil lugares; é atormentado e derrama seu sangue de mil maneiras; soffre as macerações nos penitentes; supporta as calumnias nos que são perseguidos; é pobre

(1) Da graça e da natureza, por *M. Rohrbacher*, p. 39.
(2) Ephes. I, 10—23; Coloss. I, 16—20.

nos pobres, e enfermo nos enfermos; é elle tudo o que somos, está em toda a parte aonde estamos, faz tudo o que fazemos, soffre tudo o que soffremos, pela honra e gloria de seu Pai. E' isto tam verdade, que elle tem por feito a elle mesmo o que se faz a seus membros; é isto tam verdade, que não disse a Paulo: Porque persegues tu os Christãos? mas sim: Porque me persegues? E' isto tam verdade, que não diz: Os pobres tiveram fome, etc.; mas: Tive fome, tive sêde, e me destes de comer etc.; note-se que não diz: E destes de comer e de beber aos pobres; mas diz: E me destes *a mim*. Finalmente, é isto tam verdade que, identificando-se comnosco, diz, fallando dos superiores: Quem vos ouve, a mim mesmo ouve; e quem vos despreza, a mim despreza; e, fallando dos pequenos e fracos: Em verdade, em verdade vos digo, tudo o que fizerdes ao mais pequenino destes, a mim mesmo o fazeis. Em summa, nesta união, o fim a que se propõe Jesu-Christo é fazer de todo o genero humano um outro elle, um adorador unico, do qual o Pai eterno possa dizer, contemplando-o do alto do Ceo: Este é o meu Filho bem amado, em quem ponho as minhas complacencias. Vêde como esta sublime união cumpre admiravelmente a missão do Messias, procurando a Deus a maior gloria exterior, que elle pode desejar!

A bemaventurança do homem e a gloria de Deus, no tempo e na eternidade, tal é pois o fim da união misteriosa, que Nosso Senhor quer que tenhamos com elle.

E' pois tempo de a darmos a conhecer na sua natureza e nos seus meios. A união que o novo Adam contrahe comnosco é 1.° uma união sobrenatural e divina, fundada na participação de seus meritos, e mantida pela influencia da Cabeça, glorificada em todos os membros do seu corpo mistico.

2.° União poderosa e efficaz, em virtude da qual os homens, adoptados em Jesus, e vivendo do seu espirito, se tornam moralmente uma mesma pessoa com elle; são reconhecidos pelo Pai, como membros do Filho unico; e adquirem, por titulo de justiça, o direito de participar da sua herança.

3.° União necessaria e indispensavel, sem a qual o Pai celeste, que reunio em seu amado Filho todas as suas complacencias,

nada vê na terra que mereça o Ceo, ou seja digno de suas recompensas.

4.° União admiravel e milagrosa, que Jesu-Christo, exaltado ao mais alto dos Ceos, não cessa de produzir em nós, sem comtudo sahir da morada da sua gloria. Elle a exige de seu Pai em quanto Homem-Deus, chefe e primogenito dos filhos dos homens; porque a sua humanidade santa está pessoalmente unida ao Verbo de Deus, e os meritos desta sua humanidade teem um valor infinito na dignidade de sua pessoa; de sorte que os dons excellentes das virtudes, as graças actuaes, a infusão dos habitos santificantes, que formam o caracter dos filhos, e fundamentam o titulo de coherdeiros, Deus os produz no homem pela operação de sua Omnipotencia, logo que estes favores lhe são pedidos por seu Filho; e todas as vezes que, nos sacramentos instituidos pelo Homem-Deus, elle percebe os signaes ou as expressões da vontade de Jesus.

5.° União intima, supposto que moral, e por isso tam tremenda para os peccadores, como vantajosa para os justos. Por quanto, se as virtudes e boas obras do justo adoptado, se tornam, por effeito da união dos membros com a cabeça, a gloria e o triumpho de Jesu-Christo; os vicios, pela rasão contraria, e as acções vergonhosas do peccador christão, tornam-se, em um sentido que nos horrorisa, a confusão de Jesu-Christo em um de seus membros; e merecem, por consequencia, um novo inferno.

6.° União que, contrahida que seja, sem nenhum de nossos meritos precedentes, é tam constante, da parte do Filho de Deus, como fragil da nossa; pois se rompe ou sustenta, affrouxa ou estreita, destroe ou repara, segundo o fiel adoptado usa bem ou mal, com mais ou menos frequencia, dos meios que elle lhe fornece, e da liberdade que lhe concede. O' meu Deus! quanto o homem é grande em Jesu-Christo!

Explicada a natureza da nossa união com o novo Adam, passemos a ver porque meios se realiza. Recordemo-nos que o primeiro Adam, representando todo o genero humano, submetteu o seu espirito, o seu coração, o seu corpo ao peccado, e se tornou um homem de peccado. Participando da sua vida, deste sangue, e desta carne de peccado, é que nos tornamos herdeiros da sua culpa,

e das consequencias della. O segundo Adam sujeitou o seu espirito, o seu coração, o seu corpo a Deus; foi o Homem-Deus: participando de sua vida, de seu sangue, de sua carne santa e divina, é que nos tornamos herdeiros da sua santidade e divindade.

A união do genero humano com o primeiro Adam era uma união completa; porque a especie humana encerrava-se toda em Adam. Por isso é que decahio em todas as partes do seu ser, no espirito, no coração e no corpo.

A união do genero humano com o segundo Adam devia ser, e tem com effeito sido, uma união completa; união d'espirito, de coração e de corpo. Tem-se verificado esta união da mais excellente maneira na pessoa Divina de Nosso Senhor; assim que, na sua adoravel pessoa, o homem foi perfeito em todas as partes do seu ser; no espirito, no coração, e no corpo.

Postos estes grandes principios, que nos cumpre fazer, para sermos regenerados individualmente? *Cumpre*, responde o grande Apostolo, *que tenhamos a imagem do homem celeste, assim como temos a imagem do homem terrestre.* (1) Cumpre que nos façamos filhos do novo Adam, pela communicação de sua vida. (2) Assim como o velho Adam, accrescenta S. Bernardo, se diffundio no homem todo, e o contaminou todo; assim tambem cumpre que Jesu-Christo obtenha o homem todo; pois que o creou todo, e o remio todo, e o glorificará todo. (3)

Porem, como nos faremos filhos do novo Adam? Unindo-nos a elle por tres vinculos misteriosos, que se chamam a FE', a ESPERANÇA, e a CHARIDADE, isto é, pelo espirito, pelo coração e pelo corpo.

Estas tres grandes virtudes, como já mostramos com S. Agostinho e S. Thomaz, e como mostraremos em todo o decurso do nosso Catecismo, são as tres condições que nos iniciam na vida de

(1) 1.ª Cor. XV, 49; 2.ª Cor. III, 18; Hebr. II, 14.

(2) Veja-se a nota de S. Thomás, p. XXXVII da Introd.

(3) Sicut fuit vetus Adam effusus per *totum* hominem et *totum* occupavit; ita modo *totum* obtineat Christus, qui *totum* creavit, *totum* redemit, *totum* et glorificabit. *Serm. do Adv.* n. 2 e 3.

Jesu-Christo; as tres bases, em que se fundamenta todo o Christianismo; as tres fontes donde flue e para onde se remonta a Religião toda; porque são ellas os tres actos essenciaes, pelos quaes cooperamos com a graça. (1) E' tempo de explicarmos esta economia da nossa rehabilitação e bemaventurança, tam simples, tam fecunda, e tam sublime. Vamos pois fazer a exposição completa da doutrina christã, exposição perfeitamente vinculada com a fé, esperança e charidade. Nisto seguimos o conselho dos grandes doutores, que ha pouco citamos, e ainda mesmo o exemplo do divino Mestre, que escolheu o intervallo entre a sua Resurreição e Ascensão para instruir a fundo os seus Apostolos em todos os misterios do reino de Deus, ou do Christianismo. Respondamos primeiro a algumas perguntas essenciaes ácerca da fé.

1.° Que é a fé? *A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural, pela qual crêmos firmemente em tudo o que nos ensina a Igreja; porque Deus o disse e elle é a verdade mesma.* Expliquemos esta importante definição palavra por palavra.

A fé é um *dom de Deus;* queremos dizer, que a não podemos ter de nós mesmos, só pelos recursos do nosso espirito, ou só pelos esforços da nossa vontade. A fé é uma esmola, uma graça, que não pode vir senão da liberalidade de nosso Pai celeste. (2)

A fé é uma *virtude sobrenatural*; queremos dizer, que é uma disposição, um habito da alma, que aperfeiçoa a nossa natureza, que a inclina para o bem, e este bem consiste em crer firmemente, sem sombra de hesitação ou duvida. Por uma *virtude sobrenatural*, entendemos, que a fé nos faz crer verdades, que não podemos conhecer pela só luz da rasão, e cujo fim é conduzir-nos á bemaventurança eterna, a que não tinhamos nenhum direito.

Tudo o que nos ensina a Igreja; sendo infallivel a auctoridade que nos ensina as verdades da Reilgião, exige a boa rasão que as admittamos todas igualmente, sem que nos seja permittido escolher, ou aceitar umas, e rejeitar outras.

(1) Veja-se na Introducção, *União do homem com o novo Adam*, p. XXXVI.

(2) Con. Trid. sess. VI, c. 3.

Dizemos *que nos ensina a Igreja*, porque só á Igreja pertence o propor uma verdade, como artigo de fé.

Accrescentamos: *porque Deus o disse.* Com effeito, a Igreja nada inventa, o que faz é manifestar as verdades que Deus lhe confiou.

Emfim: *porque elle é a verdade mesma.* Assim, o fundamento da nossa fé é a veracidade de Deus, que nem se pode enganar a si, nem enganar-nos a nós; de sorte que temos mil vezes mais certeza das verdades da fé do que das cousas que vemos com os olhos, ou palpamos com as mãos, ou crêmos pelo testemunho dos homens.

2.° E' necessaria a fé? Para responder cabalmente a esta pergunta, cumpre saber que ha muitas sortes de fé.

A fé *habitual infusa*, que é o dom e habito da fé, que Deus infunde em nossa alma pelo Baptismo. Esta especie de fé não basta nos adultos, que são obrigados a fazer actos explicitos, e formaes ácerca dos misterios da Religião. *Aquelle que não crê*, diz S. João, *já está julgado.* (1) E não diz: Aquelle que não tem fé, mas aquelle que não crê; o que exprime um acto formal.

A fé *habitual adquirida.* Correspondendo ás graças que nos são concedidas depois do baptismo. Repetindo muitos actos de fé, adquirimos uma nova facilidade de crer, e a esta disposição se chama fé *habitual adquirida.* Ditoso habito que, distinguindo o christão dos que o não são, o faz viver em um mundo superior, ao qual são estranhos o pagão, o mahometano, e o herege: precioso thesouro, que o Christão conserva em quanto não commette algum acto positivo de infidelidade, ou incredulidade. Todavia, esta fé não basta mais que a precedente, para a salvação dos adultos, que são obrigados a fazer actos formaes de fé.

A fé *actual* consiste em exercer actual e formalmente um acto de fé sobre qualquer verdade da Religião. Ensinam os theologos que o Christão é obrigado a fazer actos formaes de fé, implicitos ou explicitos: 1.° quando chega ao uso da rasão; 2.° no fim da vida;

(1) João III, 18.

3.° ao menos uma vez cada mez. Mas devemos notar, que o signal da cruz, a missa ouvida com attenção, a recitação da oração dominical, a aceitação das afflicções e dores, são outros tantos actos implicitos de fé, que bastam para satisfazer a este preceito. (1)

A fé *implicita* consiste em crer as verdades da Religião confusamente e em geral; dizendo por exemplo: creio tudo o que a Igreja crê. Esta fé não basta para a salvação.

A fé *explicita* consiste em crer e conhecer distincta e minuciosamente as verdades da Religião; não somos comtudo obrigados a crel-as e conhecel-as todas com fé explicita, mas só algumas que depois indicaremos.

A fé *interior*, que temos em nós mesmos sem a manifestar por signaes externos; esta fé tambem não basta, porque somos obrigados a prestar testemunho á fé por palavras e obras. (2) E' isto o que se chama a fé *exterior*.

A fé *morta* è aquella que não está junta á graça santificante. Dá-se nos peccadores privados da charidade, mas não da fé; ella não basta para a salvação. *Quando eu tivesse fé bastante para transportar montanhas,* disse S. Paulo, *se não tiver charidade, de nada me aproveitará, não serei nada.* (3)

A *fé viva* é aquella que está animada pela charidade, e junta á pratica de boas obras.

As explicações precedentes respondem claramente á pergunta que fizemos, e nos ensinam duas cousas: 1.° o ter fé é indispensavel á salvação, isto é, á nossa união sobrenatural com Deus no tempo e na eternidade. Nosso Senhor disse formalmente: *Aquelle que não crer será condemnado.* (4) E o Apostolo S. Paulo diz: *Sem a fé é impossivel agradar a Deus. Por isso, a primeira cousa que deve fazer aquelle que quer unir-se ao segundo Adam, é crer nelle.* (5) *Aquelle que tem fé, torna-se filho de Deus e herdeiro de seu rei-*

(1) S. Alph. *Homo apost.* t. 1; Tract. IV, n. 13.
(2) Rom. X, 10—1.
(3) I Cor. XIII, 2.
(4) Marc. XVI, 16.
(5) Hebr. XI, 6.

no. (1) Com effeito, aquelle que crê, sujeita a sua rasão á palavra de Jesu-Christo; recebe as verdades que elle ensina, guarda-as, e dellas faz o fundo da sua intelligencia. As trevas da ignorancia, que herdou do primeiro Adam, dissipam-se por esta luz, que brilha em sua alma. Os seus pensamentos, d'humanos, naturaes, incompletos e falsos que eram, tornam-se completos, sobrenaturaes, verdadeiros e divinos. D'est'arte a sua rasão participa da rasão do mesmo Deus, e o seu espirito se transforma no espirito do segundo Adam. Assim é que o menino toma a pouco e pouco as ideas de seu Mestre, ouvindo as suas lições e crendo na sua palavra. (2) Pelo contrario, aquelle que recusa crer, que recusa por isso mesmo sujeitar o seu espirito á palavra do Salvador, faz-lhe a peior de todas as injurias, pois o considera como illudido ou illusor (3), e fica na ignorancia e nas trevas do velho Adam. — A rasão disto é clara. As verdades da Religião, sendo sobrenaturaes, e por isso superiores á luz do nosso espirito decahido, aquelle que recusa crer no Filho de Deus, que de proposito desceu do Ceo á terra para nos ensinar, a si mesmo se condemna a ignoral-as eternamente. A sua recusa é um crime, porque tendo todos os motivos de crer, nenhuma rasão legitima tem para não crer.

A segunda cousa, que resulta das explicações precedentes, é que não basta ao adulto, para salvar-se, ter a fé humana, habitual, implicita, interior, ou morta; deve ter a fé divina, actual, explicita, exterior e viva.

3.° A fé é rasoavel? Isto é o mesmo que perguntar, se é conforme á rasão crer na palavra de Deus que, sendo como é a verdade mesma, nem se pode enganar a si, nem enganar-nos a nós. Mas, se não é rasoavel crer em Deus, então em quem será rasoavel crer? Cumpre logo duvidar de tudo. Todavia os incredulos

(1) Dedit eis potestatem filios Dei fieri, his qui credunt in nomine ejus. João I, 12.

(2) Ut credatis quia Jesus est filius Dei: et ut credentes, vitam habeatis in nomine ejus. Id. XX, 31.

(3) Censores divinitatis hæretici. *Tertull. lib.* II *contra Marcion.*

creem sem hesitar os mais remotos factos da antiguidade, só pela narração d'alguns historiadores, pelo testemunho de qualquer inscripção ou monumento. E será o christão desarrasoado se, fundando-se no testemunho do mesmo Deus, crer nos factos e verdades attestadas por todos os escriptores sagrados, cridas ha tantos seculos, reconhecidas pelos pagãos, confirmadas pelo sangue de tantos milhões de martires, pela cura sobrenatural de tantos enfermos, pela conversão do mundo inteiro, emfim por mil testemunhas e mil prodigios?

Logo a nossa fé é rasoavel, porque se funda em motivos summamente solidos; é tambem rasoavel em outro sentido, e é que a rasão pode concebel-a com maravilhosa facilidade, e a poucos passos subir até Deus. Mas é este um privilegio exclusivo do catholico; o qual somente tem uma fé rasoavel, o que não succede ao herege ou scismatico, o que é facillimo de provar-se. Tomai para exemplo um menino catholico, ou um catholico simples e ignorante, com tanto que saiba o seu catecismo, e vêde esta analyse da fé. Este menino é catholico, e sabe que é catholico; porque vê o seu parocho, que lhe ensina o catecismo; é a primeira parte da sua analyse. Sabe que o ensino do seu parocho é o mesmo do seu Bispo, pois que o catecismo é por elle escripto; esta a segunda parte da sua analyse. Sabe pelo seu catecismo que o Papa é o chefe da Igreja, e o vigario de Christo na terra. Por isto entende que o seu Bispo está em communhão com o Papa, e com todos os Bispos sujeitos a elle, e que todos os fieis o devem respeitar e obedecer-lhe: esta a terceira parte da sua analyse. D'est'arte, no seu parocho, vê o menino catholico o seu Bispo, o Papa, todos os Bispos do mundo, em communhão com o Papa; emfim, vê a Jesu-Christo mesmo, Deus e Homem verdadeiro, ensinando pelo ministerio que estabeleceu, com uma auctoridade soberana e infallivel.

Porem será rasoavel dizer, que a vista do parocho confirma o catholico na auctoridade infallivel de toda a Igreja? porque emfim o parocho não é toda a Igreja, e ninguem lhe concede a infallibilidade que elle por certo não tem. Assim é; mas, apezar disso, o menino catholico caminha direito ao seu fim. Uma comparação muito natural justificará e illustrará plenamente o meu pensamento.

Ha em França recebedores de contribuição em cada districto. Quando o aldeão vê o recebedor, que vem pedir-lhe a contribuição em que está collectado, não vê elle na sua pessoa a do recebedor geral da provincia, a do ministro da fazenda, e definitivamente a do rei, ainda que nunca o visse, nem provavelmente verá toda a sua vida? Eis ahi uma analyse d'outra especie, e o aldeão julga com acerto. Ora o recebedor de districto não é o recebedor geral de provincia, nem o ministro da fazenda, nem o rei; todavia um só golpe de vista é bastante para perceber n'aquelle recebedor a ordem dos differentes gráos d'auctoridade, até chegar ao rei, á auctoridade suprema.

O mesmo succede com a analyse da fé no menino, ou do catholico pouco instruido. E' uma analyse simples e directa; mas quanto é sabia, luminosa, e demonstrativa!? E' um rasgo da Providencia de nosso Pai celeste, para que, devendo todos unir-se ao segundo Adam pela fé, todos possam fazel-o facilmente, tanto o ignorante como o sabio, tanto o idiota como o homem de intelligencia.

O scismatico e o herege, porem, não podem ter esta vantagem. O scismatico vê sim o seu padre, e o seu Bispo, mas depois não vê mais nada, vê sim ramos, mas ramos separados do tronco; vê um corpo, mas um corpo sem cabeça; vê muitos anneis da cadea, mas o ultimo, o que os deve prender todos a Jesu-Christo, esse é o que não vê. O herege está n'uma condição muito mais inferior ainda. Na verdade, o menino protestante, por exemplo, vê o seu ministro como o catholico o seu parocho; mas não vê mais nada. E' verdade que o seu ministro manda-o para a Escriptura, para a palavra de Deus escripta, mas a Escriptura, para esse pobre menino, é um livro sellado com sete sellos. O pobre não sabe ler, e quando saiba, se acerta d'entender mal a Escriptura, quem o ha-de tirar do erro? Ainda mais, quem lhe dirá que a Escriptura é a palavra de Deus, e não a do homem? Assim é que o catholico pode dar a rasão da sua fé; quando o scismatico e o herege não podem dar nenhuma.

4.° Quaes são os caracteres da fé? A fé deve ter tres grandes caracteres: A firmeza, a universalidade, e a simplicidade. A firmeza consiste em crer nas verdades da Religião sem hesitar, e

com uma seguridade tal, que nada a possa abalar, nem as objecções dos impios, nem as tentações do demonio, nem as incertezas do nosso espirito. Deve ser immudavel como o mesmo Deus, cuja palavra lhe serve de fundamento.

A universalidade, queremos dizer, que a fé deve abranger todas as verdades reveladas por Deus, e insinadas pela Igreja, sem excepção de nenhuma. Nisto é o dizer: Ou tudo ou nada. Com effeito, pois que a auctoridade que insina é sempre a mesma, ha igual motivo para admittir todas as verdades que nos propõe, tanto as que comprehendemos como as que não comprehendemos; tanto as que nos parecem menos importantes, como as que nos parecem importantissimas; tanto as que custam mais a praticar, como as que custam menos.

A simplicidade da fé consiste em crer, porque Deus o disse, sem estar com discussões nem arrasoados; por quanto, se Deus fallou, a que vem o exame? que temos nós com os motivos e rasões das suas palavras? se elle o diz, elle o sabe. Para fazermos idea da simplicidade com que devemos crer na palavra de Deus, tomou um dia o Divino Salvador a um menino, e pondo-o no meio de seus Discipulos, disse-lhes: *Qnem se não sujeitar ao Evangelho com a simplicidade d'um menino, não entrará jamais no reino do Ceo.* (1) Isto diz tudo; e não será esta palavra a condemnação de tantos, que ousam criticar e censurar a Religião, no que é superior á rasão humana, mostrando-se mais philosophos que christãos?

5.° Quaes são as vantagens da fe? A primeira vantagem da fé é dar-nos a conhecer as verdades da ordem sobrenatural; desta ordem que, elevando-nos acima dos sentidos, e da simples rasão, nos faz viver na eternidade da vida e da gloria. A fé tira-nos do espirito a ignorancia em que o peccado o submergira; dissipa as trevas do erro, que as paixões se esforçam continuamente por formar ao redor de nós; põe-nos a coberto de todas as crueis duvidas, e vergonhosas extravagancias, em que se precipita a rasão do homem. Ser-nos-hiam precisos muitos volumes, para referir as con-

(1) Math. XVIII, 3.

tradicções, os absurdos de todos aquelles que, extinguindo em si o facho da fé, só se guiam pelos clarões incertos de sua debil rasão. Interrogai-os sobre tudo aquillo que mais seriamente nos interessa; a existencia de Deus, sua Providencia, a natureza de nossa alma, nossos deveres, já para com Deus, já para com nós mesmos, já para com nossos similhantes; por unica resposta, não vos dirão as mais das vezes senão erros, contradicções e duvidas. (1)

A fé pois é uma luz collocada pelo Salvador nas mãos do homem desgarrado, para o guiar e reconduzir ao caminho do Ceo; é um duplice parapeito, que borda o caminho da vida, para nos livrar dos desvarios, e resguardar das quedas. Que diremos mais? A fé é para a rasão o que o telescopio é para a vista. O que já não podemos ver a olho nú, o telescopio nol-o descobre em novos mundos e novas maravilhas. Que responderia o astronomo se lhe viessem dizer, que o telescopio é contrario á vista? O que elle responder respondemos nós. Por tanto, longe de ser contraria á rasão, a fé lhe serve de luz e apoio.

Outra vantagem da fé, é o abater ella o nosso orgulho. Impondo-nos a obrigação de crer, mostrou-se Jesus, por um modo admiravel, o Salvador do homem. O homem havia prevaricado por orgulho; e para curar esta impetuosa paixão, para lhe domar a furia, submetteu, refreou, captivou Deus o espirito do homem, impondo-lhe o jugo da fé, e obrigando-o a crer verdades que lhe são incomprehensiveis. Por este modo, advertindo-nos a cada instante d'uma extrema fraqueza, colloca-nos no caminho da humildade, e a humildade é o porto seguro da rasão. E' alli que Deus a espera, para se lhe communicar, e atar de novo o primeiro vinculo, rompido pela primeira soberba.

6.° Quaes são os meios d'obter e conservar a fé? Ouvimos todos os dias gente que diz: Eu bem quizera crer; mas não posso. Podeis logo responder-lhes: Não podeis crer, não tendes fé? Que desgraça! O vosso espirito cahio, pois, d'aquelle mundo de

(1) Veja-se, para prova, Hermias, *de irrisione philosophorum*: e Barruel, *Helviennes*.

luzes e verdades em que viveram os Patriarchas, os Prophetas, os Apostolos, os Martires, os maiores genios de todos os seculos? d'aquelle mundo de luzes e verdades, em que vivem ainda as unicas nações civilizadas do globo? Que? não tendes fé, não vos resta no espirito mais que a desoladora duvida? oh, miseria! incerto sobre os vossos deveres, sem consolação nos revezes da vida, sem conforto na perda de parentes e amigos, sem porvir alem do tumulo, sois como o baixel impellido das ondas, sem leme, sem bussola, sem esperança!... que? não tendes fé? ó miseria! ó crime! Que fizestes pois das lições de vossa mãi; das instrucções de vossa primeira communhão? que fizestes dellas? quando perdestes a fé? Acaso foi quando ereis casto, modesto, sobrio, recatado? quando fugieis ás más companhias? quando cumprieis com os vossos deveres? Não, pelo contrario, foi o vicio, foi a devassidão, foi o crime que vos precipitou no maior dos crimes! Não podeis crer? não tendes fé? oh, por vergonha, calai-vos!

Mas, para remediar tam grande mal, para expiar um tal crime, não busqueis raciocinios, buscai a virtude. Convertei-vos na sinceridade do coração. Uma boa confissão, será para a vossa intelligencia o que a operação da catarata é para os olhos do cego: ella vós restituirá em um instante a luz da fé. Se desejaes crer, empregai os meios, elles são certos e infalliveis; eu vol-os digo: O 1.° é a oração. A fé é um dom de Deus; é a elle e só a elle, que a deveis pedir: e elle vol-a promette, se a vossa oração for humilde e perseverante: *Pedi e recebereis*; 2.° o estudo. Não se pode crer o que se não sabe. Por tanto, procurai ler obras, que vos instruam das verdades da Religião; ou interrogai pessoas idoneas, como se faz em pontos de direito, ou de saude, com os jurisconsultos e os medicos; 3.° cumpri com aquelles deveres, que a mesma rasão vos prescreve. Antes de praticardes todos os preceitos do Evangelho, começai por abster-vos dos actos, que a rasão condemna; e por fazer o que ella vos aconselha. Mas sobre tudo, desejai seriamente conhecer e praticar o que Deus quer que conheçais e pratiqueis. Fazei isto, e breve alcançareis o que desejaes. Quem quer os fins, quer os meios.

Quanto á maneira de conservar a fé, por uma parte, cumpre

fugir cuidadosamente das occasiões de a perder, como são a leitura de máos livros, a frequencia d'homens irreligiosos e impios; por outra parte, fazer actos de fé, praticando com disvello tudo o que ella ordena, e evitando com igual cuidado tudo o que prohibe. Não vos esqueça este dito de Rousseau: *Tende a vossa alma em estado de desejar que haja Deus, e podeis contar que nunca duvidareis disso.*

7.° Quaes são os peccados oppostos á fé? Os peccados oppostos á fé são: 1.° a *infidelidade*; é o peccado dos Pagãos e dos Judeos, que recusam crer na Religião; 2.° a *apostasia* ou abjuração externa da Religião; é o peccado daquelles que renegam publicamente da Religião, ou fingem não ser Christãos; 3.° a *heresia*; é o peccado d'aquelles que negam algumas verdades da fé, com conhecimento de causa e contumacia; 4.° a *duvida voluntaria*; é o peccado d'aquelles que, de proposito e deliberadamente, duvidam d'algum dos artigos revelados por Deus e definidos pela Igreja; 5.° a *ignorancia*; é o peccado d'aquelles que, por negligencia, não conhecem as verdades da Religião, que são obrigados a conhecer. (1)

Tal é pois a fé considerada em si mesma. E' um thesouro tam precioso, uma consolação tam grande nos males da vida, que devemos segurar-nos nella de todo o coração, e fugir com disvello a todas as occasiões de a perder, como são os livros e os homens, que propalam doutrinas subversivas. Sirva-nos d'exemplo o proceder de nossos pais. Durante a violenta perseguição, que o cruel Hunneric, principe Ariano, suscitou contra os catholicos, pessoas de todas as idades e condições se fizeram notaveis por sua coragem, e firmeza na fé; mas nada foi tam edificante, como doze meninos do coro, distinctos pela belleza de sua voz, os quaes seguiam aos Confessores, que Hunneric tinha desterrado d'Africa. Os inimigos da Religião sentiam muito perdel-os, e correram apôs delles, para os fazer regressar; mas os generosos meninos não queriam separar-se

(1) Pode consultar-se ácerca dos minlsterios o grande *Tractado da Religião*, de Bergier, t. III, IV e IX; e o Padre Crasset, da *Fé Victoriosa*.

de seus santos Mestres; travaram-lhes dos vestidos, e assim firmes deixavam-se moer ás pauladas; e arrostavam com as espadas nuas, com que os ameaçavam. Por fim os arrancaram á força, e levaram para Carthago; mas nunca conseguiram seduzir um só, nem com caricias, nem com máos tratos. Muito depois da perseguição, eram elles ainda a consolação e a gloria da Igreja d'Africa, estavam na cidade de Carthago, sempre unidos na morada, na mesa, e nos canticos em louvor de Deus. Toda a provincia venerava estes doze meninos como outros tantos Apostolos que, com a lembrança de sua inabalavel constancia, ensinavam a todos os fieis que o verdadeiro Christão deve sacrificar tudo, tudo soffrer, antes que trahir a sua fé e separar-se de seus verdadeiros pastores.

Estes generosos meninos não foram os unicos que deram brilhantes provas de sua affeição á fé, e a seus ministros. O povo, diz um historiador, seguiu os bispos e os padres desterrados, com sirios acesos; e as mãis, levando seus filhos nos braços, os depunham aos pés dos Confessores, exclamando, com os olhos alagados em lagrimas: A' quem nos deixaes, pois não podemos seguir-vos? Quem baptisará nossos filhos? Quem nos dará a penitencia, e nos livrará de nossos peccados, depois do beneficio da reconciliação? Quem nos enterrará depois de mortos, e offerecerá por nós o divino sacrificio? Ah, vós correis ao martirio, e nós ficamos orphãos. (1) Não admira que o povo de Carthago testemunhasse tam vivo sentimento, por lhe arrebatarem os seus padres e os seus bispos. Quando ha Religião e zelo do bem publico, nada se teme tanto como a extincção da fé, e a privação dos salutares soccorros, que nos ella offerece. Ai do povo, se assim o não sente.

(1) Historia ecclesiastica.

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, que se dignou ensinar-nos a tirar proveito da sua Redempção. E' unindo-nos a este novo Adam pela fé, pela charidade, pela santa communhão, que nos tornamos filhos e herdeiros de suas virtudes, e de sua gloria.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *farei muitas vezes actos de fé.*

XVIII.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA FE'.

Objecto da fé. — Misterios em geral. — Tres principaes misterios. — Signal da cruz. — Verdades para crer em particular. — Exposição summaria do Symbolo. — Vantagens e sublimidade do Symbolo. — Historia. — Explicação circumstanciada do Symbolo. — 1.º artigo: suas vantagens. — 2.º artigo: suas vantagens.

Depois de termos tratado da fé em si mesma, cumpre-nos mostrar qual é o seu objecto, isto é, quaes as verdades que devemos crer.

A fé é a primeira virtude theologal, chamada assim, porque o seu objecto immediato é Deus e as verdades por elle reveladas, e definidas pela Igreja. Ora, entre estas verdades algumas ha superio-

res, e incomprehensiveis á nossa rasão, que por isso se chamam *misterios*. Será rasoavel (talvez vol-o perguntem) crer misterios que se não comprehendem? Isto é o mesmo que perguntar 1.° se Deus não sabe mais que o homem, e se não pode obrigar-nos a crer verdades que excedem a capacidade do nosso entendimento? Quem sabe unir duas ideas sabe responder a estas duas perguntas. Demais, quando cremos nos misterios da fé, sob a palavra de Deus, fallando propriamente não sujeitamos a nossa *rasão*, o que sujeitamos é a nossa *ignorancia*. Qualquer homem de bom siso vos dirá que á fraqueza da nossa intelligencia devem prevalecer as provas invenciveis e positivas da revelação, da mesma sorte que o telescopio do astronomo prevalece á fraqueza dos nossos orgãos, para conhecer os mundos superiores, aonde a vista não alcança.

E' perguntar 2.° se devemos crer em alguma cousa, seja o que fôr; porque de facto, a vida que vivemos é um profundo misterio. Acima, abaixo, dentro e fora do homem, é misterio tudo: nós não comprehendemos o *tudo* de *nada*. Por exemplo, comprehendeis acaso como e porque é que o fogo queima, o ar nos faz viver, a luz nos allumia? Comprehendeis como é que um grão de trigo, lançado á terra, se multiplica? Sabeis o que é que produz nos animaes o maravilhoso instincto que os governa? E comtudo succedeu-vos algum dia, succedeu jamais a algum homem ter a menor duvida ácerca destes factos? Credes nelles, supposto os não comprehendais melhor do que eu, ou do que qualquer grande sabio. Pois logo, ó pobre soberbo! que te não comprehendes nem a ti, nem a essa poeira que pisas com os pés, quem te deu a fiducia de não admittir senão o que podes comprehender! Em toda a natureza não ha senão misterios; e accrescentamos que, se os não houvesse na Religião, ella seria falsa; porque se a Religião é verdadeira, vem de Deus; mas, se Deus se digna revelar-nos o que elle é em si mesmo, o que tem feito e o que quer fazer de nós, é impossivel que essas verdades não sejam misterios; porque o ser infinito não pode ser comprehendido pelo ser finito, nem em sua natureza, nem em seus decretos, nem em seu procedimento.

Os misterios do Christianismo, objecto legitimo da fé para todo o homem rasoavel, merecem alias todo o seu reconhecimento e

gratidão. São innumeraveis e incessantes seus beneficios, tanto para a sociedade, como para o individuo: 1.° refream a vã curiosidade do nosso espirito, pondo a coberto de seus exames e sophismas as verdades que servem de fundamento á rasão e á moral. Obrigando-nos a crer em certos dogmas, Deus diz ao espirito do homem, como disse ao Occeano: *Até aqui chegarás, mas aqui quebrarás o orgulho de tuas empoladas ondas.* (1) Dir-se-ha por ventura que é um mal o pôr Deus limites ás ondas do mar? Assim, revelando-nos o misterio d'um Deus unico, infinito, incomprehensivel, creador, e conservador do universo; impondo-nos a obrigação de crer nelle, o Christianismo desterrou da imaginação dos povos a multidão de divindades grutescas, que se lhe afiguravam por toda a natureza. Ora, dissipando o Christianismo a idolatria, dissipou os vãos terrores, as superstições, os crimes que nasciam desse culto, que ainda hoje são inseparaveis delle, pois estam sempre promptos a renascer nos animos timoratos.

2.° Os misterios do Christianismo servem de base a todas as virtudes. Verdade é que nas mais falsas religiões tem havido *misterios*, mas longe de inclinarem os homens á virtude, serviam d'alimento e modelo ao crime. Os misterios do Christianismo, pelo contrario, persuadem a virtude e fundam a moral, suggerindo motivos de amor e gratidão para com Deus, de charidade para com o proximo, de vigilancia para com nós mesmos. Vamos tornar palpavel esta verdade tam pouco conhecida.

O augusto misterio da Santissima Trindade, por exemplo, é o primeiro objecto da fé Catholica. Ora, nada mais efficaz, para elevar o espirito, que o conhecimento deste dogma fundamental; nada mais capaz d'inflammar o coração, que as lições d'alta moral, que delle fluem. Ha um Deus, não ha senão um; é infinito, eterno, omnipotente; que creou e governa tudo o que existe; ha tres pessoas em Deus, que são: O Pai, o Filho, e o Espirito Santo; todos são igualmente Deus, mas não são mais que um só Deus, tendo todos a mesma natureza e a mesma divindade. O Padre

(1) Job, XXXVIII, 11.

Eterno, omnipotente, creador e conservador do mundo, não procede de ninguem.

O Filho, a sabedoria eterna, o esplendor do Pai, procede só do Pai. Este Filho de Deus, segunda pessoa da Santissima Trindade, foi o que incarnou e se fez homem. Este Homem-Deus, que é Jesu-Christo, tem duas naturezas; a natureza divina e a natureza humana; e igualmente duas vontades, a vontade divina e a vontade humana; mas não ha nelle senão uma só pessoa, a pessoa do Filho de Deus; da mesma sorte que em cada um de nós ha duas naturezas, a natureza corporal e a natureza espiritual, o corpo e a alma, e comtudo não somos mais que uma só pessoa. Jesu-Christo soffreu em seu corpo, e em sua alma, foi crucificado para nos remir; foi morto e sepultado, e resuscitou ao terceiro dia por sua propria virtude; subio triumphante ao Ceo, onde goza do mesmo poder que o Pai e o Espirito Santo, e donde ha de vir no fim dos seculos, a julgar os vivos e os mortos.

O Espirito Santo, terceira pessoa da Santissima Trindade, amor substancial do Pai e do Filho, procede d'um e d'outro. O Espirito Santo não foi creado, nem gerado; a fé só nos diz que elle procede; é o Santificador, a vida de nossa alma; a qual, sem elle, está no estado de morte; sem a sua graça nada podemos fazer para a nossa salvação; assiste á Igreja incessantemente.

Tal é o dogma da fé, no que toca ao misterio da Santissima Trindade e ás operações attribuidas a cada uma das tres divinas Pessoas. Vêde a importancia e as vantagens deste ponto fundamental: se tirardes ao Symbolo Catholico o dogma da Trindade, todo o edificio da Religião christã desaba; mas fora do Christianismo não ha Religião; logo se a Religião é a base da sociedade, devemos concluir que o misterio da Santissima Trindade, que é o fundamento da Religião, é tambem o eixo do universo.

Alem disso, este dogma fundamental da nossa crença não se nos offerece como um artigo de fé puramente especulativa, mas sim como um objecto d'admiração, amor e gratidão; como um divino modelo da charidade sublime que deve haver entre nós, e que deve chegar a produzir a *unidade*. Tal é o desejo do Redemptor: Que elles sejam *um* entre si, diz elle, como as tres divinas Pessoas são

um entre si. (1) Com effeito, o misterio da Trindade mostra-nos Deus sempre d'accordo comsigo mesmo, eternamente feliz em sua propria felicidade; e todavia sempre attento á nossa bemaventurança; que é o fim unico de todos os seus designios e de todas as suas obras.

O Pai creou o mundo para sua gloria e nossa felicidade; de suas innumeraveis creaturas, nem uma só deixou de submetter ao nosso imperio e destinar aos nossos usos ou prazeres. Depois de ter creado o mundo para nós, conserva-o e governa-o para nós, pelas leis da sua carinhosa Providencia.

O Filho, consubstancial ao Pai, dignou-se fazer-se caução do homem culpado, afim de o subtrahir ao justo castigo que tinha merecido, e restituir-lhe a bemaventurança que perdera. Para isto, aprouve-lhe revestir-se da nossa carne e das nossas fraquezas, habitar entre nós para nos servir de mestre e modelo; emfim, quiz supportar a morte de cruz.... ó prodigio de bondade! — E este divino Senhor ainda desce do ceo, e se dá todos os dias, sob a forma d'um alimento familiar, afim de se unir mais estreitamente a seus irmãos!

O Espirito Santo, amor essencial do Pai e do Filho, depois de ter fallado aos homens pelos Prophetas, nos foi enviado para esclarecer-nos e instruir-nos. Communicando-se pelos Sacramentos, opera em nós pela sua graça, e preside ao ensino da Igreja. Estas ideas são não só grandes e sublimes, são tambem tocantes e consoladoras; elevam a alma ao mesmo tempo que a enternecem. Deus, grande como é, occupou-se de mim desde toda a eternidade; todo o seu ser se appropriou, para assim dizer, aos meus usos. Supposto seja eu fraco e peccador, sou comtudo a seus olhos um ente precioso. Elle é não só meu creador e meu senhor, meu bemfeitor e meu Pai na ordem da natureza; é tambem meu Salvador na ordem da graça, meu consolador, amigo intimo e inseparavel da minha alma, meu ultimo fim, minha recompensa eterna. Elle me ordena a virtude, mas ajuda-me a pratical-a; dá-me o exemplo, e mostra-

(1) S. João, c. XVII.

me de longe a recompensa: que admira pois que tal doutrina tenha produzido Santos?

Destas tocantes ideas nascem os sentimentos d'humanidade, de charidade, de fraternidade. Apesar do imperio das paixões, ainda estes sentimentos resplandecem no Christianismo. Foram elles que produziram essa multidão d'instituições uteis, de que nenhuma outra Religião nem ainda concebeu a idea. O impio (1), que perguntava de que serviam ao mundo, e á socidade civil, o dogma da Trindade e os outros misterios do Christianismo, dava uma triste prova de seu pouco siso e de sua irreflexão. (2)

Acabais d'ouvir a explicação não só do misterio da Santissima Trindade, mas tambem do misterio da Incarnação e da Redempção, triplice fundamento do Christianismo; fundamento que o homem deve crer e conhecer distinctamente para salvar-se. Nosso Senhor, para que nenhum de seus filhos jamais os esqueça, estabeleceu um signal habitual e facil, que os recorda todos os dias ao sabio e ao ignorante, ao menino e ao velho: E' o *signal da cruz*, chamado com rasão o signal do christão; porque nos distingue dos Judeos, dos Mahometanos, e dos Idolatras.

Ora, todos sabem que o signal da cruz se faz de duas maneiras. A primeira, fazendo com o dedo polegar uma cruz na testa, outra na boca, e outra no peito; é assim que o faz o Padre, e que os fieis o devem fazer no augusto sacrificio da missa, á leitura do Evangelho. O rosto é a séde do pudor; córa quando ha motivo de confusão. Faz-se o signal da cruz no rosto, para mostrar que nos não envergonhamos de ser christãos, e obrar como christãos. A boca é a séde da palavra; faz-se o signal da cruz na boca, para mostrar que estamos promptos a confessar a nossa Fé. E' no peito que reside a vontade e o amor; faz-se o signal da cruz no peito, para mostrar que cremos sinceramente e amamos verdadeiramente o que confessamos com a boca.

A segunda maneira de fazer o signal da cruz é levar a mão

(1) Rousseau, *Cartas da Montanha*, p. 34.
(2) Bergier, t. IV, p. 9.

primeiro á testa, depois ao peito, d'ahi ao hombro esquerdo, e por ultimo ao hombro direito; pronunciando ao mesmo tempo estas palavras: *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.* Assim damos a entender que cremos e adoramos a unidade de natureza nas tres Pessoas da Santissima Trindade; e o signal da cruz, que traçamos sobre nós, pronunciando aquellas palavras, mostra que cremos que o Filho de Deus se fez homem; que morreu n'uma cruz, para nos remir; que somos do numero de seus Discipulos; e renovamos as promessas, contrahidas no baptismo, de o servir com amor e fidelidade. E' por isso que devemos sempre fazer este signal com summo respeito e recolhimento; e tambem com summa confiança.

De facto, o signal da cruz é omnipotente para afugentar o demonio, nosso mortal inimigo, e alcançar-nos a protecção de Deus. Pela cruz foi o demonio vencido; e ao ver este signal foge atterrado. Este anjo rebelde corrompeu todas as creaturas, e com ellas armou outros tantos laços ao homem decahido. E' por isso que a Igreja faz o signal da cruz sobre as cousas, que quer purificar e ei pregar em seus usos. Gira incessantemente em redor de nós este leão bramidante; e é por isso que os primeiros christãos faziam tantas vezes o signal da cruz: « No trabalho ou no descanço, diz Tertulliano, entrando e sahindo, vestindo-nos ou calçando-nos, ao levantar da cama, ao ir para a mesa, de dia e de noute, fazemos incessantemente em nossa fronte o signal da cruz. » (1) Nada mais profundamente philosophico, do que este costume. Façamos pois muitas vezes, a exemplo de nossos pais, o signal da cruz; sobre tudo ao deitar e levantar da cama, antes de começar acções importantes, nas tentações e nos perigos. Fazer o signal da cruz com devoção e piedade, é tornar-nos inviolaveis aos assaltos do corruptor; ou reparar as brechas, que abrio em nossa alma, restabelecendo nella a imagem da Santissima Trindade, á similhança da qual fomos creados. Fazer este signal sobre as creaturas é expulsar dellas a maligna influencia do demonio, tam perigosa á saude da al-

(1) Coroa do soldado, c. 3.

ma, como á do corpo; influencia que é especialmente para temer, quando entramos em intima communicação com as creaturas. D'aqui vem um facto, alias inexplicavel; a saber, que todos os povos, ainda os mesmos Pagãos, instruidos pela tradição, jamais deixaram de fazer orações sobre as creaturas, no momento de se pôrem em immediata relação com ellas pela manducação. Por tanto, não só porque devemos ser gratos a Deus, que nos fornece a comida, mas tambem pelo intimo conhecimento da natureza decahida, devemos fazer o signal da cruz antes e depois da mesa.

O signal da cruz foi-nos ensinado pelos Apostolos, e aos Apostolos pelo mesmo Jesu-Christo, como nol-o assegura uma tradição constante. Desde os primeiros seculos foi este signal usado sempre, em todas as Igrejas do mundo. (1) Nem temos que admirar-nos disto, quando soubermos que maravilhoso poder quiz o Salvador que este signal tivesse. E' certo que o signal da cruz, feito com fé e piedade, tem o poder d'expulsar os demonios e operar milagres. As obras dos SS. Padres não nos deixam duvida a este respeito. Ouçamos alguns: Lactancio refere que o imperador Maximiano, estando no Oriente, trabalhava por conhecer o porvir, mandando immolar victimas e consultar suas entranhas, para alli achar indicios das cousas futuras. Um dia, que se entregava a esta superstição diabolica, alguns soldados christãos, que estavam presentes, fizeram em sua fronte o signal da cruz. Para logo os demonios se pozeram em fugida, e ficou o sacrificio sem nenhum resultado. Tremeram os sacerdotes idolatras, por não poderem descobrir nas entranhas das victimas os costumados signaes; immolaram novas, mas sem nenhum proveito.

S. Gregorio Nazianzeno, no seu discurso contra Juliano Apostata, refere o seguinte caso: Um dia, descia Juliano a um templo subterraneo, inaccessivel ao vulgo, e no qual se temia entrar.

(1) *Veja-se* Tertulliano acima citado. Lactancio, *Institut. dio. liv.* IV, c. 26. Basilio, *Do Espirito Santo,* c. 25. Gregorio de Nyssa, *Vida de S. Gregorio Thaumaturgo,* t. II, p. 980. Chrysost. *Homil.* LV, *sobre S. Math.* S. Agostinho, *Cidade de Deus, liv.* XXII, c. 8. S. Ignacio Martir, *Epistola aos Philip.*

Levava elle comsigo um magico famoso. O imperador, apenas entrou, possuio-se de medo. Ouviram-se gritos desconhecidos e pavorosos; um fumo negro encheu o recinto, e espectros de fogo se lhe apresentaram diante. Atterrado ao vêr tam estranho espectaculo, porque era já idoso quando abraçou a idolatria, recorreu como por instincto ao signal da cruz; servindo-se no seu pavor desta arma omnipotente que pretendera quebrar. O signal da cruz mostrou sua virtude; fugiram os demonios, e desvaneceram-se os terrores de Juliano. Mas eis um novo milagre. Quer elle continuar suas sacrilegas superstições; tornam os terrores, reapparecem os monstros infernaes. Faz outra vez o signal da cruz, e outra vez espavoridos tomam a fuga os demonios.

Não é só para afugentar os espiritos malignos, mas tambem para curar as doenças, e preservar-nos dos perigos, que ameaçam nosso corpo, que o adoravel signal da nossa Redempção tem omnipotente virtude. Os Padres da Igreja fornecem-nos provas authenticas a este respeito. Um homem insuspeito de credulidade ou pusilanimidade, S. Agostinho, conta, que certa mulher de Carthago, chamada Innocencia, tinha um cancro, que os medicos declaravam incuravel. São as formaes palavras, continua o S. Doutor, do medico que a tratava, e que era amigo intimo da minha familia. Desesperando dos homens, tinha esta mulher posto em Deus toda a sua esperança. O Senhor dignou-se recompensar sua confiança e sua fé. Advertio-a em sonhos que fosse á Igreja em vespera de Pascoa; que se apresentasse no baptisterio das mulheres, e que pedisse á primeira que se baptizasse, que lhe fizesse o signal da cruz sobre a ferida. Obedeceu ella, e logo ficou sã. Quando veio o medico, achou-a perfeitamente curada; e pediu-lhe, extremamente admirado, que lhe dissesse de que remedio tinha usado. Contou-lhe ella o caso com muita candura. Eu cuidava, respondeu o medico, que me dirieis alguma cousa extraordinaria. E logo depois accrescentou: Que admira que o Christo curasse um cancro, elle que resuscitou um morto de quatro dias? (1)

(1) Cidade de Deus, liv. XXIII, c. 8.

Conta-se na vida de S. Bento, que alguns malvados, cujos vicios e soberba não podia supportar a virtude e santa firmeza d'aquelle servo de Deus, resolveram livrar-se delle. Com este intento envenenaram um copo de vinho, e lh'o apresentaram, para que bebesse. Fiel aos usos e practicas dos verdadeiros christãos, que nunca tomavam alimentos sem antes os benzer e dar graças (1), fez S. Bento o signal da cruz sobre o copo, e no mesmo ponto se fez pedaços.

S. Antão, estando no deserto, soffria frequentes e terriveis ataques dos demonios. Estes espiritos malignos appareciam-lhe algumas vezes sob mil horrendas formas. Ria-se o Santo da impotencia delles, e para os ver fugir, não fazia mais que mostrar-lhes o signal da cruz. Quando instruia a seus discipulos dos meios mais efficazes de repellir as tentações do demonio, dizia-lhes: Affiança-vos que Satanaz teme as orações, os jejuns, a pobreza voluntaria, a misericordia e humildade; porem o que mais teme é o amor ardente de Jesu-Christo. Para o desarmar e pôr em fugida basta o signal da cruz.

Nada nos seria mais facil do que amontoar exemplos da efficacia do signal da cruz. Os que citamos bastam para fortalecer a nossa fé e inspirar-nos o mais profundo respeito ao augusto signal da nossa salvação. Desgraçado do christão que o não faz, opprobrio ao que se envergonha de o fazer. (2)

(1) Porro, cum in mensa sederis, coeperisque frangere panem, ipso ter consignato signo crucis.... gratias age. *Athan. de virginitate.... n. 13.*

(2) Ne ergo Christi crucem erubescamus, sed si quis alius abscondat, tu palam ad frontem obsignato, ut dæmones regium signum intuentes, tremuli procul aufugiant: Signo autem isto utere, tum edens ac bibens, tum sedens ac cubans, de lecto surgens, loquens, ambulans, et ut semel dicam, in omni negotio... Non pudeat igitur nos crucifixum confiteri, sed in fronte confidenter signaculum crucis digitis imprimatur, et in aliis omnibus crux fiat: in panibus comedendis, et in poculis bibendis, et in egressu et ingressu, ante somnum, recumbendo et surgendo, enundo et quiescendo. Magna hæc custodia, quæ propter pauperes gra-

Certa pessoa, em uma sociedade bastante numerosa, acanhou-se de fazer o signal da cruz diante d'um estrangeiro, em occasião que era costume fazer-se. Um Padre cheio de zelo, reparando nisto, lhe exprobrou sua cobardia, e pouco amor a Jesu-Christo. Como assim? lhe disse elle, Jesu-Christo não se envergonhou de morrer na cruz, para vos remir; e vós tendes pejo de fazer o signal augusto da vossa Redempção! Tomai sentido, que se vos envergonhaes de Jesu-Christo diante dos homens, elle se envergonhará de vós diante de seu Pai.

Alem dos tres grandes misterios da Trindade, Incarnação e Redempção, outras verdades ha, de que devemos ter particular conhecimento, e fé explicita; taes são a immortalidade da alma, e a eternidade de penas e recompensas. São tambem objecto da fé todas as verdades reveladas por Deus, e definidas pela Igreja; se bem que o conhecimento claro e distincto dellas não seja tam rigorosamente necessario, como o dos dogmas de que acabamos de fallar. Todas estas verdades, todas as que somos obrigados a crer e conhecer em particular, conteem-se, ao menos na substancia, no Credo, ou Symbolo dos Apostolos; o qual agora passaremos a explicar.

Nos quarenta dias que Nosso Senhor esteve na terra com seus Apostolos, depois da sua Resurreição, ensinou-lhes a fundo os meios porque todos os homens se deviam unir a elle, afim de participarem da sua Redempção. Não se contentou o Salvador com lhes dizer em geral: Aquelle que crê será salvo; mas ensinou-lhes o que é preciso crer, e os encarregou de o annunciar a todas as nações. Obedecendo a seu divino Mestre, composeram um resumo da sua doutrina, chamado por isso o *Symbolo dos Apostolos.* Redigiram-no, pois, antes de se separarem; e o levaram cada um na sua mis-

tis datur: sine labore propter infirmos, cum a Deo sit hæc gratia signum fidelium, et timor dæmonum: triumphavit enim de illis in hoc signo. Ostenta illud audacter, quando enim viderint crucem recordantur Crucifixi. Metuunt enim qui contrivit capita draconis. Neque propterea quod est gratuitum condemnas hoc signaculum; sed ideo magis venerare benefactorem. Cyrill. *Hieros. cathech.* IV, n. 10 e 18.

são particular, para que todos os Christãos tivessem a mesma fé, e soubessem desde logo as verdades fundamentaes da Religião. (1)

Assim, a bem dizer, não ha na Igreja senão um Symbolo, que é o dos Apostolos, supposto se contam quatro: O Symbolo dos Apostolos, propriamente dito; o Symbolo de *Nicea*, que é o mesmo dos Apostolos, ao qual o Concilio de Nicea, convocado em 325, accrescentou algumas explicações, para confundir os Arrianos, que negavam a divindade de Nosso Senhor. Por exemplo, no segundo artigo, o Concilio diz: « Crêmos em um só Senhor Jesu-Christo, Filho unico de Deus, gerado do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro; gerado e não feito; *consubstancial*

(1) Eis o que diz Ruffino na sua exposição do Symbolo, que se acha nas obras de S. Cypriano: « Symbolum dici potest et indicium et collatio, hoc est quod plures in unum conferunt. Id enim Apostoli fecerunt in his sermonibus, in unum conferendo quod unusquisque senserit: indicium autem per quod agnosceretur ille qui Christum vere secundum apostolicas regulas prædicaret. Proinde discessuri ad prædicandum, istud unanimitatis et fidei suæ indicium posuerunt, ut si quis occurreret forte de quo dubitaretur, interrogatus symbolum agnosceretur an esset hostis an socius: quemadmodum symbola quædam vel secreta verborum signa militibus ad eos dignoscendos traduntur. »

Similia apud Maximum Taurinensem in homil. *de traditione ac expositione symboli.*

A'cerca da necessidade do Symbolo, S. Thomas exprime-se assim: « Necessarium fuit fidei veritatem in unum colligi, ut facilius posset omnibus proponi; ne aliquis per ignorantium fidei a veritate deficeret. Et ab hujusmodi sententiarum fidei collectione nomen symboli est acceptum... veritas fidei in sacra Scriptura diffuse continetur et variis modis et in quibusdam obscure; ita quod ad eliciendum fidei veritatem ex sacra Scriptura requiratur longum studium et exercitium, ad quod non possunt pervenire omnes illi quibus necessarium est cognoscere fidei veritatem, quorum plerique aliis negotiis occupati, studio vacare non possunt, et ideo necessarium fuit ut ex sententiis sacræ Scripturæ aliquid manifestum summarie colligeretur, quod quidem non est additum sacræ Scripturæ, sed potius ex sacra Scriptura sumptum. *Quæst.* 1 *de Fide*, art. IX.

ao Pai; por quem tudo foi feito. » O Symbolo de *Constantinopola*, que é da mesma sorte o dos Apostolos; só com a differença de ser desenvolvido contra os Macedonios, que negavam o Espirito Santo, pelo Concilio convocado em 381, que diz no nono artigo: « Tambem crêmos no Espirito Santo, Senhor e Vivificador, que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho. » As palavras: Que procede do Pai e do Filho foram introduzidas pela Igreja, contra os erros dos Gregos relativos á processão do Espirito Santo. O mesmo succede com aquellas palavras: Creador das cousas visiveis e invisiveis; oppostas aos erros dos Manicheos. Mas em tudo isto não ha addição, mas tam somente explicação. Emfim o Symbolo de *S. Athanasio*, que é o resumo da doutrina deste grande defensor da Igreja, e que explica admiravelmente os misterios da Trindade e Incarnação.

O Symbolo compõe-se de doze artigos; e pode, segundo alguns doutores, dividir-se em tres partes: a *primeira* ensina-nos o que devemos crer do Pai; a *segunda*, o que devemos crer do Filho; a *terceira*, o que devemos crer do Espirito Santo. A obra da creação attribue-se ao Pai: *Creio em Deus Padre, Todo-Poderoso, Creador do Ceo e da Terra.* A obra da Redempção attribue-se ao Filho: *E em Jesu-Christo, um só seu Filho, Nosso Senhor*, etc. A obra da Santificação attribue-se ao Espirito Santo: *Creio no Espirito Santo, na Santa Igreja Catholica*, etc. Supposto se attribua ao Pai a obra da creação; ao Filho, a da Redempção; ao Espirito Santo, a da Santificação; todavia, são estas obras communs ás tres pessoas.

Segundo outros theologos, o Symbolo divide-se tamsomente em duas partes: uma, composta dos primeiros oito artigos, ensina-nos a conhecer a Deus, *Nosso Pai*; a outra, composta dos quatro ultimos, ensina-nos a conhecer a *Igreja, Nossa Mãi.*

O Symbolo não só nos dá, ácerca de Deus e da Igreja, aquelle conhecimento ingenuo e sublime, que tanto exalta a intelligencia dos povos Christãos; senão que tambem nos instrue do que respeita ao homem, e ao mundo, com uma exactidão, que fará eternamente desesperar a todos os fazedores de systemas. Com effeito, o Symbolo ensina-nos, *a respeito do homem*, que elle foi creado por Deus, que é livre nas suas acções, por consequencia, que tem uma alma

espiritual; que elle peccou; que Deus o remio, e que virá no fim dos seculos, tomar exacta conta dos meios que lhe deu, para se approveitar da sua Redempção; que os sagrados laços da charidade nos unem, e fazem de todos os Christãos membros d'um só e mesmo corpo; que todos temos os meios de conservar a nossa união com o segundo Adam, e com nossos irmãos; ou de restabelecer esta união, se o peccado a romper; que todos resuscitaremos, para vivermos eternamente felizes ou desgraçados, segundo as nossas obras.

A respeito do mundo, ensina-nos o Symbolo, que foi creado por Deus; que é governado por uma Providencia universal, suave e infallivel em suas leis; e que elle terá fim.

Para apreciar quanto é sublime a simplicidade do Symbolo-Catholico, reparai como descreve a largos traços a historia do homem e do mundo! notai como cada um de seus artigos reduz a pó um sem numero de sistemas absurdos, ruminados pelos philosophos pagãos, ácerca de Deus, do homem e do mundo; e resuscitados, com tam pouca vergonha, pelos impios modernos! Cada palavra é um raio de luz, que dissipa uma parte das trevas, em que a rasão do homem ficou submersa depois da queda original; e a reunião de todos estes raios diversos produz o sol da verdade, ante a qual desapparecem todas as trevas, como as sombras da noute diante do astro do dia. Pedimos a todos os homens de boa fé, que examinem o Symbolo catholico com imparcialidade, e que nos digam se é possivel haver ahi cousa mais completa, veneravel, util, e consoladora? A elle é que o mundo moderno deve as suas crenças, as suas luzes e os seus costumes. Quem dirá, pois, que os misterios são inuteis, ou contrarios á rasão!

A verdade do Symbolo catholico faz-se de tal modo sentir que, quando nossos pais na fé o oppunham aos erros dos pagãos, os juizes, confundidos, nem já ousavam responder; contentavam-se com empregar a logica dos tyrannos; pronunciavam a sentença de morte. Um menino de sete annos, sendo trazido perante o presidente Asclepiades, perseguidor dos Christãos: « Quem es tu? lhe perguntou o juiz. — Eu sou Christão catholico, » respondeu o menino, e logo lhe recitou o Symbolo, e o mais que aprendera na cathechesis.

Irritou-se o tyranno com esta ingenua profissão de fé; mas sem dar mostras da sua colera, mandou chamar a virtuosa mãi do menino, e na sua presença o açoutaram com tanta crueldade, que o pozeram todo alagado em sangue. Tam horrivel espectaculo fez rebentar as lagrimas a todos; mas o bemdito menino, ao passo que o dilaceravam, confessava a Jesu-Christo, em quanto a mãi lhe offerecia o sacrificio deste seu charo filho, com uma constancia, que fazia pasmar os Pagãos. O pequeno martir, olhando com ternura para sua piedosa mãi, disse-lhe: « Eu tenho tanta sede! » — a mãi respondeu-lhe: « Filho, tem paciencia por mais um instante, que em breve chegarás á fonte da vida, e Jesu-Christo te dará a beber d'uma agua viva, que te saciará para sempre. » Asclepiades, ardendo em raiva, por ver a heroica firmeza da mãi e do filho, mandou decepar a cabeça ao joven athleta, cuja fé não pode ra vencer. Sua mãi o tomou nos braços, imprimio-lhe um derradeiro beijo, tam religioso como terno, e entregando-o ao algoz, disse-aquellas palavras do Propheta: *E' preciosa diante do Senhor a morte dos seus Santos!* (1)

Não basta porem admirar o Symbolo, cumpre entendel-o. Passemos pois a explicar seus differentes artigos; e primeiramente: chamam-se artigos as verdades do Symbolo, por uma comparação que frequentemente fazem os Padres da Igreja. Do mesmo modo que os membros do corpo se separam e distinguem por *articulações*, assim, com muita rasão e propriedade, se chamam *artigos* as verdades da fé, que particular e distinctamente devemos crer. Eis aqui o primeiro artigo:

Creio em Deus Padre, Todo-Poderoso, Creador do Ceo e da terra. O que dissemos da obra da Creação, na primeira parte do Catecismo, dispensa-nos de fallar largamente sobre este artigo. Eis o que significa:

Creio. — Crer não é o mesmo que pensar, imaginar, conceber uma opinião; crer, neste lugar, significa: Tenho por verdade, tenho por certo, tudo o que se contem no Symbolo; de tal sorte que

(1) Livro da Prudencia.

estou prompto a subscrevel-o com o proprio sangue. A palavra crer subentende-se, e deve supprir-se pelo pensamento antes de cada artigo do symbolo.

Em Deus, e não *nos deuses*. Esta só palavra, pela qual professamos a unidade de Deus, pulverisou a idolatria, e mudou a face do Universo. Esta dicção *Creio em Deus*, não significa neste lugar dar somente credito a Deus, ou á sua palavra; nem acreditar só na sua existencia, *crer em Deus* existente; mas tambem confiar nelle inteiramente, sem exame nem duvida, e tender para elle com toda a força de nossa alma, como para o soberano bem. (1) Este principio do Symbolo nos dá a conhecer quanto é excellente a philosophia christã, que desde logo nos eleva á mais alta verdade, para d'alli contemplarmos todas as mais. Quanto é differente da philosophia do seculo, que, sustentada somente pela luz natural, não se levanta senão a pouco e pouco, com o auxilio das cousas e effeitos sensiveis; e só depois de longos e penosos trabalhos chega a conhecer o author de tudo que existe! O conhecimento, que a fé nos dá do Ente Supremo, é infinitamente mais prompto, certo e puro, que se nos viesse dos raciocinios e conclusões da sciencia humana. (2)

(1) De apostolis possumus dicere: credimus Paulo, sed non credimus in Paulum; credimus Petro, sed non credimus in Petrum.... quid est enim credere in eum? Credendo amare, credendo diligere, credendo in eum ire, et ejus membris incorporari. S. Aug. *In Joan. Tract.* 29, n. 6.

(2) Necessarium est homini accipere per modum fidei non solum ea quæ sunt supra rationem, sed etiam ea quæ per rationem cognosci possunt: et hoc propter tria. *Primo* quidem ut citius homo ad veritatis divinæ cognitionem perveniat: scientia enim ad quam pertinet probare Deum esse et alia hujus modi de Deo, ultimo hominibus addiscenda proponitur præsuppositis multis aliis scientiis. Et sic non nisi post multum tempus vitæ suæ homo ad Dei cognitionem perveniret. *Secundo*, ut cognitio Dei sit communior: multi enim in studio scientiæ proficere non possunt; vel propter hebetudinem ingenii, vel propter alias occupationes et necessitates temporalis vitæ, vel etiam propter torporem addiscendi; qui omni-

Padre. Damos a Deus este nome por tres rasões: a primeira, porque é pai de todas as creaturas, não por natureza ou adopção, mas por creação; e porque o seu poder e admiravel Providencia abrange a tudo. *Por ventura não é Deus o vosso Pai*, nos diz a Escriptura, *o vosso Senhor, que vos fez e tirou do nada? Não é elle o vosso unico Pai?* (1) A segunda, porque é o pai de todos os justos, não por natureza, mas por adopção. *Nós não recebemos o espirito de servidão*, diz o Apostolo, *para vivermos em temor como escravos; mas recebemos o espirito de adopção de filhos de Deus, pelo qual bradamos: Meu Pai, meu Pai!* (2) *Deus*, diz S. João, *mostrou-nos tanto amor, que nos chamamos e somos realmente os filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos tambem herdeiros; herdeiros de Deus, e coherdeiros de Jesu-Christo, que é o primogenito de muitos irmãos; e que não tem pejo de nos chamar seus irmãos.* (3) A terceira rasão é, que Deus é o principio sem principio, e de toda a eternidade gera seu Filho, o Verbo Divino, por quem tudo foi feito.

Quando porem dizemos, que o Pai é a primeira Pessoa, não se deve julgar que reconhecemos, na Santissima Trindade, alguma cousa primeira ou ultima, maior ou menor. Não praza a Deus que entre no espirito dos fieis similhante impiedade. A Religião Christã ensina-nos, que a mesma Eternidade, o mesmo poder, e a mesma magestade, convem ás tres Pessoas; e que não ha entre ellas a menor differença ou desigualdade. A distincção que fazemos dimana das

no Dei cognitione fraudarentur, nisi proponerentur eis divina per modum fidei. *Tertio* propter certitudinem. Ratio enim humana in rebus divinis est multum deficiens; cujus signum est quia philosophi de rebus humanis naturali investigatione perscrutantes in multis erraverunt et sibi ipsis contraria senserunt. Ut ergo esset indubitata et certa cognitio apud homines de Deo, oportuit quod divina eis per modum fidei traderentur, quasi a Deo dicta qui mentiri non potest. *Quæst.* 11 *de actu fidei*, art. IV.

(1) Deut. XXIII, 6; Malach. II, 10.
(2) Rom. II, 10.
(3) João III, 1; Rom. VIII, 17; Hebr. II, 11.

suas propriedades respectivas. O Pai não foi gerado; o Filho foi gerado do Pai; o Espirito Santo procede d'um e d'outro. Eis como confessamos e adoramos a unidade da essencia divina, a distincção de Pessoas e a igualdade na Santissima Trindade.

Todo poderoso. Por esta palavra entendemos que nada ha, que até é impossivel imaginar cousa, que exceda o poder de Deus. Não só pode Deus fazer tudo o que podemos conceber de mais difficil; aniquilar o universo, ou crear em um instante muitos outros mundos; mas tambem pode cousas infinitamente mais elevadas, que nem entram na comprehensão humana. Todavia, supposto seja omnipotente, Deus não pode mentir, nem deixar de existir, nem enganar, nem ser enganado, nem peccar, nem ignorar cousa alguma; porque estas cousas somente são proprias dos seres imperfeitos. Por isso, reconhecendo a omnipotencia de Deus, cremos que elle é perfeitamente isento de tudo que repugna com o ser infinitamente perfeito.

Façamos aqui um reparo importante: não é sem muitas e sabias rasões que o Symbolo começa por nos propor a Omnipotencia de Deus como objecto de nossa fé. Por este modo quizeram os Apostolos que nos não custasse a crer nem as maravilhas da natureza, nem as da graça, de que os artigos seguintes são o resumo. Com effeito, se cremos que Deus é Todo Poderoso, confessamos por isso mesmo que conhece todas as cousas e que todas estam sujeitas á sua vontade. Assim a rasão humana assente sem custo a tudo o que se lhe propõe para crer, por grande ou sublime que seja; assim o coração espera, com solida confiança, nos bens que se lhe promettem, por altos e magnificos que sejam; pois que seus desejos e esperanças se confirmam por esta idea que sempre lhe deve estar presente: nada é impossivel a um Deus Todo Poderoso. Cuidemos pois em fortificar a nossa fé, crendo *em Deus Padre Todo Poderoso.* Quando tivermos de fazer alguma cousa difficil, a bem do nosso proximo, ou obter alguma cousa pela oração, não desconfiemos da *Omnipotencia* de nosso Pai celeste.

O mesmo Salvador, para nos animar, diz-nos esta admiravel parabola: *Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha que passe d'um lugar para outro, e ella o fará, e nada*

vos será impossivel. (1) E, para excitar a nossa confiança na oração, diz-nos pela boca do Apostolo S. Tiago: *Pedi com fé e sem hesitar; porque aquelle que hesita é similhante á onda do mar impellida pelos ventos: não cuide pois este homem que receberá alguma cousa do Senhor.* (2)

As outras vantagens desta fé na Omnipotencia de Deus são 1.° abater o nosso orgulho e induzir-nos á humildade pelo sentimento da nossa fraqueza. E' assim que, na Religião, tudo tende a curar o homem das consequencias do peccado, e tornal-o conforme ao segundo Adam. 2.° fazer-nos temer a Deus. *Eu vos mostrarei a quem deveis temer,* nos diz o Salvador; *temei aquelle que, depois de ter matado o corpo, pode precipitar-vos no inferno; em verdade vos digo, a esse é que deveis temer.* (3) 3.° Recordar-nos a immensidade dos beneficios de Deus. O homem que medita na Omnipotencia de Deus seria summamente ingrato, se não dissesse muitas vezes: *Aquelle que é Omnipotente tem feito por mim grandes cousas.* (4)

Creador. Esta palavra significa que Deus tirou tudo do nada, e pode aniquilar tudo. Os Anjos, os homens, e ainda os demonios, bem podem fazer ou desfazer certas cousas; mas não podem fazel-as sem alguma materia preexistente, nem desfazel-as, senão reduzindo-as a alguma outra cousa. Assim um pedreiro não pode fazer uma casa de nada; é-lhe preciso pedra, cal, madeira etc.; nem destruil-a de modo que a reduza a nada; mas tam somente reduzil-a a pedras, a entulho, e a lenha. Só Deus se chama Creador, e só elle o é realmente; porque só Deus é que não preciza de materia prima, para fazer suas obras.

Esta palavra *Creador* não designa só o Pai; porque a obra da Creação é commum ás tres Pessoas da Santissima e indivisivel Trindade. Com effeito, se o Symbolo nos diz que o Pai creou o Ceo e a terra, a Escriptura nos diz tambem, fallando do Filho: *Que todas*

(1) Matth. XVII, 19
(2) Jacob. I, 6.
(3) Luc. XII, 5.
(4) Luc. I, 49.

as cousas foram feitas por elle; (1) e do Espirito Santo igualmente diz: *O Espirito do Senhor era levado sobre as aguas:* (2) *Os Ceos se firmaram pela palavra do Senhor,* diz o Psalmista, *e toda a sua belleza é o effeito do sopro da sua boca.* (3)

Do Ceo e da terra. Por estas palavras entende-se não só o Ceo e a terra, mas tudo o que nelles ha, os mineraes, os vegetaes, os animaes, o homem, os Anjos, todas as creaturas visiveis e invisiveis. Contenta-se o Symbolo com dizer: Creador *do Ceo e da terra*; porque o Ceo e a terra são as duas partes principaes do mundo; uma superior, onde moram os Anjos; outra inferior, onde habitam os homens. Ora, os Anjos e os homens são as mais nobres de todas as obras de Deus, pois que a ellas obedecem e se referem todas as creaturas, assim como os Anjos e os homens são tambem obrigados a obedecer e referir-se a Deus.

Tal é a explicação simples e litteral do primeiro artigo da nossa fé. Talvez ignoreis quanto é vasto, quanto é grande e sublime tudo o que elle encerra? Pois sabei que esta só palavra: *Um Deus unico, creador e conservador de todo o universo*, que resplandece no alto do Symbolo catholico, é no mundo moral o que é o sol no mundo phisico.

Povos modernos! Que tam soberbos andais com os vossos conhecimentos, reparai bem, que é ao Symbolo catholico que deveis a vossa superioridade intellectual sobre as nações pagãs d'outr'ora e d'hoje. E senão dizei-nos, quem dissipou essa nuvem de divindades absurdas, que recebiam o incenso dos avilta dos pagãos, nos trinta mil altares da cidade dos Cesarès? Quem vos livrou do barbaro dogma da fatalidade; do jugo de ferro do cego destino; que assoberbava os mesmos philosophos da Grecia e da Italia; que suffocava em seus corações o sentimento da liberdade moral, e os condemnava ou á insensibilidade dos estoicos, ou aos horrores da desesperação?

(1) João I, 3.
(2) Gen. II.
(3) Psal. IX.

E vós sabios modernos, que com rasão vos ufanaes das vossas descobertas, dizei-nos tambem, quem livrou as sciencias phisicas das interminaveis cosmogonias da Grecia, e da India antiga? Quem poz termo a essas perpetuas conjecturas sobre a origem das cousas, em que se consumio, tam largo tempo, e com tanta vaidade, o sagrado fogo do genio? Remontai-vos, com a historia na mão, pela successão dos seculos; e vereis que a sciencia só se emancipou deste barbaro dominio do erro, quando pela primeira vez retumbou no mundo o Symbolo Catholico. A sua primeira palavra é a base das sciencias phisicas, como da sciencia theologica. E para não esquecerdes isto, recordai-vos que, se o seculo passado recahio nesses erros, que hoje vos fazem compaixão, foi por ter querido quebrar esta base necessaria, este ponto de partida de todas as investigações humanas.

E vós, homens quem quer que sejais, que soffreis e gemeis na terra; que vos direi tambem? A quem deveis o dogma consolador d'uma Providencia maternal; attenta ás vossas orações, e sensivel a todos os vossos infortunios? Quem restabeleceu para vós, na lingua humana, esta palavra tam consoladora: *Esperança*? Foi o primeiro artigo do Symbolo Catholico. Se duvidaes, lembrai-vos dos povos pagãos da antiguidade, e das tribus idolatras dos tempos modernos.

Levante-se pois do meio dos povos Christãos um concerto unanime de graças e louvores ao Deus Creador e Pai, que se dignou revelar-se-lhes. Honra seja ao coração que não apostatou do Symbolo catholico; opprobrio a quem delle se envergonha; maldição a quem o despreza; anathema a quem o ataca.

O segundo artigo do Symbolo é assim concebido: *E em Jesu-Christo um só seu Filho, Nosso Senhor.* Dizemos: Creio em Jesu-Christo, como dizemos: Creio em Deus Padre; porque o Filho de Deus, Nosso Senhor Jesu-Christo, é Deus como seu Pai. Por isso não devemos contentar-nos com ter por certo o que a fé nos ensina a respeito de Jesu-Christo; cumpre que esta convicção seja acompanhada dos sentimentos da piedade. Releva que o nosso coração se una a Jesu-Christo, que se regosije nelle, que corresponda ao amor que elle teve por nós. D'est'arte a fé, animada pela charidade, uni-

rá o nosso espirito ao do segundo Adam; fazendo-nos viver da sua vida, e participar dos fructos da sua Redempção.

Em Jesu-Christo. A palavra *Jesus* quer dizer Salvador. Não é por acaso, nem por vontade ou juizo dos homens, que se deu este Nome ao Verbo Incarnado; mas sim por ordem e disposição do mesmo Deus; porque o Anjo, annunciando a Maria que ella seria Mãi de Deus, disse-lhe estas palavras: *Conceberás em teu ventre, e parirás um Filho, a quem darás o nome de Jesus.* (1)

Verdade é que muitos tiveram este nome na Escriptura, porque eram figuras do verdadeiro Salvador; mas só Nosso Senhor o verificou em toda a sua extensão: foi elle e só elle que salvou o mundo do peccado, do demonio e da morte eterna. O nome de Jesus, pronunciado com fé, tem a virtude de frustrar todos os esforços dos inimigos da nossa Salvação. Cumpre pois que este nome Santissimo seja frequente em nossos labios, e permanente em nossos corações. O nome de *Christo*, junto ao de Jesus, significa ungido, ou sagrado. Era lei e costume entre os Hebreos consagrar com o Santo Oleo os reis, os sacerdotes e os prophetas, por isso se chamavam os Christos, ou ungidos do Senhor. Esta consagração era o symbolo da graça particular, que Deus lhes communicava, para exercerem dignamente as suas funcções. Ora, a missão especial dos padres é recommendar o povo a Deus por assiduas orações; offerecer sacrificios, e ser mediadores entre Deus e os homens. Os reis são encarregados de governar os povos, promulgar e fazer guardar as leis, proteger as vidas dos innocentes, e punir os culpados. Como estes dous ministerios parecem representar na terra, d'algum modo, a magestade de Deus, por isso os que eram escolhidos para a realeza e o sacerdocio, deviam ser ungidos e sagrados com o Santo Oleo. (2) Tambem era costume ungir os Prophetas; porque eram os interpretes do Deus immortal, embaixadores seus, encarregados de corrigir os costumes e annunciar o porvir. Ora, ninguem merecia

(1) Luc. I, 31. — Veja-se no t. VIII, tratando da *Festa da Circumcisão*, do respeito devido ao nome de Jesus.

(2) Lev. VIII, 30; III Reg. X, 15.

mais o nome de *Christo* que Nosso Senhor; pois é ao mesmo tempo Rei, Sacerdote, e Propheta, e a uncção, pela qual é consagrado, não é uma simples participação da graça divina, é a divindade mesma que habita nelle.

Em primeiro lugar é Rei, não só como Deus, mas como homem revestido de nossa natureza. E' como Rei que seu Pai o fez annunciar ao mundo: *Será o Rei eterno da casa de Jacob, e seu reino não terá fim.* (1) Elle lhe deu todo o poder no Ceo e na terra, e o mesmo Salvador destruio o imperio do demonio, que era a idolatria; salvou os eleitos, e conquistou o genero humano, remindo todos os homens pela effusão de seu precioso sangue. Queiram ou não queiram, saibam ou não saibam, é elle ainda que reina sobre as nações. O seu reino é espiritual e eterno; começado na terra, será consummado no Ceo.

Em segundo lugar, é Sacerdote. Com effeito, elle offereceu um sacrificio, com o qual nenhum outro se pode comparar; um sacrificio, do qual os da antiga lei eram todos a figura; e elle continua a offerecel-o, sobre os altares, todos os dias e por toda a terra. Nosso Senhor, propriamente fallando, é o unico Sacerdote; todos os mais são apenas seus representantes e ministros. Demais, é elle o Sacerdote para todo sempre, segundo a ordem de Melchisedec, como os Prophetas o annunciaram; pois que uma vez se offereceu por suas proprias mãos a Deus seu Pai, em a ultima ceia, no sacramento do pão e do vinho, e da mesma sorte se offerece todos os dias, no sacrificio do altar, pelas mãos dos Sacerdotes.

Em terceiro lugar, é Propheta. Jesus recebeu de seu Pai a sciencia de todas as cousas. Todos os que se honraram com o nome de Prophetas, não eram mais que seus discipulos, enviados adiante, para annunciarem aquelle que havia de dar aos homens o verdadeiro conhecimento dos misterios de Deus. Demais, elle exerceu a funcção de Propheta; mostrou, em muitas circumstancias, que conhecia perfeitamente os mais occultos pensamentos do espirito, e os mais reconditos sentimentos do coração; predisse com toda a

(1) Luc. I, 33.

certeza successos, que se verificaram litteralmente, como foi a sua Paixão e suas principaes circumstancias, a sua morte e o genero della; a ruina de Jerusalem e do Templo. Todos estes successos, exactamente cumpridos, são o penhor e a garantia do cumprimento d'aquelles, que se não cumpriram ainda; taes como a sua vinda no fim dos seculos, para julgar todos os homens, e dar a cada um segundo as suas obras.

Um só seu Filho. Estas palavras mostram que o Pai Todo Poderoso, de quem fallamos no primeiro artigo do Symbolo, tem um Filho verdadeiro, um Filho por natureza, que se chama Jesu-Christo, verdadeiro Deus como seu Pai, que o gerou de toda a eternidade. Ora quando ouvimos dizer que Jesus é Filho de Deus, abstenhamo-nos d'imaginar o seu nascimento d'um modo material e terrestre. Se queremos ter alguma idea delle, recorramos á seguinte comparação: Quando uma pessoa se vê a um espelho, immediatamente produz uma imagem de si mesmo, tam perfeitamente similhante, que se não acha differença entre ella e a propria pessoa. Com effeito, ella lhe é similhante não só nas feições e nas côres, mas tambem nas attitudes e movimentos. Esta imagem, tam perfeitamente similhante, produz-se sem fadiga, sem intervallo de tempo, sem instrumento, mas subitamente e de relance.

Assim podemos imaginar que Deus, contemplando-se a si mesmo, com os olhos da sua intelligencia, no espelho da sua divindade, produz uma imagem perfeitamente similhante a si mesmo. Ora, havendo Deus communicado a esta imagem a realidade de todo o seu ser, o que nós não podemos olhando-nos a um espelho, resulta que esta imagem é realmente o Filho de Deus, em quanto que as imagens de nós mesmos, que produzimos no espelho, não são nossos filhos. Por aqui vemos como o Filho de Deus é Deus como seu Pai, e o mesmo Deus com seu Pai; pois que tem a sua mesma substancia. Vemos ainda como o Filho de Deus não é mais novo que o Pai, mas existio sempre como seu Pai, pois que foi gerado pela só contemplação que Deus faz de si mesmo; contemplação que é eterna como elle. (1)

(1) Bellar. Dottr. christ. p. 22.

Creiamos pois com firme fé, e honremos com profunda piedade o misterio, pelo qual Deus Padre gera seu Filho desde toda a eternidade; misterio que, depois de todas as similhanças possiveis, fica sempre tam superior á rasão humana, que nos deve extasiar como ao Propheta que exclamou: *Quem poderá narrar a sua geração?* (1) Regosijemo-nos em crer, sob a palavra do mesmo Deus, que o Filho é da mesma natureza que o Pai, que tem o mesmo poder, a mesma sabedoria, a mesma eternidade, segundo esta explicação do Concilio de Nicea: *E em Jesu-Christo, seu unico Filho, nascido do Pai antes de todos os seculos, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro; gerado e não feito, consubstancial ao Pai, por quem todas as cousas foram feitas.*

Jesu-Christo chama-se Filho unico de Deus, porque elle é o seu unico Filho verdadeiro. Nós somos filhos de Deus, mas tam somente por adopção; queremos dizer, pela eleição de Deus, e pela sua graça; em quanto Jesu-Christo é verdadeiro Filho de Deus por natureza, e o unico que é Filho por natureza.

Nosso Senhor. Jesu-Christo é Nosso Senhor, 1.° em quanto Deus; porque nos creou e nos conserva; 2.° em quanto homem; porque nos remio por grande preço; e porque seu Pai lhe deu todo o poder no Ceo e na terra; 3.° em quanto Homem-Deus; porque esta união admiravel da natureza divina e humana em uma só Pessoa o tornaria Nosso Senhor, ainda mesmo que não tivesse morrido por nós; pois só por esta união é elle o Senhor soberano de todas as creaturas em geral, e em particular dos fieis, que lhe estam unidos como os membros com a cabeça, os filhos com o pai, os discipulos com o mestre. Assim é que de Jesu-Christo tomamos o nome de Christãos, e nos submettemos ás suas leis no dia do baptismo, jurando-lhe uma fidelidade eterna.

D'est'arte pertencemos a Jesu-Christo muito mais que um servo a seu amo, um escravo a seu senhor, um filho a seu pai. Todavia este tam poderoso senhor tracta-nos com tanta charidade, que se digna dar-nos, não o nome de escravos, mas o d'irmãos e ami-

(1) Isaias, LIII, 8.

gos. Eis aqui uma das rasões mais fortes, e até não sei se alguma pode haver maior, para nos mover a reconhecel-o, respeital-o e honral-o como nosso Senhor.

Os dous primeiros artigos do Symbolo ensinam-nos que nós viemos de Deus, e pertencemos a Deus d'uma maneira toda especial. A que altas virtudes não é pois capaz de nos elevar esta só consideração, bem entendida que seja! Um imperador romano tinha um veado magnifico, que depois de muito trabalho conseguio domesticar. Este lindo animal, objecto das caricias e affeições de seu amo, era alimentado no palacio, aonde vinha todos os dias depois de ter visitado as florestas visinhas. O imperador, temendo que, nestas idas e voltas, o não perseguissem, e lhe fizessem algum mal, mandou-lhe pôr uma colleira d'ouro, onde estavam gravadas estas palavras: *Não me toqueis, eu sou de Cesar.* — Pois tambem nós viemos de Deus, pertencemos a Deus, que nos imprimio a sua imagem, que nos marcou com o seu signal; a nossa alma e suas faculdades, o nosso corpo e seus orgãos, teem o cunho da divindade; em summa em todo o nosso ser resplandece esta sagrada inscripção: *Não me toqueis, eu sou de Deus.* Saibamos pois respeital-a nós mesmos, e fazel-a respeitar dos outros; não nos deixemos seduzir, nem pelos máos exemplos, nem pelas paixões, nem pelo demonio, que é o inimigo de Deus e o nosso grande inimigo.

Que diremos agora das vantagens que o mundo deve ao segundo artigo do Symbolo? Ainda que só as considerassemos no que respeita á intelligencia humana, ser-nos-hiam precisos volumes para as exprimir. A esta revelação, que Deus nos fez de Jesu-Christo, é que as sociedades Christãs devem as tam exactas noções que teem de Deus, do homem, do mundo, das relações entre os superiores e inferiores. Jesu-Christo é a ultima palavra da sciencia de Deus, da sciencia do homem, da sciencia da sociedade e da sciencia do mundo. *Jesu-Christo ou o Filho de Deus feito homem, para salvar o genero humano,* eis aqui duas palavras que nos dizem mais da justiça, misericordia e sabedoria infinita de Deus; da alta dignidade da alma humana; da immensa gravidade do mal; da queda e rehabilitação das creaturas; que todos os Prophetas antigos, todas as tradicções dos povos, e todos os livros dos philosophos. Jesu-Chris-

to! Eis o sublime resumo da historia do mundo. Os quarenta seculos que precederam a sua vinda, e todos os que se lhe seguiram e hão de seguir, convergem para um ponto, que é Jesu-Christo; tendem todos a um fim, que é a formação do seu corpo mistico, a formação da Igreja. A este fim são coordenados todos os successos; os povos todos com suas revoluções gravitam para este centro como os astros para o sol. Quem não souber isto, nada comprehenderá, já não digo da historia sagrada, mas nem da historia profana. Pelo contrario, com esta noção, tam simples e tam elevada, tudo se explica, o genio inspira-se e dilata-se. Cada povo, cada successo vê-se em seu destino, e classifica-se, segundo a importancia que tem no plano geral da Providencia.

Não me admira pois ouvir o grande Apostolo, tam profundamente instruido em todas as cousas, exclamar com um santo enthusiasmo: *Pela minha parte, glorio-me de nada saber* senão Jesu-Christo, e esse crucificado. (1) Não me admira ouvir um dos mais bellos genios, e talvez a maior intelligencia que tenha apparecido na terra, S. Thomas d'Aquino, confessar altamente: *Que tinha bebido toda a sua sciencia ao pé do seu Crucifixo.*

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor; eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador, que nos esclareceu o espirito pelas vivas e seguras luzes da fé. De quantos erros nos tirou, de quantas desordens nos livrou o vosso amado Filho, ensinando-nos a conhecer-vos a vós, e a nós mesmos e ás creaturas! Permitti, pois, que nos aproveitemos de tantas luzes, pois que muito se pedirá a quem muito se deu.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *ouvirei com attenção as instrucções da Catechesis.*

(1) I Cor. II, 2.

XIX.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA FE'.

3.º Artigo do Symbolo. — Misterio da Incarnação. — Divindade e humanidade de Nosso Senhor: Vantagem social deste artigo. — 4.º Artigo do Symbolo. — Misterio da morte e paixão. — Actas de Pilatos. — Testemunho de S. Justino, de Tertulliano, de Eusebio de Cesarea: Vantagem social deste artigo. — 5.º Artigo do Symbolo. — Resurreição: Vantagem social deste artigo. — Trecho historico.

O 3.º Artigo do Symbolo resume-se nestas palavras: *O qual foi concebido por graça do Espirito Santo, nasceu de Santa Maria Virgem.* São tres grandes verdades que nos ensina.

1.º Que o Verbo, a segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Filho unico do Eterno, se fez no tempo Filho de Maria; de sorte que a mesma Pessoa divina, ficando sempre o mesmo Deus que era, se fez o que não era antes, tornando-se homem. E' assim que o Apostolo S. João explicou este profundo misterio, cujo conhecimento elle tinha bebido reclinado no peito do mesmo Salvador. Depois de ter declarado a natureza do Verbo por estas palavras: *No principio era o Verbo, e o Verbo era em Deus, e o Verbo era Deus,* termina dizendo: *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós.* (1) Daqui o nome tam perfeitamente proprio da *Incarnação*, dado a este misterio pelos doutores da Igreja, e em particular pelos Padres do primeiro Concilio de Nicea, em seu Symbolo: *Et incarnatus*

(1) S. João I, 24.

est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine. Accrescentemos que convinha que o Filho incarnasse, para que todas as cousas no Ceo e na terra fossem restauradas por aquelle, por quem no principio tinham sido feitas.

O qual foi concebido por graça do Espirito Santo. Estas palavras exprimem o modo novo e milagroso como se realisou a Incarnação. O Espirito Santo, que é a terceira Pessoa da Santissima Trindade, e um mesmo Deus com o Pai e o Filho, formou, por seu poder infinito, do purissimo sangue da santa Virgem, o perfeitissimo corpo d'um menino no seio de Maria. No mesmo instante creou uma nobilissima alma, que unio ao corpo daquelle menino, e o Verbo divino unio ambos, o corpo e a alma deste menino, á sua mesma divindade; de sorte que n'um instante Jesu-Christo ficou sendo Deus e homem verdadeiro, e a Santissima Virgem ficou tambem sendo verdadeira e propriamente mãi d'um Deus homem; porque no mesmo momento concebeu um homem-Deus; cujo corpo era formado da sua propria substancia. Quanto ao Espirito Santo, não podemos chamar-lhe Pai de Nosso Senhor, porque para ser Pai, não basta fazer uma cousa, é preciso fazel-a da sua propria substancia. Por isso não dizemos que o pedreiro é pai da casa que edificou, porque a fez de pedra, páo, etc., e não da sua propria carne. Ora, o Espirito Santo fez, é verdade, o corpo do Filho de Deus; mas elle o fez da carne e do sangue de Maria, e não da substancia propria delle mesmo; por isso Nosso Senhor não é Filho do Espirito Santo; mas, em quanto Deus, é Filho de Deus Padre, de quem tem a divindade; e, em quanto homem, é Filho de Maria, de quem tem a humanidade.

Dizendo-se que o Filho de Deus foi concebido por obra, e graça do Espirito Santo, não se diz que esta Pessoa da Santissima Trindade foi a unica que concorreu para a Incarnação; porque, supposto que o Filho só é que tomou a natureza humana, todavia as tres Pessoas divinas tomaram parte neste misterio. Com effeito, uma das regras da fé christã é que, nas cousas que Deus faz fora de si mesmo, tudo é commum ás tres Pessoas, sem que uma faça mais que a outra, ou obre sem a outra. Ora, o misterio da Incarnação é deste genero, pois que é um acto externo. Todavia, costuma a

Escriptura attribuir a uma Pessoa em particular cousas que são igualmente communs ás tres Pessoas ; por exemplo , ao Pai , o soberano dominio de todas as cousas ; ao Filho, a sabedoria ; ao Espirito Santo , o amor. Se a Escriptura pois attribue a obra da Incarnação em particular ao Espirito Santo , é primeiramente , porque este misterio supremo é a manifestação (1) do amor singular e infinito de Deus para com os homens ; em segundo lugar , porque toda a macula ou corrupção é banida deste misterio, no qual tudo é santo ; já da parte do Espirito Santo, que o opera ; já da parte de Maria , que fica intacta ; já da parte do menino, que é isento de toda a sombra de peccado. (2)

Mas se as tres Pessoas divinas concorreram para a Incarnação, como succede que só incarnou o Filho? A seguinte comparação, de que usam os theologos, nos dará uma idea deste misterio : Quando um principe se reveste de sua purpura real , e mais dous o ajudam a vestir-se , tres pessoas concorrem para o acto , e comtudo uma só fica vestida. Da mesma sorte as tres Pessoas divinas contribuiram para a Incarnação ; mas só o Filho se vestio da natureza humana. (3)

A segunda verdade que nos ensina o terceiro artigo do Symbolo é, que o Verbo eterno , assumindo a natureza humana, a unio á natureza divina em uma só e mesma pessoa. Donde resulta 1.° que nesta união ineffavel , as duas naturezas conservam cada uma as suas operações e propriedades , *sem que a gloria da divindade* , diz S. Leão, *destrua a humanidade ; nem a elevação da humanidade abata a divindade.* 2.° Que Nosso Senhor Jesu-Christo é verdadeiro Deus, porque está nelle toda a divindade ; e ao mesmo tempo verdadeiro homem , porque tem um corpo e uma alma como a nossa ; e em tudo nos é similhante, excepto no peccado. 3.° Que havendo em Jesu-Christo duas naturezas , ha tambem duas vontades ; a vontade divina e a vontade humana ; mas entre estas duas vontades não se

(1) *Catec. do Concilio de Trento*, t. I, p. 89, n. 90.
(2) Nat. Alexand. *De Symb.* 154.
(3) Bellar. Dottr. christ. 29 ; Nat. Alexand. *De Symb.* 162.

dá jamais opposição; porque sendo a vontade humana perfeita em o novo Adam, deseja e quer sempre, supposto que mui livremente, o que quer a vontade divina. Todavia, como já dissemos, em Jesu-Christo não ha mais que uma só Pessoa, que é a Pessoa divina; de sorte que a natureza divina e humana não fazem mais que uma só Pessoa em Jesu-Christo, assim como em nós a alma e o corpo não fazem mais que um só homem.

Nasceu de Santa Maria Virgem. A terceira verdade que este artigo nos ensina é a maternidade divina, e a Virgindade perpetua de Maria Santissima. 1.° A maternidade divina. Conceber e dar á luz a prole constituem a maternidade. Ora, Maria Santissima concebeu em seu ventre a Nosso Senhor, Filho unico de Deus, Deus e homem verdadeiro, unindo na Pessoa do Verbo a natureza divina e humana; ella formou, como todas as mãis, de sua substancia e de seu sangue virginal, o corpo deste Filho, e o trouxe no ventre nove mezes; e depois ella o deu ao mundo. Maria é por tanto verdadeiramente, e em todo o rigor da palavra, *Mãi de Deus.* Não porque ella desse á luz a divindade, o que é tam absurdo que nenhum Christão poderia jamais conceber similhante idea; nem tam pouco porque seja somente mãi da carne do homem Deus; pois não dizemos que as outras mãis o sejam meramente do corpo de seus filhos, supposto não geram a alma; mas dizemos que é mãi aquella que concebe e dá á luz um filho composto de corpo e alma. (1) Assim a Santissima Virgem é verdadeira mãi de Deus; porque concebeu e deu ao mundo um homem Deus, isto é, um homem verdadeiro, formado da substancia de Maria, e unido pessoalmente á Divindade. Tal é a este respeito a doutrina formal da Igreja. *Conceberás em teu ventre*, disse o Archanjo a Maria, *e parirás um Filho, a quem darás o nome de Jesus. Elle será grande, e se chamará o Filho do Altissimo.* Por isso, o que nascer,

(1) Nec solius carnis mater est, sed hominis Dei, sicut alias matres solius corporis genitrices nemo recte dixerit, quamvis animam non pariant: concipiunt enim et pariunt hominem anima corporeque constantem. S. Cyril. *Epist.* ad monach.

de ti será o *Santo por excellencia*, o *Filho de Deus*. (1) Santa Izabel, instruida pelo Espirito Santo, do misterio da Incarnação, exclama ao ver Maria: *Donde me vem esta honra, que a Mãi do meu Senhor venha visitar-me!* (2) Resumindo todas estas provas e outras mais, S. Paulo diz, na sua linguagem energica: *O Filho de Deus foi feito da substancia da mulher.* (3) Tal foi sempre, tal é ainda, a fé Catholica solemnemente definida no Concilio d'Epheso, convocado em 431 contra o impio Nestorio: Se alguem negar que Nosso Senhor é verdadeiro Deus, e verdadeiro homem, e disser por consequencia que a Santa Virgem não é Mãi de Deus, seja anathematizado! (4) Nunca houve anathema mais bem empregado; porque negar a maternidade divina de Maria, é negar a unidade de Pessoa em Nosso Senhor Jesu-Christo, solapar o fundamento do Christianismo; e destruir a Redempção humana.

Quanto ás rasões porque o Filho de Deus quiz nascer d'uma mulher, dão os Padres e theologos duas principaes: a 1.ª é, que deste modo quiz Deus rehabilitar a ambos os sexos, e mostrar que tinha vindo ao mundo para salvar a um e a outro; a 2.ª é porque convinha que a mulher, que fôra a authora do mal, fosse tambem a authora do bem. (5)

2.° A virgindade perpetua de Maria. E' da fé Catholica e Apostolica, que a augusta Mãi de Deus é a Virgem por excellencia, virgem antes do parto, no parto e depois do parto. A Escriptura e os Padres são unanimes neste ponto.

Que uma virgem conceba, sem perder sua virgindade, é misterio sem duvida superior á rasão e ás leis da natureza; mas aca-

(1) Luc. I, II.
(2) Luc. II.
(3) Ad Galat.
(4) Si quis non confitetur Emmanuelem verum Deum esse, et ob id sanctam Virginem Deiparam, genuit enim illa incarnatum Dei Verbum secundum carnem, anathema sit. — *Veja-se* Canisius, *De Maria Deip.* lib. III, c. 19; Nat. Alexand. *De Symb.* p. 162, e todos os theologos.
(5) S. Aug. De divers. quæst. II; D. Th. p. 3, 9, 31, art. 4.

so não pode Deus fazer cousas superiores á nossa debil rasão, e a estas leis naturaes, que elle mesmo estabeleceu? Por ventura não dizemos no principio do Symbolo: *Creio em Deus Padre Todo Poderoso?* Todavia, a creação do mundo offerece-nos um exemplo que facilita a crença deste misterio. Bem sabeis que, segundo as leis ordinarias da natureza, a terra não produz trigo sem ser lavrada, semeada, regada da chuva, e aquecida do sol; mas não obstante, na origem das cousas, quando o trigo foi produzido pela primeira vez, não se lavrou, nem semeou, nem regou, nem aqueceu a terra; estava ella completamente virgem a seu modo. Todavia, a uma só palavra do Deus todo Poderoso, por virtude d'um só mandado deste Deus Creador, a terra immediatamente produziu o trigo e as demais plantas. Pois da mesma sorte o seio virginal de Maria, sem nenhum concurso das leis ordinarias, mas só pelo mandado de Deus, e obra do Espirito Santo, produzio o precioso pão do corpo animado do Filho de Deus. (1)

Do mesmo modo, como é que uma Virgem possa dar á luz um filho, sem perder a sua virgindade, é outro misterio similhante ao primeiro; mas não mais impossivel á omnipotencia de Deus. A natureza mesma nos offerece outros exemplos, que obrigam a nossa rasão a submetter-se a este dogma da fé. Não vemos como todos os dias os raios do sol penetram, e atravessam a substancia solida do vidro, sem o quebrar nem prejudicar? Pois assim tambem, mas d'um modo infinitamente mais incomprehensivel, nasceu Nosso Senhor de sua divina Mãi, sem prejudicar de nenhum modo a sua virgindade. E como se ha de negar o poder de fazer este milagre áquelle, que depois sahio do tumulo sem deslocar a pedra que o fechava; e entrou, cerradas as portas e janellas, no logar onde estavam seus discipulos? Contestar e negar á omnipotencia de Deus o que não comprehendemos, é para a rasão humana o derradeiro opprobrio, porque é o signal mais caracteristico da sua extrema fraqueza. (2)

(1) Bellar. Dottr. christ. 26.

(2) Em outra parte fallamos do lugar, do tempo, hora, e circumstancias do parto de Maria.

E' pois a maior verdade que podemos proclamar, com a mais completa certeza, que Maria é sempre Virgem, que tem uma integridade perfeita na conceição e parto de seu divino Filho. Nós o cremos, e esta é a fé constante do universo, expressa antes do successo, entre os Judeos, pelo Propheta Isaias, o qual annunciou que o divino Emmanuel, o Deus homem, nasceria d'uma mãi sempre Virgem; e o mesmo vaticinio houve entre os pagãos, como se prova pelo profundo e universal respeito em que sempre tiveram a virgindade, e por aquella tradicção gravada em uma pedra dos Druidas, recentemente descoberta, na qual se leem estas palavras: *Os Druidas á Virgem que ha de parir, Virgini pariturœ Druides*; e depois do successo é esta fé proclamada por todos os doutores e por todos os Concilios, que não deixaram, além disso, de nos fazer notar a *necessidade* desta virgindade perpetua na Santissima Mãi do Filho de Deus. (1)

Quanto ao nome de *Maria*, que significa ao mesmo tempo *senhora, rainha, esperança*, deve elle excitar em nós, como as qualidades mesmas da augusta Virgem, todos os sentimentos do mais profundo respeito, juntos a uma confiança terna e filial: é para nós que ella é Maria, nossa mãi e nosso modelo. De facto, assim como Nosso Senhor é o segundo Adam, assim Maria é a segunda Eva: Deus tinha dito a Eva: Tu parirás com agudas dores. (2) Maria isenta desta lei, dá ao mundo o Verbo Incarnado, sem trabalho nem dor. Do mesmo modo que o segundo Adam se unio á natureza humana, nascendo d'uma maneira toda sobrenatural, cumpre que nós, para nos unirmos a elle, e participarmos da sua Redempção; e renasçamos tambem, não do sangue nem da carne, mas de Deus; e que vivamos por consequencia como novas creaturas, animadas de

(1) Nova nativitate genitus est, conceptus a virgine, natus ex virgine, sine paternæ carnis concupiscentia, sine maternæ integritatis injuria: quia futurum hominum Salvatorem talis ortus decebat, qui in se haberet humanæ substantiæ naturam, et humanæ carnis inquinamenta nesciret. S. Leo. *Serm.* 2 *de Nativ.*; Nat. Alexand. *De Symb.*

(2) Gen. III, 16.

um espirito novo. (1) Este é o meio porque podemos formar em nós alguma idea da virgindade immaculada de Maria, e do nascimento Santissimo do Filho de Deus.

Este pensamento nos leva a fallar das vantagens sociaes do terceiro artigo do Symbolo. *Uma conceição santa, um Deus menino, uma mãi Virgem*; nestes tres dogmas propostos, ha dezoito seculos, á crença do universo, se acha o germen fecundo da rehabilitação da familia; e pela familia, da sociedade.

Uma conceição santa, na qual o homem grosseiro e carnal não toma parte alguma, eis aqui a idea modelo, que transformou todas as ideas ácerca dos deveres conjugaes. A ella se deve a santidade do matrimonio christão, os costumes angelicos das familias, e a sua felicidade pelo longo espaço dos seculos da fé. Quereis a prova disto? Lêde a historia dos povos antigos; que era para elles o casamento? Que respeito, que santidade, que temor religioso presidia á consummação dos sagrados deveres conjugaes? Olhai pois para o que se passa ainda hoje, entre os povos submersos nas sombras da morte, e até entre vós, na vossa cara, nessas sociedades e familias, onde baixam as aguas da verdade Christã? E' logo certo que o dogma da conceição toda espiritual d'um Deus feito homem e modelo do homem, proposto á fé universal do mundo, ennobreceu em tudo a familia, porque contribuio para santificar tudo.

Um Deus menino. Dizei-nos o que era um menino entre as nações pagãs da antiguidade? o que é elle ainda entre os povos idolatras dos tempos actuaes, e tambem o que vem elle a ser nas sociedades e familias, onde o dogma christão perde a sua influencia; dizei-nol-o, e tereis confessado quanto o mundo deve a esta segunda parte do terceiro artigo do nosso Symbolo. O' Deus feito menino, que disseste: Ai d'aquelle que attentar contra a vida, a innocencia, a liberdade d'algum destes pequeninos, que são meus irmãos; sim, ó Deus! vós salvastes a infancia; fostes vós que fizestes desapparecer o direito brutal de matar os filhos, de os expor, vender, queimar, e fazer delles estrume!

(1) Joan. I, 13; Rom. VI, 4.

Uma mãi virgem. A estas tres palavras deve a mulher a sua rehabilitação ; ellas mudaram tudo a seu respeito ; e se não, ainda ahi temos a historia , para o provar. Que era a mulher no Paganismo antigo? Que é ella ainda no Paganismo moderno? Quem a tirou da sua servidão abjecta? Quem obsta a que ella não torne a despenhar-se no mesmo abysmo? é o dogma catholico. E para não duvidardes considerai o que ella se faz, ou antes o que fazem della nas sociedades e nas familias , que perdem o Christianismo. Quando pois, ha dezoito seculos, retumbaram no mundo estas palavras : *Nasceu de Santa Maria Virgem* — o homem estupefacto mudou as ideas, e os sentimentos a respeito da mulher. De facto , á Eva antiga, origem de todo o mal, succedeu a nova Eva, origem de todo o bem. Vendo , pois, quanto Deus honrava a mulher em Maria, quanto a mulher era santa em Maria, quanto ella tinha sido util ao genero humano em Maria, o homem começou a respeital-a : ella não foi mais uma escrava, uma besta de carga ; mas sim a nobre companheira do homem, adornada do respeito e do amor. A mulher christã , sub a protecção de Maria, reassumio a sua dignidade moral , e empregou a sensibilidade do seu coração , as faculdades e recursos do seu espirito, a bem do homem e da sociedade. D'est'arte a mulher, depois de se transformar a si , teve ainda a gloria de transformar o mundo. E este milagre, quem o produzio , foram essas poucas palavras do Symbolo Catholico: *Nasceu de Santa Maria Virgem.* O' homens ! até quando tereis um coração para não amar, e um espirito para não comprehender !

O 4.° Artigo do Symbolo é assim concebido : *Padeceu sob o poder de Poncio-Pilatos , foi crucificado, morto e sepultado.* Ensinanos este artigo que o Filho de Deus, Nosso Senhor Jesu-Christo , depois de ter estado entre os homens quasi trinta e tres annos , foi injustamente condemnado á morte por Poncio-Pilatos , a instancias dos Judeos ; pregado em uma cruz, na qual morreu; e que depois da sua morte , foi honrosamente sepultado por alguns de seus discipulos. Nada é mais necessario que o conhecimento destas verdades ; pois que são o fundamento e o facto da nossa Salvação ; o fim de todas as figuras , prophecias , e sacrificios, desde o principio do mundo ; termo da sabedoria , misericordia e omnipo-

tencia de Deus. Eis porque o grande Apostolo se gloriava de não saber senão uma só cousa : Jesu-Christo , e esse crucificado.

Penetremos com respeito e temor neste profundo misterio ; vejamos 1.° quem é aquelle que soffreu ? E' o mesmo Filho de Deus, feito homem por amor de nós. Mencionam os Apostolos a Paixão de Nosso Senhor logo depois de ter fallado do seu nascimento ; porque Nosso Senhor nasceu para soffrer, e soffreu sempre, não só as privações, os trabalhos e fadigas da sua infancia , da sua vida privada e da sua vida publica , mas tambem as ignominias e os tormentos da sua Paixão ; cuja imagem estava incessantemente diante de seus olhos. (1) Soffreu toda a sorte de dores , no mais elevado gráo, em seu corpo e em sua alma. E' verdade que não padeceu em quanto Deus , mas em quanto homem ; porque Deus, sendo infinitamente perfeito, não pode padecer. Todavia, os seus soffrimentos são d'um valor infinito, em rasão da natureza divina , que é nelle inseparavel da natureza humana.

2.° Como soffreu elle? Soffreu voluntariamente ; porque Deus podia, sem prejudicar nenhuma de suas perfeições , deixar o homem no seu peccado ; (2) podia ainda remil-o por mil outros meios ; taes como a Incarnação somente, ou por uma lagrima, uma oração , uma gota do sangue adoravel de Nosso Senhor ; visto que cada uma destas cousas, sendo d'um preço infinito , bastava e superabundava , para satisfazer a justiça divina. Emfim, Nosso Senhor padeceu livremente, em tanto que elle mesmo deu a seus inimigos o poder de o fazer padecer ; sem o que nada poderiam contra a sua adoravel pessoa.

D'est'arte, todas aquellas palavras da Escriptura : *Cumpre* que o Filho do homem seja crucificado ; *cumpre* que o Filho do homem padeça muito ; *cumpria* que o Christo soffresse para entrar na sua gloria ; não exprimem mais que uma necessidade moral ; queremos

(1) Dolor meus in conspectu meo semper. Ps. XXXVII.

(2) Quis tibi imputabit si perierint omnes nationes terræ? Sap. XII, 12.

dizer, que ellas suppoem o conselho de Deus, que tinha escolhido os padecimentos de Nosso Senhor, como o remedio mais conveniente aos nossos males, e o meio mais adequado para nos remir, e por isso *cumpria* que Nosso Senhor padecesse e morresse do modo que padeceu e morreu.

3.° Padeceu por amor. Levando ao excesso as suas dores e ignominias, quiz Deus mostrar-nos a gravidade do peccado, a severidade da justiça divina, o valor de nossa alma, e por consequencia a immensidade do seu amor, afim de tambem obter o nosso amor, e tornar-nos felizes no tempo e na eternidade. Se se diz na Escriptura que *cumpria* que Nosso Senhor soffresse, isto se deve entender, como já advertimos, da necessidade que resultava da acceitação voluntaria da sua cruz, como meio de salvar o mundo, e por nenhum modo significa uma necessidade antecedente e absoluta. (1)

4.° Porque padeceu Nosso Senhor? Padeceu para reparar a gloria de seu Pai, expiar o peccado, resgatar o homem, e servir-lhe de modelo. Elle nos ensina a charidade para com Deus e para com o proximo; a brandura, a paciencia, a humildade, a piedade filial, o amor aos proprios inimigos; em summa, na sua sagrada morte e paixão dá-nos o exemplo de todas as virtudes, e adquire todos os titulos ao nosso amor e á nossa gratidão.

5.° Por quem soffreu? Por todos os homens sem excepção; a todos sem excepção mereceu as graças necessarias, para operarem a sua salvação. Mas, se Nosso Senhor satisfez por todos os homens, se a todos mereceu a salvação, porque é que tantos se perdem? porque motivo somos obrigados a fazer penitencia? Sem duvida, Nosso Senhor satisfez por todos os homens, a todos obteve os meios de se salvarem mas cumpre que esta satisfação se applique a cada um de nós. (2) Ora, esta applicação faz-se pela fé, pelos sacra-

(1) D. Th. 3, p. 9, 46, art. VI.

(2) Etsi Christus pro omnibus mortuus est, non omnes tamen mortis ejus beneficium recipiunt: sed ii duntaxat, quibus meritum Passionis ejus communicatur. *Conc. Trid. Sess.* VI, *c.* 3.

mentos, pelas boas obras, e em particular pela penitencia. Cumpre pois fazer penitencia e praticar boas obras, não obstante que Nosso Senhor padecesse e trabalhasse por nós. Se muitos são condemnados é por não cumprirem esta condição. De facto, porque é que são condemnados? — uns, porque não querem ter a fé, como os Judeos, os Mahometanos, os Hereges; outros, porque não querem receber os Sacramentos, confessar-se e commungar, como os indifferentistas; outros emfim, porque não querem fazer penitencia de seus peccados, e conformar-se com a lei de Deus, como os máos Christãos. Mas nem por isso Nosso Senhor deixou de soffrer por todos, e merecer a salvação a todos. Um exemplo esclarecerá esta verdade. Supponhamos que certo homem, tendo feito grandes diligencias, conseguio, com seus suores e fadigas, ganhar dinheiro bastante para pagar todas as dividas dos habitantes d'uma cidade; e que, para este fim, depositou todos os seus thesouros em um banco, com ordem de os dar a todos aquelles que apresentassem uma ordem sua. E' evidente que este tal individuo, pela sua parte, teria satisfeito a todas as dividas dos habitantes. Todavia, poderia succeder que muitos permanecessem individados; por não quererem, já por soberba, já por perguiça, já por algum outro motivo, ir buscar uma ordem e apresental-a no banco. (1)

Em poder de quem padeceu? Padeceu sob o poder de Poncio-Pilatos. Não é sem muita sabedoria, que os Apostolos nomearam neste artigo o governador romano, que condemnou o Salvador á morte. Por uma parte, deram uma grande prova de que Nosso Senhor era o Messias; pois morreu no momento em que, segundo a prophecia de Jacob, o sceptro tinha sahido da tribu de Judá; por outra parte, provaram a sua sinceridade, e a certeza deste acontecimento. Se elles fossem impostores, forneceriam por este modo a todo mundo o meio de os convencer d'impostura. Para isso bastava provar que Poncio-Pilatos, governador da Judea, não tinha feito morrer tal homem, chamado Jesus de Nazareth; cousa esta que seria muito facil; porque se conservavam em Roma, nos archivos

(1) Bellar. Dottr. christ. 35.

do Senado, a relação de todos os successos que se passavam nas differentes provincias do imperio. Pois esta relação de Poncio-Pilatos é que os primeiros apologistas da Religião citavam aos pagãos, para os persuadir e convencer.

Assim a morte do Salvador, sob o poder de Poncio-Pilatos, é um facto tam certo que Tacito, fallando do incendio de Roma, no reinado de Nero, affirma positivamente que este imperador imputou o incendio aos Christãos, assim chamados por causa do Christo, que fôra morto no reinado de Tiberio, sendo Poncio-Pilatos governador da Judea. (1) Os primeiros inimigos da Religião Christã nunca se atreveram a pôr em duvida este facto; prova evidente de que o tinham por incontestavel; alias, estando proximos dos tempos e lugares, tinham todos os meios de provar a sua falsidade.

Mas ainda temos outras provas da morte de Nosso Senhor sob o poder de Poncio-Pilatos. Era costume no imperio romano, assim como é ainda hoje em todos os reinos do mundo, enviarem os governadores das provincias ao imperador uma relação dos acontecimentos notaveis das suas provincias, para que o principe e o Senado estivessem informados de tudo. (2) Ora, Pilatos, obedecendo á lei do imperio, escreveu a Tiberio tudo o que se tinha passado a respeito de Jesus de Nazareth. A sua carta depositou-se nos archivos do Senado Romano, como se prova das seguintes testemunhas.

1.° S. Justino Martir, que vivia cem annos depois da morte de Nosso Senhor, cita estas palavras das actas enviadas da Palestina por Pilatos a Tiberio: « Pregaram a Jesus na Cruz com cravos nos pés e nas mãos; e, depois de o crucificar, os que o tinham pregado na cruz, jogaram seus vestidos aos dados, e os partilharam entre si.... E' o que facilmente podeis saber das actas que se escreveram por ordem de Poncio-Pilatos.... Os prophetas designaram

(1) Annal. lib. XV.

(2) E' o reparo que faz Eusebio de Cesarea na sua hist. eccl. liv. II c. 2. Esta observação é justificada pelos factos. Assim vimos que Plinio, o moço, escreveu a Trajano o que tinha feito na Asia contra os Christãos, etc.

distinctamente que o Christo curaria toda a sorte de enfermidades, e resuscitaria os mortos, e podeis convencer-vos de que Jesus o fez, pela leitura das actas que foram escriptas por Poncio-Pilatos. » (1)

2.° Tertulliano, que vivia cincoenta annos depois de S. Justino, refere resumidamente a vida, milagres, paixão, condemnação, morte e resurreição de Nosso Senhor; depois conclue por estas palavras: « Pilatos, já d'alguma sorte christão na consciencia, escreveu tudo isto, a respeito de Jesus, ao imperador, que era então Tiberio; e desde logo os imperadores teriam crido em Jesu-Christo, se não fossem os Cesares escravos do seculo, ou se os Christãos podessem ser Cesares. (2) Como quer que seja, o imperador Tiberio, em cujo reinado se divulgou pelo mundo o nome Christão, quando recebeu da Palestina a noticia destes factos, que provavam a divindade do Christo, propoz ao Senado inscrever a Jesus em o numero dos deuses, e elle mesmo deu para isso o seu voto. O Senado rejeitou a proposta; mas elle persistio firme na sua opinião, e ameaçou com a sua colera todos aquelles que accusassem os Christãos. » (3) Depois, fallando dos milagres que occorreram na morte de Nosso Senhor, accrescenta: « Vós possuis a relação disto nos vossos archivos. » (4)

3.° Eusebio de Cesarea, celebre historiador da Igreja, que vivia no terceiro seculo, disse que: « a Resurreição milagrosa, e gloriosa ascensão de Nosso Senhor Jesu-Christo, tendo-se tornado celebres, como fosse costume antigamente enviarem os governadores de provincia aos imperadores uma conta de tudo o que occorria de notavel em seu governo, para que estivessem os principes bem informados de tudo, Poncio-Pilatos informou a Tiberio da Resurreição do Salvador, facto que todos sabiam na Palestina; e declarou tambem em sua carta que lhe constava que Jesus tinha feito muitos mi-

(1) Just. Apol. II, pro Christian. p. 76, 84.

(2) Apolog. c. 21.

(3) Ib. c. 5. — Podem ler-se sobre este importante facto mui curiosas minuciosidades em a nossa obra intitulada *As Tres Romas*.

(4) Apol. c. 21.

lagres; e que, depois da sua Resurreição, já muitos o tinham por um Deus. Tiberio, informado destas cousas, fallou ao Senado, e propoz inscrever a Jesu-Christo em o numero dos deuses. O Senado oppoz-se, pretextando que havia uma lei antiga, que prohibia receber alguem na classe dos deuses, sem ser por decreto do Senado; mas a verdadeira rasão desta recusa foi, que a Religião christã, sendo divina, não convinha se estabelecesse por auctoridade humana. Rejeitando, pois, o Senado a proposta, o imperador persistio na sua opinião, e nada emprehendeu contra a doutrina de Jesu-Christo. » (1) Eis o que diziam aos pagãos estes grandes apologistas da Religião. Se elles tivessem forjado aquelle testemunho de Pilatos, ousariam por ventura cital-o como prova aos philosophos, e desafial-os, como fez S. Justino Martir, a disputar publicamente sobre a Religião christã, em presença do mesmo Senado romano, tomando por unica base as actas de Pilatos? E pelo contrario, teriam os pagãos recusado o desafio, se podessem provar a falsidade destas actas? Não, mas antes responderam como respondem os tyrannos de todos os seculos, mandando matar os defensores do Christianismo. Basta porem de fallar d'um facto, que ninguem pode contestar; é tempo de tornar á nossa explicação.

Foi crucificado. Pregaram, pois, a Nosso Senhor na cruz, atravessando-lhe os pés e as mãos com grossos cravos. (2) Escolheu elle o supplicio da cruz por muitas rasões, igualmente dignas da sua sabedoria e do seu amor. Uma dellas foi para cumprir as figuras e prophecias que fallavam da sua morte, como era a serpente de bronze; a segunda, para que a morte, que entrara no mundo pela manducação do fructo da arvore prohibida, fosse vencida por Nosso Senhor, que é o divino fructo da arvore da cruz; a terceira, para que sua morte fosse notoria e incontestavel, e por consequencia o fosse tambem a sua Resurreição, base da nossa fé; a quarta, para que a satisfação offerecida a Deus, fosse mais abundante,

(1) Euseb. Hist. eccl. liv. II, c. 2.
(2) Veja-se Sandini, Hist., familiæ sacræ, c. XV.

e o nosso reconhecimento mais vivo, visto que o supplicio da cruz é de todos o mais cruel e ignominioso.

Morto. Esta palavra exprime um facto que todos conhecem, isto é, a separação entre a alma e o corpo; mas não a separação da divindade, que ficou sempre unida, mesmo depois da morte, ao corpo e á alma de Nosso Senhor. A morte do Salvador foi precisa para cumprir as prophecias, e consummar a obra da nossa Redempção.

E sepultado. Nosso Senhor foi envolvido em um lençol com aromas, segundo o costume dos Judeos. Este costume observaram-no religiosamente os primeiros Christãos, particularmente com os martires; (1) poseram-no em um sepulchro novo, aberto na rocha, onde ninguem tinha sido ainda sepultado, para que a verdade da sua Resurreição fosse depois incontestavel. Finalmente, o corpo sacrosanto de Nosso Senhor não soffreu a menor sombra de corrupção.

Admiremos agora a prodigiosa influencia do quarto artigo do Symbolo em todo o mundo. Possa a nossa gratidão proporcionar-se a tantos beneficios! Um Deus soffrendo e morrendo na cruz por todos os homens, e na hora suprema perdoando a seus algozes e orando por elles! eis o dogma eternamente bemfazejo, que transformou todas as relações dos homens para com Deus, e d'uns para com os outros. D'aqui a confiança em Deus, a esperança fundada no perdão, a paz da consciencia, a consolação dos desgraçados no decurso da vida, e maiormente na morte. D'aqui a Carta das nações christãs, a grande lei da charidade universal, lei escripta com o sangue d'um Deus, confirmada por sua morte, e tornada possivel pela uncção da sua cruz. O homem creo em um Deus morto por amor de todos os homens; e eis se mudou o direito das gentes; o estranho não se considerou mais como inimigo, nem o prisioneiro como uma victima votada á escravidão e á morte; aquella atroz divisa: *Ai dos vencidos*, cessou de atterrar as nações; porque a guer-

(1) Veja-se a nossa Historia das Catacumbas, p. 20—100.

ra não se fez mais para alcançar despojos e escravos: ella perdeu a sua ferocidade para se tornar *humana*.

Deus morreu pelo homem; eis um modelo sublime diante dos reis, para se consagrarem a seus povos; e um exemplo sublime diante dos povos, para obedecerem aos seus principes. As sociedades christãs, fundadas neste espirito de mutuo sacrificio, produziram milagres em dedicação, como os produziram em duração e força.

Deus morreu pelo homem — desde que estas palavras soaram no mundo, o odio, a vingança, as atrozes maquinações do rancor inveterado, tornaram-se crimes, de virtudes que eram entre os pagãos antigos, e actos honrosos que ainda hoje são nas nações idolatras, bem como entre os homens que perdem o senso catholico.

Deus morreu pelo homem — mas não continuemos; quando fallassemos a lingua dos Anjos, ser-nos-hia impossivel dizer tudo o que o mundo deve a este dogma salutar: o coração que o sinta.

O 5.° artigo do Symbolo exprime-se nestes termos: *Desceu aos infernos; ao terceiro dia resurgio dos mortos.* O Salvador não interrompeu um só instante a obra da Redempção, para a qual tinha vindo ao mundo. Apenas expirou, queremos dizer, apenas sua alma se separou do corpo, logo se fez sentir no imperio da morte a virtude reparadora de seu precioso sangue.

Desceu. Por estas palavras, fazemos profissão de crer que Nosso Senhor Jesu-Christo estando morto, e seu corpo sepultado no tumulo, sua alma santa foi visitar as almas dos justos, que tinham vivido antes da sua vinda. Ainda que durante este tempo, a alma do Salvador estivesse realmente separada do seu corpo, a sua divindade, como já dissemos, nunca se separou nem do seu corpo, nem da sua alma.

Aos infernos. Aqui o nome d'inferno designa quatro lugares differentes; a saber: 1.° a prisão negra e soturna, onde as almas dos reprobos são atormentadas de dia e de noute com os demonios por um fogo que nunca se extingue. Esta negra região, que é o inferno propriamente dito, tambem se chama *Gehenna* e *abysmo*. 2.° o *Purgatorio*, ou lugar em que as almas dos justos soffrem por certo tempo, para se purificarem inteiramente, antes de entrarem na patria celeste, onde nada poderá jamais entrar com nodoa ou ma-

cula. 3.° o lugar onde estam as almas dos meninos que morreram sem baptismo, os quaes não padecem a pena de fogo, mas tam somente a privação da bemaventurança eterna. (1) 4.° o lugar onde eram recebidas as almas dos Patriarchas, dos Prophetas e dos outros santos, que morreram antes da vinda de Nosso Senhor. Este lugar chama-se vulgarmente o *Limbo* e na Escriptura tem o nome de *Seio d'Abraham*. Nelle entravam as almas dos justos, logo que partiam deste mundo, se estavam limpas de toda a nodoa; mas, se não estavam, iam purificar-se pelo fogo do purgatorio, como ainda hoje succede com as que teem para pagar algumas dividas de seus peccados. Não iam estas almas para o Ceo; porque este se tinha fechado ao genero humano, desde o peccado do primeiro Adam; e porque estava reservado ao segundo Adam o entrar alli primeiro, e abrir as portas delle aos homens. Todavia, no Limbo, as almas dos justos não só não soffriam dores; mas gozavam d'um repouso tranquillo, consolando-se com a esperança da sua Redempção; porque estavam privados do Soberano Bem, da visão intuitiva de Deus. Foi a estas almas predestinadas, que o Salvador visitou para lhes annunciar o Evangelho; isto é, a Redempção dellas e a do mundo todo. (2) Foram estas as prisões, das quaes o Salvador quebrou

(1) Bellar. Dottr. christ 26.

(2) Deus conditor ac redemptor noster claustra inferni penetrans, electorum exinde animas eduxit; nos illò ire non patitur, unde jam alios descendendo liberavit. Hi vero qui ante ejus adventum in hunc mundum venerunt, quantamlibet justitiæ virtutem haberent, e corporibus educti in sinu cœlestis patriæ statim recipi nullo modo poterant; quia nondum ille venerat, qui inferni claustra sua descensione solveret et justorum animas in perpetua jam sede collocaret. *Greg. Mag. lib.* XIII. *Moral. in Job, c.* 43.

Omnia etenim traxit, qui de electis suis apud inferos nullum reliquit. Omnia abstulit, utique electa; neque enim infideles quosque et pro suis criminibus æternis suppliciis deditos, ad veniam Dominus resurgendo reparavit; sed illos ex inferni claustris rapuit, quos suos in fide et actibus recognovit. Unde etiam recte per Osee dicit: *Ero mors tua, o mors; morsus tuus ero, inferne. Id. Homil.* XXII *in Evang.*

as portas e ferrolhos. Desde este momento o Limbo deixou d'existir; porque havendo Nosso Senhor aberto aos homens as portas do Ceo, é de fé que para alli vão, sem demora, as almas perfeitamente purificadas. A presença do Salvador derramou n'aquellas almas

In ultimo per novissimum omnes, qui ab initio Discipuli, emundati, et abluti quæ sunt mortis, in vitam veniant Dei... Sicut Jeremias ait: *Rememoratus est Dominus sanctus Israel mortuorum suorum, qui prædormierunt in terra defossionis*, et descendit ad eos, uti evangelizaret eis salutare suum ad salvandum eos... Passio ejus expergefactio est dormientium Discipulorum, propter quos et descendit in inferiora terræ. *Iren. lib.* IV *adv. hær. c.* 22.

Prædicavit Dominus iis quoque, qui erant apud inferos... si qui sunt collocati apud inferos ipsi sunt, qui divinam audierunt virtutem et vocem; nam quis sanæ mentis, et justorum et peccatorum animas esse existimaverit in una condemnatione injustitiæ, maculam inurens Providentiæ? Quid vero? an non significant Dominum annuntiasse Evangelium, et iis I Petr. III, 19 et 20, qui perierant in diluvio, vel potius vincti fuerant, et iis qui in præsidio continebantur et custodia?... Dominus nulla alia de causa descendit ad inferos, quam ut annuntiaret Evangelium... Anima ergo Christi animabus prædicavit Evangelium. *Clem. Alex. Strom. lib.* 6, *p.* 637.

Ob id porro deificata anima ad inferos descendit, ut quemadmodum his, qui in terra versabantur, *justitiæ Sol* ortus erat, ita etiam illis qui subtus terram in tenebris et umbra mortis sedebant, illuceret. Ac sicut iis qui in terra erant, pacem, captivis remissionem, cæcis visum evangelizaverat, atque illis quidem qui crediderant salutis auctor exstiterat; incredulos autem infidelitatis arguerat; sic etiam iis qui in inferno erant: ut ipsi *omne genu flecteretur, cœlestium, terrestrium et infernorum.* Phil. II, 10. Hoc pacto, solutis illis, qui ab omni ævo tenebantur, ipse rursus a morte ad vitam rediit, viam nobis ad resurrectionem sternens. Joan. Damas. lib. III, *de Fide orthod.* c. 29. Id. Aug lib. XX. *de Civ. Dei.* Id. Tertull. *de Anima*, c. 55. Id. Justinus, in *dial. cum Tryhhone Judæo.* Id. Athanas. in illud: *omnia mihi tradita sunt*, p. 105. Id. Cyril. Hieros. *Catech.* 4. Id. Greg. Nyssenus, *orat.* I, *in Christi resurrectione.* Id. Ambros. *de Incarnat. Domini*, c. 5, n. 40, et omnes sancti Patres.

santas uma alegria infinita, e as fez gozar da bemaventurança essencial, que é a visão de Deus. Então se verificou aquella promessa feita ao bom ladrão: *Hoje mesmo estarás comigo no Paraizo.* (1) No dia de sua Ascensão, levou o Salvador comsigo esta multidão d'almas, gloriosas primicias do genero humano, nobres despojos arrancados á morte. Por isso não só os justos, que houve depois da vinda de Jesu-Christo, mas tambem os que morreram antes, e os que hão de existir depois até o fim dos seculos, todos se salvam pelo merito da Paixão de Nosso Senhor. Eis porque, antes da sua morte e Resurreição, o Ceo se não abrio a ninguem. Em todos os outros lugares dos infernos se mostrou tambem Nosso Senhor. Como vencedor, aterrando os demonios; como Juiz supremo, ameaçando os reprobos; como Libertador, consolando as almas do Purgatorio: é assim que um monarcha algumas vezes entra nas prisões, para as inspeccionar, e fazer graça a quem lhe apraz. (2) Taes são os motivos por que Nosso Senhor desceu aos infernos. E quem não admirará a bondade infinita do nosso Salvador, e a extensão da Redempção humana? Quem se não maravilha de ver o Filho de Deus, após de soffer por nós uma dolorosa morte, penetrar ainda pelas mais infimas partes da terra; afim de tirar d'alli as almas, que elle amava, e conduzil-as comsigo para o Ceo?

Ao terceiro dia resurgio dos mortos. Como Nosso Senhor tinha vivido entre os vivos trinta e tres annos e alguns mezes, tambem quiz estar entre os mortos trinta e tres horas pelo menos: uma hora por cada anno. De facto, o Salvador morreu na sexta feira, e resuscitou na manhã de Domingo, o que faz um intervallo de trinta e tres a trinta e cinco horas pouco mais ou menos. Alem disso, quiz estar no sepulchro tres dias, para verificar a figura de Jonas, e cumprir a prophecia que elle mesmo fez. (3) Não esteve pois tres dias completos no tumulo; mas, para dizer com verdade que esteve tres dias, e que resuscitou ao terceiro dia, basta que

(1) Luc. XXIII, 44.
(2) Bellar. Dottr. christ.
(3) João. II.

estivesse um dia inteiro, e uma parte do dia antecedente, e outra do seguinte. Emfim, para provar que era Deus, não quiz o Salvador deferir a sua Resurreição para o fim dos seculos; e para tambem mostrar que era homem, e que realmente tinha morrido, não quiz resuscitar immediatamente depois da sua morte; mas sim ao terceiro dia; sendo este intervallo de tempo sufficiente, para provar que elle estava verdadeiramente morto.

Resurgio dos mortos. Sahindo victorioso do sepulchro, gozou Nosso Senhor de todas as qualidades de que nós mesmos participaremos, se tivermos a felicidade de morrer santamente. O seu corpo era impassivel, agil, subtil, luminoso; porem quiz conservar as cicatrizes de suas chagas, como vemos da historia do Apostolo S. Thomé. Ora, elle o quiz assim, para conservar eternamente os signaes do seu triumpho; para provar a seus discipulos que era elle realmente, que tinha resuscitado; para obter mais efficazmente de seu Pai o que lhe pede, recordando-lhe o cruel genero de morte que soffreu; para mostrar aos homens porque preço os remio; emfim, para fazer ver aos reprobos, no dia de Juizo, assim a enormidade da sua ingratidão, como a justiça da sua condemnação.

Resurgio dos mortos. Já provamos em outra parte a Resurreição de Nosso Senhor. Fallaremos agora d'alguns motivos, que a tornavam necessaria. Cumpria que Nosso Senhor resuscitasse, para que seu corpo, que tinha soffrido tantos tormentos, participasse da bemventurança e gloria eterna; para que sua divindade se manifestasse evidentemente; para que a nossa fé se tornasse para sempre inabalavel; emfim, para que a esperança de nós mesmos resuscitarmos adquirisse uma força capaz de nos consolar em todas as nossas penas, fazer-nos aceitar todos os sacrificios, e praticar todas as virtudes, ainda as mais custosas á nossa natureza.

Resurgio dos mortos. Quando dizemos que Nosso Senhor resuscitou, não devemos só entender que resurgio dos mortos como succedeu a outros; mas que resuscitou por sua virtude propria; o que não convem senão a elle; porque é contra a ordem da natureza, e cousa que a ninguem se concede, o passar da morte á vida por virtude propria; este poder supremo só a Deus pertence. Com effeito, não se tendo separado a divindade nem do corpo de Jesu-

Christo no sepulchro, nem de sua alma quando desceu aos infernos, uma virtude divina permanecia em seu corpo, e em sua alma; donde se segue que o corpo podia reunir-se á alma, e á alma tornar para o corpo, e Jesu-Christo reviver e resurgir dos mortos por sua propria virtude. Resuscitando desta sorte, cumpria o Salvador em sua pessoa, mesmo no tumulo, uma prophecia concernente ao Messias; porque David tinha dito: *A sua dextra; o seu santo braço* (isto é, a sua omnipotencia) *é que o salvou.* (1) Se algumas vezes dizemos que Jesu-Christo resuscitou pelo Pai, isto se refere á sua humanidade, assim como se refere á sua divindade o ter resuscitado por sua propria virtude. (2)

Cumpre ainda notar, que a resurreição de Nosso Senhor foi uma resurreição perfeita, isenta de toda a necessidade de morrer, dotada da vida immortal: nosso Senhor é o primeiro que resuscitou desta sorte. Pelo que a Escriptura lhe chama o primogenito *d'entre os mortos;* (3) porque muitos, antes de Jesu-Christo, tinham resuscitado; mas não isentos de morrer segunda vez. O Salvador porem, resuscitando, venceu e domou a morte de maneira, que não pode tornar a morrer. Assim nol-o diz claramente S. Paulo: *O Christo resurgido dos mortos, não torna a morrer; a morte não terá nelle mais poder.* (4) Cumpre notar mais, que a resurreição do segundo Adam foi o principio da resurreição de todos os homens; pelo que é uma resurreição especial. *A morte veio por um homem*, diz o Apostolo, *e a resurreição dos mortos tambem veio por um homem. Assim como todos morrem em Adam, assim todos revivem em Jesu-Christo.* (5) Cumpre notar emfim, que a resurreição do

(1) Ps. XCVII, 1.

(2) Quamvis autem in Scripturis interdum legamus Christum Dominum a Patre suscitatum esse; hoc ad eum, ut ad hominem, referendum est; quemadmodum illa rursus ad eumdem, ut Deum, spectant quibus significatur eum sua virtute resurrexisse. *Catech. Concil.* l. I.

(3) Apoc. I.

(4) Rom. VI, 9.

(5) I Cor. XV, 20.

segundo Adam accelera admiravelmente a obra da nossa Redempção. O Salvador, morrendo, tinha-nos livrado de nossos peccados; mas resuscitando, restitue-nos todos os bens que o peccado arrebatara. Para que nada faltasse á salvação dos homens, era necessario que o Christo resuscitasse, assim como foi necessario que morresse. Se queremos, pois, participar da sua resurreição, unamo-nos a este segundo Adam, assim como estamos unidos ao primeiro; creiamos nelle, amemol-o, vivamos santos como elle na terra, para vivermos gloriosos como elle no Ceo.

Façamos agora algumas reflexões sobre as luzes e vantagens que este artigo traz á sociedade. A descida de Jesu-Christo aos infernos, isto é, a universalidade da sua Redempção, e o resurgir elle d'entre os mortos, são as duas verdades fundamentaes, com que o quinto artigo do Symbolo enriqueceu o mundo.

A primeira destas verdades ensina-nos, que todos os homens, desde a origem do mundo até a consummação dos seculos, são filhos de Deus; que, por este titulo, Deus os ama tanto, que chegou a derramar um sangue divino, para lavar seus peccados, e abrir-lhes as portas da cidade santa. E não é isto proclamar a lei da fraternidade universal? Não é isto dizer efficazmente a todos os homens, e a todos os povos: Amai-vos uns aos outros, pois que Deus vos amou tanto? Não é isto publicar a grande lei da charidade; e mostrar a Jesu-Christo, nosso Mestre e modelo, cumprindo-a em toda a sua extensão? Não é isto, em summa, um raio luminoso e deslumbrante; uma resposta sem replica ás objecções do egoismo; um immenso beneficio social?

E depois disto, aquellas palavras, *desceu aos infernos*, revelando-nos a universalidade da Redempção de Jesu-Christo, não são uma prova de que este divino Salvador é na verdade o Desejado das nações; o Libertador esperado de todos os homens que pereceram? Quanto importa pois confirmar a nossa fé em Jesu-Christo? Não é sobre a fé em Jesu-Christo que repousa todo o edificio social dos povos modernos?

A segunda verdade contida no quinto artigo do Symbolo, *ao terceiro dia resurgio dos mortos*, confirma tambem, por um facto tam certo como a existencia do sol, a fé universal em a divindade

de Jesu-Christo. Sim, mostra-nos este artigo, que Jesu-Christo é realmente o Messias promettido ao genero humano; pois que cumprio na sua pessoa os caracteres e factos prophetizados do futuro Messias. Assim, as principaes vantagens que traz á sociedade este quinto artigo, é dilatar a charidade, e confirmar a fé; e para reconhecer e apreciar isto, basta perguntar de que vivem as sociedades, senão da fé e do amor? Reis e povos, ricos e pobres, curvai o joelho diante das verdades do Symbolo catholico; elle é a fonte de toda a fé e de toda a charidade, e por consequencia o principio de todas as acções nobres, generosas e verdadeiramente sociaes. Soffrer, morrer, livrar as almas dos antigos justos, resuscitar para fortalecer a nossa fé, eis uma parte dos trabalhos, a que se consagrou o Filho de Deus, para nos testemunhar o seu amor. E' possivel haver alguem que o não ame? — que digo, é possivel haver homens, que se envergonhem delle? A historia seguinte nos fará sentir, quanto é indigno um tal procedimento.

Um poeta famoso do ultimo seculo devia os seus dias a um honesto artista; o qual, com seus suores, privações e vigilias, tinha dado a seu filho uma educação distincta. O mancebo correspondia aos disvelos de seu terno pai, com uma applicação profunda e um aturado estudo. Brilhantes successos coroaram em breve seus esforços, e revelaram ao mundo o seu talento. Sobretudo, uma certa composição em verso, mereceu-lhe os applausos universaes. Desejoso de conhecer o author, pedio um senhor da corte ao joven poeta, que viesse recitar os seus versos em uma reunião, aonde concorreram os caracteres mais distinctos da capital. Não se podia recusar tam lisongeiro convite. O pai, em attenção a seu filho, tambem sollicitou e obteve a honra de ser admittido a esta assemblea.

Começa o joven poeta a recitar com voz firme; em breve o interrompem os applausos; continua elle, e chovem-lhe coroas sobre a cabeça; termina, e o fidalgo, que o convidara, corre a abraçal-o com enthusiasmo, diante de todo o illustre concurso. No mesmo instante, do fundo da sala, surge um velho de cabellos brancos, trajando os vestidos d'uma honesta indigencia; borbulhavam-lhe as lagrimas nos olhos; e com os braços abertos se dirigia para o laureado poeta. Este, porem, voltou-lhe o rosto, como se o não

conhecesse, e comtudo o velho... era seu pai !!! Então de todos os cantos da sala rebentou uma explosão de gritos e vozes d'indignação ; todos repetiam estas palavras ignominiosas : *Filho ingrato !... filho desnaturado !...*

Sim , dizeis bem , filho ingrato, filho desnaturado ; são as unicas palavras, que convem ao filho, que se envergonha de seu pai ; porem , dizei-nos , que nome merece aquelle, que se envergonha do seu Deus ?

ORAÇÃO.

O' meu Deus ! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes enviado um Salvador , que nos ensinou todos os meios de nos unirmos a elle, para participarmos dos meritos da sua Redempção. Assim eu creio nelle , e o amo , e o quero imitar ; afim de ser tambem similhante a elle no Ceo.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas , e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus ; e, em testemunho deste amor, *não me envergonharei jamais da minha Religião.*

XX.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA FE'.

DO PURGATORIO.

Exposição da crença catholica. — Provas desta crença. — O Antigo Testamento. — O Novo Testamento. — Tradicção da Igreja. — Tradicção das seitas separadas — Tradicção dos Pagãos. — Argumento da rasão. — Vantagem social deste dogma. — Motivos d'orar pelos mortos. — A gloria de Deus. — A charidade. — A justiça. — Nosso interesse pessoal.

Vimos na lição precedente que o Purgatorio é o lugar onde as almas dos justos, que sahem deste mundo sem haverem sufficientemente satisfeito por suas culpas, vão acabar de purificar-se, antes de serem admittidas ao gozo da Bemaventurança eterna; porque é de fé que nada impuro entrará no Ceo. O dogma do Purgatorio é uma das verdades mais consoladoras da Religião. Para nos unirmos ao segundo Adam, devemos crel-a como todas as mais que elle nos revelou; mas ainda quando isto não fosse um dever, parece que naturalmente nos inclinariamos a admittil-a, pelo que é agradavel crer que os laços, que nos unem a nossos irmãos, não se dissolvem pela morte, e que podemos ainda ser-lhes uteis, mesmo depois que sahiram desta vida. Assim as provas que vamos dar não teem por fim vencer a nossa repugnancia a este respeito, mas tamsomente fortalecer e consolar a nossa fé, mostrando quanto ella é bem fundada.

Comecemos por expor o que devemos crer ácerca do Purgatorio.

A Igreja catholica, reunida no Concilio de Trento, ensina-nos sobre isto quatro verdades: a *primeira* é, que depois da remissão da culpa do peccado, e da pena eterna, obtida de Deus no sacramento da penitencia, ainda resta, geralmente fallando, uma pena temporal a soffrer; a *segunda*, que, quando neste mundo se não satisfaz a pena temporal, pode e deve soffrer-se depois da morte, no Purgatorio; a *terceira*, que as orações, e boas obras dos vivos podem ser uteis aos mortos, alliviar e abreviar suas penas; a *quarta*, emfim, que o sacrificio da Missa, como propiciatorio, tem virtude de apagar os peccados e satisfazer a justiça divina, pelos vivos e pelos mortos. (1) E' pois um artigo de fé que ha um Purgato-

(1) Si quis post acceptam justificationis gratiam, *cuilibet* peccatori pœnitenti, ita culpam remitti et reatum æternæ pœnæ deleri dixerit, ut nullus remaneat reatus pœnæ temporalis exsolvendæ vel in hoc seculo, vel in futuro in purgatorio, antequam ad regna Cœlorum aditus patere possit; anathema sit. *Sess.* VI, *can.* 30.

Si quis dixerit totam pœnam simul cum culpa remitti *semper* a Deo, satisfactionemque pœnitentium non esse aliam quam fidem, qua apprehendunt Christum pro eis satisfecisse; anathema sit. *Sess.* XIV, *can.* 12.

Si quis dixerit missæ sacrificium tantum esse laudis, et gratiarum actionis, aut nudam commemorationem sacrificii in cruce peracti, non autem propitiatorium; vel soli prodesse sumenti; neque pro vivis et defunctis, pro peccatis, pœnis, satisfactionibus et aliis necessitatibus offerri debere; anathema sit. *Sess.* XXII, *can.* 3.

Nada mais sabio que estes decretos. O Concilio não decide se o Purgatorio é um lugar particular, no qual as almas estejam fechadas; nem de que maneira se purificam, se pelo fogo, se por outro modo; nem qual é o rigor ou duração de suas penas; nem até que ponto se mitigam pelas orações, pelas boas obras dos vivos, ou pelo santo sacrificio da missa; nem se este sacrificio opera seu livramento ex opere operato, se d'outro modo; nem se aproveita a todos em geral, ou se somente áquelles, por quem se offerece em particular, etc. Os theologos podem ter cada um sua opinião nestes differentes pontos; mas taes opiniões nem

rio, e que podemos, por nossas orações, por nossas boas obras e pelo santo sacrificio da missa, alliviar as almas que nelle acabam de purificar-se. Ora, professando esta tocante verdade, associamos a nossa fé á de todos os seculos; pois houve sempre a este respeito uma fé invariavel, fundada na mesma palavra de Deus, que não varia nem muda.

Primeira prova do Purgatorio. — *O Antigo Testamento.* — Muitos dos soldados do exercito de Judas Machabeo, tinham tirado dos templos de Samnia, contra a prohibição de Deus, certos objectos consagrados aos idolos; e como entrassem em uma batalha, levando-os escondidos debaixo de seus vestidos, todos absolutamente morreram. Descoberto o seu crime, no momento em que os ião enterrar, todos o consideraram como a causa de sua morte; porem Judas Machabeo, ponderando que talvez aquelles soldados não conhecessem bastantemente a lei, para comprehenderem a gravidade do crime, ou que se haviam arrependido no seu coração antes de expirar, mandou fazer um peditorio, e enviou para Jerusalem o dinheiro, afim que alli se offerecessem sacrificios por seus peccados; *considerando*, diz a Escriptura, *que ha uma grande misericordia com aquelles, que morrem no temor de Deus. Pois é um santo e salutar pensamento o orar pelos mortos, afim que sejam livres de seus peccados.* (1) Portanto, era de fé entre os Judeos, ser uma cousa santa e salutar o offerecer sacrificios pelos mortos, para serem livres de seus peccados. O historiador Josepho assas nos dá a entender, que esta crença ainda vigorava no seu tempo, quando nos diz: que os Judeos não oravam por aquelles, que a si mesmos se tiravam a vida. (2) Ora, sem duvida, não oravam por aquelles

serão dogmas de fé d'uma certeza absoluta, nem por consequencia obrigarão ninguem a submetter-se a ellas. Holden de *Resol. fid.* lib. 2, c. 6, §§ 1 e 2. Veron, *Regul. fid. Cathol.* c. 2, § 3, n. 5, e § 5. Bossuet, *Expos. da fé*, art. 8. Bergier, art. *Purgatorio.*

(1) II Mach. XII.

(2) Guerra dos Judeos, c. 91. — M. Drach, *da oração pelos mortos entre os Judeos.*

que estavam já no seio d'Abraham, onde não havia necessidade de orações, nem tam pouco pelos que estivessem no Inferno, onde as orações são inuteis. Logo criam em um estado medio entre um e outro; e este estado medio é o que nós chamamos o Purgatorio.

Segunda prova. — *O Novo Testamento.* Se o costume de offerecer sacrificios e orar pelos mortos, que suppõe a crença do Purgatorio, não era, como pretende Calvino, mais que uma invenção de Satanaz, como succede logo que Nosso Senhor, achando-a estabelecida, nunca desenganou aos Judeos? Porque é que não acautelou a seus Discipulos contra essa tradicção illusoria, falsa e supersticiosa? Pelo contrario, sabia elle muito bem que todos os Christãos seguiriam esta crença religiosamente, pelos seculos adiante; que renovando todos os dias o sacrificio de seu corpo, e de seu sangue, pediriam ardentemente que fosse applicado pelas almas de seus irmãos fallecidos, que estivessem nas penas do Purgatorio; elle o sabia, e comtudo não o prevenio; que digo? elle mesmo approvou e recommendou esta pratica a seus Discipulos; elle mesmo os confirmou na sua crença em o Purgatorio. Um dia Jesus lhes disse: *Se alguem blasphemar contra o Filho do homem, poderá obter o perdão; mas se blasphemar contra o Espirito Santo, esse peccado lhe não será perdoado nem neste, nem no futuro seculo.* (1) Logo ha peccados que se perdoam no seculo futuro, alias a expressão do Salvador não significaria nada. Ora, como o peccado não pode ser perdoado no seculo futuro, quanto á culpa e á pena eterna, segue-se que ahi pode ser perdoado quanto á pena temporal; mas esta remissão não pode ter lugar no Ceo, onde ninguem entra com nodoa de peccado, nem no Inferno, *onde não ha remissão*: logo ha entre o Ceo e o Inferno um lugar medio, onde se cumpre esta remissão. Pois a este lugar medio é que nós chamamos o Purgatorio.

Terceira prova. — *A tradicção da Igreja Catholica.* Nosso Senhor não só confirmou em seus Apostolos a fé em o Purgatorio, não só approvou e recommendou a pratica d'orar pelos mortos; se não que tambem lhes mandou prégar esta verdade, e estabelecer

(1) Matth. XII, 32.

este costume. Se é certo que os Apostolos ensinaram a Igreja a orar pelos mortos, é de necessaria consequencia que Jesu-Christo os ensinasse, e mandasse prégar e estabelecer este costume. Ora, é um facto tam certo como a existencia do sol, que a Igreja, desde o tempo dos Apostolos, não cessou d'offerecer orações e sacrificios pelos seus fieis defuntos. Levar-nos-hia longe citar aqui todos os Padres e auctores ecclesiasticos, que dão testemunho da perpetuidade deste tocante e piedoso costume. Limitar-nos-hemos pois a alguns somente. « Ajuntai-vos, dizem as Constituições Apostolicas, em os cemiterios, fazei ahi a leitura dos livros sagrados, cantai Psalmos em honra dos martires, e de todos os santos, e por vossos irmãos que morreram em o Senhor, e offerecei depois a Eucharistia. » (1)

Tertulliano, que floreceu tam proximo aos Apostolos, falla frequentemente da oração pelos mortos, e diz que este uso se funda na tradicção. (2) S. Cypriano, alludindo ás orações pelos mortos, diz estas notaveis palavras: « Os Bispos, nossos predecessores, já tinham ordenado que nenhum de nossos irmãos nomeasse por testamento algum Ecclesiastico, para tutor ou curador; e que se alguem o fizesse, não se orasse por elle, nem se celebrasse o sacrificio pelo repouso de sua alma. » (3) A decisão dos Bispos anteriores a S. Cypriano, suppõe a pratica estabelecida d'orar pelos mortos, e assim prova que a sua origem é apostolica.

Mas eil-a aqui por extenso em S. Chrysostomo: « Não foi sem rasão que os Apostolos ordenaram, que na celebração dos tremendos misterios, se fizesse commemoração pelos defuntos, pois sabiam quanto isto redunda em utilidade e proveito dos mortos. » (4) S. Agostinho, que compoz um Tratado dos nossos deveres para com os mortos, no qual as orações se empregam incessantemente, exprime-se deste modo: « As honras funebres, o esplendor com que se fazem,

(1) Liv. VI, c. 30.
(2) De Coron. 3.
(3) Epist. IX.
(4) Homil. LIX, ad popul. Antioch.

a sumptuosidade dos mausoleos, sem nada servirem aos defuntos, podem comtudo dar aos vivos alguma especie de consolação; mas o que se não deve duvidar, é que as orações da Igreja, o santo sacrificio, as esmolas, lhes dão allivio, e fazem que sejam tratados com maior misericordia do que mereciam; porque a Igreja universal, instruida pela tradicção de seus Padres, no lugar do sacrificio onde se faz menção dos mortos, ora por elles e offerece o sacrificio por todos os que falleceram na communhão do corpo de Jesu-Christo. » (1) Na sua obra contra as heresias, o mesmo S. Padre põe Aerio em o numero dos hereges; (2) assim como já tinha feito S. Epiphanio, por elle ter negado, contra a doutrina e tradicção de todos os tempos, a utilidade das orações pelos mortos; testemunhando-nos deste modo um e outro que a consideravam na Igreja como uma das verdades reveladas e conhecidas pela tradicção apostolica.

S. Isidoro diz-nos o mesmo por estas palavras: « Por isso que a oblação do sacrificio, e a oração pelo descanço dos fieis defuntos, se faz na Igreja por toda a terra, cremos que foram os Apostolos que nos deixaram por tradicção este costume. Ora, a Igreja o observa em toda a parte; e é certo que, se não estivesse persuadida que os fieis poderiam obter o perdão de seus peccados, não daria esmolas pelo allivio de suas almas, nem offereceria a Deus o sacrificio por elles. » (3)

Emfim, S. Cyrillo de Jerusalem, explicando aos fieis a pratica d'orar pelos mortos, diz: « Nós oramos por nossos pais e Bispos, e em geral por todos os nossos, que partiram desta vida, na firme esperança de que receberão grande allivio com as orações que por elles se offerecem, e com o santo e tremendo sacrificio. » (4) Seria inutil multiplicar citações, porque os chefes da reforma protestante confessam a existencia do Purgatorio e a perpetuidade da

(1) Serm. CLXXII.
(2) Hæres. 53, 75.
(3) Liv. dos officios divinos, c. 415.
(4) Catech. V.

oração pelos mortos. « Ha para cima de mil e trezentos annos, dizia Calvino, que se observa o costume d'orar pelos mortos. » (1) « Quanto a mim, que creio firmemente, dizia Luthero, ainda digo mais, que sei que o Purgatorio existe, não tenho difficuldade em me persuadir que a Escriptura faça menção delle. Tudo o que posso dizer do Purgatorio é, que as almas alli soffrem e podem ser alliviadas pelas nossas obras e orações. » (2)

Quarta prova. — *A tradicção das seitas separadas da Igreja.* As liturgias da maior parte das seitas, que vamos citar, supposto não fossem escriptas senão no quarto seculo, datam comtudo do tempo dos Apostolos. (3) Eis como se exprime a liturgia (4) dos Nestorianos do Malabar: « Lembremo-nos de nossos pais, de nossos irmãos, dos fieis que sahiram deste mundo na fé orthodoxa; oremos ao Senhor para que os absolva, e lhes perdoe seus peccados e prevaricações, que os faça dignos de participar da felicidade eterna, com os justos que se conformaram com a vontade divina. » A liturgia dos Nestorianos Chaldeos diz: « Recebei esta oblação, ó meu Deus!... por todos aquelles que choram, que estam enfermos, que soffrem por oppressões, calamidades, enfermidades, e por todos os fallecidos, que a morte separou de nós... perdoai os delictos e os peccados dos mortos; nós vol-o pedimos por vossa graça, e vossas eternas misericordias. »

A liturgia dos Armenios tem orações mui bellas pelos vivos e defuntos em geral. O Diacono dirigindo-se a todos os fieis diz em voz alta: « Pedimos que se faça menção, neste sacrificio, de todos os fieis em geral, homens e mulheres, novos e velhos, que morreram na fé de Jesu-Christo. — O coro responde: Lembrai-vos, Senhor, e tende piedade delles. » — O Padre só: « Dai-lhes o des-

(1) Inst. liv. III, c. 5, § 70.
(2) Disputa em Leipsick, 6 de Julho de 1519.
(3) Veja-se Bergier, art. *Liturgia.*
(4) Liturgia é o aggregado de orações, ritos e ceremonias que compoem o culto divino.

canço, a luz, e um lugar entre os vossos santos, no vosso reino celeste; e fazei que sejam dignos da vossa misericordia. »

A liturgia dos Gregos contem esta encommendação das almas: « Nós vos offerecemos tambem, pelo descanço e livramento da alma de vosso servo N..., para que esteja no lugar luminoso, onde não ha dor nem gemidos; e para que a façaes repousar, ó Senhor nosso Deus! em o lugar onde fulgura a luz da vossa face. »

A liturgia d'Alexandria, ou dos Cophtas jacobitas, faz commemoração pelos mortos nestes termos: « Lembrai-vos, Senhor, de todos aquelles que adormeceram e terminaram seus dias em o sacerdocio, como tambem de toda a ordem dos leigos. Dignai-vos conceder o descanço a suas almas, no seio d'Abraham, Isaac e Jacob; levai-as ao Paraizo das delicias, a essa morada donde são banidas a dor, a tristeza, e os suspiros do coração; e onde resplandece a luz de vossos santos. » Os mesmos votos, as mesmas orações deparamos nas liturgias das outras seitas separadas da Igreja, taes como os Abyssinios, os Assyrios, etc. (1)

E' pois um facto evidente, e todas as liturgias do mundo o attestam, que desde os tempos apostolicos, não só os Christãos da Igreja Catholica, mas tambem os das communhões separadas, recitaram sempre e recitam ainda orações pelos mortos, na celebração dos santos misterios. Ora, este concurso unanime de todos os Christãos, esta uniformidade de todas as liturgias, suppõe necessariamente uma origem commum, reconhecida igualmente por amigos, e inimigos, Catholicos e dissidentes; auctoridade esta mais sagrada aos olhos dos hereges, que a da Igreja, a que recusam submetter-se; mas auctoridade que não pode conceber-se, nem attribuir-se a outra origem, que não seja o ensino dos Apostolos. E' pois ao ensino delles e de seu divino Mestre, que devemos attribuir a pratica universal d'orar pelos mortos, a crença da sua utilidade, e por consequencia, a da existencia do Purgatorio.

(1) Perpetuidade da fé, t. V, p. 610. Discussão amigavel, t. II, p. 257. *Morino*, Oração pelos Mortos. Historia da Acad. das inscripções t. II, p. 121.

QUINTA PROVA. — *A tradicção dos Pagãos.* O Dogma da existencia do Purgatorio é uma daquellas verdades essenciaes, que pertencem á revelação primitiva, e que a tradicção de nossos primeiros pais diffundio por todos os povos da terra. Platão (1) distingue entre os mortos os justos, que estam no gozo d'uma bemaventurança eterna; os maos, que soffrem supplicios tambem eternos; e os desgraçados, cujos peccados são reparaveis, e que não são punidos senão para se tornarem melhores: o que tudo é conforme á crença dos Judeos e dos Christãos Catholicos. Achamos em Virgilio esta mesma doutrina. (2) Os antigos Pagãos, como referem S. Justino (3) e Tertulliano, (4) offereciam sacrificios pelos mortos, e empregavam certos ritos expiatorios, para os restabelecer em sua primeira innocencia. Como se não sabia a sorte de cada um, que partia deste mundo, oravam geralmente por todos; e nas cartas, que se mandavam para annunciar a morte d'alguma pessoa, não deixavam de fazer o elogio della, afim de mover o leitor a orar por sua alma. (5) Havia uma liturgia de ritos e orações pelos mortos; e invocavam os santos em seu favor, como se prova das diversas inscripções dos tumulos. Eis aqui algumas: « Almas celestes, vinde em seu auxilio; os deuses te sejam propicios! » « Manes santissimos, eu vos recommendo o meu esposo; dignai-vos ser indulgentes com elle. » (6) Todos os povos Pagãos do Oriente e Occidente tiveram costumes similhantes.

D'est'arte os Pagãos, os Judeos e os Christãos concordam em reconhecer o dogma do Purgatorio: todas as nações da terra, e todos os seculos, repetem a seu modo aquellas palavras da Escriptura: « E' um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres de seus peccados. » (7) Agora perguntare-

(1) Em o Gorgias.
(2) Æneid. liv. VI, V. 33.
(3) Apol. II.
(4) De Spect. c. 12.
(5) Hist. da Acad. das inscrip. t. II.
(6) Id. t. I, p. 270, e t. II, p. 124.
(7) II Mach. XII, 46.

mos ao protestante e ao impio: quem sois vós, para rejeitar uma crença tam geral e constante? Que tendes para oppôr á fé e persuasão do mundo inteiro?

SEXTA PROVA. — *A rasão.* Se não fosse superfluo accrescentar mais provas a tantas auctoridades, nós as tirariamos da idea que a Escriptura nos dá da justiça de Deus, quando nos diz que elle retribuirá a cada um segundo as suas obras. Perguntariamos se é justo que um peccador, que gastou toda a sua vida em desordens, mas que se converteu á hora da morte, e se poz em graça por uma penitencia sincera, se um tal peccador, digo, será tam abundantemente recompensado, e gozará tam promptamente da bemaventurança eterna, como um justo, que perseverasse toda a sua vida na pratica da virtude, e morresse nos sentimentos de um perfeito amor de Deus? Nunca entrou em cabeça bem organizada um similhante plano de justiça divina. (1) Accrescentemos que se o erro nunca deu

(1) Bergier, art. *Purgatorio.*

Bem pode Deus dar uma tal contricção ao peccador, na hora ultima, que de todo o purifique, e o possa desde logo admittir á Bemaventurança; como ao justo, que teve uma vida illibada, e uma preciosa morte. Deus é absoluto senhor das suas graças; e nem o jornaleiro, que trabalhou todo o dia, pode increpal-o de dar um salario igual ao que foi chamado ao resto da tarde. Mas isto, sim, o pode Deus fazer por uma grande misericordia, por uma graça especialissima; mas não por *justiça*, e muito menos por um *plano* ordinario e constante de *justiça*; o que, como diz o nosso auctor, é absurdo, e não entra em cabeça bem organizada. Pelo contrario, sabemos que a justiça ordinaria de Deus pune o peccado quanto á pena, inda depois de perdoado quanto á culpa (veja-se o que se disse no principio desta lição); e a rasão que dá o Concilio de Trento é: "porque a mesma justiça exige, que os que peccaram sejam punidos com *alguma severidade*; para que a facilidade do perdão não seja incentivo do crime.„ Eis, de facto, o que Deus practicou com David, Moisés, Aaram, a quem impoz a necessidade de expiar uma pena temporal, alias rigorosa e severa: eis a sua Providencia ordinaria, o seu *plano de justiça.* Quem nos dirá agora que elle muda inteiramente

utilidade, se só a verdade é util, então o dogma do Purgatorio é sem duvida uma grande verdade. Com effeito, confirmando o Salvador este precioso dogma; conservando a Igreja com tanta sollicitude e amor maternal a pratica d'orar pelos mortos, contribuio mais do que se pensa, para inspirar entre os vivos a charidade, origem de todas as virtudes e fundamento da paz e prosperidade publica. E' cousa bem notavel, que a charidade, sendo a alma do Christianismo, diminua entre os vivos á proporção que se extingue para com os *mortos!*

O costume d'orar pelos mortos recorda-nos com saudade nossos parentes e bemfeitores; inspira-nos o respeito por suas ultimas vontades; contribue para a união das familias, reunindo seus membros dispersos sobre o tumulo de seus pais; trazendo-lhes á memoria os factos e as lições que interessam a sua felicidade; e talvez reconciliando-os; porque não estam longe de se amar aquelles, que choram juntamente por um motivo commum. Emfim, esta practica extingue o incendio das paixões, lembrando-nos que tudo o que não é Deus é cinza e nada. Resistir á inclinação mais sagrada da natureza, desconhecer o espirito do Christianismo, calcar aos pés a tradicção mais universal e respeitavel, eis o que fazem os impios e os hereges, destruindo e combatendo este santo e piedoso costume.

Motivos d'orar pelos mortos. — 1.° *A gloria de Deus.* Interessa-nos a gloria de nosso Pai celeste? Doem-nos os ultrages,

com os *moribundos*? Quem nos provará que para elles *sós* está reservado todo o perdão e relaxação de culpa e de pena? Se assim fosse, bem podia o peccador ir differindo a sua conversão (por calculo), para a *hora ultima*; afim de escapar á pena temporal, a que não escaparia se o fizesse antes! Não havia nada melhor, ou antes, não havia nada peior. Mas fallemos serio; a justiça de Deus não se illude: *elle retribuirá a cada um segundo as suas obras*; e se esta justiça se não cumprio neste mundo, em alguma parte se hade cumprir. Ora, onde ha de cumprir esta justiça o peccador que morreu penitente? No inferno não; no ceo, tambem não; logo hade cumpril-a no Purgatorio.

(Nota do Traductor.)

a incredulidade, de que elle é objecto da parte de tantos homens, e até de tantos Christãos? Alliviemos as almas do Purgatorio, empenhemo-nos em as tirar de lá, enviemos para o Ceo quantos mais podermos d'aquelles adoradores; dos quaes o menos perfeito excede em perfeição a todos os santos da terra; elles compensarão o Senhor da perda de tantas almas, que o deshonram todos os dias, e se perdem no ultimo da vida; elles lhe darão por nós e em nosso nome a gloria, que tantas vezes lhe temos tirado; consolarão o novo Adam, unindo-se a elle inseparavelmente, como os membros á cabeça: elle mesmo os não castiga senão a seu pezar, espera e deseja que desarmem a sua justiça. Poderemos acaso duvidar disto, quando nas divinas Escripturas elle mesmo se queixa, de que o não desarmem, quando quer punir os peccadores que são seus inimigos?

2.° *A charidade.* Não é só ao Senhor que aquellas almas pertencem, é tambem a nós; são nossos irmãos na fé; a mesma vocação os separou dos infieis; o mesmo signal d'adopção os caracterisou; lavou-os o mesmo sangue; nutrio-os o mesmo pão; santificou-os a mesma palavra e os mesmos Sacramentos. Sim, elles transpozeram, primeiro que nós, os umbraes da Eternidade; mas nem por isso deixaram de fazer parte da mesma Igreja. O vinculo sagrado da charidade christã continua a nos unir a elles; é por isso que sua terna Mãi, de quem todos somos filhos, os recommenda quotidianamente ao Senhor no augusto Sacrificio, e lhes applica as orações e boas obras que se fazem na terra. São nossos irmãos segundo a carne, quiçá nossos pastores, que nos educaram na piedade, que partiram tantas vezes comnosco o pão da vida, que talvez abreviaram seus dias, pela actividade do seu zelo e da sua sollicitude para comnosco; são talvez nossos pais, irmãos e irmãs, parentes e amigos; são elles que soffrem, que soffrem muito, e talvez porque nos amaram muito; são elles que soffrem, em quanto nós gozamos a vida que nos deram, os bens que nos deixaram; são elles que, do meio das chammas, estendem para nós as mãos supplicantes, e nos bradam: Tende piedade de nós, tende piedade de nós; vós ao menos, que fostes nossos parentes e amigos!

3.° *A justiça.* Consultemos seriamente a nossa consciencia; façamos a nós mesmos esta pergunta: Por ventura, entre tam

grande numero d'almas, não haverá alguma, que esteja no Purgatorio por minha culpa? Não daria eu motivo, com os meus peccados, ás impaciencias, juras, palavras e actos reprehensiveis, que meu pai, minha mãi, meu irmão, irmã ou amigo agora expiam tam severamente? Lembremo-nos de todas as leviandades e escandalos, mais ou menos graves, de nossa vida; e depois digamos, se tivermos animo para isso: Não, ninguem padece no Purgatorio por minha culpa!

4.° *O nosso proprio interesse.* Estas almas, que foram adiante de nós, estam-nos dizendo que tambem havemos de ir pelo mesmo caminho. Sim, tambem havemos de morrer. Mas, por ventura, teremos nós uma piedade tam solida, uma charidade tam ardente, uma vida tam pura, emfim, uma morte tam preciosa aos olhos de Deus, que possamos contar com ir gozar immediatamente da bemaventurança eterna? Ai de nós! Talvez que a sorte mais favoravel, que na maior parte poderemos esperar, seja um prolongado e rigoroso Purgatorio. Compadeçamos-nos, pois, de nós mesmos, apressemo-nos a fazer das almas do Purgatorio outros tantos protectores nossos diante de Deus.

Livres, por nossos ternos cuidados, das penas temporaes, aquellas bemditas almas serão nossos fieis advogados no Ceo, e pelo poder de suas orações, apressarão tambem a nossa entrada nos eternos tabernaculos. Não temamos que sejam ingratas, ou esquecidas; taes vicios não cabem no Ceo, que é a morada da charidade mesma. Se queremos, pois, que aquellas almas santas venham um dia ao nosso encontro, que nos auxiliem, que nos estendam as mãos victoriosas; prestemos-lhes agora, em quanto podemos, a mesma protecção, o mesmo auxilio. Lembremo-nos desta palavra do divino Mestre: Assim como fizerdes aos outros, assim se vos fará. Mas estas almas não esperarão que passemos desta vida, para nos testemunhar a sua gratidão. Não, em quanto estivermos no mundo, nas nossas tentações, nas nossas penas, na hora da morte, obter-nos-hão sempre auxilios, proporcionados ás nossas precisões. Oh, que auxilio e que consolação teremos desde logo! Se podessemos ver o effeito das orações e sacrificios da Igreja, que alegria seria a nossa vendo sahir cada dia, de sua ardente prisão, algumas destas bem-

aventuradas almas! e que consolação, se Deus se dignasse revelar-nos que era á nossa piedade, ás nossas boas obras, que foram devedoras do seu livramento!

A oração pelos mortos, e a confissão, são as cousas de cuja perda teem maior pezar os Protestantes. « Conheci um Lutherano que se fez Catholico, por causa da nossa crença em o Purgatorio. Tinha elle, no meio da alegria e dos regosijos d'um banquete, perdido um seu irmão a quem amava ternamente; e vinha-lhe sempre á lembrança, para seu grande tormento, aquella precipitada passagem da mesa para o tumulo. Carecia a sua alma de consolações; mas, como sabia quanta pureza é precisa para entrar no Ceo, e como em seu culto não achava meio termo entre os atrios celestes e as masmorras do abysmo, a sua tristeza e os seus receios causavam-lhe uma afflicção mortal. Não parava nem de dia nem de noute; não havia cousa que o consolasse ou lhe desse allivio. Augmentando-se a sua tristeza de dia para dia, definhando-se cada vez mais, parecia já um cadaver, prestes a sumir-se no mesmo tumulo de seu irmão, que elle devia partilhar como um leito de familia. Mandavam-lhe que viajasse; porem elle dizia comsigo: Não terei tempo de ir longe, morrerei em alguma hospedaria, tratado por mercenarios estrangeiros... e quando tiver fechado os olhos, irão basculhar os meus papeis, para saberem o nome do hospede, que alli parou para sempre, e que já não precisa mais que d'um domicilio no cemiterio.

« Seus amigos juntaram-se com o seu medico, e tanto instaram com elle, que o joven Escocez passou ao continente. Vinha eu no mesmo navio com elle, e em breve travamos conhecimento, que passou depois a grande intimidade.

« Quando desembarcamos, fomos ambos para a mesma hospedaria, e no fim d'alguns dias revelou-me elle o segredo que o consumia em tam verdes annos. Contou-me a morte de seu irmão, e as inquietações que tinha ácerca dos destinos eternos d'uma pessoa a quem tanto amava!... Ah! me disse elle no dia dos *Fieis Defuntos*, por amor de meu irmão, vou adoptar o vosso rito! Oh! se eu podesse orar por meu irmão, respiraria, viveria para pedir todos os dias pelo eterno repouso daquelle que amei tanto neste mun-

do!... Vosso culto faz que ainda depois da morte nos possamos auxiliar mutuamente; as vossas orações tiram ao sepulchro o seu horrivel silencio; conversais ainda com aquelles que partiram desta vida; vós é que conhecestes a fraqueza humana, esta fraqueza que não é a do crime, mas que não é a *pureza*; e, entre os limites do Ceo e da terra, Deus vos revelou um lugar de expiação. E que? talvez lá esteja meu irmão; faço-me Catholico para dalli o resgatar, para me consolar neste mundo, alliviar-me deste peso que me opprime; peso que já não terei quando poder orar... » E fez-se Catholico. (1)

ORAÇÃO.

O' meu Deus! que sois todo amor, eu vos dou graças por nos terdes revelado o dogma consolador do Purgatorio; dai-nos uma grande compaixão para com as almas, que vossa justiça alli purifica.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, *farei todos os dias oração pelas almas do Purgatorio.*

(1) Festas christãs.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

INDEX

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TERCEIRO VOLUME.

XLV.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO. *Pag.*

O que se deve entender por preparação do Messias. — Todos os successos anteriores á vinda do Messias concorrem para o estabelecimento do seu reino. — As quatro grandes monarchias preditas por Daniel. — Missão dos Assyrios. — Historia de Holophernes.... 5

XLVI.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Missão dos Assyrios. — Historia de Judith. — Sua relação com a preparação do Messias. — Holophernes põe cerco a Bethulia. — Judith, sua vida, suas orações. — Chega ao campo d'Holophernes. — Morte deste general.. 13

XLVII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Historia de Tobias. — Fim Providencial na dispersão das dez tribus, e sua longa estada entre as nações infieis. — Nascimento de Tobias. — E' levado em captiveiro. — Seu procedimento em Ninive. — Perde a vista. — Vê-se na hora da morte. — Conselho que dá a seu filho. — Viagem do joven Tobias. — Seu casamento com Sara. — Torna para seu pai. — Morte de Tobias, o pai. — Abençoa Deus a sua familia..... 21

XLVIII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Pag.

Missão dos Persas. — Historia de Esther. — Sua exaltação. — Conspiração descoberta por Mardocheo. — Aman, valido d'Assuero, quer que se lhe deem honras divinas. — Mardocheo recusa fazel-o. — Aman protesta perdel-o e a todos os Judeos com elle. — Mardocheo dá parte disto a Esther. — Vai ella ter com o rei. — Triumpho de Mardocheo. — Humilhação d'Aman. — Sua morte. — Salvação dos Judeos..... 32

XLIX.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Terceira monarchia predita por Daniel. — A monarchia dos gregos. — Sua missão. — Propagação da lingua grega por todo o mundo. — Passagem d'Alexandre ao Oriente. — Jura exterminar os judeos. — Deus lhe muda o coração. — A monarchia grega attrahe os judeos a todas as partes do mundo. — Dá a conhecer os livros santos. — Assegura sua authenticidade. — Missão dos Romanos.. 43

L.ª LIÇÃO.

O MESSIAS PREPARADO.

Provações destinadas a purificar os Judeos e a lhes fazer desejar e reconhecer o Messias. — Heleodoro açoutado de varas. — Annuncia elle o poder do verdadeiro Deus. — O santo velho Eleazar; seu martyrio. — Historia dos Machabeos, seu martyrio..... 53

LI.ª LIÇÃO.

UNIDADE DA RELIGIÃO E DA IGREJA.

A Religião é uma em seu author, em seu dogma, em sua moral, em seu culto e objecto. — A Igreja é uma em sua fundação, em seu destino, em sua constituição, em suas provações e victorias..... 62

LII.ª LIÇÃO.

INFLUENCIA DA RELIGIÃO. *Pag.*

O antigo povo deveu á influencia da Religião toda a sua superioridade. — Em a familia. — Em a sociedade civil e politica. — Em a sociedade Religiosa 74

SEGUNDA PARTE.

I.ª LIÇÃO.

ESTADO DO MUNDO NA VINDA DO MESSIAS.

Estado politico e religioso dos Gentios. — Dominação Romana. — Idolatria. — Estado politico e religioso dos Judeos. — Divisão do seu territorio. — Dependencia dos Romanos. — Seitas : Phariseos, Essenianos, Sadduceos, Herodianos..... 89

II.ª LIÇÃO.

NASCIMENTO DO MESSIAS.

Espectação geral. — Entre os Judeos, — entre os Gentios, — no Oriente e Occidente. — Decreto do Imperador Augusto. — Jornada a Bethlem. — Nascimento do Messias. — Circumcisão. — Adoração dos Magos..... 97

III.ª LIÇÃO.

VIDA PRIVADA DO MESSIAS.

Purificação. — O velho Simeão. — Fugida para o Egypto. — Morticinio dos Innocentes. — Regresso a Nazareth. — Jesus no templo. 108

IV.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = PRIMEIRO ANNO.

Prégação de S. João Baptista. — Baptismo de Nosso Senhor. — Seu retiro no deserto. — Suas tentações. — Nupcias de Caná. — Os vendilhões expulsos do Templo..... 117

V.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = PRIMEIRO ANNO.

Pag.

A Samaritana. — Condescendencia do Salvador. — Agua da graça. — Annunciação da lei nova. — Cura d'um possesso, — d'um paralytico. — Poder de perdoar os peccados. — Escolha dos doze Apostolos..... 127

VI.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = PRIMEIRO ANNO.

Sermão da montanha: divide-se em duas partes. — Fundamentos da sociedade: as oito bemaventuranças. — Deveres dos Apostolos e Padres. — Deveres communs aos Padres e Fieis: pureza d'intenção, oração, jejum, esmola, confiança illimitada na Providencia. — O leproso curado, o servo do Centurião curado. 135

VII.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = SEGUNDO ANNO.

Resurreição do filho da viuva de Naim. — Discipulos de João Baptista. — Multiplicação dos pães. — Pedro caminhando por sobre as aguas. — Promessa da Eucharistia. — Pedro escolhido para chefe da Igreja. — Transfiguração..... 145

VIII.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = SEGUNDO ANNO.

Possesso curado. — Parabola do devedor. — Exemplo e lição de doçura e charidade. — O unico necessario. — O cego de nascimento curado.. 154

IX.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = TERCEIRO ANNO.

A ovelha desgarrada. — O filho prodigo. — Os meninos abençoados. — Annunciação da Paixão. — Zacheo convertido..... 162

X.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = TERCEIRO ANNO. *Pag.*

Cumprimento das prophecias. — O balsamo derramado. — Murmuração de Judas. — Entrada em Jerusalem. — Inveja dos Phariseos. — Lagrimas do Salvador. — Predição ácerca de Jerusalem. — A esmola da Viuva. — Pureza d'intenção. — Novas murmurações de Judas. — Sua traição..... 174

XI.ª LIÇÃO.

VIDA PUBLICA DO MESSIAS. = TERCEIRO ANNO.

Festa da Pascoa. — Jesus come o cordeiro pascal. — Annuncia a traição de Judas. — Instrucção sobre a humildade. — O lava pes. — Instituição da Eucharistia. — Sahida de Judas. — Despedida do Salvador. — Partida para o Jardim das Oliveiras..... 183

XII.ª LIÇÃO.

PAIXÃO DO MESSIAS.

Reflexão sobre a Paixão. — Orações. — Agonia. — Os Apostolos adormecidos. — Chegada de Judas. — Cumprimento das prophecias. — Jesus trahido e entregue. — E' conduzido a casa d'Anaz e depois a Caiphas. — Primeiro interrogatorio. — Ultrages feitos a Jesus durante a noute. — Abjuração de S. Pedro..... 193

XIII.ª LIÇÃO.

PAIXÃO DO MESSIAS.

Jesus diante de Pilatos. — E' declarado innocente. — Conduzem-no a Herodes. — Tornam com elle a Pilatos. — E' açoutado, — Condemnado á morte, — Conduzido ao Calvario, — Crucificado. — Ora por seus algozes. — Os soldados deitam sortes sobre sua tunica. — Os Judeos o insultam. — Cumprimento das prophecias. — Jesus converte o bom ladrão. — Morre no meio de prodigios..... 204

XIV.ª LIÇÃO.

SEPULTURA E RESURREIÇÃO DO MESSIAS.

Pag.

Trevas universaes. — Veo do Templo rasgado. — Mortos resuscitados. — O centurião convertido. — Cumprimento das prophecias. — Joseph e Nicodemus. — O limbo. — As santas mulheres. — Apparição a Maria Magdalena. — Procedimento dos guardas, e dos chefes da Synagoga. — Provas da Resurreição..... 217

XV.ª LIÇÃO.

VIDA GLORIOSA DO MESSIAS.

O Salvador somente se mostra a testemunhas escolhidas, e porque motivo. — Apparece a Simão Pedro. — A Tiago o menor, — Aos dous Discipulos de Emmaus, — Aos Apostolos reunidos, — A Thomé. — Dá-lhes a intelligencia das Escripturas. — Explicação concernente aos milagres..... 237

XVI.ª LIÇÃO.

O MESSIAS REPARADOR DO MUNDO.

Jesus apaga o peccado em relação a Deus, ao homem e ás creaturas. — Seus abatimentos, soffrimentos, e obediencia infinita. — Necessidade da nossa união com Jesu-Christo, o novo Adam..... 248

XVII.ª LIÇÃO.

O MESSIAS NOVO ADAM.

Fim da nossa união com o novo Adam. — Sua natureza. — Seus meios. — Connexão da doutrina christã: fé, esperança, charidade. — União pela fé. — Definição da fé. — Sua necessidade. — Suas qualidades. — Suas vantagens. — Os meios de a obter e de a conservar. — Do homem com Nosso Senhor. — Peccados oppostos á fé. — Historia..... 261

XVIII.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA FÉ. *Pag.*

Objecto da fé. — Misterios em geral. — Tres principaes misterios. — Signal da cruz. — Verdades para crer em particular. — Exposição summaria do Symbolo. — Vantagens e sublimidade do Symbolo. — Historia. — Explicação circumstanciada do Symbolo. — 1.º artigo: suas vantagens. — 2.º artigo: suas vantagens 282

XIX.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA EÉ.

3.º Artigo do Symbolo. — Misterio da Incarnação. — Divindade e humanidade de Nosso Senhor; Vantagem social deste artigo. — 4.º Artigo do Symbolo. — Misterio da morte e paixão. — Actas de Pilatos. — Testemunho de S. Justino, de Tertulliano, de Eusebio de Cesarea: Vantagem social deste artigo. — 5.º Artigo do Symbolo. — Resurreição: Vantagem social deste artigo. — Trecho historico.. 309

XX.ª LIÇÃO.

DE NOSSA UNIÃO COM O NOVO ADAM, PELA FÉ. = DO PURGATORIO.

Exposição da crença catholica. — Provas desta crença. — O Antigo Testamento. — O Novo Testamento. — Tradicção da Igreja. — Tradicção das seitas separadas. — Tradicção dos Pagãos. — Argumento da rasão. — Vantagem social deste dogma. — Motivos d'orar pelos mortos. — A gloria de Deus. — A charidade. — A justiça. — Nosso interesse pessoal..... 334

ERRATAS.

Pag.

35, l. 30, onde se lê: homenagem peregrina á sua belleza — lea-se: homenagem á sua peregrina belleza.

97, l. 9, onde se lê: a seu despotismo etc. — lea-se: o seu despotismo etc.

123, l. 30, onde se lê: entre tu e eu — lea-se: entre ti e mim?

136, l. 4, onde se lê: respoito — lea-se: respeito.

197, l. 15, onde se lê: padrasto — lea-se: sogro.

206, l. 16, onde se lê: de Jerusalem — lea-se: a Jerusalem.

216, l. 19, onde se lê: como hyssope — lea-se: com hyssopo.

221, l. 16, onde se lê: se desapparceu — lea-se: desappareceu.

227, l. 4, onde se lê: por um novo sonho — lea-se: por um sonho.

233, l. 24, onde se lê: entre elles e eu — lea-se: entre elles e mim.

239, l. 22, onde se lê: não veria que era — lea-se: não verá que seria.

251, l. 13, onde se lê: bastará — lea-se bastára.

255, l. 15, onde se lê: a Deus a si.... — lea-se: a Deus e a si....

264, l. 9, onde se lê: e por attenção de seu.... — lea-se: e por attenção a seu....

267, l. 7, onde se lê: Extremauncção — lea-se: Extrema-Uncção.

315, l. 26, onde se lê: e renasçamos — lea-se: renasçamos.

BIBLIOTHECA
DA
FAMILIA CATHOLICA.

DEFESA DO CHRISTIANISMO, conferencias sobre a Religião, por monsenhor de Frayssinous, bispo de Hermopolis, 2.ª edição em 2 vol. in 8.º francez. 960

Os JESUITAS, e algumas preoccupaçoens litterarias a respeito do Judeu Errante, por Victor Joly — 1 vol. in 8.º francez, versão portugueza 240

A IMPIEDADE combatida por confissão dos mesmos impios — Opusculo em defesa da religião e sãos principios, versão portugueza 120

A PROFANAÇÃO do domingo, considerada debaixo do ponto de vista da religião, da sociedade, da familia, da liberdade, do bem estar, da dignidade humana e da saude, pelo padre J. Gaume, versão portugueza 200

O CATECISMO de Perseverança, 1.º, 2.º, e 3.º vol. e continua a publicação (Não se vende avulso mas recebem-se assignaturas para esta obra.)

PEQUENO RESUMO do Catecismo de Perseverança para uso dos meninos de 7 annos e daquelles que se preparam para a primeira communhão, acompanhado de um Pequeno Dia do Christão, pelo padre J. Gaume, versão portugueza 120

O RELOGIO DA PAIXÃO ou reflexoens e affectos sobre a paixão. de Jesus Christo, por Santo Affonso Maria de Ligorio. 120

MARIA, ESTRELLA DO MAR, ou conversão, pensamentos e sentimentos de D. Luiz Maria de Conciliis 120

PENSAMENTOS sobre o christianismo, provas da sua verdade, por José Droz. 80

BULLA de Sua Santidade Leão XII contra as sociedades secretas 40

Todas estas obras e outras mais se acham á venda no Porto, rua d'Almada n.º 388, — na loja de D. Ignacio Corrêa, rua de Bellomonte n.º 66, e de Cruz Coutinho aos Caldeireiros.

Lisboa — em casa do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

Coimbra — na do snr. Mesquita, rua das Covas.

Braga — rua Nova n.º 3.

Vianna — rua da Picota n.º 3, em casa do snr. André Joaquim Pereira.

Villa Real — em casa do snr. Joaquim Luiz Antunes Teixeira.

Guimaraens — em casa do snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte Nova n.º 14.

Chaves, — em casa do snr. Antonio da Silva.

Bragança — em casa do snr. Francisco José Affonso, largo do Principal n.º 27.

Vizeu — em casa do snr. Francisco Gomes Pinto, rua do Arco.

Covilhã — em casa do snr. P.e João Rodrigues d'Oliveira Grainha.

Ilha de S. Miguel, em Ponta Delgada, em casa do snr. Francisco José Machado.